

O ÚLTIMO PASSAGEIRO

Um enigma oculto durante mais de setenta anos.

Um navio cheio de mistérios.

Você não poderá desembarcar... mesmo se quiser.

MANEL LOUREIRO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O
ÚLTIMO
PASSAGEIRO

O
ÚLTIMO
PASSAGEIRO

MANEL LOUREIRO

Tradução:

Sandra Martha Dolinsky

 Planeta

© 2013 Manel Loureiro

© 2013 Editorial Planeta

Todos os direitos reservados

Título original: *El último pasajero*

Preparação: Alyne Azuma

Revisão: Gabriela Ghetti

Diagramação: SGuerra Design

Capa: Departamento de Arte y Diseño.

Área Editorial Grupo Planeta.

Ilustração de capa: © David Argemí.

Fotografia das guardas: © The Mariners' Museum / Corbis.

Fotografia do autor: © Ricardo Martín.

Produção digital: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L93u

Loureiro, Manel

O último passageiro / Manel Loureiro ; tradução Sandra Martha Dolinsky. -
1. ed. - São Paulo : Planeta, 2014.

il.

Tradução de: El último pasajero

ISBN 978-85-422-0319-6

1. Suspense - Ficção. 2. Ficção espanhola. I. Dolinsky, Sandra Martha. II. Título.

14-08924

CDD: 863

CDU: 821.134.2-3

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 — 3º andar — conj. 32B

Edifício New York

05001-100 — São Paulo — SP

www.editoraplaneta.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Este é para meu filho Manel,
o eixo do meu universo.

Sumário

PRÓLOGO: A NÉVOA

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

KATE

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

Capítulo XII

VALKIRIE

Capítulo XIII

Capítulo XIV

Capítulo XV

Capítulo XVI

Capítulo XVII

Capítulo XVIII

Capítulo XIX

Capítulo XX
Capítulo XXI
Capítulo XXII
Capítulo XXIII
Capítulo XXIV
Capítulo XXV
Capítulo XXVI
Capítulo XXVII
Capítulo XXVIII
Capítulo XXIX
Capítulo XXX
Capítulo XXXI
Capítulo XXXII
Capítulo XXXIII
Capítulo XXXIV
Capítulo XXXV
Capítulo XXXVI
Capítulo XXXVII
Capítulo XXXVIII
Capítulo XXXIX
Capítulo XL
Capítulo XLI
Capítulo XLII
Capítulo XLIII
Capítulo XLIV
Capítulo XLV
Capítulo XLVI
Capítulo XLVII
Capítulo XLVIII
Capítulo XLIX
Capítulo L
Capítulo LI
Capítulo LII

Capítulo LIII

PRÓLOGO

A NÉVOA

I

—

Espuma, noite e névoa. Uma umidade que entra nos ossos com a força de uma erva daninha criando raízes. Água turva, escura. Milhares de metros de abismo abaixo do navio, e, em algum lugar, ali embaixo, monstros.

I. FRESKOR

Navio Pass of Ballaster
Em algum lugar do Atlântico Norte
28 de agosto de 1939
4h57

A SEISCENTAS MILHAS da costa da Irlanda, a noite estava negra como o fundo de uma mina e se confundia com o mar calmo e opaco próprio daquela época. Então, a névoa chegou de repente, e tudo começou a acontecer.

Tom McBride sentiu um nó se formar em sua garganta enquanto tentava atravessar a névoa com o olhar. Cuspiu por cima da borda, abrigando-se um pouco mais na jaqueta com insígnias de capitão. Fazia quase 24 horas que estavam enfiados naquela massa

esponjosa, e a umidade penetrava até o último recanto do *Pass of Ballaster*.

— Não entendo — murmurou em voz baixa. — Névoa em pleno mês de agosto, e nesta maldita latitude...

Resmungando, esticou a mão à esquerda, sem tirar os olhos do horizonte, que naquele instante parecia estar a apenas três ou quatro metros de distância. Pegou a xícara de café que estava sobre a mesa de navegação lascada e tomou um gole. Quase instantaneamente se arrependeu.

Estava frio, como tudo a bordo. Nada permanecia quente por mais de dez ou quinze minutos desde que haviam se envolvido naquela densa bruma amarelada.

“Pelo menos não há muitas ondas”, pensou enquanto cuspiu o café de volta na xícara com uma expressão de nojo. “A última coisa de que precisamos é uma tempestade.”

McBride sabia do que estava falando. O *Pass of Ballaster* já tinha vivido seus melhores anos. Inaugurado no início do século xx, o navio carvoeiro de pouco mais de 5 mil toneladas estava coberto por uma grossa camada de ferrugem em toda a superestrutura. Mas isso também não tinha muita importância, pois a ferrugem estava quase escondida pelo pó negro e pegajoso da carga de carvão que sempre se empilhava nos porões.

Também ostentava uma enorme cicatriz em um flanco, uma recordação de um operador inexperiente, no comando de um rebocador, que havia calculado mal as distâncias no porto de Halifax. O *Pass of Ballaster* era um navio condenado ao desmanche que continuava navegando por pura sorte.

“Sim”, pensou McBride abrindo o botão superior da jaqueta, “acho que não faremos muitas outras viagens a bordo de você, velha amiga. Talvez mais uma ou duas. Quem sabe...”

McBride sempre pensava em seu navio como uma velha dama que, despojada de sua beleza e seu esplendor, tentava manter até o final uma dignidade triste. Naquele momento, passava seus últimos anos como transporte carvoeiro entre Boston e Bristol.

Todos a bordo tinham consciência de que lhe restavam poucas viagens. O *Pass of Ballaster* já era muito velho, os reparos eram cada vez mais caros, e, acima de tudo, o mercado do carvão estava praticamente acabado. Era só uma questão de tempo até os proprietários do navio decidirem tirá-lo de circulação.

O trajeto de ida, em lastro, havia sido perfeito, com um tempo típico de verão que convidava os marinheiros a andar de peito nu pela cobertura. O embarque em Boston ocorreu sem problemas, colocando de lado os rumores sobre uma guerra iminente. E, finalmente, quatro dias atrás, haviam tomado o caminho de volta. Era para ser uma viagem como qualquer outra.

Até que tropeçaram naquele maldito banco de névoa.

Primeiro, o rádio ficou mudo. Apesar de o oficial de comunicações ter feito uma revisão de cima a baixo e jurado que tudo estava em ordem, simplesmente havia parado de funcionar. Só se ouvia estática, com uma pulsação surda de fundo, um *tac-tac-tac* seco que se repetia de maneira aleatória, às vezes a cada poucos minutos.

Em outras ocasiões o rádio ficava em silêncio durante horas, até que, de repente, como se recordasse que o *Pass of Ballaster* ainda estava ali, soltava de novo uma série de estalos surdos e regulares, como um açougueiro maníaco dando golpes de facão na carne. E, em seguida, silêncio outra vez.

Além de tudo, havia o frio. Era normal ficar meio fresco dentro de um banco de névoa, claro, mas aquilo era diferente. Era um frio intenso que formava nuvens de hálito gelado cada vez que alguém respirava do lado de fora e que a cada arfar parecia querer arrancar um pedaço de pulmão.

E, como se não bastasse, fazia seis horas que estavam com problemas na bússola.

Esse caso não havia sido como o do rádio, abrupto, fora se produzindo de maneira gradual, pausada. No início foi um leve tremor da agulha, tão sutil que todos acharam que se devia às vibrações transmitidas até a ponte dos dois motores de pistão do navio, tão velhos e judiados quanto o resto da embarcação. Mas,

com o passar das horas, o movimento da agulha havia se tornado cada vez mais errático e arbitrário.

McBride tornou a se inclinar sobre a bússola, mas sabia que havia feito isso apenas dez minutos antes. A agulha oscilava violentamente de Leste a Oeste, incapaz de se manter parada por mais de um segundo.

O capitão engoliu em seco. Navegar sem bússola e sem visibilidade no meio de um banco de névoa era um convite ao desastre. Poderiam ficar dando voltas em círculos durante horas ou, pior ainda, perder o rumo por completo. E isso era algo que, com os motores asmáticos do *Pass of Ballaster*, representava uma aposta muito arriscada.

Como se tivesse lido seus pensamentos, o timoneiro, um rapaz que não devia ter mais de vinte anos, virou-se ao ouvir o ranger da cadeira de comando.

— Capitão — a voz do rapaz tremia, enquanto a bússola que ficava à sua direita dançava no mesmo ritmo descompassado que a bússola ao lado de McBride. — Que devo fazer, senhor?

— Manter o rumo sem desviar — ordenou McBride. “E, de quebra, manter a calma”, acrescentou para si mesmo. — Se não nos desviarmos da última estimativa, estamos na rota correta. Assim que sairmos deste banco de névoa, tudo vai melhorar, filho.

— Sim, senhor — respondeu o timoneiro.

“Nunca mostre à tripulação que está nervoso.” McBride quase podia ouvir em sua mente a máxima que todos os capitães da frota mercante decoravam na academia. Como parecia fácil em terra, sob a radiante luz do sol... Ali, no meio da situação mais estranha de toda sua carreira, achava que nada podia ser mais difícil do que aquela noite.

Uma corrente de ar frio impregnada de umidade fez voar as bordas da carta de navegação. O capitão McBride levantou os olhos no momento em que Tom O’Leary, contramestre do *Pass of Ballaster*, entrava de costas e, lutando com o casaco, fechava atrás de si a porta da ponte de comando.

O'Leary, um irlandês quarentão, magro e de rosto avermelhado, sacudiu a umidade acumulada na jaqueta enquanto resmungava baixinho. McBride o cumprimentou com um gesto cansado. Seu primeiro oficial era eficiente, apesar de ser também uma pessoa nervosa e irritadiça.

— Fizeram a troca de turno?

— Sim, senhor — respondeu o contramestre enquanto se aproximava da mesa de rota. — Mas esta maldita névoa deixa meus nervos à flor da pele.

— É apenas névoa — o capitão disse laconicamente enquanto passava a língua pelos lábios.

— Sim, claro — replicou O'Leary, trocando um olhar nervoso com o capitão McBride que foi muito mais eloquente que qualquer outra coisa que se pudesse dizer. — É apenas névoa, senhor.

Ambos estavam mentindo. E ambos sabiam. Mas, daí a reconhecer isso, havia uma distância enorme.

Os dois juntos somavam mais de quarenta anos de navegação por aquelas águas e haviam adentrado bancos de névoa em uma infinidade de ocasiões. Muitas tinham sido até mais densas e perigosas que aquela. Além de tudo, era agosto, e a possibilidade de cruzar com algum iceberg era remota, para não dizer impossível. E já haviam se afastado o suficiente do banco de Terranova, de modo que não corriam o risco de se chocar contra um pesqueiro português distraído. Em tese, era apenas um simples banco de névoa.

Mas esse era, de alguma forma, diferente.

— Isto está cada vez pior — disse o capitão McBride.

Acalentou durante alguns instantes a ideia de ir para a cama e deixar que o contramestre cuidasse do turno da noite. Ir dormir e confiar que pela manhã o sol estivesse visível de novo, o rádio funcionasse, a bússola não se comportasse como se tivesse enlouquecido, e tudo estivesse em ordem. Então, fixou sua atenção no canto da janela de estibordo.

“Aposto a vida que o que está se formando nessa janela é gelo”, pensou.

Gelo em agosto. Um arrepio estranho percorreu sua coluna.

— Senhor O’Leary, toque a sirene do navio a cada três minutos em vez de a cada cinco. E mande outra dupla de homens com binóculos ao posto de vigia, na proa. Não quero bater em nenhum maldito mercante turco com a tripulação adormecida, nem em algum pedaço de gelo à deriva. — Pigarreou enquanto se levantava. — Alguma corrente do polo deve ter descido a esta latitude e talvez tenha arrastado alguma surpresa junto.

— Não se preocupe, capitão — respondeu O’Leary, olhando por sua vez para o gelo no vidro com expressão indecifrável.

O contramestre saudou e, sem uma palavra, saiu da ponte e caminhou rumo à escada que levava às cabines da tripulação.

O *Pass of Ballaster* era um navio pequeno que não precisava de muita dotação para ser guiado. Naquela viagem, a tripulação era composta unicamente pelo capitão, o próprio O’Leary e sete marinheiros de diferentes países.

Quando o contramestre abriu a porta da sala comunitária, um golpe de luz atingiu seu rosto. Dentro das entranhas do navio devia estar uns dois graus mais quente que na ponte, mas, ainda assim, fazia muito frio. Embora o aquecimento estivesse funcionando a todo vapor, nem mesmo os radiadores, que estavam incandescentes, conseguiam temperar aquela sensação gelada.

O’Leary entrou no refeitório, onde os dois marinheiros que estavam nesse turno de guarda haviam se refugiado para tentar se aquecer. Ambos estavam sentados a uma mesa jogando uma partida de *cribbage* que ainda não parecia ter um ganhador certo.

— Rapazes, o velho quer dois de vocês no posto de vigia da proa — disse entre dentes enquanto dava um tapinha amistoso nas costas dos marinheiros. — Algum voluntário?

— Ora, vamos, senhor O’Leary! — reclamou um deles. Era um rapaz sardento e sem-graça de uns dezoito anos, com mais acne que barba no rosto. — Está uma noite horrível! E não se vê nada aí fora!

— Justamente por isso, Duff, justamente por isso — replicou com paciência o contramestre servindo-se um copo de conhaque e voltando-se para o outro marinheiro, um homem de meia-idade,

baixo e corpulento como um brutamontes de circo, de rosto coroadado por grossas sobrancelhas pretas que pareciam ter vida própria. — Stepanek, você e o rapaz vão ao cesto da gávea com dois binóculos e mantenham os olhos abertos. Se houver algum problema, avisem a ponte.

— Entendido, chefe — respondeu Stepanek enquanto recolhia o baralho com resignação e o guardava em uma caixa de papelão.

Era um marinheiro veterano com um forte sotaque eslavo. Já havia passado por muitos navios e sabia que, às vezes, por mais desagradável que fosse a ordem, não havia jeito senão obedecer sem reclamar. E, certamente, ter que subir até o cesto da gávea no meio daquela névoa úmida e pegajosa era um destino muito pouco agradável.

— Vou mandar substituí-los daqui a três horas, mas, enquanto isso, quero que fiquem acordados. Se dormirem e batermos em alguma coisa, juro por Deus que estrangulo vocês com minhas próprias mãos antes que o navio vá a pique, e todo o mundo se afogue. Está claro?

— Claríssimo, senhor — replicou Stepanek abotoando a pesada capa de chuva e pendurando os binóculos no pescoço.

Voltou-se para o marinheiro mais novo e bagunçou seu cabelo:

— Venha, garoto, temos que ir contar gaivotas.

— Gaivotas? Que gaivotas, Step?

— Às vezes me pergunto como diabos você conseguiu chegar a bordo sozinho, garoto — bufou Stepanek enquanto meneava a cabeça e arrastava o jovem marinheiro para fora.

Assim que chegaram à cobertura, os dois homens começaram a tiritar. A névoa se espalhava em anéis úmidos e viscosos em todas as direções e fazia as luzes brilharem com um tom fraco e apagado.

— Não dá para ver nada — reclamou Duff. — E no cesto da gávea não vai ser diferente.

— Obrigado por sua opinião, excelência — replicou Stepanek sarcástico. — E agora, se acabou de reclamar, temos de subir nesse mastro antes que o chefe saia de novo. Se batermos em alguma coisa, ele vai arrancar nossa pele em tiras. Mexa esse traseiro, ande!

O cesto da gávea era uma espécie de balde pendurado no alto de um longo mastro de vinte metros de altura. Além de sustentar o cesto, a única outra função do mastro era servir de base para a antena do rádio. Quase nunca tinham que subir até ali, de modo que o único acesso era uma escada grudada no poste de aço formada por um monte de pequenas abraçadeiras de ferro fixadas no pau, e naquele momento todas brilhavam de maneira homicida, cobertas por uma discreta camada de gelo.

— Olhe onde põe os pés — grunhiu Stepanek. — Se cair de lá de cima, seus miolos vão chegar a Bristol antes do resto do navio.

À sua maneira, ele se divertia enchendo o novato. Como única resposta, Duff emitiu um gemido abafado.

Durante um longo minuto subiram a escada, grunhindo e chutando cada abraçadeira antes de apoiar o pé nelas. Finalmente chegaram ao cesto e se espremeram no pequeno espaço disponível. Em um canto, preso ao mastro, havia um grandioso telefone preto conectado a outro igual na ponte de comando.

— Está vendo? Foi o que eu disse — grunhiu Duff. — Não se vê nada daqui de cima.

— E o que você esperava? Que fizesse sol? Pegue os binóculos e cubra seu lado, seu lerdo! — replicou Stepanek enquanto passava os binóculos.

Stepanek reconheceu para si mesmo que o novato tinha certa razão. Mesmo a vinte metros de altura, a visibilidade não havia melhorado nem um pouco. A verdade era que a névoa estava se tornando cada vez mais densa.

Do cesto não se distinguia nem a proa do navio nem a cobertura, e a duras penas se adivinhavam as luzes amortecidas da ponte de comando. Por um instante, o marinheiro teve a sensação de que ambos estavam sozinhos no universo, suspensos no meio de uma massa esponjosa e úmida da cor dos ossos de um morto.

Stepanek sacudiu a cabeça, incomodado. Alguma coisa não fazia sentido em tudo aquilo.

Voltou-se para Duff para se certificar de que o novato estava bem preso com um cabo à balastrada do cesto. Então, pegou o

fone e checkou a linha.

Estava funcionando. O sinal era fraco, mas constante.

Com a mão livre sacudiu a base da antena, para ter certeza de que estava bem ancorada. Tudo estava em ordem.

Mas alguma coisa estava errada. Demorou um pouco para perceber. O silêncio.

Todos os sons haviam desaparecido por completo. Não se ouvia o rugido dos motores, nem mesmo o golpe das ondas contra o casco do *Pass of Ballaster*.

Era como estar dentro de um ataúde.

— Estou com frio — disse Duff em voz baixa, tremendo. Um segundo depois, acrescentou, meio envergonhado: — E com medo.

— Cale-se — replicou Stepanek.

Uma sensação de urgência se esgueirava lentamente dentro dele. Sentia sua pele se arrepiar, e não era só de frio. Ali fora havia *algo*. Podia sentir.

— O purgatório deve ser um lugar parecido com isto — murmurou Duff remexendo-se, inquieto.

Seus binóculos estavam pendurados nas mãos, e ele não olhava para parte alguma em particular. Apesar do frio que dizia sentir, estava suando.

Stepanek olhou-o de novo e pensou em dizer alguma coisa, mas justo nesse instante pareceu notar algo de canto de olho. Virou a cabeça para a direita e depois para a esquerda. Ali...

— Viu alguma coisa? — perguntou a Duff.

— O quê? — respondeu Duff. — Já disse que...

E então, viram. Ou melhor, adivinharam. Surgiu de repente, em frente à proa do *Pass of Ballaster*, como se estivesse ali esperando que o carvoeiro passasse a seu lado. Era uma sombra negra, enorme, alongada, e se precipitava de encontro ao navio a toda velocidade.

— Puta merda! — gritou Stepanek.

O marinheiro se jogou sobre o telefone e afastou bruscamente Duff, que havia ficado abobado olhando para a sombra enorme.

— Colisão, colisão, colisão! — uivou pelo fone. — Iceberg à proa, bem na nossa frente! Virem rápido! Virem rápido, caralho!

Durante alguns segundos intermináveis nada pareceu mudar. O *Pass of Ballaster* seguiu seu rumo, aparentemente imutável, correndo de encontro àquela sombra que cruzava seu caminho. A seguir, muito devagar, coisas começaram a acontecer. Os dois marinheiros notaram que o poste passou a tremer, sacudido pelas vibrações dos motores do navio ao mudar de regime. Chegou até eles o som fraco dos motores rugindo a toda potência, enquanto a proa do navio começava a desviar aos poucos, grau a grau, da mancha escura que se tornava cada vez maior diante de seus olhos.

“Devagar demais”, pensou Stepanek. “Vamos nos arrebentar.”

— Virem mais! — berrou pelo telefone. Sua voz havia se transformado em um grito estrangulado. — Virem tudo, pelo amor de Deus, ou vamos morrer!

Se o *Pass of Ballaster* fosse um pouco maior ou se estivesse indo um pouco mais rápido, uma guinada a tão pouca distância teria sido impossível. No entanto, o pequeno navio começou a responder e, metro a metro, palmo a palmo, foi desviando do obstáculo, que já estava muito mais perto.

“Vamos conseguir. Talvez consigamos.” Stepanek pensava a toda velocidade enquanto o objeto crescia lentamente. Era o maior iceberg que já havia visto, no mínimo o dobro de altura que o ponto mais elevado do navio carvoeiro, e muito mais comprido. A névoa o envolvia, apertada como um sudário, mas era possível adivinhar suas dimensões sob o reflexo dos faróis de proa do *Pass of Ballaster*.

Finalmente, com a lentidão de um gato se espreguiçando, a proa do navio apontou para a negrura profunda da noite e evitou o desastre por menos de dez metros de distância.

— Foi por pouco! — gritou Stepanek dando tapinhas nas costas de Duff. — Quase engolimos esse maldito iceberg! Dessa vez passou muito perto, nossa senho...

— Mandé parar as máquinas — respondeu Duff com o olhar vidrado.

Sua voz estava estranhamente baixa. Não olhava para Stepanek, e sim para suas costas.

— O quê? Que diabos está falando? — replicou o marinheiro.

— Mandê parar as máquinas — repetiu Duff com voz pastosa. Parecia que havia engolido um quilo de algodão.

— Por que quer parar as máquinas? — perguntou Stepanek enquanto todo o seu entusiasmo caía por terra e se transformava em algo parecido ao pânico.

Sabia que devia virar, olhar para onde Duff olhava, mas não queria. Temia a resposta.

— Não é um iceberg — foi a resposta de Duff, que não tirava os olhos do horizonte.

Sentindo tudo acontecer em câmera lenta, Stepanek se virou sem soltar o telefone da mão tensa. Então, arregalou os olhos e começou a rezar baixinho em croata, coisa que não fazia desde menino.

Flutuando, silenciosa e escura, a menos de vinte metros do bordo do *Pass of Ballaster*, erguia-se a proa de um enorme navio várias vezes maior, parado no meio do mar, totalmente imóvel e com todas as luzes apagadas.

Sobre o escovém da âncora, a vários metros de altura acima deles, podia-se ler seu nome.

Valkirie.

II

DURANTE OS DEZ minutos seguintes a loucura tomou conta do carvoeiro. Os homens corriam de um lado a outro do navio enquanto o capitão McBride e o primeiro oficial gritavam ordens em três idiomas diferentes. Levaram quase vinte minutos para deter por completo o navio, e enquanto isso, para não se afastar muito do *Valkirie*, o timoneiro se desdobrava para ziguezaguear sem se aproximar demais daquela sombra que só se podia intuir no meio da bruma. No fim, o próprio McBride teve que assumir o comando do *Pass of Ballaster* até conseguir aproximar o navio da enorme e silenciosa massa flutuante.

— Senhor O’Leary — disse McBride dirigindo-se a seu segundo oficial —, conseguiu contato por rádio com o navio?

— Não, capitão — replicou O’Leary assustado. — O rádio continua morto. Bernie... quero dizer, o senhor Cornwell disse que talvez algum tubo a vácuo tenha fundido e continua trabalhando nisso.

McBride assentiu sem tirar os olhos da bruma. Havia desmontado e tornado a montar o rádio por completo três vezes nas últimas doze horas, e nenhum tubo maldito estava com defeito. Sabia que esse não era o problema, mas tinha que tentar de todas as maneiras.

A situação era desconcertante. Aquele navio estava totalmente parado, com todas as luzes apagadas e sem que ninguém a bordo

desse sinal de vida. Não fazia sentido. McBride pensou durante alguns segundos.

— Senhor O’Leary — disse —, usem a luz sinalizadora e comuniquem-se com o *Valkirie*. Identifique-nos e perguntem se estão com algum tipo de problema ou se precisam de ajuda.

O’Leary assentiu e foi à cobertura com um marinheiro, que seria o sinalizador. Ambos se posicionaram atrás do holofote, mas a luz não se acendeu. De onde estava, o capitão pôde ouvir alguns sussurros apressados.

— O que está acontecendo, senhor O’Leary? Está esperando um convite formal para ligar o maldito holofote?

McBride notou que sua voz estava um pouco mais tensa que o habitual. Aquela situação também o estava deixando nervoso.

— Não, capitão — replicou o oficial visivelmente apressado. — É uma falha na conexão elétrica. Deviam ter arrumado isso no porto, mas os eletricitas disseram que precisariam de um alternador que...

De repente, O’Leary percebeu que estava falando aos atropelos e emudeceu. McBride olhou-o com uma expressão severa e se limitou a fazer uma pergunta:

— Consegue arrumar antes que a deriva nos empurre contra esse navio?

— Claro, senhor. Só preciso de três minutos.

— Pois então arrume isso de uma vez, diabo — resmungou o capitão, tirando um lenço e secando umas gotas de suor.

Se não estivesse tão preocupado com a distância entre os dois navios, que estava cada vez menor, teria notado que até apenas cinco minutos antes estavam tremendo de frio. Nesse momento, alguns marinheiros haviam tirado as capas de chuva e estavam em mangas de camisa. O gelo nos vidros das vigias se derretia a toda velocidade, formando pequenos fios de água que escorriam sobre a cobertura.

Mas ninguém havia reparado nisso. Todos os olhares estavam concentrados no enorme casco do *Valkirie*, que ia crescendo, ocupando cada vez mais espaço no horizonte e colocando em evidência a pequenez do *Pass of Ballaster*, em comparação.

“É grande. Muito grande. Vinte mil toneladas, no mínimo. Mas não entendo o que está fazendo aqui, e por que ninguém responde”, pensou o capitão.

Seu olhar se dirigiu ao mastro de popa para ver se tremulava ali alguma bandeira. Se encontrasse o aviso amarelo que significava “quarentena a bordo”, faria o *Pass of Ballaster* se afastar dali à toda velocidade que suas máquinas pudessem dar. Mas não havia nenhuma bandeira.

O *Valkirie* flutuava preguiçosamente, como uma baleia adormecida, à medida que a distância entre os dois navios se reduzia. Nesse momento, a forte lâmpada sinalizadora se acendeu com um brilho e foi apontada para o casco do cruzeiro.

— Até que enfim — resmungou o capitão, irritado.

As cintilações de luz branca reverberavam no meio da névoa, criando uma atmosfera irreal. Cada vez que o holofote se acendia, milhões de gotinhas dançavam no feixe de luz, girando loucamente, como se não soubessem que direção seguir. Enquanto isso, o *Valkirie* brilhava a pouca distância, úmido e escuro como a pele de um monstro marinho que os esperava.

Chac-chac, chac-chac, chac-chac. A lâmpada sinalizadora piscava sem parar. Com cada emissão, a tão pouca distância, dava a sensação de que os relâmpagos de uma tempestade invisível iluminavam o casco do *Valkirie*.

Depois de cinco longos minutos, McBride meneou a cabeça.

— Pode parar, senhor O’Leary. Não vão responder.

— Tentamos com o megafone? — perguntou o primeiro oficial sem tirar os olhos do transatlântico. — Estamos perto o suficiente.

— Bom, que ninguém diga que não tentamos — grunhiu o capitão enquanto secava o suor.

Um pedaço de gelo se soltou da borda de uma vigia e se espatifou no chão com um som aquoso. A água pingava por todo lado à medida que o gelo acumulado na estrutura derretia.

O primeiro oficial pegou o megafone de latão. Tentou engolir, mas estava com a garganta seca. Pigarreou e o levou aos lábios.

Primeiro tentou em inglês. Ninguém respondeu. Olhou com nervosismo para o capitão, que não esboçou nenhum gesto. Estava contemplando o *Valkirie*, pensativo. Depois de dois minutos tentou de novo, dessa vez em um alemão sofrível. De novo nada aconteceu.

“É como falar com uma tumba”, pensou McBride com um calafrio. Porque era o que o transatlântico parecia: um enorme, silencioso e úmido túmulo.

— Vamos enviar um bote — decidiu com um suspiro, enquanto se levantava. — Você e dois homens. Acho que no porão número três temos um cabo comprido, e em algum lugar do convés das âncoras deve haver um gancho pequeno. Suba nesse navio e descubra que diabos está acontecendo.

— Sim, senhor.

O’Leary se voltou, e justo nesse instante seu olhar pousou em Duff e Stepanek, que tinham acabado de descer da gávea, as capas de chuva totalmente abertas. Ambos suavam como se tivessem acabado de correr uma maratona.

— Senhor, o calor que faz lá em cima está infernal — reclamou Stepanek. — Nem em pleno mês de agosto...

— Sim, eu sei, Stepanek — interrompeu o primeiro oficial. — Nada está normal esta noite. Venham comigo. Vamos fazer um pouco de turismo.

Duff quase abriu a boca, mas um pisão discreto do croata o fez ficar em silêncio.

Mesmo assim, enquanto caminhavam carregando um enorme rolo de cabo a passo rápido atrás do primeiro oficial, Duff fulminou Stepanek com os olhos. Neles podia ler uma pergunta: “Por que nós outra vez?”.

Stepanek deu de ombros. Às vezes as coisas aconteciam e pronto. Como aquilo.

III

COM A AJUDA do turco de popa, baixaram o único bote do *Pass of Ballaster* até a água. Os três homens desceram com cautela, embora o mar estivesse liso como um espelho naquele momento. Nem a mais leve imperfeição perturbava a superfície da água, preta como a noite. Parecia o coração de um lago adormecido.

Stepanek segurou um remo, e Duff, o outro, enquanto O'Leary se colocava ao timão.

Com duas poderosas remadas, o bote se afastou do *Pass of Ballaster* e começou a se aproximar lentamente do cruzeiro. Cada vez que os remos afundavam na água, provocavam ondas que vibravam sobre a superfície. Iluminados apenas pelas lâmpadas de vapor de sódio do navio carvoeiro, o eco da água ao rebotar entre os dois cascos reverberava de maneira sinistra.

— Talvez tenha havido um incêndio a bordo ou algo parecido — disse Duff, arfando entre uma remada e outra. — A tripulação e os passageiros abandonaram o navio, que ficou à deriva até agora.

— Não foi isso — murmurou o oficial. — Todos os botes salva-vidas estão pendurados, pelo menos deste lado. Se abandonaram o navio, não foram neles.

— Também não cheira à fumaça — resmungou Stepanek. — Nem parece estar inclinado. Aposto o que quiser que esse maldito navio não tem nem uma rachadura no casco.

— Fiquem quietos! — A voz de O’Leary interrompeu a conversa.
— Já estamos perto.

O bote se encontrava a apenas alguns metros do casco do *Valkirie*. Os marinheiros podiam distinguir as marcas das soldas no casco de aço, pintado de um preto azeviche. O’Leary jogou a cabeça para trás e contemplou a borda do cruzeiro, que se perdia na penumbra, muitos metros acima. Calculou mentalmente e percebeu, desanimado, que precisaria de muito mais força do que tinha no braço para alcançar aquela borda com o gancho.

— Vamos contornar o navio — disse. — Talvez pelo outro costado seja mais simples subir a bordo.

O bote avançou lentamente acompanhando o casco do *Valkirie* até chegar à proa. Uma vez ali, viraram de novo.

— Não dá para ver merda nenhuma — grunhiu Stepanek. — Vamos acender a luz, senhor?

O’Leary assentiu. De repente, sentiu-se muito vulnerável. De um lado, a massa de um navio aparentemente abandonado. Atrás, a imensidão escura do oceano, envolta em uma densa camada de névoa. Ali no pequeno bote de madeira tinha consciência da fragilidade dele e de seus homens.

O fecho de luz do holofote começou a passear pelo costado do *Valkirie* enquanto a lancha avançava com lentidão. O’Leary via suas esperanças desaparecerem à medida que se aproximavam da popa. A amurada do navio ficava a mais de quinze metros de altura, de modo que estava fora de alcance.

— Acho que não poderemos subir por aqui. — Voltou-se para os companheiros enquanto pensava em voz alta. — Talvez, se voltarmos ao *Pass of Ballaster* e o colocarmos perto o bastante, possamos jogar um gancho da proa, e então...

De repente, ouviu-se um estalo sobre sua cabeça. Parecia um pedaço de papel se rasgando e umas batidas correndo a toda velocidade. A seguir, algo bateu com força no casco do *Valkirie*, bem acima deles, com um estrondo enorme. Uma chuva de pedaços de madeira e lona começou a cair feito dilúvio a seu redor.

— Puta merda, vai nos esmagar! — gritou Duff em pânico.

— Cale-se e segure o holofote, imbecil! — berrou O’Leary tentando manter o equilíbrio na lancha, que não parava de balançar.

Algo grande caiu à direita deles, ao lado do bote, levantando um jorro de água gelada que os deixou completamente encharcados.

A luz oscilava como se tivesse vida própria, desenhando estranhos arabescos na pele de metal do *Valkirie*. Stepanek soltou o remo e segurou o holofote. Pouco a pouco, a chuva de objetos acabou, e o bote parou de se mexer.

— Estão todos bem? — perguntou aos marinheiros, ocultos nas sombras. — Respondam, maldição!

Duas vozes assustadas responderam, hesitantes. Não era de se estranhar; o próprio O’Leary sentia seus colhões alojados na garganta.

— Que caralho foi isso? — murmurou enquanto focava o holofote acima da cabeça de seus homens.

E então, praguejou.

Pendurado a apenas alguns metros acima deles havia um bote salva-vidas destruído. Uma das pontas havia se soltado do turco, e o bote, arrebatado pelo golpe contra o casco do *Valkirie*, pendia do cabo preso ao turco de proa. Os restos haviam causado aquela chuva de madeira e objetos ao cair sobre eles.

— Merda! Parece que a roldana de suporte cedeu — comentou Duff atrás, com alívio. — Essa foi por pouco! Podia ter nos esmagado feito formigas.

— Você sempre lembrará este momento como o dia em que quase acabou esmagado por um turco que cedeu — respondeu O’Leary em voz baixa, sem afastar os olhos do bote, que oscilava lentamente pendurado pelo outro cabo.

“Sim, que cedeu. Ou que alguém soltou. Ou algo”, pensou.

Não sabia por que havia pensado isso. O’Leary percebeu que a acidez de seu estômago disparava. Não poderia jurar, mas tinha quase certeza de que havia ouvido alguma coisa um segundo antes de o bote se soltar.

Manobraram até conseguirem prender o gancho na ponta inferior do bote destruído. Com o cabo bem preso, O’Leary se voltou para os

dois marinheiros.

— Muito bem, quem vai subir comigo?

Ambos trocaram olhares inquietos.

— E se subíssemos todos, senhor? — A voz de Duff soava quase suplicante. — É um navio muito grande.

— Além do mais — acrescentou Stepanek —, não quero ficar sozinho neste maldito bote enquanto vocês ficam passeando lá em cima, senhor.

— Está bem — anuiu O'Leary. — Prendam bem o bote antes de subir. Se escapar à deriva, o velho fará picadinho de nós três. Especialmente de mim.

Em menos de um minuto, o oficial e os dois marinheiros amarraram o bote e começaram a engatinhar pelos restos destruídos que pendiam do costado. O'Leary tentou controlar o ritmo da respiração enquanto subia. Esticou o braço e se agarrou à balaustrada do bordo do *Valkirie* para subir de uma vez.

E, então, aconteceram várias coisas ao mesmo tempo.

A primeira foi que O'Leary ficou com frio de novo, mas um frio atroz que penetrava seus ossos e lhe tirava o fôlego. O metal da amurada estava tão gelado que o oficial teve que reprimir um grito de dor.

A segunda coisa que o impressionou foi o silêncio. Não se ouvia nada a bordo daquele navio.

E a terceira foi a sensação desagradável de que estavam sendo observados.

Os três marinheiros se agruparam ao lado do bordo, hesitantes.

— Vamos até a proa e depois até a ponte — disse tentando controlar sua voz. — E, se não houver ninguém a bordo, esticaremos um cabo até o *Pass of Ballaster* para rebocá-lo até o porto. O resgate de um navio como este pode representar uma pequena fortuna!

Enquanto caminhava pela cobertura iluminando o chão com a lanterna, de repente, O'Leary sentiu uma onda de excitação. Até esse momento não havia se dado conta de que, se o navio estivesse

abandonado, de acordo com as leis marítimas internacionais, seria um bem abandonado que um terceiro podia resgatar. E a recompensa que o armador teria que pagar seria monstruosa.

— Ouviram isso? — perguntou de repente Stepanek tirando o contramestre de seus devaneios.

O'Leary aguçou o ouvido sem distinguir nenhum som em especial.

— O que deveríamos ter escutado? Não estou ouvindo nada.

— Justamente, senhor — replicou Stepanek com voz lúgubre. — Não se ouve nada.

O'Leary demorou um instante para compreender o que o marinheiro estava tentando dizer. Não era só o fato de não haver vozes nem sons de maquinário. Não se ouvia absolutamente nada além de seus passos. Nem um rangido de metal, nem uma claraboia batendo ao se fechar, nem mesmo uma rajada de vento assobiando em uma adriça.

Nada.

“É como se o navio inteiro estivesse prendendo a respiração.” A ideia, viscosa como uma cobra, entrou insidiosa na mente de O'Leary. “Está nos observando.”

— Deixem de bobagens — sussurrou, sem perceber que havia baixado a voz. — Vamos até a ponte acabar com isto de uma vez.

O passeio lateral do *Valkirie* se perdia na negrura. Os feixes das lanternas dos marinheiros mal iluminavam uns poucos metros adiante, e a umidade traçava curiosos desenhos no ar. O'Leary observava com o olhar experiente os turcos dos botes à medida que iam passando por eles. Desde o desastre do *Titanic*, apenas vinte e sete anos antes, todos os cruzeiros do mundo eram obrigados a ter botes salva-vidas suficientes para todos os passageiros e a tripulação. O *Valkirie* era bem menor que o *Titanic*, mas, ainda assim, a quantidade de botes salva-vidas era impressionante. E não havia um único faltando.

Todos pareciam estar amarrados e com as capas estendidas, sem sinais de jamais terem sido tocados. O'Leary teria apostado seu pescoço que o único bote que não estava pendurado no navio todo

era aquele que pendia destruído uns cinquenta metros mais atrás, pelo qual haviam subido a bordo.

Golpes metálicos soaram alguns metros mais adiante. Era como um *clic-clac* descompassado, forte no início e mais suave no final. Os três marinheiros ficaram paralisados, sem mexer um músculo.

— Olá! — gritou O'Leary com uma voz menos firme do que teria gostado. — Alguém aí? Olá! Quem está aí?

Ouviu-se um sussurro agitado e o som de algo áspero deslizando, mas isso foi tudo. Nada se movia no meio da escuridão.

— *Zdravo Marijo, milosti puna, Gospodin s tobom, blagoslovljena ti medu ženama...*

Stepanek rezava entre dentes enquanto tentava atravessar a escuridão com os olhos. Era a segunda vez que rezava aquela noite, mas naquele momento nenhum dos três achou descabido.

— Bom, já é suficiente.

De repente, O'Leary ficou profundamente irritado. Sentia frio, estava cansado, encontrava-se a bordo de um navio que não era o seu e, ainda por cima, algum imbecil com um senso de humor duvidoso queria brincar de fantasma com eles. Era demais para uma noite só.

— Sou o primeiro oficial O'Leary, do navio britânico *Pass of Ballaster!* — gritou. — Não é preciso temer, seja quem for! Estamos aqui!

Não aconteceu nada. Ninguém respondeu.

Por isso, quando ouviram o sussurro às suas costas, o sangue deles se transformou em algo espesso e frio como o gelo. *Estaaaaamooos aqui!!!*

Stepanek se virou tão rápido que empurrou o assustado Duff, e ambos tropeçaram em O'Leary. Antes que pudessem perceber, os três estavam no chão em um emaranhado de braços e pernas.

— Quem está aí? Quem é, caralho? QUEM?

A lanterna de Stepanek dançava em todas as direções enquanto o marinheiro tentava se levantar.

— Vamos embora daqui! Vamos embora daqui de uma vez, por favor! — Na voz de Duff havia um tom histérico.

— Calem-se, idiotas! — rugiu O’Leary recolocando o quepe. Estava tão nervoso que cuspiu ao falar. — Não vamos a lugar nenhum, entendido?

Olhou com os olhos injetados de sangue os dois marinheiros, que se retorciam como crianças inquietas.

— O que pretendem? Voltar a nosso navio e contar ao velho que fugimos de um monte de fantasmas? Ele nos mandaria de volta a pontapés! Comportem-se como homens! Temos apenas que subir até a ponte de comando, verificar se o navio está vazio e lançar um cabo para rebocá-lo! — Mudou o tom de voz, tentando ser persuasivo. — Assim que acabarmos, voltaremos ao *Pass of Ballaster*, sairemos desta maldita névoa e esqueceremos este assunto até chegar a Bristol, ok?

Os dois marinheiros, habituados à disciplina marítima, assentiram com mais dúvida que fé nos olhos.

— Mas, essa voz... — Duff fez uma última tentativa, hesitante.

— Essa voz era o eco, idiota — replicou O’Leary. — E surgiu atrás de nós por causa de algum efeito acústico. Talvez a disposição do passeio do navio, ou a névoa. Pode ter sido por mil coisas. Estudei isso na escola de oficiais, há anos.

Duff e Stepanek voltaram a assentir, um pouco mais calmos. Mas, enquanto continuavam caminhando, O’Leary não se sentia exatamente tranquilo. Porque sabia que o que tinha dito era uma grande mentira, e que não havia nenhuma explicação para aquele fenômeno acústico, pelo menos não que ele soubesse. E, além do mais, havia outro pequeno detalhe: O’Leary tinha total certeza de que a voz que havia ouvido no eco não era a sua.

IV

O OFICIAL GUARDOU seus pensamentos para si mesmo, pois justamente nesse instante encontraram uma porta escancarada.

— Acha que foi isso que fez o barulho de antes? — perguntou Duff nervoso.

— Pode ser — replicou Stepanek enquanto fazia a porta oscilar um pouco e arrancava um rangido das dobradiças. — O vento pode tê-la empurrado.

— Claro que foi isso — disse O'Leary pouco convencido.

Os três homens atravessaram o batente da porta e adentraram o interior do *Valkirie*, não sem antes lançar um último olhar hesitante para a bruma que escondia o horizonte.

O interior estava totalmente escuro, mas, além disso, não se notava nada fora do comum. Estavam em um longo corredor, com as paredes recobertas de madeira frisada e o chão forrado por um grosso tapete vermelho que amortecia o som de seus passos. Os três caminhavam muito perto um do outro, iluminados por suas lanternas, que arrancavam brilhos dos remates de cobre das portas e das lâmpadas embutidas no teto.

O corredor desembocava em outro ainda mais longo, com portas nas laterais. A cada poucos metros paravam e gritavam um forte "Olá!", mas não parecia haver a menor atividade dentro daquele navio.

De repente, deram de cara com uma grande porta dupla de madeira de carvalho que fechava o final do corredor. Depois de hesitar um instante, O'Leary apoiou a mão na maçaneta da porta. Tinha certeza de que ia sentir *algo*. Mas era apenas uma maçaneta comum, fria, sem nada de especial.

Puxou as duas portas, e durante um breve momento ficaram sem respirar. Estavam em uma grande sala oval, decorada com muito mais luxo que os corredores pelos quais haviam chegado até ali. Era grande, muito grande, muito maior que qualquer compartimento do *Pass of Ballaster*. No meio dela havia uma enorme escada de madeira e mármore que bifurcava em dois braços e que dava acesso a uma ampla sala no andar superior que não podiam ver dali. As balaustradas da escada eram compostas de grossas peças de carvalho entalhado que formavam volutas até se fundir no corrimão, de um filão de madeira mais escura. Os degraus de mármore branco brilhavam sob a luz das lanternas, tinham gravadas alternadamente o nome *Valkirie* e uma sigla – KDF –, que o oficial não conhecia.

O'Leary notou que no remate dos dois corrimãos havia duas águias com as asas abertas segurando uma coroa de louros com as garras, no meio das quais destacava-se uma suástica que tocava o chão do vestíbulo. O motivo se repetia de maneira quase obsessiva por vários pontos do hall, inclusive em uma sanefa que contornava todo o teto, composta de águias de perfil, cada uma segurando seu pequeno emblema do *Reich*. Para completar a cena, no descanso central da escada, onde estaria o relógio ou uma estátua clássica cercada de querubins rechonchudos em qualquer transatlântico inglês ou norte-americano, pendiam duas bandeiras. Uma era a bandeira vermelha com a suástica do *Reich*. A outra era muito parecida, só que azul, e os braços da cruz gamada pareciam ser formados por fachos de raios de sol circulares, colocados em volta de uma roda dentada, com as siglas KDF embaixo.

— Onde estamos, senhor?

— Acho que é o hall principal do navio. — Apontou a lanterna para cima, criando um milhão de reflexos de um lustre de cristal acima de sua cabeça. — Se não me engano, por aí se deve chegar

ao salão principal. E por aí — girou a lanterna enquanto falava — devemos conseguir subir até a ponte.

— E essas bandeiras? — perguntou Duff inocente.

— É um navio alemão, idiota. — Stepanek lhe deu um empurrão. — Você não lê o jornal? Essa é a bandeira dos *boches*. Eles a agitam sem parar há alguns anos. Às vezes, dá a sensação de que é a única coisa que fazem — acrescentou irritado. — Desfile e agitar essa maldita bandeira.

— Não vamos perder tempo — suspirou O'Leary. — Temos muito a fazer.

Subiram a escada a passo rápido, sem parar para contemplar os quadros pendurados nas paredes. Ao chegar ao descanso superior, voltaram-se para as portas de vidro que davam para o salão de jantar principal. Assim que entraram, foram assaltados pelo cheiro.

— Puta que me... — O'Leary deixou escapar. — Esse cheiro é de... cordeiro?

— Acho que sim — grunhiu Stepanek. — E salsichas também, se não me engano.

— Olhe isto, senhor. — A voz de Duff era um fio quase inaudível.

A lanterna do marinheiro passeava sobre uma das mesas circulares situadas mais perto da porta.

A mesa estava servida para doze comensais, com toda a riqueza de detalhes. Nos copos de cristal entalhado estavam gravadas a águia de um lado e a sigla KDF do outro, assim como nos pratos. Os guardanapos, vermelhos e azuis, estavam dobrados com primor, e o arranjo de centro era uma enorme fruteira cheia de maçãs e laranjas dispostas de maneira artística. A luz das lanternas arrancava cintilações prateadas dos talheres, que esperavam ao lado de cada prato os comensais que não estavam ali.

Ao lado dos copos ficava um pequeno pratinho de cerâmica sobre o qual havia um pão. O'Leary se aproximou da mesa e pegou um deles. Quando o apertou, ouviu-se um leve estalo ao mesmo tempo que um delicioso aroma de pão recém-saído do forno impregnou o ar.

— Ainda está fresco — murmurou atônito. — Deve ter sido feito há menos de uma hora.

Não conseguia tirar os olhos da mesa. Os pratos estavam imaculados, e no centro havia uma enorme travessa de carne, como se esperasse alguém se atrever a servi-la. Uma das taças estava cheia de vinho tinto até a metade. E O'Leary teria apostado seus galões que na borda do cristal estavam desenhados os lábios de uma mulher. Continuou caminhando sem perceber que ainda estava com o pão na mão. Havia pelo menos outras vinte ou trinta mesas naquele enorme salão de jantar, e todas estavam dispostas da mesma maneira. A maioria estava preparada para que passageiros inexistentes se sentassem. Em uma havia até pratos com restos de comida e cadeiras afastadas apressadamente, como se alguns comensais madrugadores tivessem chegado um pouco antes dos demais ao salão e de repente tiveram que sair às pressas.

— Devíamos ter trazido uma arma — murmurou Duff.

— Cale a boca — replicou Stepanek, de péssimo humor.

O ambiente era silencioso e fantasmagórico. Alguns leitões assados colocados em umas bandejas sorriam sardônicos, como se soubessem um segredo que só podiam compartilhar entre si. Um bloco de gelo derretia lentamente em um balde de champanhe, onde três garrafas de vinho de Riesling nadavam livres e ainda geladas.

O'Leary enfiou a mão no recipiente e pegou uma das garrafas.

— Não deve fazer nem duas horas que colocaram esta garrafa aqui — disse olhando o que restava de gelo. Apoiou a garrafa de novo e esfregou os olhos, cansado. — Não estou entendendo nada.

— Onde está todo mundo, oficial? — Duff fez em voz alta a pergunta que os três se formulavam desde o primeiro momento.

— Não faço ideia — murmurou O'Leary. — Evidentemente, não estão aqui.

— O navio é muito grande. Talvez estejam todos em seus camarotes — apontou Duff.

— Ou refugiados no porão — acrescentou Stepanek deslizando a mão sobre um pão ainda quente com uma expressão indecifrável no

rosto.

— Por que diabos iriam querer se refugiar no porão?

O'Leary iluminou o palco. Os instrumentos da banda estavam perfeitamente colocados, esperando que alguém atacasse um *ragtime* a qualquer momento. Completou:

— Não faz nenhum sentido.

O oficial pensava a toda velocidade. Já fazia mais de vinte minutos desde que tinham saído do *Pass of Ballaster*, então se deu conta de que ninguém a bordo do carvoeiro sabia onde os três estavam naquele momento. O capitão havia cometido um erro ao mandá-los ali. O *Valkirie* era muito grande para ser checado por apenas três pessoas, e o tempo estava se esgotando.

Olhou para seus dois homens. Pareciam estar prestes a se cagar nas calças, mas era o que tinha.

— Precisamos nos dividir. Sei que não é o que querem, e que parece uma má ideia, mas é a única coisa que podemos fazer. — Voltou-se para o marinheiro mais jovem e tentou usar sua voz mais persuasiva. — Duff, volte pelo corredor e dirija-se à proa do *Valkirie*. Faça sinais ao nosso navio e peça que lancem um cabo-guia para podermos rebocar o cruzeiro. Mexa-se, vamos!

O jovem saiu correndo com uma expressão evidente de alívio desenhada no rosto. Qualquer coisa era melhor que ficar ali dentro, e, além do mais, na proa estaria à vista do *Pass of Ballaster*, mesmo que fosse arrebrandando os braços para puxar o pesado cabo de reboque.

— Stepanek, localize a sala de máquinas. Quando o navio estiver preso, vamos precisar de potência e eletricidade.

— É verdade — grunhiu o croata. — Sem motor, será como rebocar um maldito iceberg.

— Descubra como chegar à sala de máquinas e memorize o caminho. Não quero que nosso maquinista fique mais tempo que o necessário a bordo deste navio. E prometo que, quando aportarmos, vou lhe pagar a caneca de cerveja mais deliciosa que já tomou na vida.

Stepanek pestanejou duas vezes e suspirou. O marinheiro veterano enfiou na cabeça a ideia de entrar nas tripas escuras de um navio abandonado com a fria resignação acumulada depois de muitos anos no mar.

— E o senhor, aonde vai?

— Vou subir à ponte. Tenho que checar se o timão não está travado, ou tudo o que fizermos será inútil. Ande, o tempo urge.

O'Leary se despediu do marinheiro com uma palmada nas costas. Levado por um repentino impulso, voltou-se para Stepanek, que se encaminhava para o vão preto da escada.

— Tenha cuidado — murmurou sem saber muito bem por quê.

Nunca soube se o marinheiro chegou a ouvir suas palavras.

Inspirando fundo, deu a volta e foi para o hall decorado com águias. Em 1925, antes de se tornar o primeiro oficial do *Pass of Ballaster*, O'Leary havia servido como suboficial em muitos navios, incluindo uma temporada de um ano no *Highland Chieftain*, um transatlântico da Nelson Line que fazia a rota com a América do Sul. Se o *Valkirie* tivesse a mesma distribuição dos outros cruzeiros de luxo, então, em algum lugar daquele andar tinha que haver uma escada que levasse diretamente à ponte.

Depois de cinco longos minutos de busca, encontrou-a. Era uma porta de metal protegida por uma lâmina de madeira de carvalho que recobria a parede do fundo da pista de dança. Teria passado reto sem percebê-la se o atrito da porta sobre o tapete não tivesse deixado uma marca visível no tecido.

A porta dava para uma escada de serviço sem nenhum dos adornos que decoravam o espaço aberto aos passageiros. Era um caminho rápido para comunicar a ponte do navio com o salão de baile e o de jantar. Quando o capitão do *Valkirie* se entediava de fazer média com damas suadas sentadas à sua mesa nos jantares de gala, podia fugir por ali com a desculpa de estar sendo chamado na ponte. E, se houvesse uma urgência de verdade, era a maneira mais rápida de chegar.

Os passos de O'Leary arrancavam sons metálicos dos degraus à medida que iam subindo lance por lance da escada. Finalmente

chegou a um patamar onde se abriam duas portas. Em uma delas havia uma placa que dizia *Funkraum*. O alemão rudimentar de O'Leary lhe permitiu adivinhar que aquela era a sala de rádio.

Algum oficial engraçadinho havia colado uma folha de papel com um desenho a lápis na porta. No desenho via-se um técnico consertando um rádio. Sua mão estava enfiada dentro do aparelho, e todos os seus pelos estavam arrepiados, como se estivesse levando um choque.

Sem hesitar, pegou a maçaneta da outra porta e foi parar na ponte de comando. Diferente da escada, a ponte estava levemente iluminada. Por um segundo, O'Leary pensou que Stepanek havia conseguido, de algum modo, consertar o fluxo de corrente elétrica. Levou apenas um momento para ver que a luz provinha dos dois refletores montados sobre a ponte do *Pass of Ballaster*.

Aproximou-se da janela ao lado do timão e olhou para a proa. Dali, diminuído pela distância, podia ver Duff. O marinheiro, posicionado ao lado da boca da âncora, suava copiosamente enquanto puxava um cabo de sisal, que, por sua vez, estava amarrado a um cabo de reboque muito mais grosso. Normalmente aquele trabalho era feito por três ou quatro homens, e o pobre diabo estava dando conta sozinho, mas não parecia muito contrariado. No *Pass of Ballaster*, que havia chegado a apenas meio cabo de distância, o capitão McBride não parava de lhe dar instruções.

De repente, O'Leary se sentiu muito sozinho ali em cima, na ponte do *Valkirie*, onde ninguém o podia ver. Um medo irracional de que seu navio se afastasse e o deixasse abandonado no meio do oceano, naquela espécie de casa encantada flutuante, oprimiu seu coração.

O oficial fechou os olhos e tentou se acalmar. Estava se deixando levar pelo pânico. Olhou ao redor e verificou que a ponte estava impecável, mas não havia nem rastro de presença humana. Aproximou-se da mesa de rota e deu uma olhada. A carta náutica indicava o curso do navio. Ao que parecia, o *Valkirie* havia saído do porto de Hamburgo apenas cinco dias antes. Apoiado sobre o mapa estava o lápis gorduroso usado para marcar o curso do navio.

O'Leary o segurou com seus dedos e o observou, pensativo. Havia sido apontado recentemente. Alguém o havia apontado *depois* de ter feito a última anotação, que parecia ser de...

O grito ecoou com tanta força que o oficial sentiu por um momento que seu sangue parou de circular por suas veias para se refugiar em seus tornozelos. Era um grito estranho, ululante, cuja intensidade subia e descia, como se emitido por um animal que estava sendo torturado. O grito parou durante um segundo, e por um instante O'Leary se perguntou se não o teria imaginado; mas então, tornou a ouvi-lo com toda a clareza. Era um berro desumano, no qual ecoavam com absoluto requinte um milhão de dores diferentes, como vidros se cravando na palma de uma mão. E era uma voz conhecida.

"Stepanek."

O'Leary saiu correndo da ponte enquanto o foco de sua lanterna despertava loucamente sombras pelos cantos. Antes de atravessar a porta, viu o diário de bordo ao lado do posto de comando. Pegou-o rapidamente, e enquanto um canto de sua cabeça sussurrava que aquele diário não deveria estar ali, e sim no camarote do capitão, começou a descer os degraus metálicos de dois em dois, arrancando ecos no vão da escada.

O grito de Stepanek subia e descia como se fosse o sinal de um rádio mal sintonizado quase perdendo a recepção. Cada vez que parava para recuperar o fôlego, O'Leary aguçava o ouvido, tentando localizar de onde provinha o uivo. Atravessou o salão de banquetes às escuras, gritando o nome do marinheiro, que não respondia. Continuava gemendo, incansável, como se não o pudesse ouvir... ou não fosse capaz de responder.

O'Leary chegou ao vão da escada que descia para a sala de máquinas e hesitou. A escuridão que impregnava aquela parte parecia ter consistência e densidade próprias, como se fosse uma espécie de gel denso que se enroscava no ar. Por um momento, pensou em retroceder, voltar a bordo do *Pass of Ballaster* para pedir ajuda. Um aumento de duas oitavas no gemido de Stepanek o pôs de novo em marcha. Com o diário de bordo em uma mão como um

escudo improvisado, e a lanterna na outra, desceu lance após lance, engolindo em seco ao chegar a cada patamar.

Quando já havia perdido a conta de quantos degraus havia descido, chegou a um andar que se dividia em três direções. Ao fundo de um deles aparecia, trêmulo, o raio de luz amarela de uma lanterna. O'Leary caminhou até lá com passo firme, sentindo o ar que o cercava cada vez mais denso e quente. Aquele lugar estava carregado de eletricidade estática. Caído no chão feito um novelo, estava Stepanek, de costas. Ao chegar ao seu lado O'Leary pôde distinguir o inconfundível aroma acético da urina incomodando seu nariz.

O'Leary apoiou a mão no ombro do marinheiro para virá-lo para a luz de sua lanterna e soltou uma exclamação de puro terror. Stepanek tremia de maneira incontrolável. Seus olhos giravam enlouquecidos nas órbitas e sangue escorria de sua boca e fossas nasais. Horrorizado, O'Leary percebeu que o marinheiro talvez tivesse mordido a língua.

— Stepanek! Stepanek, acorde!

Sacudiu o croata pelas lapelas, mas a mente do homem parecia estar a um milhão de quilômetros dali, em um lugar especialmente horrível e tenebroso. De repente, O'Leary decidiu que já era suficiente. Não ficaria nem mais um minuto naquele maldito navio.

Enfiou o diário de bordo dentro das calças e jogou o marinheiro em seus ombros, como quem carrega um saco. Segurou a lanterna com a mão livre e refez o mesmo caminho, rumo à escada. Enquanto caminhava, teve a sensação inconfundível de que havia alguém (ou *algo*) atrás dele, mas não se atreveu a se voltar para ver o que era.

“Não olhe. Caminhe. Saia daqui.”

“Não olhe.”

O ambiente estava tão carregado de estática que os pelos de seus braços se arrepiaram enquanto subia os degraus, seu coração galopava em sua boca. Um zumbido monocórdio parecia ter inundado todo o navio, como um diapasão moribundo vibrando. A ondulação subia pelas solas dos pés e retumbava em sua cabeça.

Enxugou o suor da testa. Estava de novo no salão de banquetes. A porta do fundo conduzia à pista do salão de baile e à escada com as bandeiras. Já estava quase fora.

Então, ouviu. No início, entre os gemidos de Stepanek e sua respiração agitada quase não conseguiu distinguir. Era como um ganido suave, que vinha de sua direita. Levou a lanterna para aquele ponto, temendo o que pudesse descobrir.

Não havia nada, exceto um monte de roupas jogadas de qualquer jeito no centro da pista. O'Leary engoliu em seco e notou que um pequeno jorro de líquido molhava sua roupa de baixo. Aquele monte de pano não estava ali quando passaram por aquele ponto, dez minutos antes. Tinha certeza. O ganido se repetiu, e O'Leary viu com espanto que o vulto de pano se mexia. Em um estado quase hipnótico, foi se aproximando enquanto os ruídos se multiplicavam ao seu redor. Uma cadeira caiu, como se sacudida por uma vibração. Em uma mesa do fundo, alguns pratos se estatelaram no chão. O zumbido estava cada vez mais alto.

Chegou ao lado do vulto e focalizou a lanterna.

Era uma criança. Um bebê de poucos meses que se remexia inquieto e de vez em quando soltava um gemido abafado, como se estivesse muito fraco ou muito esgotado para chorar com mais força.

O'Leary não pensou duas vezes. Embora a pequena voz em sua cabeça gritasse aterrada, insistindo para que deixasse aquele bebê no chão e saísse dali, o oficial se agachou e segurou a criança debaixo do braço esquerdo, como se fosse um pacote. Cambaleando pelo peso de Stepanek e do bebê, atravessou o salão o mais rápido que pôde até chegar à escada das bandeiras. Sem olhar para nenhum lado, concentrado somente em dar o passo seguinte, caminhou para a porta sentindo as bordas pontiagudas do caderno enfiado no cóis da calça se cravando em sua virilha.

Já estava no último corredor. Faltava pouco. De súbito, uma forma opaca se materializou diante de seus olhos. O'Leary sentiu um gemido sufocado lhe subir pela garganta. Faltava tão pouco... A figura levantou a lanterna até seu rosto. Era Duff.

— Senhor! O que está acontecendo? O maldito navio inteiro está vibrando! Ei, o que aconteceu com Stepanek?

O'Leary sentiu tanto alívio que por um momento pensou que ia desmaiar.

— Ajude-me com isto. — Passou o corpo inerte de Stepanek a Duff. — Temos que sair daqui AGORA!

— Não precisa dizer duas vezes, senhor — respondeu Duff com expressão de pânico e segurando seu companheiro.

O'Leary tirou o caderno da cueca com evidente alívio, colocou-o debaixo do braço e pegou o bebê de uma forma mais firme. Seguindo a luz de Duff, chegaram ao exterior, e pela terceira vez naquela noite foi necessário conter um grito de espanto.

A névoa que até então envolvia o *Valkirie* parecia estar na boca de um enorme aspirador. As faixas de vapor se retorciam e giravam em volta do navio como se um tornado os estivesse arrastando. O *Pass of Ballaster* havia rolado até seu costado, arrastando o cabo de reboque que Duff havia colocado, e da borda O'Leary podia distinguir a figura preocupada do capitão, que lhe fazia sinais.

Sem hesitar nem por um minuto, saltaram ao bote e começaram a remar rumo ao carvoeiro como se pretendessem bater um recorde de velocidade. A água deslocada pelos remos respingava em seus olhos, mas não afastaram nem por um momento o olhar do navio transatlântico, que parecia palpitar a poucos metros deles.

Enquanto se amarravam ao *Pass of Ballaster* e subiam a bordo, O'Leary não podia deixar de se perguntar quem era o bebê que se remexia abrigado em seu peito.

E, principalmente, que diabos havia acontecido naquele navio.

KATE

V

Londres, hoje
6h30

O ZUMBIDO PENETRANTE do despertador atravessou os tímpanos de Catalina Soto. A jovem se sacudiu na cama, tentando se libertar das últimas volutas de sono que a mantinham amarrada, e desligou o despertador com um golpe seco. Virou-se de novo, ainda sem abrir os olhos, e seu braço esquerdo deslizou para o outro lado da cama. Um lado que estava vazio e frio havia semanas.

Catalina teve que fazer um esforço heroico para não virar de novo e continuar dormindo. Dormir lhe permitia estar longe, não pensar. Não se lembrar dele. Quando dormia não doía tanto.

Tinha passado a primeira semana em um estado de semi-inconsciência permanente, conscientemente zozza, primeiro pelo choque e mais tarde pela ajuda de uns comprimidos coloridos que alguém colocou em sua mão, talvez temendo que, caso contrário, a ruína poderia ser iminente. Havia pensado que o passar do tempo o tornaria mais suportável, mas a segunda e a terceira semanas não foram muito mais agradáveis.

Robert não estava mais ali. Precisava admitir isso de uma vez por todas. Era muito complicado aceitar. Desde que havia saído da casa de seus pais, dez anos antes, fechando com a porta todo seu

passado, a figura de Robert sempre estivera a seu lado. Às vezes perto, às vezes mais longe, mas nunca por muito tempo. Primeiro, ele tinha sido um caso de verão, mais tarde o homem por quem havia se apaixonado e, depois, simplesmente o centro de sua vida, o eixo em torno do qual tudo girava: o sol, a lua, os planetas e ela mesma. E, um dia, de repente, não estava mais. Havia desaparecido. Puf. Adeus, Kate.

Recordava perfeitamente o dia em que havia deixado de ser Catalina Soto para se tornar Catalina Kilroy. Kate Kilroy. Robert nunca entendia por que ria como uma criança cada vez que via suas iniciais. Tinham se casado ao sair de Barcelona, como se temessem que, se não o fizessem, o feitiço pudesse se quebrar. Talvez tenha sido boa ideia, porque a magia havia durado cinco longos anos. Até o último dia.

Kate – ninguém mais a chamava de Catalina, exceto sua mãe – se levantou entorpecida e ligou a cafeteira, tropeçando nas cadeiras da cozinha. Enquanto o café era preparado aos borbotões, tomou um longo banho de água fria que lhe tirou os últimos restos de sono da cabeça. Vinte minutos depois, quando saía de seu apartamento na rua Cheyne Walk, em pleno coração de Chelsea, ninguém poderia acreditar que a impecável mulher vestida de executiva que entrava em um táxi era a mesma jovem desgrehada e com olhos inchados de um pouco antes.

O escritório do *London New Herald* ficava a apenas quinze minutos de sua casa se o trânsito estivesse bom. Quando chegou, passou o cartão pela catraca eletrônica da entrada e entrou no elevador para se dirigir ao vigésimo quinto andar. Enquanto subia notou que alguns homens que estavam com ela no elevador a olhavam de soslaio. Era normal. Com apenas vinte e sete anos, alta, esbelta e com densos cabelos ruivos que lhe caíam em cachos pelas costas, Kate era esse tipo de mulher que podia provocar um engarrafamento, se quisesse. Só a expressão de seus olhos acinzentados, terrivelmente cansada e vazia, delatava sua tristeza.

Quando chegou ao seu andar, os ruídos da redação do jornal a envolveram como um arrulho suave e acolhedor. O barulho dos

teclados, o som dos telefones, o murmúrio das conversas, tudo era dolorosamente familiar e diferente ao mesmo tempo. Kate se perguntou pela enésima vez naquela manhã se tinha sido boa ideia ir trabalhar. Parou, nervosa, ao lado da mesa da entrada.

Uma das secretárias levantou a cabeça e, ao vê-la, arregalou os olhos. Quando Kate a olhou, desviou o olhar, mas se inclinou para a colega e lhe disse algo ao ouvido. Outro olhar furtivo, mais cochichos.

Algumas pessoas haviam parado de trabalhar e estavam olhando para ela naquele momento. Pelas expressões e pelos movimentos de ombros, Kate percebeu que muitas delas estavam falando entre si. Falando dela, e de Robert, evidentemente.

Não podia suportar mais. Achava que ia ser forte, mas não. Tinha sido um erro ir trabalhar. Deu meia-volta para sair, e então encontrou uma mulher negra de uns cinquenta anos com um elegante terninho perolado, com uma maleta na mão.

— Kate! Mas o que está fazendo aqui? — perguntou Rhonda Grimes, diretora do *London New Herald*.

Sua voz, lendária por ter feito tremer centenas de redatores e estagiários ao longo dos anos, naquele momento estava tingida de um tom preocupado:

— Aconteceu alguma coisa, querida?

— Olá, Rhonda — respondeu Kate tentando controlar o tremor na voz. — Não foi nada. É só que... Pensei que ia conseguir, mas...

Sentiu as lágrimas lhe marejarem os olhos.

— Oh, meu bem — Rhonda apoiou a mão no braço de Kate inclinando-se para ela para falar em um sussurro —, não deixe que a vejam chorar. Vamos à minha sala. Ficaremos melhor lá.

Kate assentiu enquanto estancava discretamente uma lágrima furtiva que ameaçava escapar. Uma secretária e dois assistentes apressados cercavam Rhonda naquele momento, cada um deles certo de que os recados e as ligações que haviam anotado nas agendas eram de uma urgência capital. Rhonda Grimes, que não havia chegado a diretora do jornal por acaso nem por falta de

caráter, despachou-os com um gesto rápido, e os assistentes se dispersaram como pombas assustadas.

Atravessaram a redação até chegar à sala dela, e Rhonda fechou a porta atrás de si. Então, voltou-se para Kate, que havia se jogado em um sofá com a cabeça virada para a janela, e olhava com ar perdido a fantástica vista que se abria diante dela àquela altura. Metade de Londres jazia a seus pés, vibrante e viva.

“Como é jovem”, pensou Rhonda, “e como é trágica sua vida com tão poucos anos. Ela não merece.”

— Achei que você ia tirar mais duas semanas antes de voltar — disse entregando uma caixa de lenços a Kate.

Kate os recusou com um gesto. Havia tido um momento de fraqueza, sim, mas já havia passado. Tornava a passar a imagem de executiva implacável com a qual havia saído de casa.

— Não aguento mais ficar em casa, Rhonda.

— Eu entendo — replicou. — Muito tempo livre para pensar.

— Demais — respondeu Kate. — Não suporto ficar sem fazer nada. Faz eu me sentir inútil. E cada vez que viro a cabeça vejo alguma coisa que me faz lembrar dele. É demais, inclusive para mim.

— Já pensou em procurar ajuda? — comentou Rhonda com cautela.

— Não é de ajuda que preciso, e sim de tempo para organizar de novo meu mundo — respondeu Kate mastigando dolorosamente as palavras. — E não quero ter que ficar tomando Valium e coisas do tipo como quem come pipoca. Você sabe o que acontece com gente que abusa dessas merdas. Acaba como um zumbi, inchada como um barril e sem vontade de fazer nada. Essa não sou eu, Rhonda.

— Eu sei, querida.

Ambas ficaram em silêncio por um instante.

— Todos lamentamos muito o que aconteceu com Robert, Kate — murmurou Rhonda. — Todos sentimos falta dele.

Kate engoliu em seco e não respondeu nada. Qualquer coisa que dissesse naquele momento soaria vazia.

— Já sabe o que vai fazer?

— Tenho que ir aos Estados Unidos. Os pais deles vão querer ficar com as cinzas.

Quando pronunciou a palavra “cinzas”, o rosto de Kate se tornou ainda mais sombrio.

— Por quê? — perguntou Rhonda.

— Porque é o correto. Porque é o que ele ia querer. E porque não sei o que mais posso fazer. — De repente, um brilho travesso, fugaz como uma fagulha, atravessou os olhos de Kate. — Além do mais, não acredito que ficar dentro de um pote no aparador da sala, sentado entre seus dois Pulitzer como um maldito gato da sorte, balançando o braço, fizesse parte dos planos de Robert de como passar a eternidade. Você sabe como ele era vaidoso.

As duas mulheres riram baixinho, liberadas por um instante.

“A velha Kate voltou, irreverente e alegre, mas só por um momento. Calma, mundo, continuo fodida do mesmo jeito.” O pensamento irrompeu com tanta força em sua cabeça que Kate quase teve um sobressalto.

Rhonda a olhou com ar pensativo, como se tivesse tido uma ideia.

— Kate, talvez eu tenha algo que lhe interesse. Algo que a mantenha ocupada e que lhe permita tocar a vida. E, além do mais, você me faria um grande favor.

A diretora do jornal começou a remexer nas pastas de sua mesa, afastando montanhas de documentos pendentes para revisar.

— Rhonda, obrigada, mas não estou com humor para cobrir uma passarela de moda, e, se tiver que entrevistar alguma celebridade estúpida e arrogante, posso acabar cometendo um assassinato.

— Não é nada disso — murmurou Rhonda, empurrando um enorme dossiê para o lado. — Onde diabos coloquei? Poderia jurar que eu tinha uma cópia por... Ah, aqui está!

Os colares de coral de Rhonda soaram como cascavéis quando ela levantou, em um gesto triunfal, uma pasta roxa. O olhar de Kate se acendeu de leve com uma fagulha de interesse. Roxo era a cor que utilizavam na redação do *London New Herald* para as denominadas “grandes reportagens”, aquelas que haviam tornado o

jornal famoso e que a direção passava a seus jornalistas mais renomados. Naqueles corredores havia lutas ferozes entre os nomes mais reconhecidos para levar algum daqueles temas à sua mesa. E Rhonda Grimes segurava um diante dela com um sorriso intrigante, como um traficante oferecendo droga na porta de um colégio.

— Está falando sério? — perguntou Kate sem tirar os olhos da pasta, hipnotizada. Pela primeira vez em semanas, Robert não ocupava toda sua cabeça. — Até agora só cobri artigos de sociedade e cultura...

— “Até agora” é a expressão correta, querida — respondeu Rhonda, enquanto abria a pasta. De onde estava, Kate só conseguiu ver uma foto de algo que parecia um enorme andaime. — Acho que você está preparada para algo desse estilo. E não sou a única. Robert acha que... achava que você podia fazer mais que entrevistar Justin Bieber ou Madonna. De fato, esta reportagem teria sido para ele, mas ele planejava fazê-la com você.

Os olhos de Kate ficaram nublados. Robert havia segurado aquela mesma pasta, havia folheado seu conteúdo. Talvez tivesse consumido as últimas horas de sua vida pensando em como abordar aquela história que ela ainda não conhecia. De repente, ler seu conteúdo lhe parecia mais importante que qualquer outra coisa que pudesse fazer.

— Do que se trata?

— Já ouviu falar de Isaac Feldman?

— Não sei, acho que não. — De repente, a jornalista que havia dentro dela se sentiu envergonhada por não saber nada sobre aquele nome. — Deveria?

— A não ser que você costume apostar em cassinos *on-line*, não deveria — respondeu a diretora.

Rhonda tirou uma foto da pasta e a passou a Kate. Na imagem via-se um idoso de uns setenta anos, cabelo branco abundante, surpreendentemente robusto para um homem de sua idade, com uma barba de dois dias e uma expressão de surpresa no rosto. Não parecia muito contente por estar sendo fotografado.

— Quer que eu investigue cassinos *on-line*? — Kate ficou desanimada de repente.

— Nada disso, querida. Você chegaria atrasada. Feldman é israelense com passaporte britânico, ou inglês com passaporte judeu, dependendo de a quem perguntar, e dono de pelo menos cinco das maiores casas de apostas *on-line* que existem no mundo. E ganhou muito dinheiro com isso, claro. Mas, ao que parece, esqueceu-se de pagar os impostos nos três últimos anos e está sob investigação da Receita Federal. — Rhonda sorriu. — Como vê, não é uma investigação com a qual você possa colaborar.

— Então, o que quer que eu faça?

— Você vai ver que Feldman está limpando suas contas no Reino Unido, ou pelo menos é nisso que se acredita. Mas investiu grandes quantidades de dinheiro durante os últimos cinco meses em um projeto muito estranho, que está para ser anunciado. Dizem que está obcecado com isso e que não se importa de perder tudo contanto que possa seguir adiante.

— O que é? Fundar uma Igreja? Montar uma cópia de Las Vegas em Dover? Caçar discos voadores?

— É muito mais enigmático que tudo isso. Robert achava que era a história do ano. Veja você mesma.

Rhonda virou a pasta e a entregou a Kate, aberta em uma página. Nela havia uma foto colorida de um navio em muito mau estado, cheio de andaimes em volta, em um estaleiro. Dezenas de trabalhadores fervilhavam como formigas sobre o casco, arrancando camadas de ferrugem e substituindo painéis esburacados por outros novos. Um pedaço da proa estava exposto, e, forçando a vista, era possível adivinhar o nome do navio nas letras desbotadas e cobertas por anos de sujeira. O navio se chamava *Valkirie*.

VI

UMA HORA MAIS TARDE, Kate estava a bordo de um táxi a caminho da estação de trem de Victoria, com a pasta roxa apertada nas mãos. No início havia se surpreendido com a pouca documentação que havia nela, mas a falta de material representava um desafio para sua mente voraz.

Tinha aceitado sem precisar pensar muito. Aquilo a manteria ocupada o bastante para não pensar em outra coisa durante pelo menos duas semanas, e esse tempo lhe faria bem para decidir o que fazer com os cacos de sua vida. Enquanto isso, tinha que construir a notícia praticamente do nada, e só tinha uma ponta da trama para desenrolar aquilo que intuía que seria uma história apaixonante.

Pegou a foto de Isaac Feldman e a examinou pela terceira vez desde que havia saído. As feições duras, a expressão de determinação no rosto. Havia algo de magnético naquele homem, mas ela não sabia decifrar exatamente que enigma escondia. Leu as anotações que acompanhavam a foto.

“Isaac Feldman, filho de Abraham e Lisa Feldman, nascido e criado no bairro de Merseyside, perto de Liverpool. Seu pai era um peleteiro judeu originário da Cracóvia, e sua mãe, uma dona de casa.” O jovem Feldman cresceu em um bairro cheio de conflitos e, antes de completar dezesseis anos, já havia sido preso duas vezes. Ao ser liberado depois de uma breve condenação de duas semanas, começou, com um sócio, um pequeno negócio de reciclagem de

baterias e dois anos depois abriu uma casa de apostas, que, com o tempo, se transformou em uma rede de casas de apostas *on-line* e de cassinos que se espalhou por metade do mundo. Antes de completar cinquenta anos, já era milionário. Obteve a dupla nacionalidade com Israel de um modo muito obscuro. Além do mais, suspeitava-se que transferia dinheiro de países do Leste para paraísos fiscais no Caribe. E essa era toda a informação disponível.

Que interesse poderia ter um mafioso do jogo, com seu império econômico na mira da lei, para dedicar quase toda a sua energia para lançar ao mar, em tempo recorde, um navio de mais de setenta anos? Não fazia nenhum sentido. Por mais que pensasse, Kate não conseguia encontrar a relação. As peças simplesmente não se encaixavam.

A jovem suspirou, desanimada. Não era muito para começar. Conseguir uma entrevista com Feldman estava totalmente descartado. Ao que parecia, ele odiava tudo o que se parecesse com um jornalista. A única coisa que tinha para começar era a foto daquele navio.

Antes de morrer, Robert havia rastreado a localização do *Valkirie* até o porto militar de Denborough, perto de Liverpool. Kate teve que conter as lágrimas enquanto relia a espremida caligrafia de pernas de aranha de seu marido. Suas anotações, sempre feitas de maneira apressada, e que sistematicamente incluíam um pequeno asterisco no canto inferior esquerdo ("Minha estrela da sorte", dizia sempre Robert), marcavam todo o dossiê. Kate quase podia imaginar seu punho deslizando por aquela folha enquanto escutava ao fundo alguma banda de jazz de nome obscuro. Robert, sempre Robert.

Kate se dirigia a Denborough. Da redação do jornal havia marcado uma entrevista com o comandante encarregado pelas relações públicas da base militar onde havia ido parar o *Valkirie*. Precisava de informação sobre esse navio. Kate olhou o relógio. Se tudo corresse bem, poderia estar em Liverpool em poucas horas.

Aproveitou a viagem para dormir um pouco. De fato, caiu em um sono tão profundo que não acordou até o momento em que o trem

chegava a seu destino. Ao sair, descobriu que o céu estava pintado de cinza escuro e que chovia sem parar. As cortinas de água caíam em rajadas impulsionadas pelo vento.

Outro táxi a levou até a porta da base. Enquanto esperava o guarda da porta confirmar sua identidade, Kate deu uma olhada pela janela. Acima dela, iluminado por duas lâmpadas de magnésio que tingiam tudo de uma luz amarelada, pendia um enorme cartaz que anunciava que aquele era o depósito militar número dezenove da Marinha Real Britânica.

Kate se surpreendeu ao ver que aquele lugar parecia ser mais um armazém que uma base militar ativa. O guarda da entrada tinha um ar entediado, e a cerca que contornava o recinto não parecia capaz de deter alguém realmente determinado a entrar. Quando finalmente o táxi entrou na base, a jovem compreendeu por que quase não havia segurança.

Aquele lugar era como um enorme cemitério de material a céu aberto.

Estacionados porta com porta, filas enormes de caminhões dos anos 1960 apodreciam lentamente sob a chuva, apoiados em seus pneus murchos. Contêineres quadrados como os dos navios de transporte se empilhavam em pirâmides irregulares como se fossem um brinquedo de montar que um menino gigante decidiu deixar espalhado pelo interior da base. Só Deus sabia o que poderia haver lá dentro. Por todos os lados se viam caixas, veículos que não eram utilizados havia anos e enormes bobinas de cabo devoradas lentamente por heras que trepavam por seus flancos. O ambiente de abandono era total.

Enquanto o táxi percorria lentamente a rua de paralelepípedo rumo aos edifícios da base situados no início da doca, Kate intuiu a silhueta de mais de uma dúzia de navios militares na penumbra, amarrados no cais. Ao passar perto de um deles, observou os fios de ferrugem que corriam das vigias. Não dava a sensação de que nenhum daqueles navios fosse zarpar em um futuro próximo.

O táxi parou em frente à porta do edifício principal. Na escada, um homem de uniforme, com um grande guarda-chuva, a esperava.

— Bem-vinda ao depósito naval de Denborough! — A voz do homem ecoou com força suficiente para ser ouvida em um furacão. — Sou o comandante Collins. Acho que falei com você por telefone esta manhã.

— Kate Kilroy.

Kate estendeu a mão ao oficial, que a tomou com surpreendente delicadeza para um homem de seu tamanho.

— Você não tem sotaque irlandês... — comentou o comandante observando-a com olhos atentos.

— Kilroy é... era o sobrenome de meu marido. Meu sobrenome de solteira é Soto. Sou espanhola, de Barcelona.

— Ah — murmurou Collins como se aquela fosse toda a explicação de que precisava por ora. — Por favor, vamos entrar. Está uma noite terrível.

O interior da sala oferecia um impressionante contraste com o caos do exterior. Tudo estava arrumado e limpo como se a própria rainha fosse fazer uma revista de uma hora para outra. Uma cafeteira elétrica borbulhava em um canto, exalando um delicioso aroma no local, onde havia quatro mesas e alguns arquivos. As telas dos computadores brilhavam com um suave reflexo azulado que se confundia com a luz branca das lâmpadas do teto. Era, enfim, um lugar muito acolhedor.

— Por favor, sente-se aqui. — Collins puxou com gentileza uma cadeira para que Kate se sentasse. — Não recebemos muitas visitas no Ferro-velho, então desculpe a falta de acomodações.

— Ferro-velho? — Kate ergueu uma sobrancelha.

— É assim que chamamos a base coloquialmente — replicou Collins. — Imagino que você já deva ter adivinhado o por quê.

— Na verdade, é um lugar muito... pitoresco. — Kate escolheu as palavras com cuidado enquanto tirava o casaco.

— É um lugar nojento — confessou Collins com um sorriso cintilante. — O esgoto da Marinha Real Britânica, o lugar onde vão parar todos os trastes que ninguém quer, e isso inclui a mim. Sempre comparo este lugar com aquela gaveta onde guardamos as

coisas que não usamos mais, mas que não nos atrevemos a jogar fora, caso um dia nos façam falta.

Kate sorriu tocada pela sinceridade e alegria transbordante daquele marinheiro.

— Posso imaginar. Também tenho uma gaveta assim em minha casa.

— Ah, mas esta é a maior gaveta da Inglaterra toda! — Apontou com o braço para a janela. — Agora mesmo tenho atracados nesse cais oito destroyers da época da Guerra das Malvinas, quase uma dúzia de patrulheiros dos anos 1970, três draga-minas e, se não me engano, deve haver uns vinte navios de outros tipos espalhados por aí. E tudo isso sem contar as toneladas de equipamento obsoleto por todo lado.

— Você é dono de um pequeno exército, comandante — disse Kate rindo.

— Tenho material suficiente para declarar guerra a um país pequeno. — Collins deu de ombros com uma expressão cômica. — Se eu conseguisse que alguma coisa funcionasse, claro. Aceita um café?

Kate percebeu que não havia comido nada desde a hora do almoço e que estava faminta. Ao lado da cafeteira havia uma caixa cheia de donuts, e seu estômago rugiu. Envergonhada, sentiu seu sangue todo se juntar no rosto.

— Gosto de gente clara! — disse Collins com uma gargalhada aproximando a caixa de donuts e a cafeteira. — Mas, muito bem, vamos deixar de bobagens. Veio para que eu lhe conte coisas da Velha Safada, não é?

— Velha Safada? — respondeu Kate com metade de um donut na boca.

— A Grande V, a Velha Safada, a Trituradora, a Vadia de Hitler... Teve muitos nomes ao longo dos anos.

Tirou um dossiê amarelado da gaveta da mesa e o abriu na primeira página. Havia uma antiga foto em preto e branco do *Valkirie*. Em primeiro plano, dois homens de uniforme posavam para o fotógrafo com expressão distinta. O mais velho, que tinha galões

de capitão, parecia satisfeito, ao passo que o mais jovem, a seu lado, tinha uma expressão esgotada e preocupada.

— O nome oficial do navio é *Valkirie*. Foi construído em 1938 nos estaleiros Blohm und Voss de Hamburgo, para uma organização chamada KDF. — Levantou a cabeça e olhou para Kate. — Você tem ideia do que pode ser isso?

Kate negou com a cabeça enquanto tomava um gole de sua xícara de café.

— Segundo consta no informe, fez sua viagem inaugural em 23 de agosto de 1939, com uma tripulação de cento e cinquenta marinheiros e membros da equipe de bordo e duzentos e dezessete passageiros. Cinco dias depois, um navio carvoeiro, o *Pass of Ballaster*, encontrou-o à deriva, sem energia elétrica e com os motores desligados, a oitocentas milhas de Terranova.

— À deriva? — perguntou Kate. — Um acidente?

— Isso é o mais curioso — respondeu Collins. — Não sabemos. Ao que parece, não encontraram ninguém a bordo.

— Ninguém? — Kate se surpreendeu. — Isso é impossível. Entre a tripulação e os passageiros, deviam ser quase quatrocentas pessoas. Toda essa gente não evapora sem deixar rastro!

— Concordo — Collins franziu o cenho —, mas a verdade é que, antes de rebocá-lo até Bristol, o *Pass of Ballaster* procurou durante doze horas nos arredores do ponto onde acharam o *Valkirie* e não encontraram nada no mar. E no navio não faltava nem um único salva-vidas. É um mistério.

— Então, vamos ver se entendi direito. — Kate apoiou a xícara de café na mesa e juntou a ponta dos dedos. — Um navio de transporte encontra um transatlântico vazio e à deriva em alto-mar, sem rastro de tripulação nem sobreviventes, reboca-o até o porto, e ninguém faz uma investigação? Como é que isso não foi parar na primeira página de todos os jornais? Essa história deveria ser conhecidíssima!

— Na verdade, alguns dias depois, a Alemanha invadiu a Polônia e começou a Segunda Guerra Mundial — respondeu o coronel reclinando-se na cadeira. — A Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha, e, de repente, os jornais tinham coisas muito

mais interessantes para colocar na primeira página. As pessoas queriam saber se seus filhos iam morrer nos campos de batalha de Flandres. Uma história estranha sobre um navio à deriva não tinha lugar. Aliás, um navio alemão.

— Entendo. — Kate tomava notas enquanto o coronel falava. — De modo que, acredito, não houve nenhum tipo de rastreamento nem investigação.

— Está brincando? — Collins sorriu com tristeza. — Durante os doze meses seguintes, os submarinos de Hitler quase acabaram com a Inglaterra. No prazo de quinze semanas, afundaram centenas de navios de transporte que forneciam matéria-prima às ilhas. Milhares de marinheiros aliados desapareceram no mar. Ninguém sequer cogitou abrir uma investigação sobre uma história que, de repente, já não era importante mesmo antes de nascer.

— E o que aconteceu com o navio enquanto isso? — perguntou Kate.

— O *Valkirie* foi “internado”, que é o termo militar que se aplica aos navios civis capturados de um país inimigo. — Collins passava rapidamente as folhas do relatório. — No entanto, havia um problema legal: tinha sido encontrado quatro dias *antes* da declaração de guerra, de modo que, tecnicamente, não podia ser considerado um navio internado, mas também não podia ser legalmente um navio resgatado, porque estava sob pavilhão inimigo. Uma grande confusão burocrática.

— Imagino que o armador do navio que o trouxe a porto não achou nenhuma graça nisso, o... — Kate checou as anotações — ... *Pass of Ballaster*. Ficaria sem a recompensa pelo resgate.

— Sim, isso mesmo. — Collins levantou um calhamaço de papéis que era quase metade do arquivo do *Valkirie* e mostrou a Kate. — Passou quase quatro anos pleiteando a recompensa com a Marinha Real Britânica, mas foi inútil. Enquanto a guerra estava em andamento, havia outras prioridades. Com a escassez de navios, o Almirantado decidiu usar o *Valkirie* como transporte de tropas e... aqui começa a estranheza.

Kate se inclinou para a frente. Estava fascinada com a estranha história que o coronel lhe contava. Lá fora os relâmpagos iluminavam de vez em quando a sala, como labaredas gigantes.

— O que aconteceu?

— Para começar, ninguém conseguiu ligar os motores do navio. Chegaram técnicos de Londres, desmontaram e remontaram as máquinas peça por peça e, ainda assim, não conseguiram nada. Os motores simplesmente não ligavam. Tentaram substituí-los por motores ingleses, mas a disposição das engrenagens que os alemães haviam posto em Hamburgo era tão diferente da inglesa que foi impossível. De modo que, no fim, o navio não saiu do porto de Liverpool, e o transformaram em uma bateria antiaérea flutuante.

— Uma bateria flutuante?

— Sim, para defender o porto dos bombardeios da Luftwaffe alemã. Colocaram oito canhões antiaéreos nas coberturas, com suas dotações, e fundearam o *Valkirie* perto da refinaria do porto. Assim, ficava o mais perto possível dos depósitos que devia proteger, mas, caso a aviação alemã os atingisse e voassem pelos ares, o navio podia cortar amarras e se afastar com a maré.

— E o que aconteceu?

— A lenda negra do *Valkirie* começou a ser gestada. — Collins segurava um velho relatório redigido em um papel tão frágil que parecia que ia se desfazer em suas mãos. — Em agosto de 1940, uma bomba alemã caiu sobre uma das baterias e matou todos os seus servidores no ato. No entanto, por incrível que pareça, o navio não sofreu danos. No mês seguinte, o paiol da bateria número quatro explodiu acidentalmente e matou dezesseis soldados que estavam projéteis. Mas uma vez, o *Valkirie* só teve duas paredes quebradas. As causas da explosão nunca foram descobertas.

— Parece um navio pé-frio — comentou Kate, que não parava de escrever. — Imagino que ninguém queria ser destinado a ele.

— Você ainda não ouviu a melhor parte. — Collins olhou-a repentinamente sério. — Vinte e um de novembro de 1940 foi a pior noite da *Blitz* alemã sobre Liverpool. Morreram centenas de pessoas só naquele bombardeio. Pois bem, segundo consta nos relatórios, às

2h44, no pior momento do bombardeio, as baterias instaladas no *Valkirie* pararam de fazer fogo. No início pensaram que o navio tinha sofrido um impacto direto e afundado, mas na refinaria confirmaram que continuava ali, flutuando no escuro, e que simplesmente haviam parado de atirar. Adivinhe...

De repente, Kate sentiu sua boca seca. Aquilo era muito intrincado para ser verdade.

— Não vai me dizer que...

Não continuou a frase.

— Isso mesmo. Quando subiram a bordo do *Valkirie*, as dotações dos oito canhões haviam desaparecido por completo. Como se nunca tivessem existido.

VII

— **AS PESSOAS NÃO** desaparecem assim, sem mais nem menos — murmurou Kate. — Suponho que mais tarde foram encontrados, não?

— Na verdade, não, pelo menos não consta neste relatório — respondeu Collins.

— Está insinuando que o navio os engoliu, como fez com os passageiros? — A voz de Kate estava tingida de ceticismo.

— Nada disso — disse Collins. — Você conhece o princípio da Navalha de Ockham?

— Conheço — assentiu Kate. — Se bem me lembro, diz que quando para um mesmo fato há duas teorias possíveis...

— A teoria mais simples tem mais probabilidade de ser a correta. — Collins concluiu a frase.

— E então, qual é sua teoria? — perguntou Kate.

— Primeiro, os artilheiros dessas peças pertenciam à Home Guard, ou seja, nem sequer eram militares profissionais de verdade. — Collins deixou a pasta na mesa e enumerou com os dedos: — Vendedores, advogados e leiteiros usando uniforme ao lado de uns canhões pequenos e embaixo da Luftwaffe. Ponha-se no lugar deles. À noite, encontram-se a bordo de um navio escuro, com fama de azarado, no meio de um bombardeio feroz, ancorados ao lado de milhões de galões de combustível inflamável. Minha teoria é que

simplesmente se cagaram nas calças e saíram correndo diante do risco de morrer queimados.

— Acha que desertaram?

— É muito provável. — Collins deu de ombros. — Naqueles dias, tudo era um caos, e mal havia controle, principalmente com o pessoal da Home Guard. Com certeza voltaram para casa e, no dia seguinte, se rein-corporaram, ou acabaram alistados no exército mais adiante. É impossível saber. Em todo caso, você há de concordar comigo que isso faz mais sentido que pensar que um navio os engoliu.

Kate assentiu, pensativa. A história tinha sua lógica.

— E depois disso, o que aconteceu?

— Pouca coisa. — Collins remexeu os papéis como se procurasse alguma ordem naquele dossiê. — Com o fim da guerra, o armador do *Pass of Ballaster* já não existia, e o governo nacional-socialista alemão, que era o proprietário original do *Valkirie*, também não. Ninguém reclamou aquele navio. Enquanto as coisas se resolviam, decidiram rebocá-lo temporariamente para o depósito naval de Denborough e deixá-lo em dique seco enquanto pensavam no que fazer com ele. Mas, dada sua natureza e origem, decidiram não tornar pública sua localização ou existência, para o caso de a Alemanha comunista o reclamar. Era a Guerra Fria, entenda. E o navio passou os sessenta e oito anos seguintes aqui.

— Ninguém soube do *Valkirie* em quase setenta anos? — Kate levantou a cabeça de seu bloco de anotações incrédula. — Como isso é possível?

— Era um navio civil dentro de uma base militar, em um país que havia acabado de sair de uma guerra. Além do mais, nos anos 1950, começaram os voos comerciais entre a América e a Europa, e os transatlânticos como o *Valkirie* deixaram de ser rentáveis. Tantos anos à intempérie haviam deixado seu exterior bastante deteriorado, e repará-lo era muito caro. Pensou-se em usá-lo como alvo flutuante nos anos 1960, mas acabaram descartando essa ideia por algum motivo que ignoro. Era mais simples deixá-lo onde estava e cuidar de outras coisas.

— E ninguém subiu a bordo em sessenta anos? Como assim?

— Lacraram todas as entradas, menos duas delas, para evitar que os ladrões subissem a bordo e roubassem o cabeamento e outros materiais valiosos. Além do mais, evitava que a umidade se infiltrasse no interior e estragasse o mobiliário que restava. No início, faziam uma ronda periódica pelo interior uma vez por mês, mas pararam pouco depois.

— Por quê? — perguntou Kate. — Mais desaparecimentos?

— Não, nada tão fantasmagórico. — Collins riu alto. — O que aconteceu foi que os guardas sofriam enjoos e vômitos assim que entravam no navio. Alguns até adoeceram. Um comitê técnico determinou que certamente era por causa da condensação de gases tóxicos que emanavam das latrinas e decidiram lacrar o navio por completo.

Naquele momento, a porta se abriu, e um homem gordo de capa impermeável militar entrou. Resmungando, sacudiu a água que escorria pela capa impermeável e a tirou pela cabeça.

— Maldito tempo! Merda de clima, porra de chuva — resmungava embaixo de um denso bigode grisalho, sem reparar na presença de Kate. — Faltam dois anos para minha aposentadoria, e no dia seguinte vou para qualquer lugar onde não se veja uma maldita nuvem em semanas, juro. Estou até aqui... Oh!

— Senhorita Kilroy, este é o sargento-mor Lambert. — Collins se levantou enquanto o sargento barrigudo corava até a raiz dos cabelos ralos. — Normalmente costuma ser mais educado diante de uma senhora, mas parece que hoje não está num bom dia.

— Desculpe, não sabia que tínhamos visita — murmurou envergonhado. — Aqui no Ferr... no depósito não recebemos muitas visitas, pelo menos não até pouco tempo atrás.

— Não se preocupe comigo. — Kate sorriu, deslumbrante, e o sargento relaxou um pouco. — Imagino que é normal quando se passa tanto tempo neste lugar. Vocês são muitos na base?

— Os cinco guardas do perímetro, os dois assistentes do sargento Lambert e nós dois — respondeu Collins. — Mais que suficiente para administrar este lugar esquecido por Deus. A

senhorita Kilroy é jornalista, de Londres — explicou enquanto o sargento se servia uma xícara de café. — Eu estava lhe contando a história da Grande V agora mesmo.

— A Velha Safada — afirmou o sargento Lambert. — Fiquei feliz quando, há seis meses, tiraram essa coisa do dique seco e a levaram embora. Fazia quinze anos que queria tirá-la de vista.

— Quem a levou? — perguntou Kate sentindo que se aproximava de um dos cernes do assunto. — Por quê? Como?

— Os novos donos a levaram. Ano que vem, a Marinha Real Britânica vai dar baixa em metade da frota de submarinos da classe Trafalgar — respondeu o comandante Collins. — São uns monstros construídos nos anos 1980, cheios de asbesto e de tantos materiais tóxicos que os desmanchar vai ser um verdadeiro pesadelo. Alguém no Almirantado percebeu que precisariam de um lugar tranquilo e afastado para fazer o trabalho sujo, e pensaram em nossa base.

— Então, pela primeira vez em sessenta anos, nos mandaram abrir espaço — explicou o sargento Lambert. — Alguém em Londres decidiu que o dique seco ocupado pelo *Valkirie* e outros três velhos navios tinha que estar disponível, de modo que decidiram leiloar como sucata os barcos que o ocupavam.

— Ou seja, depois de sessenta anos desaparecido para o mundo todo, o *Valkirie* ressurgiu de novo, do nada. — Kate começou a entender o motivo pelo qual Robert achava que ali se escondia uma grande história.

— Exatamente. — Collins pegou o documento mais recente de todo o dossiê e o entregou a Kate. Seu branco brilhante contrastava com o tom amarelado do resto das folhas. Era evidente que não estava naquela pasta havia muito tempo. — Foi feito um anúncio público de leilão há seis meses no site do ministério, nos jornais e nos canais costumeiros. Acho que até foi anunciado em seu jornal.

— Vejo que houve três licitantes. — O olhar de Kate parou no primeiro nome. — Garrison & Sons...

— É uma empresa de desmanche que está no mercado há mais de trinta anos — esclareceu Collins. — Normalmente são os únicos que licitam quando leiloamos um desses velhos navios, porque estão

perto daqui e o transporte sai barato. Mas, desta vez, não ganharam o leilão. Os outros dois licitantes ofereceram quantidades disparatadas para ficar com o *Valkirie*.

— Entendo. — Kate leu os outros dois nomes. — Feldman Inc. É a empresa de Feldman, evidente, mas quem é este outro? — Indicou o nome do terceiro licitante. — Quem é Wolf und Klee?

— Acho que é uma companhia alemã ou algo assim, e, pelo visto, estavam decididos a ficar com o *Valkirie* a qualquer preço. Antes do leilão enviaram um grupo de técnicos para inspecionar o navio e tiraram um monte de fotos. Eram todos alemães e pareciam muito entusiasmados.

— É verdade — acrescentou o sargento. — Corriam feito galinhas sem cabeça em volta da Velha Safada, como se fosse algo maravilhoso, e não um monte de sucata amaldiçoada dos anos 1930.

— Mas, no final, Feldman ficou com ele — concluiu Kate. — Como conseguiu?

— Simplesmente deu o maior lance. — Os olhos de Collins cintilaram, travessos. — Devia desejar esse velho navio a todo custo, porque pagou um preço absurdo. Só conseguiu dobrar os alemães quando ofereceu 150 milhões de libras pelo *Valkirie*.

— Cento e cinquenta milhões? — Kate arregalou os olhos. — Isso é uma quantia enorme por um navio em mau estado!

— É uma quantidade enorme mesmo para um navio novo — disse Collins. — Contudo, o amigo Feldman pagou sem reclamar. Deve ter um cofrinho bem grande.

— Imagino — murmurou Kate.

“Não é estranho que Feldman esteja arruinado, gastando seu dinheiro desse jeito”, pensou ela.

— Vieram buscar o navio há uns cinco meses. — Collins fechou a pasta e afastou sua xícara de café, já vazia. — Feldman em pessoa e um grupo de uns cinquenta empregados com umas gruas flutuantes holandesas caríssimas. Eu apostaria meu pescoço que todos eram ex-militares ou especialistas em assuntos navais. Pareciam sujeitos durões e eficientes.

— Conseguiram tirar o *Valkirie* do dique em apenas trinta e seis horas — acrescentou o sargento. — E, se levamos em conta que não tinha sido movido em setenta anos, foi uma grande proeza.

— E sabem aonde o levaram? — perguntou Kate esperançosa.

— Não tenho nem a mais remota ideia — respondeu Collins. — Desde que saiu deste cais, deixou de ser problema meu. E juro: não quero tornar a ver esse navio nunca mais na vida.

— Eu também não — arrematou o sargento Lambert. — Mas, por outro lado, o pessoal de Feldman foi bastante brusco. Estavam com tanta pressa para tirar o navio do dique que praticamente expulsaram meus rapazes e eu dali. Em nossa própria base!

— E por que tanta pressa?

— Pareciam nervosos, como se temessem que alguém fosse tirá-lo de suas mãos a qualquer momento, o que é muito estranho. — Lambert tirou um fiapo imaginário da lapela de seu uniforme. — Quem estaria disposto a brigar por um velho navio com má fama?

— Talvez os outros licitantes? — perguntou Kate. — O pessoal da Wolf und Klee?

— Pode ser. — O comandante Collins deu de ombros. — Mas não importa mais. Ninguém aqui vai sentir saudades do *Valkirie*.

— Exceto o velho Carroll — comentou Lambert pensativo.

— Quem é esse Carroll?

— É um velho lunático que entrava na base com frequência — respondeu Collins lançando um olhar tingido de certa reprovação ao sargento. — Foi a maior ameaça para a segurança durante os últimos vinte anos, o que não diz muito de nosso sistema de vigilância, por outro lado.

— É um velho maluco! — resmungou o sargento Lambert levantando os braços. — Anda feito um rato dentro do recinto e sempre vai... ou melhor, ia até o *Valkirie*. Passava horas na ponte, dando voltas, murmurando coisas estranhas.

— Sabem onde posso encontrar esse homem? — perguntou Kate tomada por um instinto repentino.

— Mora perto daqui, a dez minutos — respondeu Collins com um brilho de interesse repentino nos olhos. — Como sabia que eu ia recomendar que falasse com ele?

— Não sabia. — Kate deu de ombros enquanto se levantava. — Acho que pode ser um bom entrevistado para o artigo que estou escrevendo, só isso.

Os dois homens se olharam durante um segundo, em silêncio.

— Está bem — disse Kate sorrindo. — Por que ia me recomendar que falasse com ele?

— Porque ele é interessante para sua história — replicou Collins enigmático. — O velho Carroll diz que foi o homem que encontrou o *Valkirie* no Atlântico.

VIII

MEIA HORA DEPOIS, um táxi deixava Kate em uma rua de casas baixas em um bairro proletário de Denborough. Já era noite fechada, e chovia a cântaros. Pela enésima vez se perguntou se aquilo era uma boa ideia. Estava cansada, queria ir para o hotel de uma vez e, contudo, ali estava, diante da casa de um velho que, era provável, estava completamente maluco.

Estremeceu com uma rajada de vento especialmente fria. Seu trem de volta saía muito cedo e, se não aproveitasse a oportunidade, talvez nunca mais pudesse falar com aquele velho. Com certeza tratava-se apenas de um velho senil que confundia o *Valkirie* com algum mercante obscuro no qual fora grumete cinquenta anos antes, mas tinha que tentar. Algo em seu estômago (as asas dos morcegos, dizia Robert) lhe dizia que aquela podia ser uma boa pista.

— Espere aqui, por favor — disse ao taxista, um árabe de pele oliva e barba cheia que olhava a rua com nervosismo.

— Este é bairro muito ruim, senhora. Muito ruim! — respondeu o homem com firmeza. — Drogas, putas, gente má! A senhora não devia estar aqui. Eu também não!

— Vão ser apenas dez minutos. Talvez menos — disse Kate tentando aparentar segurança e passando duas notas de cinquenta libras pela janelinha do condutor.

O taxista as aceitou grunhindo, mas relaxou um pouco. Kate não pôde deixar de observar que o homem tinha um porrete ao alcance da mão, embaixo do painel. Parecia realmente nervoso por estar ali parado.

Foi até a porta da casa onde tinham dito que morava o senhor Carroll. Notava-se que aquele lugar havia vivido tempos melhores. A tinta da fachada estava descascada, e parte do beiral do telhado havia desaparecido. Um lado inteiro da casa estava coberto por grafite, e uma das janelas do térreo tinha sido substituída por uma placa de compensado. Os degraus de acesso estavam cobertos de bitucas de cigarro e latas de cerveja vazias. Hesitando, tocou a campainha. Nada aconteceu. Depois de um tempo tentou de novo. Finalmente, com gesto tímido, bateu na porta duas vezes, sem muitas esperanças. Decepcionada, deu meia-volta e se virou para o táxi. Nesse momento, ouviu duas trancas serem abertas atrás de si. A porta se abriu um pouco, e surgiu o rosto desconfiado de um homem enrugado e encurvado que a examinava com olhos míopes.

— Você não pode trabalhar aqui! — resmungou o velho. — Procure outra esquina para mostrar as tetas, não em minha porta! Vá embora, ou chamo a polícia!

Kate ficou atônita durante um segundo, até que compreendeu que o homem a estava tomando por uma das prostitutas do bairro.

— Não é o que está pensando — disse enquanto procurava no bolso e pegava sua credencial de jornalista.

Ao levantar a vista, viu que o velho estava fechando a porta, assustado.

— Uma pistola! — gritava. — Ela tem uma pistola!

— É só uma carteira! — explicou Kate às pressas enquanto tentava mostrá-la pela fresta da porta, cada vez menor. — Sou jornalista! Só quero falar com o senhor!

— Jornalista? — resmungou o idoso irado. — Não quero falar com vocês! Estou denunciando esses drogados da rua Compton há anos e chamei dezenas de vezes os jornais, e para quê? Nunca me deram bola. Nunca!

— Não vim falar da rua Compton. — Kate quase sussurrou as palavras. Percebeu que o velho ruminava seu rancor como um maníaco. — Queria falar sobre o *Valkirie*.

A mudança que o velho sofreu foi tão surpreendente que Kate prendeu a respiração. O homem perdeu o olhar confuso e até se ergueu alguns centímetros. Por um instante Kate pôde ver o marinheiro de anos atrás.

— Espere um momento. — O homem fechou a porta, e Kate ouviu as correntes sendo retiradas, até que a abriu de novo. — Entre, por favor. Esta rua não é um lugar recomendável a esta hora.

Kate atravessou o batente e se viu no hall de uma casa modesta, mas extremamente limpa. O chão de madeira estava muito gasto, e o papel das paredes parecia desbotado, mas tudo mantinha uma ordem escrupulosa, e o lugar exalava um cheiro agradável. O contraste com o exterior era tão evidente que Kate não pôde reprimir uma expressão de espanto.

— Há alguns anos, este bairro era um bom lugar para se viver — murmurou o velho, que havia notado sua expressão. — Mas, há duas décadas, com a reconversão de Thatcher, a área começou a se tornar o que é hoje. No entanto, é meu lar, e com noventa e três anos já não tenho idade para começar de novo em outro lugar. Posso lhe oferecer alguma coisa?

Kate negou com a cabeça, educadamente, mas o velho a ignorou e foi até a cozinha, onde ela o ouviu colocar uma chaleira no fogo. Enquanto esperava, passou os olhos pelas paredes da pequena sala. No canto, em um pequeno televisor com o volume no mínimo, uma exuberante apresentadora com um vestido muito justo cumprimentava os membros do público e os convidava a fazer alguma bobagem. Em cima da mesa descansava um jornal dobrado na página das palavras cruzadas, ainda pela metade, junto a um lápis cuidadosamente apontado.

Seus olhos saltaram para as paredes. Estavam literalmente cobertas de fotos, quase todas em preto e branco. Em algumas aparecia uma versão mais jovem do senhor Carroll com uma mulher e duas crianças pequenas, mas a maioria das fotos era de Carroll em

diferentes navios. Kate foi andando devagar pela sala enquanto contemplava as imagens. Estavam penduradas em ordem cronológica, e era como fazer uma fascinante viagem no tempo. As primeiras fotos eram de um Carroll maduro, de uniforme de capitão, e à medida que ia avançando, uma versão cada vez mais jovem do marinheiro olhava para Kate com expressão séria ou desafiadora nas imagens cor de sépia.

Finalmente, Kate parou na última foto. Era tão antiga que a imagem tinha adquirido tons amarelados, e a borda da cartolina estava puída e rasgada, como se antes de estar pendurada naquela moldura tivesse sido guardada em muitos lugares.

Era a foto de um grupo de marinheiros na cobertura de um navio em mau estado. No centro, um capitão de aspecto imponente e barba branca olhava para o fotógrafo com severidade. Um grupo de oficiais o cercava, de forma que os demais marinheiros se espalhavam pelos lados. Kate demorou um pouco para reconhecer o senhor Carroll entre os marinheiros. Naquela foto, era um jovem de apenas vinte anos, com uma cara de malandro que, em vez de olhar para o fotógrafo, parecia estar mais atento a duas gaivotas pousadas no bordo que ficaram congeladas ali para toda a eternidade, junto com aquele grupo de homens. Na legenda da foto alguém havia escrito "*Pass of Ballaster, 1938*" com caligrafia trêmula.

— Foi meu primeiro navio. — A voz do senhor Carroll ecoou atrás de Kate, provocando-lhe um sobressalto.

O velho tinha voltado da cozinha com sua xícara de chá, silencioso como uma raposa.

— O *Pass of Ballaster*. Naqueles tempos, eu era um grumete de segunda, e todo mundo me chamava de Duff. Era um apelido idiota, mas eu era um moleque bastante idiota, de modo que suponho que fazia sentido.

— Esse homem parece saído de um manual sobre como deve ser um capitão — disse Kate apontando o homem de uniforme do centro da foto.

O velho assentiu.

— O capitão McBride era um bom homem, e aprendi muito com ele. Morreu em 1941, ou talvez 1942, quando os alemães bombardearam seu navio em Terranova. Na verdade, quase todos dessa foto morreram durante a guerra. — Tomou um gole de chá, suas mãos tremiam. — O *Valkirie* não queria sobreviventes e se encarregou de todos eles, tenho certeza disso. Só restei eu.

— Hoje estive na base naval, e me disseram que o senhor e o *Valkirie* têm uma história...

— Sim, imagino — interrompeu-a Carroll com amargura. — Encontrei essa maldita coisa em alto-mar. Quem dera nunca a tivesse encontrado.

— Por que diz isso?

— Porque esse navio está amaldiçoado — respondeu Carroll com frieza olhando-a nos olhos. — Devora a alma das pessoas e depois a cospe transformada em algo escuro. E isso o torna cada vez mais forte.

Fez-se um silêncio constrangedor na sala. Só se ouvia o gorgolejo da água de chuva descendo pelos canos. Com um gesto, Carroll gesticulou para que Kate se sentasse, e ela, quase hipnotizada, obedeceu. Tudo o que o velho dizia era uma completa loucura, mas sua voz soava firme e segura. Kate sentiu um calafrio percorrer suas costas. O velho tinha certeza de que dizia a verdade.

— O que vou contar aconteceu no final de agosto de 1939, pouco antes de explodir a guerra... — começou a recitar com voz monocórdia.

Soava de muito longe, como se de alguma maneira tivesse voltado àquele dia.

Kate anotava freneticamente (amaldiçoava a si mesma por não ter sido previdente e levado um gravador) enquanto o senhor Carroll (que naquela história ainda era o grumete Duff) narrava o encontro e a abordagem do *Valkirie*.

— Então, o oficial O'Leary quase trombou comigo na porta quando saía a toda velocidade. Levava o pobre Stepanek nos ombros como quem leva um saco de batatas. Stepanek parecia ter

envelhecido mil anos e parecia alienado. E O'Leary carregava aquele bebê...

— Um bebê? — Kate levantou a cabeça de repente e parou de anotar. — Que bebê?

— O bebê que encontramos na pista de dança, claro.

Duff (senhor Carroll, corrigiu-se Kate mentalmente) a olhava fixamente. De repente, sua voz subiu dois tons, ficando mais grave.

— Não sabia do bebê?

Kate negou com a cabeça. Havia revisado o dossiê que Robert deixara, e não havia absolutamente nada que fizesse referencia a um bebê. Todos os documentos falavam de um navio abandonado e nada mais. Aquilo era novidade.

— Tem certeza? — perguntou ela com cautela. — Não está se confundindo?

— Senhorita — Carroll levantou uma mão e começou a enumerar: — Fui bombardeado duas vezes, bati contra um recife, atravessei vários tufões e em duas ocasiões piratas malaios assaltaram meu navio. Mas eu garanto que só uma vez na vida encontrei um transatlântico à deriva com um bebê a bordo. Sim, tenho certeza.

— E o que aconteceu com esse bebê? — perguntou Kate.

— Não faço ideia. — Carroll deu de ombros. — Suponho que devem tê-lo entregado a um orfanato, ou a alguma instituição. No dia em que chegamos havia estourado a guerra, e poucas semanas depois a Europa se encheu de milhares de crianças órfãs. Era um bebê abandonado em um navio alemão, de modo que imagine o papelão...

— Posso imaginar — murmurou Kate. — E os outros dois homens que subiram com o senhor ao *Valkirie*, O'Leary e Stepanek? O que aconteceu com eles?

— O'Leary era um bom homem, muito bom. — A voz do velho soava fraca. Estava falando havia muito tempo e começava a ficar cansado. — Foi convocado e embarcou com a Marinha Real Britânica, mas o maldito *Valkirie* o havia afetado muito. Dizia que ouvia coisas e que via... — O velho não acabou a frase e

estremeceu. — Não sei o que passava por sua cabeça, mas algo dele ficou no navio, e algo do *Valkirie* foi com ele. Deu-se um tiro em Gibraltar seis semanas depois de chegarmos ao porto com o cruzeiro a reboque. Dizem que deixou seu camarote cheio de coisas escritas.

— Santo Deus! — sussurrou Kate. — Isso é terrível.

— Stepanek passou os sete anos seguintes no hospital psiquiátrico em Croydon, transformado em um pedaço de carne sem vontade.

Carroll continuava falando com a voz cada vez mais fraca. Sua respiração estava mais entrecortada que no início. Com um calafrio, Kate percebeu que o velho estava tremendo, à beira de um colapso.

— Se quiser, podemos parar — disse solícita segurando a xícara de chá de Carroll, que estava prestes a derramar. — Podemos continuar outro dia.

Carroll negou com a cabeça. Em seu olhar brilhava uma determinação feroz.

— Alguém precisa saber de tudo isso — arfou. — Escute, ainda há mais. O corpo de Stepanek estava no hospital psiquiátrico, mas sua mente, não. Ele comia, bebia e dormia, mas não fazia mais nada além de babar e olhar para o vazio. Fui vê-lo algumas vezes, e ele nem me reconheceu. Um dia, me ligaram e disseram que tinha pulado por uma janela.

— Pulou? Mas não disse que ele parecia um vegetal? Como pode ser? — Kate sentiu um calafrio antecipando a resposta.

— Foi em 15 de maio, mesmo dia em que levaram o *Valkirie* do porto de Liverpool ao dique seco, onde ficou os últimos sessenta e oito anos. — O olhar de Carroll era quase desesperado. Os nós de seus dedos estavam brancos enquanto se segurava com força na borda da mesa. — Será que não entende?

— Entendo o quê? — respondeu Kate com um fio de voz.

— O traslado distraiu essa coisa. Stepanek aproveitou que o *Valkirie* não estava prestando atenção e fugiu. De alguma maneira, conseguiu deixar o navio por tempo suficiente para fazer seu corpo pular pela maldita janela do hospital psiquiátrico.

Carroll colocou uma de suas mãos ossudas no braço de Kate. O calor que aquele homem irradiava não era normal. Estava ardendo.

— Isso é uma loucura, senhor Carroll — replicou Kate, mas notava a sombra de dúvida em sua própria voz. — Ninguém estava preso ao *Valkirie*.

— Oh, está enganada, senhorita Kilroy, está enganada!

Carroll sofreu um espasmo de tosse e dobrou o corpo. Assustada, Kate viu surgir um pouco de sangue pela linha dos lábios do velho. Ele limpou a boca com o dorso da mão e prosseguiu, mas seus pulmões pareciam o fole de uma forja.

— Aproxime-se... — pediu.

Kate, hipnotizada, inclinou-se para a frente.

O hálito de Carroll estava quente e seco quando o aproximou do ouvido dela.

— Continuam presos ali dentro. Dezenas de pessoas — sussurrou. — Eu me livrei porque não fiquei tempo suficiente para que me pegasse, mas alguma coisa esse maldito navio me fez, porque posso vê-las.

Kate gemeu e tentou se livrar da mão de Carroll. Aquele velho estava total e absolutamente transtornado.

— Oh, sim, posso vê-las e falar com elas. — Seus olhos ardiam de febre, e ele apertou com mais força o braço de Kate. — Estão ali dentro. São dezenas. E é um lugar pior que o inferno. Não se aproxime desse navio!

Kate se afastou com um gesto brusco, e o velho soltou seu braço. Então, tombou para trás em sua poltrona ofegando sem parar, quase à beira do colapso. A jovem aproveitou para se levantar e dar dois passos rumo à porta.

Sentia as pernas trêmulas enquanto recolhia suas anotações e murmurava apressadamente uma despedida atropelada. Queria sair dali o quanto antes. No momento em que ia pegar a maçaneta da porta, ouviu atrás de si a voz fraca do velho.

— O bebê — arfou. — O bebê era importante... O bebê judeu era importante.

Kate ficou paralisada e, por um instante, pensou que não havia escutado direito. Voltou-se e caminhou de novo até a sala.

— O bebê era judeu? Judeu? Por que diz isso?

— O bebê... Estava circun... circuncidado e... — a respiração do velho era como um assobio cheio de pedaços de pele morta — tinha uma estrela... de Davi... no pescoço. Estava enrolado em um negócio judeu desses... com que... se cobrem...

— Um *talit* — murmurou Kate.

Um bebê judeu a bordo de um navio nazista. Aquilo não fazia nenhum sentido. Salvo se fosse um clandestino, evidentemente.

O velho fez um gesto fraco com a mão. Já havia dito tudo que tinha a dizer e fechara os olhos, esgotado. Kate se aproximou e colocou uma almofada sob a cabeça do homem para que pudesse respirar melhor. O velho levantou a cabeça, agradecido, e apertou a mão de Kate.

— Tenha cuidado — disse com voz quase inaudível. — Há alguma coisa nesse navio... Uma... algo... Tenha cuidado. Por favor!

Kate assentiu para apaziguar o velho e saiu com cuidado da sala. Começou a ligar os pontos. Se o bebê era judeu, o dado dava um novo sentido à intervenção de Isaac Feldman em tudo aquilo. Feldman era judeu, tinha até nacionalidade israelense. E se Isaac Feldman estivesse, de alguma maneira, relacionado com aquele bebê? Poderia inclusive ser o bebê! Por que não? Pela idade, podia ser. Mas então...

Absorta em seus pensamentos, Kate desceu os degraus sem perceber que os faróis do carro que vinha por sua direita cresciam em intensidade enquanto o veículo se aproximava com o motor rugindo a toda velocidade.

— Cuidado! — O grito do motorista do táxi a tirou de seus devaneios um segundo antes de ser tarde demais.

Kate levantou a cabeça e viu a frente do carro, um SUV com vidros pretos, e se jogou feito um raio contra a porta da casinha do senhor Carroll. Quase sem saber o que fazia, a repórter deu um pulo para a direita, sobre uma pilha de papelão que algum mendigo havia deixado ali para passar a noite.

O retrovisor acertou seu braço esquerdo antes de bater na fachada da casa e se desintegrar em uma chuva de alumínio e vidros quebrados. O carro bateu na lateral na porta, arrancou a caixa de correspondência e arrastou as latas e os baldes empilhados na fachada. O som do metal raspando no cimento arrepiou seus pelos enquanto engatinhava enlouquecida pelo chão para evitar ser esmagada pelas rodas traseiras do veículo.

O condutor do SUV freou um instante, como se hesitasse em voltar. As luzes vermelhas de freio iluminaram o rosto de Kate, que, com o cabelo revirado e os joelhos ralados, arfava no chão, presa entre o carro e a parede. Se desse marcha a ré, ele a esmagaria como uma uva. Naquele momento, o taxista apareceu com o porrete em uma mão, gritando e correndo na direção deles. Na outra segurava um telefone.

Aquilo bastou para fazer o condutor misterioso se decidir, e, acelerando, arrancou de novo o pesado veículo e fugiu com rapidez. Antes de o taxista chegar até Kate, o SUV já havia dobrado uma esquina e desaparecido.

— Você está bem? — gritou o taxista, uma pilha de nervos. — Eu disse que era um bairro ruim! Bairro ruim!

Kate se levantou tremendo enquanto sua cabeça girava a toda velocidade.

Alguém tinha tentado assassiná-la. E não sabia por quê.

IX

MEIA HORA DEPOIS, Kate estava em seu hotel debaixo de um jato de água quente, cercada pelo vapor do chuveiro. Em seu braço esquerdo, um enorme hematoma que ia ganhando pouco a pouco uma desagradável cor amarelada lhe recordava que um pouco antes alguém havia tentado acabar com ela.

Quem poderia querer matá-la? Enquanto se secava com a grossa toalha de algodão e vestia o pijama, foi descartando possibilidades.

O único motivo que lhe ocorria tinha que estar relacionado com o *Valkirie*. E só havia uma pessoa interessada no assunto: Isaac Feldman.

Outra pessoa teria abandonado aquela história ali mesmo. De fato, Kate pensou nisso algumas vezes enquanto escovava os dentes e se preparava para ir para a cama. Mas a simples ideia de chegar de novo à redação do jornal com o rabo entre as pernas e uma história pela metade a fez descartar seus temores.

Além do mais, aquela era a história de Robert. Só de pensar nele, sentiu um peso de centenas de quilos em seu coração. Robert jamais havia se acovardado quando encontrava algo bom para contar. Ela não faria menos. Não só por ele, mas por si mesma. Se realmente quisesse ser alguém naquela profissão, não podia se deixar amedrontar.

Mas haviam tentado matá-la.

De repente, percebeu que nessa mesma noite quase acabara morta, atropelada.

Atropelada.

Como ele.

Aquilo a impactou com mais força do que o carro poderia ter feito. Suas pernas começaram a tremer e teve que se sentar na beira da cama enquanto continha uma torrente de histeria que subia por sua garganta. Suas comportas mentais cederam, e Kate começou a chorar de maneira incontrolável, inconsolável. Mesclavam-se em suas lágrimas a tensão vivida aquela tarde com a dor surda que aninhava em seu coração havia semanas e que não se dera ao luxo de liberar.

As lágrimas corriam como um rio por seu rosto enquanto em sua cabeça se misturavam as imagens dos faróis do SUV se jogando sobre ela e as luzes fluorescentes do necrotério aonde a haviam levado apenas um mês antes, em estado de choque, para reconhecer o corpo destruído de seu marido.

Ela podia ter acabado da mesma maneira naquela noite. Fria, morta. Acabada, em um pote de cinzas ao lado de Robert. Sentiu todo o medo dentro de si se transformando pouco a pouco em uma ira fria e implacável. Não ia ceder. Se alguém pretendia assustá-la, não ia conseguir. Se Feldman pretendia afastá-la do *Valkirie* por algum estranho motivo, não ia permitir. Um segundo depois, sentiu-se muito melhor.

Naquela noite dormiu surpreendentemente bem. Ao se levantar, colocou um vestido de tricô azul de mangas compridas, que cobria o hematoma do braço, e esperou pacientemente na recepção a chegada do táxi que a levaria a seu próximo destino.

Graças ao dossiê que Robert havia deixado, sabia que Feldman morava em uma mansão a quarenta minutos dali. Embora o magnata do jogo jamais concedesse entrevistas, Kate pretendia dar um jeito de falar com ele. Estava indo sem hora marcada e nenhum plano preconcebido, mas a pior coisa que podia acontecer seria ter que voltar sem nada. Além do mais, se não conseguisse falar com Feldman, talvez alguém de seu entorno lhe desse alguma pista sobre

o paradeiro atual do *Valkirie*. Desde que havia saído do depósito naval, não havia nem um único sinal do destino do navio. Era como se a terra o tivesse engolido.

Aliás, Kate tinha certeza de que não estava em nenhum desmanche. Ninguém pagaria aquela fortuna para transformar um navio em placas de aço e trapos de cozinha. A foto do pequeno exército de operários consertando, no próprio depósito naval, as principais avarias que o tempo havia feito no cruzeiro demonstrava que a intenção de Feldman era que aquele navio navegasse, para o que quer que fosse.

Mas também estava claro que os simples reparos de emergência que haviam feito não eram suficientes para devolver o *Valkirie* aos mares por si mesmo. O navio tinha que estar em algum porto ou estaleiro esperando Feldman decidir lançá-lo em alto-mar. E Kate estava decidida a descobrir onde.

Quando seu táxi chegou ao hotel, ela entrou no veículo cheia de adrenalina. Teria toda a história naquela mesma tarde, nem que tivesse que estrangular Feldman com as próprias mãos.

No entanto, seus planos começaram a se desviar muito cedo.

A residência de Feldman, Usher Manor, ficava na campina, mas, muito antes de chegar à porta da mansão, o táxi encontrou o caminho fechado por uma grade de ferro e um enorme muro de tijolos vermelhos que se perdia de vista dos dois lados.

— Não podemos prosseguir — murmurou Hussein, o taxista, o mesmo que no dia anterior a havia levado até a casa de Duff Carroll. Kate ficou apegada a ele desde que o homem praticamente lhe salvara a vida ao evitar que fosse atropelada. — Ou abrem a porta para nós, ou temos que dar meia-volta. Quer que eu toque a campainha, senhora?

Kate negou com a cabeça. Sabia que bater à porta principal não adiantaria nada. Precisava de uma alternativa.

— Esta é a entrada principal para Usher Manor — murmurou contemplando a grade pensativa —, mas aposto o que quiser que uma mansão tão grande deve ter mais de um acesso. Com certeza há uma entrada de serviço em algum lugar. Vamos procurar!

Hussein gemeu enquanto se perguntava por que diabos Alá havia posto em seu caminho aquela louca maldita. Em um gesto supersticioso, tocou a mão de Fátima que pendia do espelho retrovisor e contemplou com expressão implorante a linda jovem que estava sentada no banco de trás.

— Vamos, Hussein. — Kate deu-lhe um tapinha nas costas, jovialmente, enquanto exibia seu sorriso mais sedutor. — Não deve ser tão complicado. Vai dar tudo certo, você vai ver.

Como única resposta, o paquistanês ruminou algo em seu idioma e sacudiu a cabeça.

Rodaram durante dez minutos por uma estreita estrada local cercada de arbustos até chegar a uma bifurcação. Ali começava uma trilha de terra de aspecto lodoso que ia em direção à mansão.

Kate demorou um bom tempo de ardorosa persuasão para convencer Hussein de que se enfiasse seu táxi naquela trilha de terra não ficariam atolados. Cinco minutos e cem libras depois, iam sacolejando por um caminho esburacado que fazia ranger os amortecedores de forma sinistra a cada poucos metros.

No meio de uma colina, o táxi deu um basta. O veículo, mais adequado para o asfalto que para o campo, patinava o tempo todo na camada de lodo pegajoso que cobria o caminho paralelo à lateral do promontório. Hussein acelerava, e a única coisa que conseguia era fazer o carro patinar e jogar para cima bolas de barro ocre.

— Tudo bem — Kate meneou a cabeça —, vou seguir andando daqui. A casa não pode estar muito longe.

— Andando? — O paquistanês arregalou os olhos. — Não sei se esses sapatos são os mais adequados...

Kate olhou para seus pés e praguejou. O taxista tinha razão. Usava sapatos com salto de dez centímetros. Observou os sapatos de Hussein. O homem era baixo, e seus pés pareciam bastante pequenos. Um sorriso sinuoso surgiu no rosto dela.

— Não — murmurou o taxista com voz abafada. — De jeito nenhum!

Um pouco depois, Kate subia cautelosamente pela trilha com uns incongruentes tênis um número maior nos pés, enquanto um irritado

Hussein esperava descalço em seu táxi, cinquenta libras mais rico, mas muito nervoso.

Ao chegar ao topo da colina, Kate arfou, mas não de cansaço, e sim pela impressão que lhe causou. Usher Manor era uma mansão vitoriana impressionante (fazia Kate lembrar a de *Retorno a Howards End*), mas levemente diferente.

A área ajardinada e as fontes que deviam enfeitar a frente da casa pareciam abandonadas. O mato crescia entre as plantações, e as cascatas estavam secas. Os tanques estavam cheios de água putrefata, e pelas trilhas viam-se muitos arbustos. Dava a sensação de que ninguém transitava por ali fazia tempo.

Onde deviam estar, em outras épocas, os canteiros da entrada, havia brotado uma plêiade de antenas parabólicas de diversos tamanhos, orientadas em várias direções. Em uma lateral da casa, uma enorme torre de telecomunicações se erguia projetando sua sombra sobre uma das alas da mansão. Um grupo de pessoas andava feito formigas em volta de algo que parecia ser um caminhão gerador que estava ligado à casa.

Fez Kate recordar mais um quartel-general que uma residência de verão de um milionário, por mais problemas com a Receita Federal que ele pudesse ter.

Uma coisa chamou sua atenção à direita. Dois homens em um quadriciclo se aproximavam a toda velocidade, com cara de poucos amigos. De repente, Kate percebeu que estava no coração de uma propriedade privada, e não tinha nenhum direito de estar ali. Enfiou a mão na bolsa procurando às cegas sua credencial de jornalista enquanto os veículos se aproximavam cada vez mais. Por fim, pararam a seu lado, salpicando de barro seu vestido.

— Olá — disse ela com um sorriso nervoso. — Sou jornalista do *London...*

Nesse momento viu o escuro cano de um rifle apontado para ela e uns olhos frios atrás. E Kate se perguntou pela primeira vez se não teria levado seu atrevimento longe demais.

Colocaram-na na parte de trás de um dos quadriciclos com as mãos presas à costas com uma abraçadeira de plástico. Com um

rugido dos motores, arrancaram a toda velocidade de volta para Usher Manor. Kate tinha que fazer um grande esforço para não cair do veículo cada vez que pulavam sobre uma elevação da pista. Sentia as bordas da abraçadeira morderem a pele de seus punhos, e suas mãos formigavam por conta da falta de circulação. Aqueles dois sujeitos a haviam amarrado muito bem, e haviam ignorado todas as suas tentativas de entabular uma conversa. Pareciam ex-militares, e Kate suspeitava que um deles nem sequer falava inglês.

Quando chegaram a Usher Manor, atravessaram o acampamento externo, atraindo de imediato os olhares curiosos da maioria dos operários que andavam daqui para lá. Era evidente que as visitas não eram muito frequentes por ali.

Com um calafrio, Kate percebeu que só Hussein, o taxista, sabia onde ela estava. Perguntou-se se ele também estaria amarrado naquele momento. Não seria de estranhar, já que a segurança parecia férrea.

Os quadriciclos pararam ao lado de uma das portas secundárias da mansão. Um dos dois homens desceu com um salto e correu para dentro da casa enquanto o outro esperava do lado de fora, fumando um cigarro e lançando um olhar de soslaio a Kate de vez em quando.

Então, ela se deu conta de que, durante a acidentada viagem de quadriciclo, sua saia havia subido mais que o aconselhável, e naquele momento estava oferecendo a todos os funcionários uma bela vista de sua lingerie de renda preta. O guarda do cigarro estava quase vesgo.

Assustada, recompôs-se o melhor que pôde, ciente de que estava um trapo. Os tênis do taxista eram dois pedaços de feltro pendurados nos pés, seu cabelo estava coberto de barro, e seu vestido parecia saído de um leilão beneficente. Ainda assim, procurou endireitar-se e olhar com tranquilidade a seu redor, como se tudo aquilo não fosse nada mais que um trâmite rotineiro.

Nesse instante, a porta se abriu de novo, e apareceu o outro guarda e mais três homens. Dois deles pareciam fazer parte da mesma equipe de segurança, mas o terceiro era um velho de uns

setenta anos, de olhar decidido e aspecto autoritário. Era Isaac Feldman.

O primeiro guarda entregou a Feldman a bolsa de Kate e sua credencial de jornalista. Enquanto o velho checava o documento, o guarda esvaziava metodicamente a bolsa e revistava todos os pertences da repórter. Ao encontrar seu iPhone, jogou-o no chão e com a culatra de seu rifle despedaçou-o com três ou quatro pancadas.

Kate ia protestar, mas deixou que o grito morresse em sua garganta. Era só um telefone, e seus problemas eram muito piores. Feldman a olhava com uma expressão indecifrável no rosto. Horrorizada, recordou todas as histórias terríveis que havia lido sobre a reputação mafiosa daquele homem e percebeu que seu destino estava nas mãos daquele indivíduo.

— Estava na colina, olhando para a casa. — O guarda abriu a boca pela primeira vez. — Não tinha câmeras, nem nada parecido, pelo menos não encontramos. Tinha um comparsa, um muçulmano em um táxi, um pouco mais atrás. Estão trazendo-o para cá agora mesmo.

— Um muçulmano?

Os lábios de Feldman, que era judeu, se torceram levemente em um sorriso amargo. Kate percebeu que um maníaco por segurança como aquele homem não entenderia que Hussein estava ali apenas por acaso. Podia imaginar o que estava lhe passando pela cabeça.

— Não é o que parece... — ouviu a si mesma balbuciar. Todo seu aprumo parecia ter desaparecido diante do olhar de falcão de Feldman. — Sou jornalista do *London New Herald*. Queria falar com o senhor sobre o *Valkirie*. Acho que poderíamos...

— Levem-na para a cidade — Feldman murmurou naquele instante. — Ela e o comparsa. Entreguem-nos à polícia e denunciem-nos por invasão de propriedade privada e assédio. Reforcem a vigilância e descubram por onde entraram. Isto é inaceitável, Moore.

O homem chamado Moore empalideceu ao ouvir as palavras do chefe e apertou a mandíbula. Olhou para Kate com uma expressão

de ódio tão intensa que a jovem pensou que ia pegar fogo ali mesmo.

— Não se preocupe, senhor — murmurou entre dentes. — Não vai acontecer de novo.

Kate sentiu que garras a seguravam e a arrastavam até uma van estacionada perto dali. Feldman virou e, sem lhe dedicar sequer um olhar, voltou para dentro da casa.

— Espere! — gritou Kate. — Espere, tenho que falar com o senhor!

O velho, que não lhe deu a menor bola, já estava na porta. Ela tinha só uma última oportunidade.

— Eu sei sobre o bebê! — gritou tomada por uma repentina inspiração. — O bebê judeu do *Valkirie*!

Feldman parou de súbito. Os guardas da segurança já estavam colocando Kate na van, apesar dos pontapés que ela tentava lhes dar. O velho observou durante alguns segundos a cena e depois analisou de novo a credencial de jornalista de Kate, que ainda estava em sua mão.

— Soltem-na — disse.

Os guardas obedeceram de imediato, e Kate se soltou deles com fúria. Encarou Feldman e sustentou o olhar.

— Eu sei do bebê — repetiu. — Eu sei *tudo*. E quero falar com o senhor.

Feldman deu de ombros e, pela primeira vez, sorriu abertamente.

— Bem, senhorita Kilroy, já que quer falar de mim, vamos falar — disse enigmático, mas um matiz de ameaça vibrava oculto em sua voz. — E espero que a conversa seja interessante para mim. Para seu próprio bem.

X

O INTERIOR DE Usher Manor oferecia um contraste tão brutal com a imagem de acampamento do lado externo que Kate piscou algumas vezes, surpresa. Grossos tapetes persas cobriam o chão, e retratos e paisagens a óleo de inquestionável valor pendiam nas paredes. Kate quase poderia jurar que o quadro sobre a lareira era um Constable verdadeiro. Na parede do outro lado, a cabeça de um elefante dissecado observava com olhos enfurecidos enquanto Feldman e Kate se sentavam.

— Esta casa pertenceu à mesma família durante quatrocentos anos — disse Feldman, que havia notado a surpresa de Kate. — Após a Segunda Guerra Mundial foram à ruína, e a casa quase foi demolida. Eu a comprei há quinze anos, com tudo o que tem dentro. É linda, não é?

Kate percebeu que Feldman falava com o orgulho de um proprietário satisfeito. Observou o velho com atenção. Tinha uma pele surpreendentemente lisa para um homem que devia beirar os setenta anos. Seus olhos, de um azul intenso, observavam Kate quase sem pestanejar, com o olhar magnético que o havia tornado famoso no mundo do jogo. Se os rumores fossem verdadeiros, em uma ocasião havia visto trucidarem um rival diante dele sem piscar uma única vez. Era alto, de nariz aquilino e porte seguro. Em sua cabeça ainda havia uma densa mata de cabelo grisalho que caía com suavidade sobre as orelhas. Tudo nele transmitia autoridade. Era um

homem que havia se feito e saído do nada graças a seu esforço e persistência. E um ou outro cadáver nas sarjetas, Kate se obrigou a recordar. Isaac Feldman era um homem perigoso.

O magnata girava a credencial de jornalista de Kate entre os dedos longos, que terminavam em unhas de formato arredondado e estranho. Por fim Feldman a devolveu sem parar de olhar para ela e se recostou na cadeira.

— Como sabe do bebê? — Seu tom de voz ficou duro de repente. Esse era Feldman. Direto, seco e cortante.

— Onde está o *Valkirie*? — replicou Kate sem se acovardar. — O que quer fazer com ele?

— O *Valkirie* é meu agora — respondeu Feldman categórico. — Levei muitos anos para localizá-lo. Algum estúpido do Ministério da Defesa o registrou com um nome codificado, e passei décadas correndo atrás do meu próprio rabo tentando encontrá-lo. Durante um tempo cheguei a temer que o tivessem desmanchado. Mas agora já está comigo.

Feldman pronunciou a última frase com uma intensidade tão surpreendente que Kate teve um sobressalto.

— Por que esse velho navio é tão importante para o senhor, sr. Feldman? — ela perguntou com suavidade.

Sentia-se como se estivesse cutucando um leão adormecido.

— Não me lembro de nada do orfanato — respondeu Feldman. — Fiquei ali apenas por três meses. O ataque aéreo sobre Inglaterra ainda não havia começado, e a guerra na Europa não era mais que um eco distante, de modo que o número de órfãos era o normal de tempos de paz. — Um sorriso amargo surgiu em seu rosto. — Nenhuma relação com o que aconteceria apenas dois anos depois.

— O senhor era o bebê que encontraram na pista de dança do *Valkirie* — murmurou Kate confirmando suas suspeitas.

— Meus pais, os Feldman, eram boa gente. Ele bebia muito, mas trabalhava como um condenado na peleteria, e ela não podia ter filhos, o que quase a destruiu por completo. Quando me entregaram, foi uma bênção para eles. Não eram os primeiros da lista, mas eram os únicos que haviam assinalado “judaica” no campo

“religião” da solicitação de adoção. Assim, fui parar na casa deles. E ali cresci e me tornei o que sou.

— Como soube de sua origem?

— Quando meus pais me adotaram, receberam todos os meus objetos pessoais. — Feldman colocou a mão na gola da camisa e tirou uma pequena estrela de Davi de ouro. — Este pingente, um *talit* de boa qualidade e uma manta na qual alguém misericordioso havia me enrolado para que meu pequeno traseiro não congelasse naquela pista de dança. A manta tinha o logotipo da KDF e o nome do *Valkirie* bordado. A partir desse ponto, comecei a puxar o fio da trama, mas tudo dava em um beco sem saída.

— KDF? — interrompeu Kate. — O que é isso?

— São as iniciais da Kraft Durch Freude. Sabe o que significa?

Kate, que falava alemão bastante bem, assentiu.

— Força por meio da Alegria. O que não sei é a que se refere.

— Era a organização nazista encarregada de organizar as férias e o lazer dos leais trabalhadores do Reich. acredite ou não, nos anos 1930 chegou a ser a maior e mais importante agência de viagens do mundo. — Feldman abriu uma gaveta, pegou um livro antigo e o colocou sobre a mesa aberto em uma página onde se via uma bandeira com uma suástica cercada por uma roda dentada e uns raios solares. — Este era seu símbolo. Organizavam viagens, festas privadas e...

— Cruzeiros — Kate concluiu a frase. — Como o *Valkirie*.

— O *Valkirie* foi um dos primeiros navios que pertencia diretamente à organização. Foi construído em Hamburgo, mas quase todos os documentos relacionados a ele ou à KDF se perderam durante os bombardeios aliados sobre a Alemanha na Segunda Guerra Mundial. Não se sabe nada sobre esse transatlântico, exceto que o encontraram flutuando no oceano, sem rastro da tripulação nem dos passageiros. É um mistério.

— Um navio vazio. Então, é verdade — murmurou Kate.

— Vazio não — corrigiu Feldman, inclinando-se para a frente com um brilho feroz nos olhos. — Um navio nazista, com um bebê judeu

como único sobrevivente. E esse bebê era eu. Entende agora por que esse navio é tão importante para mim?

Kate assentiu enquanto olhava Feldman com outros olhos. O velho parecia possuído por uma espécie de febre. Então, percebeu que aquele homem passara toda a sua vida consumido pela dúvida e pelo terror sobre a verdadeira natureza de sua origem. Como se aquela aterradora mistura entre o judaísmo e uma organização nazista não fosse suficiente, havia o fato de que era o único sobrevivente do maior navio fantasma da história. Um navio fantasma cuja história apenas uma dúzia de pessoas no mundo conhecia.

— Bem, e agora que já lhe contei minha história, senhorita Kilroy, chegou o momento de me contar a sua. — O magnata a olhou com dureza. — Quem é você e o que sabe?

Kate respirou fundo e se perguntou rapidamente se devia confiar naquele homem. Percebeu que não tinha alternativa. Abriu a bolsa, pegou a pasta roxa com o dossiê do *Valkirie* e a entregou a Feldman. Enquanto o velho o lia, Kate foi lhe contando a entrevista que havia feito com os militares do depósito naval. No momento em que começou a contar sua conversa com Duff Carroll, Feldman levantou os olhos com uma expressão de surpresa no rosto.

— Um marinheiro do *Pass of Ballaster* vivo?

O tom de voz delatou sua ansiedade. Levantou-se como se fosse impulsionado por uma mola, e todos os documentos do dossiê, que estava apoiado sobre seus joelhos, se esparramaram pelo chão em uma tempestade de papéis.

— Onde? Quando?

— O senhor não sabia?

Então, foi Kate quem estranhou. De repente, recordou o comentário dos militares sobre a prepotência e os maus modos dos empregados de Feldman quando retiraram o *Valkirie* do depósito. Talvez não tivessem contado nada sobre o velho Carroll e sua obsessão com o navio. Começou a relatar sua conversa com Duff Carroll.

À medida que falava, o nervosismo de Feldman crescia. Dava grandes passos pelo salão, entre cabeças de animais dissecados, com uma expressão tensa no rosto.

— Preciso falar com esse homem! — exclamou. — Onde mora?

— Só conto se me deixar acompanhá-lo — replicou Kate aproveitando a oportunidade. — E anotar tudo para minha reportagem.

Feldman a observou durante alguns segundos, inescrutável. Em seguida, assentiu de maneira quase imperceptível.

— Muito bem, senhorita Kilroy... Kate. Você está dentro. — Começou a caminhar para a porta. — Vamos ver esse homem.

Dez minutos depois, uma caravana de cinco veículos abandonava Usher Manor. Kate e Feldman estavam sentados no banco de trás de um Audi SUV com vidros escuros, e na frente e atrás deles iam dois veículos, todos ocupados por guarda-costas muito parecidos com os que haviam detido Kate. Moore, o chefe de segurança de Feldman, ia no banco da frente e falava ao telefone com os outros veículos à medida que percorria a pista a toda velocidade.

No banco de trás, Kate e Feldman estavam em silêncio, cada um mergulhado em seus pensamentos. Kate se perguntava o que estaria passando pela cabeça do homem que se sentava a seu lado. Concentrado, Feldman segurava o pingente de ouro com as mãos em um gesto automático, enquanto os olhos pareciam perdidos em uma recordação muito profunda.

Kate tentou imaginar o que Robert teria feito nessa situação. Certamente estaria falando com Feldman, descontraído e tranquilo, fazendo evaporar magicamente aquela atmosfera de tensão. Robert e sua habilidade nata para que todo mundo a seu redor se sentisse à vontade e relaxado. Kate se amaldiçoou por não ter aquele dom. A única coisa que podia fazer era olhar pela janela enquanto os quilômetros passavam a toda velocidade.

Quando chegaram ao bairro de Denborough, ela sentiu a tensão dentro do veículo se elevar ainda mais. Dezenas de prostitutas e viciados em drogas vagabundeavam entre casas em ruínas e pilhas

de lixo. Todos olhavam com expressão vazia o comboio de veículos que passava e depois tornavam a mergulhar em sua vida cinza. O bairro, à luz do dia, parecia ainda mais sujo e degradado que à noite. Kate não pôde evitar um calafrio ao pensar na noite anterior, quando quase foi atropelada.

Olhou de novo para Feldman. A expressão de surpresa em seu rosto quando lhe falara de Carroll havia sido sincera, disso tinha certeza. Feldman jamais tinha ouvido falar do marinheiro nem de sua casinha naquele subúrbio.

Então, se não tinha sido ele quem mandou aquele motorista tentar atropelá-la, quem foi? Sua cabeça zunia enquanto os seus miolos queimavam.

A caravana parou em frente à pequena casa de Carroll. Na fachada ainda se podia ver o feio raspão que o retrovisor do SUV havia deixado na noite anterior. Kate e Feldman desceram do Audi e subiram os dois degraus que davam acesso à casa quando o chefe de segurança de Feldman se interpôs entre eles com uma expressão tensa no rosto.

— Um momento — disse em voz baixa. — Alguma coisa está errada.

Kate não entendia o que estava acontecendo, até que notou que a porta da casa de Carroll estava entreaberta. A borda de madeira da porta estava estilhaçada, e o batente parecia arreventado em um canto.

Em um segundo meia dúzia de homens da equipe de segurança cercaram Feldman e Kate por completo. Estavam armados e apontavam as pistolas em todas as direções. Dois viciados e umas putas de uma esquina próxima sentiram de repente a necessidade de estar em qualquer lugar, menos ali. Em um instante, a rua toda ficou vazia como em um passe de mágica.

— Esperem aqui um instante — Moore ordenou muito sério.

Três dos homens de Feldman entraram na casa com cautela, com as armas preparadas, enquanto eles esperavam do lado de fora, consumidos pela impaciência. Depois de dois minutos, um deles

reapareceu na porta com uma expressão estranha no rosto e um tanto pálido. Apoiou-se em uma parede e vomitou um jato de bile.

— Limpo — murmurou enxugando a boca com o dorso da mão.
— Não há ninguém lá dentro. Mas vou avisar que aquilo é uma carnificina.

Kate sentiu as pernas tremerem. Feldman, frio e implacável, fez jus à sua fama e nem sequer pestanejou.

— Não precisa vir, se não quiser — disse a Kate segurando seu braço com surpreendente delicadeza.

Kate negou com a cabeça e respirou fundo.

— Vou entrar — disse ela, desejando que sua voz tivesse saído um pouco mais firme.

O saguão estava tal como ela o recordava da noite anterior, mas a partir desse ponto parecia que um tornado tinha atravessado o corredor. A primeira coisa que a atingiu antes de entrar na salinha foi o cheiro. Era meio adocicado e pegajoso, com alguns toques ocres de fundo. E também havia cheiro de cabelo queimado. Kate estremeceu.

Quando entrou na sala, segurou o braço de Feldman para não cair. Parecia que um açougueiro psicopata tinha decidido decorar aquelas paredes com restos humanos. Em cima da mesa jazia o cadáver do senhor Carroll, ou o que um dia havia sido o senhor Carroll. Suas mãos estavam amarradas com arame aos pés da mesa, e todos os seus dedos pareciam estar ou quebrados ou amputados e espalhados pelo chão. Horrorizada, Kate percebeu que em quase todos faltavam as unhas. O corpo estava aberto de alto a baixo, e alguém havia tirado as vísceras e colocado cuidadosamente de lado, em montinhos ordenados, como se fosse um aplicado médico legista fazendo seu trabalho. Nas paredes, o sangue que havia saído das artérias de Carroll desenhava estranhos arabescos vermelhos. Mas o mais impactante de tudo era que a cabeça de Carroll não parecia estar em nenhum lugar.

— Mas quem... como? — balbuciou Kate.

— Quem pode ter feito isso? — completou Feldman, sombrio. — Alguém disposto a tudo por uma resposta.

Um dos homens de Feldman tirou de baixo da mesa um bisturi e um maçarico. Era um maçarico barato, dos que podem ser comprados em qualquer Leroy Merlin. Pelo aspecto, certamente pertencia ao próprio senhor Carroll. E, pelo cheiro que dominava o ar, era evidente que tinham sido usados de maneira muito diferente do que seu dono havia previsto.

Kate desviou o olhar para a parede, enojada. De repente, percebeu que alguma coisa não fazia sentido. As fotos de uma vida inteira no mar continuavam ali penduradas, algumas delas salpicadas de sangue, mas havia um espaço vazio.

Onde devia estar a foto do *Pass of Ballaster*, só se via um pedaço de papel amarelado pintado. Alguém a havia levado. Provavelmente a mesma pessoa que havia levado a cabeça de Duff Carroll.

— Isto é monstruoso — murmurou Kate. — Ele era um homem encantador e inofensivo.

— Escolheu um bairro ruim para viver — comentou Moore, o único, além de Feldman, que não parecia afetado pela carnificina.

— Isto não é obra de um viciado em crack — respondeu Kate sem hesitar.

Apontou para um canto onde a televisão continuava ligada. Em vez de uma apresentadora peituda, naquele momento passava um filme. Ao lado do aparelho ainda estava a carteira do senhor Carroll, aberta, e da borda assomavam duas notas de dez libras.

— Concordo com a senhorita Kilroy — murmurou Feldman com um olhar gélido. Estava pensando alguma coisa, isso era evidente, mas era impossível saber o quê. — Isto é obra de um profissional. E com coragem suficiente para cortar uma cabeça.

— Também está faltando uma foto — apontou Kate, tentando não pisar em uma poça de sangue que havia no chão. Tinha vontade de vomitar, mas não daria a Feldman e seus homens o prazer de vê-la desabar. — A foto na qual o senhor Carroll aparecia no *Pass of Ballaster*, o navio que encontrou o *Valkirie*.

— Não é a única coisa que falta — murmurou Moore com um timbre estranho na voz.

Todos viraram a cabeça, intrigados, olhando para o chefe de segurança, que naquele momento estava ao lado do cadáver.

— Falta o coração — disse, apontando para a pilha de vísceras.
— Alguém o levou.

XI

MOORE OS TIROU dali praticamente aos empurrões antes que a polícia chegasse. Kate tentou protestar, mas um olhar de Feldman a fez se calar imediatamente.

— Há um corpo despedaçado em cima da mesa da sala, faltam partes do corpo e revistaram a casa toda meticulosamente — listou Feldman enquanto entravam no Audi. — Não quero passar uma tarde inteira em uma delegacia dando explicações sobre o que estamos fazendo aqui.

Kate abriu a boca para responder, e então se deu conta de que estivera naquela casa no dia anterior e que provavelmente suas impressões digitais estariam espalhadas por todo lado. De repente, compreendeu que havia se metido em uma confusão muito grande.

— Eu estive aqui ontem — meneou a cabeça enquanto levava a mão para a maçaneta do carro. — A polícia vai querer falar comigo. Devíamos ficar.

— Não acho que seja uma boa ideia — murmurou Feldman, irônico, enquanto o Audi arrancava. — As coisas vão ficar muito quentes por aqui daqui a pouco.

Kate olhou-o sem compreender, até que notou o leve movimento de cabeça do velho. Girou o pescoço e olhou pelo vidro traseiro do carro. Um grito de espanto involuntário saiu de sua garganta. Pelas janelas e pela porta da casa saíam línguas de fogo e uma densa fumaça começava a cobrir aquele trecho da rua.

— Puseram fogo na casa! — gritou incrédula.

Feldman assentiu em silêncio enquanto o comboio de veículos saía a toda velocidade rumo à autoestrada. Ao longe se ouvia o uivo distante de uma sirene, mas não se dirigia ao incêndio. Denborough não era um bairro prioritário. Quando os bombeiros chegassem, certamente o fogo já teria consumido a casa até os alicerces.

— Por que fizeram isso? — perguntou Kate, que ainda não entendia muito bem o que havia acontecido.

— Para evitar possíveis problemas para nós — respondeu Isaac Feldman. — Ao entrar ali deixamos pegadas, cabelos e só Deus sabe o que mais. Meia dúzia de viciados nos viu entrar, e embora a palavra deles não valha merda nenhuma, poderiam levar a polícia até nós caso encontrassem alguma evidência física. As placas dos carros são clonadas, de modo que isso não será um problema, mas não quero que nada nos relacione com uma investigação criminal. Não agora, que estamos tão perto de...

O magnata se interrompeu, como se tivesse falado demais.

— Tão perto de quê? — perguntou Kate com um nó no estômago.

De repente, toda a fama sinistra de Feldman adquiriu uma nova intensidade, e Kate se deu conta do perigo que corria.

— De nada que lhe interesse, senhorita Kilroy — grunhiu Feldman repentinamente grosseiro. — De nada que lhe interesse.

— Ou seja, essa casa e esse corpo eram uma ponta solta que você precisava consertar.

Feldman assentiu, circunspecto.

Fez-se um longo silêncio entre os dois enquanto a caravana pegava de novo a autoestrada. Quando Kate tornou a abrir a boca, soube que Feldman já havia adivinhado o que ia dizer. Uma bola de gelo se formou em seu estômago.

— Eu sou outra ponta solta — murmurou.

Estava aterrorizada, mas procurou não demonstrar e olhou diretamente para os gelados olhos de falcão do judeu.

Feldman a observou primeiro com expressão impenetrável e pouco a pouco com respeito. Por fim, disse que sim.

— É verdade — limitou-se a dizer. — Você é uma ponta solta, Kate.

Kate. Não senhorita Kilroy, e sim Kate. Percebeu uma açoitada de gelo congelar seu rosto.

— E isso nos deixa onde?

— Em uma situação complicada para os dois — murmurou Feldman. — Você é um elemento estranho na minha equação, Kate. Não sei o que fazer com você.

Kate se encolheu no banco. Olhou pela janela e descartou de imediato a possibilidade de pular do carro em movimento. Estavam a uma velocidade excessiva, acima do limite, ziguezagueando entre o trânsito pesado típico daquele horário. Um homem como Feldman não tinha medo de multas por excesso de velocidade.

Feldman olhou para ela, e um vislumbre de compreensão atravessou seu rosto. Então, soltou uma estrondosa gargalhada.

— Acha que vou matá-la ou algo do gênero? — riu. — Ora, o que acha que sou?

— O senhor é Isaac Feldman — respondeu Kate com a voz estrangulada, sentindo o gelo de seu estômago se derreter um pouco, só o suficiente para deixá-la respirar. — Um mafioso do jogo. Dizem que gosta de ver seus inimigos serem esquartejados. Um sujeito com um exército particular à sua disposição. Um homem que acaba de incendiar a cena de um crime sem pestanejar.

Feldman riu com mais vontade ainda.

— Algumas dessas coisas são verdade, outras nem tanto. — Sorriu sem esclarecer a quais se referia. — Mas pode ter certeza de que não vou lhe fazer mal.

Kate pensou que, quando Feldman se permitia sorrir, seu rosto era harmonioso e tranquilizador. O gelo de seu estômago se derreteu um pouco mais, ficou um pouco mais tranquila.

— Então...

— Então, estamos em uma situação complexa. Você sabe muitas coisas sobre o *Valkirie*, o que não é muito bom neste momento. — Apontou com um gesto vago para a janela, referindo-se à casa de Duff Carroll. — E sabe muitas coisas sobre mim. Além do mais, é cúmplice da destruição da cena de um crime.

Kate abriu a boca para protestar a insinuação do magnata de que poderia implicá-la em um delito, mas Feldman levantou uma mão para fazê-la se calar antes de prosseguir.

— Por outro lado, é uma mulher inteligente, que sabe fazer as perguntas adequadas e parece esperta. Quer escrever uma história sobre o misterioso navio fantasma que volta à vida depois de setenta anos.

Quando disse as palavras “navio fantasma”, Feldman tentou pronunciá-las com um ar descontraído, mas seus olhos refletiam outra coisa. Kate notou, intrigada, mas não o interrompeu.

— E não podemos esquecer que é a última pessoa que falou com o único sobrevivente do *Pass of Ballaster*. Tudo isso a torna muito valiosa.

— E quero subir a bordo de seu navio, senhor Feldman. Quero contar essa história.

— Não poderá escrevê-la enquanto a viagem não tiver terminado. E vai me deixar revisar o texto antes de publicá-lo.

Kate preferia morrer antes de permitir que Feldman censurasse sua reportagem, mas assentiu. Daria um jeito quando chegasse a hora.

— Então, senhor Feldman — Kate esticou sua mão e pela primeira vez naquele dia horrível começou a sentir que as coisas davam certo —, temos um acordo?

Feldman olhou-a e estendeu também a mão.

— Temos um acordo — disse. — Bem-vinda à tripulação do *Valkirie*.

XII

Hamburgo, Alemanha
Cais 74b, zona de carga

A ÁGUA DO RIO ELBA tinha uma cor cinza escura naquela manhã e parecia esconder uma infinidade de segredos enquanto batia fraca nas estacas do cais 74b. No ar frio da madrugada uma dupla de gaivotas soltava gritos de fúria brigando por um resto de lixo que a corrente arrastava mansamente rio abaixo, rumo à desembocadura no mar do Norte, a mais de cem quilômetros.

Na beira do cais, Kate fechou um pouco mais o zíper da jaqueta e levantou a gola para fazer o fraco sol daquela hora aquecer seu rosto. A seu redor, pouco a pouco, todo o porto de Hamburgo se espreguiçava, pronto para começar um novo dia.

O cais 74b ficava no coração do porto, perto da cidade. Fazia parte da zona mais antiga de todo o complexo portuário, nas proximidades de uma fila de armazéns baixos de aspecto desolado. Nenhum deles tinha mais de cinquenta anos, pois os bombardeios aliados haviam arrasado todo o porto durante a Segunda Guerra Mundial. Ainda assim, davam a sensação de estar ali mesmo antes de o rio começar a fluir por seu leito. De suas janelas escuras pareciam olhar para Kate e as duas dúzias de pessoas que corriam pelo cais com uma mistura de ameaça e tédio.

Ali perto, a algumas centenas de metros, estavam atracados vários enormes navios porta-contêineres de aspecto insignificante provenientes dos cantos mais impensáveis do mundo. Gruas de carga subiam e desciam as enormes caixas metálicas coloridas, como se fossem crianças brincando com o jogo de montar mais caro e aparatoso do mundo. O ruído de motores e golpes metálicos era ensurdecedor, mesmo a essa distância, embora os únicos ocupantes do cais 74b fossem eles. Em meio à crescente atividade do porto, eram como uma poça de escuridão destoante.

Ao longe, a mais de um quilômetro, entre a bruma da manhã, distinguia-se a parte superior do *Oasis of the Seas*, um enorme transatlântico com capacidade para mais de seis mil passageiros. Sua silhueta branca se confundia com a de outros três ou quatro cruzeiros quase tão grandes quanto os que estavam amarrados no moderno e elegante terminal de passageiros do porto de Hamburgo.

“E nós não estamos nesse terminal”, disse Kate a si mesma enquanto soprava em seus dedos para tentar aquecê-los. “Estamos neste maldito cais perdido esperando Feldman chegar.”

Apesar de ser agosto, fazia muito frio naquele lugar. A distância, pensou nos cafés e nos restaurantes do terminal de passageiros. Com certeza naquele momento estariam servindo os primeiros cafés da manhã. Seu estômago grunhiu em sinal de protesto.

Ignorou-o por completo. O navio que estava amarrado à sua direita monopolizava toda a sua atenção. Flutuando, silencioso, como se acabasse de sair de um sonho. Ou de um pesadelo.

O *Valkirie*.

Kate havia chegado a Hamburgo apenas vinte e quatro horas antes, no avião particular de Feldman, completamente sozinha. A despedida do velho judeu havia sido bem rocambolesca. Em vez de voltar a Usher Manor, Feldman havia insistido em levá-la diretamente a seu hotel em Liverpool. Quando chegaram, esperaram pacientemente que Kate subisse a seu quarto, tomasse banho e trocasse de roupa para depois deixá-la na estação de trem. A jovem quase morreu de vergonha quando a caravana de veículos

estacionou bem na porta em meio a um espetáculo de barulhos de freio e homens de terno cercando o perímetro.

— Amanhã uma pessoa de minha confiança irá buscá-la em seu apartamento — disse Feldman da janela do Audi. — Essa pessoa a levará até Hamburgo. O *Valkirie* e o resto da equipe estão ali.

— Hamburgo? Na Alemanha?

Feldman confirmou.

— E o senhor? Estará lá?

Feldman sorriu com uma expressão astuta. Kate recordou que o velho estava sendo investigado pela Receita Federal e que um juiz havia confiscado seu passaporte. Supostamente, não podia sair do país. No entanto, aquilo não parecia preocupá-lo.

— Lá estarei, senhorita Kilroy, mas terei que ir por minha conta. Não se preocupe, nos vemos em Hamburgo.

E depois de acenar, a caravana de veículos arrancou de novo, e Kate ficou sozinha no meio da calçada, perplexa e um pouco assustada.

E tinha sido tudo. No mundo de Feldman as coisas eram assim.

Algumas horas depois Kate estava em casa. Com uma mão segurava o telefone enquanto falava com a diretora de seu jornal, e com a outra arrumava uma mala a toda velocidade. Pela primeira vez em semanas não se sentia presa em um túmulo entre aquelas quatro paredes. Kate tinha consciência, em um nível muito profundo, de que a história do *Valkirie* a encantara porque lhe permitia fugir do buraco negro em que ela mesma havia se enfiado. Mas havia algo mais. Havia algum elemento perturbador em todo aquele assunto que a atraía de uma maneira inexplicável. E estava decidida a descobrir do que se tratava.

Quando estava decidindo que roupa colocar na mala, seu olhar parou no console da lareira. Ali estava a urna de cerâmica preta com as cinzas de Robert. Durante muitos dias havia evitado passar diante daquela lareira para não precisar ver a dolorosa evidência de seu vazio. Seguindo um impulso, Kate pegou a urna.

Era a primeira vez em muito tempo que conseguia olhar para ela sem começar a chorar, mas, ainda assim, a chibatada lancinante em

seu coração foi inevitável. Fechou os olhos. Imaginou o perfume morno de sua carne, o toque de suas costas e a força vibrante de seu corpo quando a abraçava. Sacudiu a cabeça, afugentando as recordações. Robert tinha partido para sempre. Atropelado por um motorista bêbado que fugiu. Caminhando pela margem escura da lagoa Estígia para sempre.

Levada por um impulso, colocou a urna com as cinzas na sua mala. Não sabia muito bem por que, mas, de repente, era insuportável a ideia de se afastar delas. Se Kate embarcasse no *Valkirie*, aquela maldita urna viajaria com ela.

Aquela noite sonhou com Robert. Seu marido estava em um navio vazio e carregava um fardo, um fardo que gemia e do qual saíam dois bracinhos rechonchudos. Ela os perseguia gritando seu nome, mas Robert a ignorava. Corria pelos corredores apressado por uma urgência infinita. Quando por fim chegavam à pista de dança, ele depositava o bebê com um cuidado extremo no meio do salão. E então, ao se voltar para Kate, ela se dava conta de que aquele não era Robert, e sim alguém muito parecido com ele. Alguém malvado, escuro e faminto que havia preparado uma armadilha. Então acordou, encharcada de suor e gritando.

Na manhã seguinte, ainda um pouco pálida, estava vestida e sentada na beira da cama quando foram buscá-la. Um veículo preto com vidros escuros estacionou na porta de sua casa e a levou diretamente ao aeroporto de Heathrow. Dali, o avião particular de Feldman se dirigiu a Hamburgo, onde aterrissaram bem quando o sol nascia.

Outro veículo preto similar (Kate se perguntou se Feldman tinha uma maldita frota de dezenas de veículos idênticos à sua disposição espalhados pelo mundo, ou se era só uma coincidência) a levou até o porto de Hamburgo. A surpresa de Kate quando passaram reto pelo terminal de cruzeiros transformou-se em inquietação quando mergulharam em uma selva de gruas, caminhões rebocadores e enormes navios na parte mais industrial do porto. Finalmente,

chegaram a uma parte afastada com guardas de segurança no acesso. Era o cais 74b.

Os guardas da porta não deixaram o veículo nem o motorista passar. A partir daquele ponto as medidas de segurança eram até mais férreas que na residência de Feldman. Só ela pôde entrar, e depois de checarem exaustivamente sua identidade. Teve que cobrir o último trecho andando, arrastando sua mala pelos paralelepípedos do cais. Kate amaldiçoou a paranoia de Feldman e seu desmedido afã por sigilo e segurança. Sem querer, bateu o tornozelo na borda de uma estaca de ferro fundido e soltou um palavrão muito pouco apropriado para uma garota como ela. Inclinou-se com raiva para esfregar a área machucada e, quando levantou a cabeça, viu-o pela primeira vez.

Deixou escapar uma exclamação de espanto. Seus olhos se abriram, incrédulos, diante do espetáculo que se abria à sua frente.

O *Valkirie* era de novo um navio impressionante. A equipe de soldadores, funileiros, mecânicos, marceneiros e pintores que trabalharam no navio durante as últimas semanas haviam feito um trabalho soberbo. Dava a sensação de que tinham acabado de construí-lo poucos dias antes, apesar de ter mais de setenta anos.

Era um navio lindo e longilíneo. Kate calculou que devia ter mais de cento e cinquenta metros de comprimento. A metade inferior do casco estava pintada de preto, ao estilo dos anos 1930, e só a superestrutura era completamente branca. As duas altas chaminés estavam pintadas de vermelho e tinham um círculo branco no centro. Chamou a atenção de Kate aquela estranha combinação, até que percebeu que, em sua decoração original, dentro dos círculos brancos deveriam estar duas enormes suásticas, que agora não estavam mais.

Os botes pendurados nas laterais eram de um modelo que Kate só tinha visto em fotografias e filmes antigos. De madeira, com dois bancos corridos e uma lona impermeável que cobria a parte superior. Do cais não era possível distinguir o que havia no passeio lateral, mas poderia apostar que o chão era de madeira, e as redes, de

vime. O navio parecia saído de uma máquina do tempo, exceto pela ausência das suásticas na chaminé.

Uma passarela subia por uma lateral até o *Valkirie*. Dois homens armados faziam guarda junto à parte inferior, enquanto um grupo de empregados de Feldman subia caixas de madeira, garrações e um monte de suprimentos para o navio. Das chaminés começava a sair uma coluna de vapor que se misturava com a poluição do ar. O *Valkirie* parecia estar em tensão, prestes a romper as amarras e se lançar em mar aberto.

“Parece que está viva”, pensou Kate. Imediatamente se perguntou por que havia pensado isso.

E por que havia se referido ao navio como *ela*.

Sentiu um calafrio que não tinha nada a ver com a temperatura e se perguntou se não seria melhor deixar tudo para lá. Voltar para casa, continuar com as matérias de sociedade do *London New Herald* e esquecer tudo aquilo. Sair à noite, embebedar-se e conhecer gente. Sair com um homem, ou com muitos. Viver.

Mas o *Valkirie* a chamava. Kate ardia de desejo de subir de uma vez a bordo daquele navio e começar a desembaraçar a teia de mistério que o envolvia. De acabar a história que Robert havia começado. E, ao fazer isso, esperava encontrar de uma vez a paz que faltava em sua vida e poder seguir em frente.

— É impressionante, não é?

A voz ecoou atrás dela e a sobressaltou.

Kate se virou. Uma mulher jovem, de pouco mais de trinta anos, a observava com atenção. Era alta e esbelta, quase atlética, e tinha um inegável ar eslavo. Seu cabelo louro estava preso em um rabo de cavalo e ela usava uma calça cheia de bolsos justa nos quadris. A seu lado, uma esteira de marinheiro apoiada no chão.

— Senka Simovic.

Estendeu a mão para Kate, sem sorrir, e a observou atentamente com seus intensos olhos verdes. Tinha um sotaque cantado difícil de identificar. De algum dos países que haviam surgido do caos iugoslavo, sem dúvida.

— Sou Kate Kilroy — respondeu estendendo a mão ao mesmo tempo.

Ficou surpresa com a força com que a mulher apertou sua mão.

— Você deve ser a jornalista — murmurou Senka sem acrescentar nada mais.

Kate esperou para ver se a eslava se animava a dizer algo mais, mas ao ver que ficou calada, calou-se também.

Uma van de entrega de um açougue entrou nesse momento no cais. Chacoalhou pelos paralelepípedos e parou a poucos metros de onde estavam as duas mulheres. Kate não teve tempo de se perguntar como aquele entregador havia conseguido atravessar o férreo controle de segurança do cais, porque logo a porta lateral do compartimento de carga se abriu, e Isaac Feldman pulou para fora.

— Bom-dia, senhoritas — cumprimentou com cordialidade, como se descer da parte de trás de uma van de entrega fosse a coisa mais normal do mundo. — Vejo que já se conheceram. Olá, Senka, é um prazer vê-la por aqui.

A loura esboçou um sorriso. Parecia que o simples gesto de curvar os lábios para cima representava um enorme esforço para ela, mas sua atitude para com Feldman era claramente amistosa.

— Está tudo pronto, senhor Feldman — disse. — A equipe científica já embarcou, e a tripulação também. Só faltamos nós e os membros da segurança.

— Perfeito — respondeu Feldman satisfeito.

Ao ver a expressão confusa de Kate, pegou-a pelo braço com delicadeza e começou a caminhar para a passarela.

— Como pode ver, tive que pegar um caminho meio torto para chegar até aqui. Não se preocupe, Kate. Assim que estiver instalada a bordo prometo explicar com detalhes sobre a equipe científica... e o resto.

Enquanto caminhavam, Kate pôde sentir o olhar de Senka cravado em suas costas. E não gostou da sensação que lhe causava.

Chegaram à base da escada. Feldman parou e virou para Kate com um olhar sério no rosto.

— Bem, esta é a última chance — disse.

A emoção fazia a voz do magnata tremer. O efeito era tão surpreendente que Kate hesitou. O velho Feldman estava emocionado. E nervoso.

— Se subir por esta escada, não haverá volta. E se eu tiver razão, você cobrirá a notícia mais impressionante da história. Mas não posso lhe oferecer garantias, nem mesmo sobre sua própria segurança. Não sei se é um trato justo, mas é tudo o que posso oferecer. De modo que... o que me diz?

Como única resposta, Kate sorriu e segurou a mala com força. Sem olhar para trás nem uma única vez, deu um passo e subiu a passarela.

Rumo ao *Valkirie*.

VALKIRIE

XIII

SE A PARTE EXTERNA do navio havia surpreendido Kate, o interior a deixou literalmente sem palavras. Parecia o cenário de um filme, só que era real.

Não era a primeira vez que embarcava em um transatlântico. Na viagem de lua de mel, Robert e ela haviam feito um cruzeiro pelo Mediterrâneo, de Veneza a Istambul. Ele gostou tanto que se apaixonou por cruzeiros, com esse contagioso entusiasmo quase infantil que os norte-americanos sentem quando algo os fascina. De fato, Kate se perguntou se seu interesse pela história do *Valkirie* não teria começado aí.

O navio deles naquela viagem era um gêmeo do malgrado *Costa Concordia*, um desses enormes transatlânticos modernos que parecem um cruzamento entre um hotel, um parque aquático e um cassino de Las Vegas. Kate havia aproveitado a viagem e todas as luxuosas comodidades que estavam à disposição dos passageiros. Robert havia esbanjado e reservado uma das suítes do cruzeiro, e na memória de Kate a recordação daqueles dias era mágica e dourada, mas tinha que reconhecer que todo o esplendor dos cruzeiros modernos tinha um ponto artificial e irreal. Como o cenário de uma peça teatral. Papel pedra e ouro falso atravessando as ondas.

No entanto, o interior do *Valkirie* não parecia em nada com nenhum cruzeiro que Kate houvesse visto. Tudo, absolutamente tudo, era uma recriação idêntica do interior do navio quando foi

inaugurado, nos anos 1930. O estilo *art déco* impregnava até o último canto, e os móveis pareciam cópias fidedignas dos da época. Isso é o que Kate pensava, até que, ao passar ao lado de uma mesa de terraço situada no passeio lateral do navio, verificou com surpresa que não eram reproduções.

Feldman viu o que ela estava olhando e adivinhou seus pensamentos.

— Oitenta por cento dos móveis e da decoração a bordo são compostos por peças originais — disse. — Muitas provêm do próprio *Valkirie*. Quando internaram o navio para transformá-lo em um transporte de guerra, retiraram todos os móveis e levaram para um armazém na Escócia. Eu os localizei e comprei quase todos há mais de vinte anos. Meus peritos estão colocando tudo no lugar, seguindo as poucas fotos originais que sobreviveram à guerra.

Kate assentiu, impressionada. O projeto do *Valkirie* devia ter custado a Feldman uma enorme fortuna, considerando a quantidade de gente envolvida e todas as ramificações que tinha. Observou uma luminária aparafusada sobre uma das mesas do terraço. Não era perita em antiguidades, mas tinha certeza de que só aquela pequena peça devia valer vários milhares de euros. E havia centenas de peças como aquela distribuídas por todo o *Valkirie*. Era impressionante.

— Assim que se instalar em sua cabine, na hora combinada gostaria que fosse ao salão principal conhecer o resto da equipe — disse Feldman. — Nesta viagem a tripulação é bastante reduzida, porque quase não há passageiros. De fato, vai descobrir que teremos muito poucos companheiros de viagem, mas muito interessantes — concluiu com um meio sorriso.

Naquele momento, Kate notou que Moore, chefe de segurança de Feldman, embarcava no *Valkirie* com uma dúzia de seus homens. Transportavam umas pesadas caixas de madeira, e mesmo àquela distância Kate pôde adivinhar que se tratava de munição e de rifles de assalto. Parou e apontou para os homens.

— Isso é necessário? — perguntou.

— Segurança nunca é demais, Kate — respondeu Feldman incitando-a a continuar andando. — Não espero problemas, mas

seria idiotice não estar preparado.

“Problemas? Preparado para... quê?” As perguntas se aglomeravam em sua cabeça, mas, por ora, Kate preferiu ser prudente.

Chegaram a uma das escotilhas e entraram por um corredor largo e suavemente iluminado. O chão estava coberto por um tapete cor de sangue, e se ouvia música de fundo. Tiveram que se afastar duas vezes para dar passagem ao pessoal de Feldman, que estava acabando de carregar as bagagens e fazia os últimos retoques no cruzeiro antes da partida. Em alguns lugares ainda se sentia cheiro de pintura fresca e serragem. O chão vibrou um pouco. Em algum lugar, nas entranhas do *Valkirie*, os enormes motores a diesel haviam ganhado vida. O navio estava se espreguiçando, pronto para partir.

— Este é o acesso ao setor da primeira classe — explicou Feldman colocando-se de lado para deixar passar dois marinheiros que carregavam caixas de vinho. — Por ora, os setores da segunda e terceira classes ainda não estão restaurados, de modo que temos que embarcar a mercadoria por aqui, em vez de pelas escotilhas de carga originais, que ainda estão lacradas. É um incômodo que em 1939 não tiveram que enfrentar, mas durará só um pouco.

— Achei que havia restaurado o navio todo — disse Kate tentando tirar umas fotos da sala de fumantes, ao lado da que acabavam de passar.

— Farei isso — respondeu Feldman categórico. — Mas não houve tempo de fato para aprontar antes da partida. Não se quiséssemos respeitar a data prevista.

Kate assentiu, embora não entendesse do que Feldman estava falando. Imaginava que na reunião que havia convocado explicariam tudo com detalhes. Enquanto isso, continuou tirando fotos.

Desembocaram em uma ampla sala oval que a deixou sem fôlego. Acima de sua cabeça pendia um gigantesco lustre de cristal que emitia um milhão de cintilações ofuscantes. Uma escada de madeira e mármore que Kate reconheceu pelo relato que Duff Carroll havia feito abria-se diante deles. Os degraus traziam gravados a sigla KDF e o nome do navio. As águias que

arrematavam o corrimão, com as asas estendidas, seguravam uma coroa de louros com as garras, mas o vão interno estava vazio, sem suásticas. Também não estavam as bandeiras nazistas que um dia haviam ocupado o patamar principal da escada. Em seu lugar alguém havia posto um vaso enorme com umas palmeiras que ofereciam um estranho contraponto.

— Destruíram a escada quando internaram o navio. O mármore e a madeira eram de muito boa qualidade, mas era uma escada muito nacional-socialista. — Feldman riu com gosto. — Fizemos uma reconstrução perfeita graças às fotos que sobreviveram no arquivo do estaleiro, mas eliminamos as suásticas. Não há nenhuma em todo o navio.

— Achei que era uma reconstrução fidedigna.

— E é — respondeu Feldman muito seguro de si. — Quase todo o navio está igual a quando o encontraram em alto-mar, há setenta anos. De fato, praticamente tudo que há nele é original. Só tivemos que reconstruir as partes que o tempo havia danificado mais, como a escada. E, ao fazer isso, suprimimos as suásticas.

— Entendo — murmurou Kate.

— Não fizemos isso só porque toda a iconografia nazista está proibida na Alemanha hoje em dia e estamos em Hamburgo — respondeu Feldman muito sério. — Sou judeu, e em meu navio não haverá uma única suástica, por mais que...

E se interrompeu de repente, como se estivesse falando demais. Kate ia perguntar a que se referia quando uma mulher madura, de uns cinquenta anos, com um uniforme de governanta de corte clássico, os abordou. Usava o cabelo preso em um coque e fitava o grupo com seus olhos montados em um nariz aquilino.

— Achei que não iam chegar nunca — reclamou. — Todos esses cientistas não fazem mais que se queixar desde que chegaram a bordo. Que a cabine é muito escura, que tem muita luz, que é muito quente, que é muito fria... Parecem ter nascido para reclamar, Isaac!

Isaac? Um sorriso aflorou nos lábios de Kate. Aquela mulher era a primeira pessoa que não parecia temer em absoluto o todo-

poderoso Isaac Feldman. De fato, o magnata parecia até meio intimidado em sua presença.

— A senhora Miller é governanta do senhor Feldman há trinta anos — sussurrou Senka atrás de Kate.

Sua boca estava muito colada ao ouvido dela. Sentiu seu hálito quente deslizando por seu pescoço, muito perto de sua pele, e de repente ficou um pouco constrangida.

— É a única pessoa que se atreve a chamá-lo pelo nome. Inclusive, já discutiram aos gritos.

— São amantes? — perguntou Kate tomada pela curiosidade.

— Dizem que foram, há anos — respondeu Senka com um ronronar. — Mas não creio que sejam agora. No entanto, ele a respeita.

— Kate. — Feldman se voltou para elas com a expressão de um homem que foge de um bando de leões e de repente vê uma árvore onde subir. — A senhora Miller a levará à sua cabine. Senka irá buscá-la para acompanhá-la até o salão Gneisenau ao meio-dia em ponto. A reunião de apresentação será ali. E, por favor, peço-lhe encarecidamente que, enquanto isso, não saia de sua cabine. Algumas partes do navio estão sem restauro e são perigosas. É para sua segurança.

— Devo pedir a Moore que me empreste um de seus rifles? — perguntou Kate com um lampejo de mau humor brilhando no olhar. — Para minha segurança, o senhor sabe.

— Não se aborreça, Kate. Assim que estivermos em alto-mar, poderá andar livremente pelo *Valkirie*, se desejar. Mas as partes perigosas ainda estão lacradas, e eu não gostaria que você sofresse um acidente antes de partir.

Kate voltou a ter a estranha sensação de que Feldman estava mentindo para ela, mas não disse nada. Não era o momento de criar um confronto com ele, no meio do vestibulo, com aquela governanta e a estranha Senka olhando-os fixamente.

— Muito bem, senhor Feldman. Até o meio-dia, então.

Seguiu a senhora Miller por outro corredor até um elevador que parecia saído de um museu. Tiveram que abrir uma grade externa

para poder entrar na cabine. O interior era forrado de veludo e tinha um banco corrido junto à parede do fundo, onde um passageiro muito cansado podia apoiar o traseiro durante o trajeto de elevador.

— É uma preciosidade — disse a senhora Miller com ar amistoso —, mas é mais lento que um caracol. Dentro deste elevador dá tempo de envelhecer, sendo que só percorre os três andares da primeira classe.

— Na segunda e terceira classes também há elevadores? — perguntou Kate.

— Não tenho certeza. — A senhora Miller deu de ombros. — Eu não estive ali. Só poucas pessoas estiveram, e os operários estão lacrando os acessos até que esteja tudo em condições. Mas, pelo que ouvi, na terceira classe não havia elevadores. E acho que o dos andares da segunda classe não funciona. Faz mais de setenta anos que ninguém o usa.

Finalmente, o elevador parou com uma sacudida, e as duas abriram a porta. Um corredor parecido com o de cima, mas com o carpete azul e as siglas KDF estampadas, abria-se diante de seus olhos. Havia um total de vinte portas ao longo das paredes.

— A primeira classe era muito pequena neste navio — explicou a governanta enquanto caminhavam. — Três andares com quarenta e cinco cabines e oito suítes no total. Porém, são bastante espaçosas. — Parou diante de uma porta, o número vinte e três brilhava em uma placa de cobre dourado. — Seu quarto é este.

Abriu a porta. Kate controlou uma exclamação de espanto. O quarto parecia saído de um filme em preto e branco. Tinha uma ampla cama de casal coberta com uma colcha de desenho antigo, e as paredes estavam forradas de madeira de teca incrustada. Luminárias de estilo *art déco* enfeitavam os criados-mudos. O chão estava coberto por um tapete persa de boa qualidade, e duas vigias permitiam a entrada de muita luz. O mobiliário se completava com um sofá de braços volumosos, uma mesa auxiliar com papel e material de escritório e um armário de mogno que devia valer uma fortuna.

— É muito bonita — disse Kate, notando que não havia televisão nem telefones.

Nada que recordasse o século xxi. E havia só uma tomada de aspecto antediluviano. Perguntou-se se a voltagem seria a correta para ligar seu notebook sem que explodisse.

— Ainda não viu o melhor — disse a senhora Miller com um sorriso.

Abriu uma porta lateral, e surgiu o banheiro. Kate cobriu a boca com a mão, incrédula. Na parede mais próxima havia uma enorme pia com torneiras de latão adornado situada embaixo de um espelho. Ao fundo, abria-se uma espécie de nicho onde se incrustava uma gigantesca banheira quadrada forrada de mosaicos feitos com milhares de pequenas pastilhas coloridas, como o resto das paredes. O conjunto recordava as termas romanas.

— Aproveite sua estadia, senhorita Kilroy.

A senhora Miller despediu-se com um sorriso e saiu da cabine.

Kate ficou sozinha e se deixou cair sobre a cama. Enquanto tirava os sapatos com um chute, olhou em volta. O *Valkirie* era lindo. Um pedaço de história flutuando no mar. Ali, sob a luz do sol, enquanto ouvia as vozes dos operários no cais, todas as histórias terríveis sobre desaparecimentos misteriosos lhe pareceram totalmente estúpidas. A navalha de Ockham, repetiu para si mesma. Um raio de luz entrava por uma das vigias, e nele umas partículas de pó traçavam estranhas figuras dançarinas. Esgotada, fechou os olhos e, em um instante, estava dormindo.

Uma leve vibração a fez se sentar. Sua câmera fotográfica, no criado-mudo, tilintava contra a superfície de mármore. Intrigada, levantou-se. Todo o chão do camarote tremia. Por um instante sentiu algo parecido com pânico, mas então recordou que estava a bordo de um navio. Foi até a vigia e viu que o cais estava se afastando lentamente enquanto uma dupla de operários recolhia as grossas estacas que haviam mantido o *Valkirie* preso ao ancoradouro.

O navio estava zarpando. A passarela se levantou e em questão de segundos não restou absolutamente nada que mantivesse o

cruzeiro unido à terra.

O *Valkirie* voltava a navegar, uma vez mais.

XIV

A PACIÊNCIA DE KATE durou vinte minutos. Depois de andar um pouco dentro do camarote como uma leoa enjaulada, decidiu sair para dar uma volta. Aquilo significava desobedecer a uma ordem expressa de Feldman, mas pensou que o risco valia a pena. Se encontrasse alguém, diria que precisava tirar fotos da partida do *Valkirie* para a reportagem, o que não deixava de ser verdade. Mas, além do mais, queria andar um pouco sozinha pelo navio para poder ter uma ideia de onde diabos estava.

Abriu a porta com muito cuidado e olhou o corredor. Não havia ninguém à vista. Por um momento temeu que Feldman houvesse colocado um guarda ali, “por segurança”, mas, sem dúvida, todo mundo estava muito ocupado com a partida do transatlântico. Fechou a porta tentando não fazer muito barulho e caminhou pelo corredor na direção que ela pensava que estava a proa.

A maior parte dos corredores estava deserta, mas, ao virar uma esquina, quase deu de cara com dois guardas de segurança de Moore. Por um momento sentiu pânico, especialmente depois de recordar a última vez que aqueles sujeitos a haviam flagrado xeretando, mas passaram a seu lado conversando entre si e só lançaram um breve olhar. Um até fez uma leve saudação com a cabeça, como se fossem velhos amigos.

Assim que se foram, Kate percebeu que estava prendendo a respiração. Então, viu de onde aqueles dois homens haviam saído.

Havia uma ampla embocadura que dava para uma escada que mergulhava nas entranhas do *Valkirie*. A escada parecia velha e desgastada em comparação com o resto do navio. O verniz havia desaparecido por completo, e alguns degraus estavam roídos nas bordas. Os restauradores ainda não haviam cuidado daquilo.

Quatro ou cinco degraus mais abaixo, alguém havia soldado umas pesadas folhas de aço em forma de porta que fechavam por completo a passagem. As feias costuras pretas das soldas sobressaíam da parede como um tumor rugoso, contrastando com o calor do corredor forrado de madeira. Os guardas tinham colocado um adesivo vermelho com grandes letras pretas.

PERIGO
ÁREA EM RESTAURAÇÃO
NÃO ENTRE. RISCO DE QUEDA MORTAL

Kate imaginou que aquela escada devia conduzir aos setores não restaurados das segunda e terceira classes. Hesitante, desceu a escada até a porta. Os degraus rangeram levemente quando se apoiou neles. A jovem notou que aquela escada de madeira tinha mais de meio século nas costas, e que em todos aqueles anos ninguém havia cuidado de sua manutenção. Aproximou-se das folhas de aço e apoiou a mão em uma delas.

Uma rajada de ar frio entrou por uma junta mal-selada e Kate estremeceu. Aquela corrente provinha de algum lugar lá embaixo, e cheirava mal. Era um cheiro estranho, uma mistura de pó, água parada e alguma coisa apodrecendo. Além do mais, por baixo daquele fedor havia um matiz metálico e pesado que Kate não conseguiu identificar. Empurrou suavemente as folhas e notou que cediam um pouco. O soldador havia feito um trabalho bastante apressado e estavam presas apenas por quatro pontos. Voltou a empurrar a porta, fascinada, tentando descobrir o que havia do outro lado do vão que se abriu com a inclinação da folha de metal.
Kate...

Uma voz de mulher ecoou atrás dela, sobressaltando-a. Como uma menina pega fazendo uma travessura, deu um pulo e se virou, balbuciando uma desculpa atropelada.

Não havia ninguém.

Pegou o corredor. Estava deserto em ambas as direções. Correu até a esquina que os guardas de segurança haviam dobrado, mas também não havia ninguém. Confusa, voltou até a escada. Examinou o teto para ver se havia algum sistema de vigilância que tivesse alto-falantes ou algo similar, mas a única coisa que pendia do teto eram as lâmpadas em apliques de bronze com o nome *Valkirie* gravado na base.

Escutou de novo com atenção. Só se ouvia sua respiração agitada, o suave zumbido das lâmpadas do corredor e, de fundo, o rumor surdo e distante dos motores.

Mas tinha certeza de que alguém havia pronunciado seu nome. E não havia gostado do tom.

Parecia violento. Sujo.

Decidiu que precisava de ar fresco o quanto antes. Com um último olhar ao redor, afastou-se do vão da escada, assustada.

Depois de quatro minutos dando voltas pelos corredores, Kate desembocou em uma escotilha que dava acesso à área de passeio da proa. Cheirava a mar, a fumaça e a algas. A rajada de vento fresco que acertou seu rosto quando saiu lhe pareceu a mais maravilhosa que já havia sentido.

Ao longe, a uns cinquenta metros, podia ver a silhueta de um rebocador que arrastava lentamente o *Valkirie* em direção ao mar aberto. Dali podia ler o nome da lancha, *Vintumperio* e, inclusive, distinguir os marinheiros de uniforme vermelho que zanzavam pela cobertura. O capitão, um sujeito corpulento, de cavanhaque, tomava café sob o toldo do rebocador com um policial portuário alto de cabelo grisalho. Ambos olhavam para o *Valkirie* e comentavam alguma coisa entre si. De repente, Kate teve a urgente necessidade de estar ali, entre aqueles homens confiantes, e não a bordo do *Valkirie*, com suas vozes estranhas e sua história misteriosa.

Mas já era tarde demais. O mar do Norte já estava à vista, na distância, e o rebocador se despediu do *Valkirie* com duas poderosas apitadas. Em seguida, foi se afastando, e por fim ficaram sozinhos.

Kate apoiou os cotovelos na balaustrada e respirou fundo. A manhã era luminosa e ali fora não parecia que nada de ruim pudesse acontecer.

“Que diabos”, pensou. “Você está em um maldito cruzeiro de luxo dos anos 1930, Kate. Vai escrever uma baita reportagem, e, enquanto isso, poderia tentar beber todo o champanhe que puder e tomar sol. Poderia até tentar parar de pensar em Robert o tempo todo e retomar sua vida de uma vez...”

— Kate.

Uma voz de mulher surgiu a suas costas, e a jovem se sentiu empalidecer. Virou-se como um raio, certa de que de novo não haveria ninguém, mas dessa vez era Senka, que a olhava com uma expressão de surpresa no rosto.

— Não quis assustá-la — disse.

— Não é isso. É que...

Corou e se calou. Não queria parecer uma maluca mal tendo saído do porto.

— Não é conveniente desobedecer a uma ordem direta do senhor Feldman. — Senka a olhava muito fixamente, com um brilho inquietante no fundo dos olhos. — Ele pediu que não saísse da sua cabine.

— Não me pareceu uma ordem — replicou Kate levantando a câmera. — Pareceu mais uma sugestão. E eu preciso tirar fotos para a reportagem.

— Tome ao pé da letra todas as sugestões do senhor Feldman — respondeu Senka muito séria. — Este navio pode enganar. É ardiloso.

— A que se refere?

Os pelos da nuca de Kate se arrepiaram.

— Ah, a nada em especial! — Senka deu de ombros. — A tudo. Durante as semanas que passamos restaurando o *Valkirie* eu estive

a bordo, e aconteceram coisas. Coisas difíceis de explicar. E houve acidentes. Você acredita em fantasmas, Kate?

A jornalista não deixou escapar a mudança de tom na voz da mulher, mas não se alterou.

— Não, na verdade, não — respondeu com o coração sangrando de dor, com Robert uma vez mais em sua mente. — Sei que, quando alguém morre, vai embora para sempre.

— Muito bem — replicou Senka com seu estranho sorriso. — Aquilo em que não acredita não pode lhe fazer mal, não é? — Olhou para o horizonte e respirou fundo, como se estivesse organizando suas ideias. — Enfim, é melhor voltar à sua cabine. Eu a acompanharei. E, desta vez, procure não sair até a hora programada.

— Espero que valha a pena — respondeu Kate com amargura.

— Oh, certamente valerá a pena. — Senka semicerrou os olhos. — O que você vai ouvir nessa reunião vai ser inacreditável.

XV

ERA MEIO-DIA em ponto quando Kate entrou no salão Gneisenau acompanhada de Senka. Uma vez mais ficou maravilhada. Aquela sala parecia uma recriação de um *palazzo* italiano do Renascimento. Altas colunas revestidas de mármore travertino se elevavam até o teto, a cinco metros de altura, onde um enorme afresco representava uma antiga batalha teutônica. Duas gigantescas valquírias seguravam um guerreiro moribundo enquanto, em outro afresco, a apenas alguns metros, dois cavaleiros duelavam a espada furiosamente.

Entre as janelas que davam para o lado de fora, que simulavam janelas venezianas, erguiam-se esculturas clássicas sobre pedestais muito elaborados. Mas se via o chão de madeira e pedra, coberto por inúmeros tapetes gigantes e exageradamente grossos. Ao pisar neles, Kate pensou que poderia derrubar uma moeda e ser incapaz de encontrá-la depois.

O mobiliário era composto por uma multidão de sofás de aspecto luxuoso e algumas poltronas distribuídas aqui e ali, como que por acaso. Uma grande mesa de madeira com pés enormes ocupava o centro da sala. Na parede do fundo um enorme relógio marcava as horas, impassível, sobre um piano preto de cauda.

No meio da sala, sentados em volta da mesa, estavam os demais passageiros. Kate se surpreendeu ao ver como eram poucos. Havia apenas umas quinze ou vinte pessoas, quase todos homens. Alguns

se levantaram quando viram as duas chegar. Os outros nem notaram, muito absortos em uma conversa que parecia acalorada.

Kate olhou em volta. Notou que Feldman estava na cabeceira da mesa, Moore encontrava-se a sua esquerda e restava um lugar livre a seu lado direito. Senka a ajudou a se sentar e, ao fazer isso, deixou as mãos nos ombros de Kate um segundo a mais do que o politicamente correto. Depois, caminhou rebolando até o lugar livre ao lado de Feldman e se sentou, atraindo os olhares da maioria dos homens.

Já estavam todos ali. Feldman pigarreou, e fez-se silêncio na sala. Kate ficou alerta e ligou discretamente o gravador.

— Senhoras, senhores — começou Feldman educadamente, mas com a voz vibrante de emoção —, permitam-me que lhes dê as boas-vindas ao *Valkirie*. Antes de fazer as apresentações e entrar no assunto, quero agradecer de coração por terem aceitado participar desta viagem.

Várias cabeças assentiram em volta da mesa em sinal de reconhecimento.

— Vamos falar primeiro de nosso navio. O *Valkirie* foi construído nos estaleiros Blohm und Voss de Hamburgo, em 1938. Como devem imaginar, restam poucos navios desse período flutuando pelo mundo. De fato, este é o último sobrevivente da época dourada dos transatlânticos dos anos 1930. Todos os seus rivais daqueles tempos afundaram, acabaram desmanchados ou destruídos durante a guerra. Só o *Valkirie* chegou até aqui, pelos motivos que todos vocês já conhecem. — Inclinou a cabeça para um homem sentado em uma das laterais da mesa. — Senhor Corbett...

O homem mencionado pigarreou e se endireitou um pouco.

— Meu nome é William Corbett. Sou engenheiro chefe e... ahã... responsável pela recuperação do *Valkirie*, assim como, em geral, pela revisão do navio. — Remexeu alguns papéis, nervoso. — Na verdade, não foi um trabalho muito difícil. Esperávamos que estivesse em um estado muito pior, mas o tempo transcorrido no dique seco parece ter preservado o navio extraordinariamente bem. O casco não apresenta problemas de degradação em nenhum ponto.

Não localizamos fissuras, nem rachaduras que devessem ser reparadas.

— É incrível — murmurou um homem de aspecto asiático que estava no final da mesa.

— Só foi necessário dar-lhe uma nova camada de tinta.

Corbett levantou os óculos, que haviam deslizado pelo nariz. Isso fez Kate recordar um mecânico explicando ao dono de um carro por que a conta ficou tão cara, apesar de não ter feito praticamente nada.

— De resto — prosseguiu o engenheiro —, após sessenta anos coberto por lonas e fora da água, o navio estava em perfeito estado. Dá a sensação de que jamais esteve no mar, até agora.

— Foi muito difícil consertar o motor? — perguntou Kate.

Todas as cabeças se voltaram para ela de repente. A jovem sentiu o sangue se concentrar em seu rosto.

— Olá... é... eu sou Kate Kilroy — gaguejou. — Estou documentando a viagem e... bem...

Viu Feldman sorrir para ela e se acalmou um pouco.

“Faça seu maldito trabalho, Kate”, pensou.

— Os relatórios de 1939 diziam que foi impossível fazer funcionar os motores do navio. — Tirou de sua pasta roxa uma cópia do informe do depósito militar e leu: — “Ambos os motores apresentam algum tipo de mau funcionamento que foi impossível identificar, tanto no sistema de arranque como no de combustão. São absolutamente inoperáveis, e este departamento técnico desconhece se existe algum tipo de solução ou de possível reparação. Recomendamos seu desmanche imediato.” — Levantou os olhos e encarou diretamente o engenheiro. — Foi muito complicado consertar os motores?

Corbett olhou para os lados, meio desconcertado, e finalmente respondeu:

— Não foi necessário consertar os motores, senhorita Kilroy — disse visivelmente perplexo. — Ambos ligaram imediatamente quando carregamos todo o combustível. Não estavam avariados. De fato, estavam em perfeito estado.

Um murmúrio apressado percorreu toda a mesa. Duas pessoas assentiram vigorosamente enquanto outros meneavam a cabeça, negando.

— O estado geral do navio é muito bom, tendo em conta sua idade — continuou Corbett. — Os acessos foram lacrados depois da guerra e praticamente ninguém entrou nele durante os últimos sessenta anos. Não houve infiltrações ou umidade significativas, especialmente na primeira classe, e a temperatura interna parece ter se mantido constante, mais ou menos a dezessete graus. É como uma enorme cápsula do tempo. Apenas as partes inferiores parecem um pouco mais maltratadas.

— Isso é maravilhoso — aplaudiu Feldman. — Como vai a restauração?

— Todo o setor de primeira classe, a área das máquinas, a ponte e os serviços essenciais, como cozinha, lavanderia e enfermaria, estão concluídos. No entanto, ainda falta restaurar toda a parte de segunda e terceira classes, e vários salões. — Sacudiu a cabeça. — No geral, acho que recuperamos um terço do *Valkirie*, mais ou menos. Quando chegarmos a Nova York poderemos acabar o resto.

Um novo zum-zum de vozes sacudiu a mesa.

— Ninguém havia falado de ir a Nova York, Feldman! — vociferou um homem gordo de barba rala e sotaque do Leste que estava duas cadeiras à direita de Kate. — Eu nem estou com o visto em dia!

— Não se preocupe, Cherenkov — replicou Feldman com um tom duro que silenciou toda a mesa. Sua voz soou como uma chicotada venenosa. — Disso cuido eu.

Feldman se levantou. Todos os reunidos o observaram, cheios de expectativa.

— Hoje é 23 de agosto — começou Feldman. — Em 23 de agosto de 1939, há quase oitenta anos, este navio, o *Valkirie*, empreendeu sua viagem inaugural, com uma tripulação de cento e cinquenta marinheiros e equipe de bordo, e passageiros em número de duzentas e dezessete pessoas. Partiu de Hamburgo, exatamente do mesmo cais de que saímos há algumas horas, à mesma hora que

nós. Desembocou no mar do Norte à mesma hora que nós, neste mesmo momento e no mesmo ponto.

Tirou de uma pasta um velho livro de navegação e o mostrou com respeito ao resto da mesa.

— Conhecemos todos esses dados porque temos o diário de bordo, que foi recuperado pela tripulação do *Pass of Ballaster*, o navio que encontrou o *Valkirie* à deriva. — Abriu o livro em uma página marcada e o mostrou aos presentes. A página estava em branco. — Em 28 de agosto, cinco dias depois da partida, o *Pass of Ballaster* encontrou o navio. A bordo, não havia nenhum tripulante, nem nenhum passageiro. Exceto um que não constava da lista: eu mesmo.

Kate sentiu uma onda de excitação diante do que viria. Podia adivinhar.

— Estamos repetindo, quase oitenta anos depois, passo a passo, a mesma viagem que o *Valkirie* fez — clamou Feldman muito sério. E elevou a voz: — E dentro de cinco malditos dias, seguindo o caminho indicado neste livro, saberemos de uma vez o que foi que aconteceu naquela noite de 1939!

XVI

UM INFERNO de vozes se desatou em volta da mesa. De repente, todo mundo parecia querer falar ao mesmo tempo. Os únicos que ficaram em silêncio foram Feldman, Moore e Senka, que observavam com olhar glacial o galinheiro em que aquela reunião havia se transformado.

— Isso é uma idiotice — resmungava um jovem, de uns trinta anos, sentado em frente a Kate.

Tinha cabelo comprido e usava uns óculos de aro de tartaruga que lhe davam um ar distraído. Chamou a atenção de Kate o fato de trazer na camisa florida um broche em forma de guaxinim de desenho animado. Sorria como se tudo aquilo fosse uma discussão de hospital psiquiátrico.

— É impossível! — gritava uma mulher de idade avançada e aspecto severo.

— Devíamos fazer isso pelo menos com um barco de teste sem tripulação! — vociferava outro homem perto dela com jeito de quem comeu toda a despesa de um restaurante.

— Vamos correr um risco enorme, Feldman! — trovejou o homem de barba rala que haviam chamado de Cherenkov, impondo-se sobre os demais com um enorme vozeirão. — As possibilidades de reproduzir o fenômeno sem uma equipe de apoio...

— Contaremos com uma equipe de apoio, professor Cherenkov, não se preocupe.

Feldman levantou as mãos, conciliador, e Kate observou, fascinada, que uma vez mais o velho judeu utilizava seu magnetismo perturbador. Lentamente, todas as vozes foram se calando. E ele prosseguiu:

— E agora, deixem-me prosseguir, por favor.

Todos se sentaram de novo, intrigados.

— Investi mais da metade de minha vida em encontrar as peças que compõem meu passado. Não sei quem sou, nem de onde venho. Minha história começa na pista de dança situada dois andares abaixo, há setenta e quatro anos. Um bebê judeu abandonado no meio de um navio vazio. Este navio.

Levantou-se da cadeira e apoiou as mãos na mesa. Fez Kate recordar um messias fervoroso dirigindo-se a seu rebanho.

— Durante muitos anos deixei essas preocupações paradas no fundo de minha mente. Vocês conhecem minha reputação. Dediquei-me com afinco a lavrar minha fortuna e a lutar com outros tubarões como eu. Há quem diga que sou um mafioso. — Riu com gosto. — Isso é mentira. Enriqueci graças aos cassinos que tenho na Europa, Ásia e nos Estados Unidos, é verdade, mas não sou nenhum mafioso. De qualquer forma não me incomoda manter essa reputação. — Suspirou e ficou repentinamente sério. — Em certa medida, eu deveria ser um homem feliz. Mas sempre me faltava uma peça: saber quem diabos sou e como cheguei até aqui.

— Muito bem, senhor Feldman — O homem de camisa florida e broche de guaxinim falou com voz suave e sotaque norte-americano —, mas talvez tivesse sido melhor contratar alguns detetives particulares para rastrear sua história, em vez de gastar uma fortuna para recriar a maldita cena de um crime, se me permite a expressão.

Ouviram-se algumas risadas suaves em volta da mesa, mas se apagaram como uma fogueira sob uma pancada de chuva quando Feldman voltou a falar.

— Fiz isso, doutor Carter, fiz isso. Mas a geração de seus avós e seus malditos B17 se encarregaram meticulosamente de não deixar

pedra sobre pedra em Hamburgo. Todos os arquivos da KDF sobre o *Valkirie* foram transformados em cinzas com metade da cidade em 1943. Foi impossível encontrar qualquer coisa — afirmou. — De modo que só restava o *Valkirie*. E não é uma recriação de cena de crime. É o cenário original, até o último canto. Seja o que for que aconteceu, ocorreu aqui, entre estas paredes. E vamos descobrir.

— Senhor Feldman, sou físico — respondeu Carter como se falasse com alguém que não entende bem um idioma. — Um cientista, como acho que são quase todos que estão nesta mesa. Não acredito em magia, nem em nada que não possa ser medido ou explicado pelas regras da ciência. E viagens no tempo são impossíveis, pelo menos hoje em dia, de modo que, se pretende que consigamos que este velho navio nos leve de volta a 1939...

— Não sou estúpido, doutor Carter. — De novo, a chicotada venenosa de Feldman. Até o irreverente doutor Carter se acovardou um pouco ao ouvir aquela voz. — Não pretendo que viajemos no tempo, isso é impossível.

— Então, o que quer? O que estamos fazendo aqui?

— Um experimento científico. Repetir passo a passo a viagem. Ver o que pode ter acontecido. Medir e, se possível, entender. E obter alguma pista.

— E se não conseguirmos? — interveio Kate de súbito. — E se simplesmente chegarmos ao ponto exato, e a viagem prosseguir sem incidentes?

Feldman deu de ombros.

— Tornarei a tentar quantas vezes for necessário — disse. — E, enquanto isso, você terá uma maravilhosa história para contar em seu jornal, e eu serei dono de um navio de luxo dos anos 1930 com uma história misteriosa em torno dele.

Kate logo entendeu a que se referia. Em uma época em que todos os cruzeiros eram iguais, como gigantescas montanhas brancas que cruzavam o mar, lotados de turistas sempre absorvidos pelos teatros, cassinos e restaurantes a bordo, o *Valkirie* se destacava como uma papoula em um campo de palha. Era delicado, elegante e evocava uma época de luxo e glamour. E, além disso, a

sombra de sua estranha maldição o acompanhava e redobrava seus atrativos.

Kate assobiou baixinho. Haveria disputa a tapa para embarcar naquele navio. As pessoas estariam dispostas a pagar verdadeiras fortunas para fazer uma viagem ao estilo dos anos 1930 em um navio original da época. E sua reportagem no *London New Herald* seria uma campanha promocional simplesmente perfeita. Feldman, o grande manipulador. Com certeza, havia previsto isso desde o início...

O jovem Carter, o físico, não se deu por vencido com tanta facilidade.

— Não vai acontecer nada — insistiu. — Mesmo que repitamos a viagem nas mesmas condições, pode haver um milhão de variáveis. Não sabemos qual foi o motivo que fez todos os que estavam a bordo do *Valkirie* desaparecerem, nem quais eram as condições de tempo. Tudo isto é inútil, senhor Feldman, sério.

— Temos controle da principal variável, senhor Carter — replicou Feldman muito seguro de si. — E acreditamos que essa variável foi a que causou tudo.

— O *Valkirie* — murmurou Carter pensativo.

— Não exatamente — replicou Feldman. — A verdade é que...

Nesse momento tocou o rádio que Senka Simovic levava na cintura. A sérvia se afastou para escutar durante um segundo, e depois se voltou para Feldman e sussurrou algo em seu ouvido.

— Parece que nossa equipe de apoio por fim chegou — anunciou ele com voz animada. — Gostariam de sair por um momento para vê-la? Assim, aproveitamos para fazer um pequeno descanso.

Saíram como uma manada para um dos terraços externos, onde havia jardineiras com plantas e confortáveis espreguiçadeiras. Kate notou que estavam na parte superior do navio. Não deviam estar muito longe da ponte de comando. Tinham deixado a costa para trás, e só se via oceano a seu redor. Notou que não muito longe do *Valkirie* se aproximava um pequeno navio de um vermelho vivo e duas faixas brancas que atravessavam seu costado. Ao chegar a

cobertura soltou duas poderosas buzinas, às quais o *Valkirie* respondeu de imediato, o que quase os deixou surdos.

— O *Mauna Loa*! Nosso barco de apoio! — gritou Feldman acima das buzinas.

— Conheço esse design — disse Cherenkov com um meio sorriso.

— Claro que sim! — replicou Senka somando-se à conversa. — É um dos antigos pesqueiros espiões que a União Soviética usava nos anos 1970. Parece um inofensivo pesqueiro por fora, mas é um barco cheio de radares e aparelhos eletrônicos por dentro. Nós o compramos no final dos anos 1990 a preço de sucata.

— Eu fiz parte da equipe de desenvolvimento de alguns dos aparelhos de interferências eletromagnéticas que esse pequeno barco tem dentro — acrescentou Cherenkov com certa nostalgia.

Kate não tirava o olho do pequeno barco. Parecia pouca coisa comparada com o *Valkirie*. Como apoio, era pouco inspirador.

De repente, um lampejo ofuscante surgiu na popa do *Mauna Loa*. O barulho da explosão chegou a seus ouvidos apenas um segundo depois, junto com a onda expansiva. A coluna de fumaça coincidiu com os gritos de espanto de todos os presentes.

O *Mauna Loa* se sacudiu como um coelho arrastado por um cão e deu uma guinada de noventa graus. Muitos marinheiros corriam pela cobertura rumo à popa, onde começavam a surgir as primeiras chamas.

— Que diabos está acontecendo, Moore? — perguntou Feldman lívido. — Quero saber o que está acontecendo. Agora!

— Agora mesmo, senhor Feldman.

Moore pegou seu rádio e começou a vociferar ordens a toda velocidade. Três minutos depois, uma lancha pneumática descia pelo costado do *Valkirie*; a bordo dela iam dois homens armados. Assim que tocaram a água, saíram em disparada rumo ao pequeno pesqueiro, que estava quase parado na água com uma leve inclinação a estibordo. O fogo parecia quase extinto, mas devia haver alguma entrada de água. Vários homens trabalhavam para evitar que as chamas se espalhassem pela popa jogando jatos d'água que inundavam a cobertura do pequeno barco.

— Vai afundar? — perguntou Kate preocupada.

Tinham tirado um homem ferido pela escotilha, quase sem roupa, sangrando em abundância, que nem se mexia. Kate se perguntou se estaria morto.

— Acho que não — respondeu Senka com um tom sombrio. — Se fosse, já teria afundado. Mas não creio que possa continuar navegando conosco.

Nesse instante viram um homem com queimaduras ser tirado pela escotilha. Mesmo àquela distância era evidente que estava muito ferido.

— A maldição do *Valkirie* — sussurrou um homem ao lado de Kate.

Quando percebeu que a jornalista o havia ouvido, estendeu-lhe a mão. Era baixo, robusto, de uns quarenta anos, e sobre o lábio superior ostentava um bigode de proporções homéricas. Tinha um sotaque que Kate não conseguia identificar.

— Meu nome é Will Paxton. Geólogo, especialista em formações submarinas. Mas não creio que isso possa ajudar a pobre gente do *Mauna Loa*.

— Não há nenhuma maldição — grunhiu Senka apontando para seu rádio, pelo qual estivera falando com alguém. — Foi sabotagem. Alguém colocou uma bomba no *Mauna Loa*.

Todos se olharam estupefatos. E Kate percebeu que aquela viagem estava se transformando em algo muito mais perigoso e complexo do que havia imaginado no início. Muito mais.

XVII

QUANDO A PALAVRA “bomba” foi pronunciada, Moore, o chefe de segurança, começou a dar gritos a torto e a direito. Antes que se dessem conta, os viajantes estavam cercados por meia dúzia de guardas armados, vindos de algum lugar, que os conduziam de novo para o interior do *Valkirie*. Alguns passageiros protestaram, com a irritação do pedestre que não pode contemplar um acidente de trânsito sangrento porque o forçavam a continuar andando, mas, no geral, todos obedeceram logo. Kate tirou algumas fotos apressadas com sua Canon antes que a obrigassem a voltar para dentro.

Moore estava à beira de um ataque de fúria. Suas pupilas haviam diminuído até parecer duas pequenas bolinhas de gude de brilho negro, e ele não parava de enviar ordens pelo rádio. Aproximou-se de Feldman e lhe disse alguma coisa, diante do que o velho judeu assentiu gravemente.

— Atenção. — Moore levantou a voz. — Esta é uma situação de emergência. Voltem a suas cabines enquanto fazemos uma checagem de segurança a bordo do navio. Vocês permanecerão ali até que os avisemos de novo. Fica estritamente proibido sair até segunda ordem. Quem desobedecer será desembarcado de imediato, mas, antes, trocará umas palavrinhas comigo... a sós.

— Ei, amigo. — Era Carter, o norte-americano de camisa florida, que com seu indolente sotaque do sul o observava com descaso. —

Não precisa usar esses modos. Nós não nos alistamos no exército, que eu saiba.

Moore o fulminou com o olhar. Carter, impassível, limpou os óculos com a borda da camisa, com parcimônia. Esfregou-os meticulosamente, olhou-os contra a luz com uma expressão de contrariedade e esfregou-os de novo. Satisfeito com o resultado, colocou-os.

— Desde que subi neste navio, passei mais tempo trancado em minha cabine que fora dela, e da última vez que olhei meu passaporte ainda era um cidadão livre. Acho que merecemos uma explicação, no mínimo.

Moore se aproximou de Carter até que a ponta dos narizes quase se tocou. O britânico era uma montanha de músculos e uma cabeça maior que o norte-americano, mas este o observava impassível, como se aquilo não fosse com ele.

— Ouça bem — A voz de Moore soava rouca e impregnada de ameaças —, não é um convite, nem um conselho. É uma ordem. Quem não o fizer voluntariamente, fará acompanhado por dois de meus homens. Você têm dez minutos. De modo que a escolha é sua.

Sem olhar para trás, voltou-se para Senka e saiu do salão Gneisenau acompanhado de três homens, em meio a um concerto de rangidos de botas e estalos de fuzis.

Os quinze passageiros se olharam entre si, perplexos e desorientados. Fazia apenas cinco horas que haviam saído de Hamburgo, e aquilo parecia cada vez menos um cruzeiro de cartão-postal, apesar da luxuosa decoração. Feldman se aproximou em silêncio.

Pela primeira vez, Kate notou um rastro de preocupação no rosto do judeu. Era um vislumbre leve, quase uma sombra, mas era a primeira fenda na fachada de granito que aquele homem usava para manter seus sentimentos ocultos. Aquilo foi o que assustou Kate de verdade. Se Feldman estava preocupado, a situação tinha que ser grave.

— Eu lhes peço que atendam ao senhor Moore — disse conciliador. — Às vezes ele pode ser meio brusco, como agora, mas

é muito eficiente em seu trabalho.

— O que aconteceu, Feldman? — perguntou Kate.

De alguma maneira, havia se transformado tacitamente na porta-voz do grupo. “A jornalista que fale”, parecia ser o pensamento comum.

— Um artefato explodiu na sala de motores do *Mauna Loa* e há pelo menos dois mortos e um ferido grave na tripulação. Além disso, o barco sofreu muitos danos e agora está à deriva — explicou Feldman. — Não pode prosseguir conosco. Suspeitamos que alguém, durante o carregamento da carga no porto ou durante os preparativos de partida, colocou a bomba lá e a deixou programada para explodir em alto-mar. E o pior é que, apesar de todas as medidas de segurança, há a possibilidade de que haja alguma bomba aqui, a bordo do *Valkirie*.

A frase provocou um murmúrio de estupefação no grupo, e, de maneira instintiva, ficaram todos um pouco mais próximos.

Kate observou fixamente Feldman, e ele sustentou seu olhar. A tentativa de atropelamento, a morte de Duff Carroll e agora a explosão. Definitivamente, alguém não queria que o projeto do *Valkirie* seguisse adiante.

— Precisamos conversar — disse Kate em voz baixa, mas forte o bastante para que Feldman a ouvisse.

— Sim — assentiu Feldman. — E agora, por favor..

Kate se virou e caminhou para a porta. Ao passar, fez um gesto a Carter. O norte-americano, que parecia um sujeito rebelde, seguiu a jornalista de má vontade. O resto do grupo, como ovelhas desorientadas, seguiu seus passos, apinhado e murmurando entre si.

— Por que obedeceu? — murmurou o físico enquanto caminhava pelo corredor ao lado de Kate. — Se há uma bomba aqui, pode estar em qualquer lugar.

Kate não respondeu e continuou caminhando. Por fim, voltou-se para Carter e sorriu.

— Você foi muito valente com Moore. Quase ousado — falou sem formalidades.

Carter deu de ombros, meio corado.

— Não suporto valentões.

Kate sorriu ao recordar a cena. Moore podia tê-lo sacudido como um cão molhado, mas Carter não havia se assustado. Pelo menos não havia demonstrado medo.

— Feldman tem razão. E Moore também, de certo modo — disse Kate por fim. — Se alguém colocou uma bomba, só pode ter sido na parte restaurada. O resto do navio está lacrado desde antes da partida e só a equipe de confiança de Feldman subiu a bordo. E se nós não ficarmos atrapalhando feito patos bêbados, Moore e seus rapazes vão acabar a revista antes.

Carter murmurou algo enquanto pensava nas palavras de Kate. Finalmente assentiu.

— O que Feldman está tramando? — perguntou o físico. — Sabe de alguma coisa que ele não tenha contado a nós?

— Não — respondeu Kate pensando em Duff Carroll.

Perguntou-se se devia contar a Carter, mas descartou a ideia por ora.

— Certo — respondeu Carter com um sorriso despreocupado. — Gosto de você, Kate Kilroy. Suponho que é porque é a única que não olha para Feldman como se ele fosse Zeus... Ou deveria dizer Jeová? — disse, e soltou uma gargalhada.

— Ele é um pouco messiânico, concordo — respondeu Kate sorrindo por sua vez. — O que pode me contar de você e de toda essa gente, Carter?

— Não sei muito bem o que está acontecendo aqui. Há duas semanas, eu estava em meu departamento de Física, em Atlanta, quando tocou o telefone. Alguém me propôs participar de uma expedição de caráter científico. Aceitei, claro. Eles me pagaram uma pequena fortuna por esta viagem de quinze dias, mas não me contaram nada mais. E, como eu, todos os outros — apontou para os demais com o polegar. — Há astrofísicos, matemáticos, um geólogo, dois meteorologistas e até um sujeito que acho que vi uma vez na televisão, mas não lembro onde. Estamos todos às cegas. Ninguém sabe grande coisa, exceto Cherenkov. Ele é o chefe.

— Cherenkov? — Kate se voltou surpresa para o russo, que falava com outro cientista, gesticulando muito com os braços. — Por que ele?

— É o único que está a par do plano de Feldman. Foi quem propôs os nomes de cada um de nós. Ele recrutou esta equipe tão estranha. E posso lhe garantir que não é uma equipe fácil de reunir. Ouvei falar de algumas dessas pessoas e de sua reputação. Aposto que não sairiam de seus laboratórios se não fosse em troca de muito, muito dinheiro.

— E em que consiste o projeto?

Kate perguntou com rapidez, pois haviam chegado aos corredores onde se distribuía as cabines, e os guardas de segurança, muito nervosos, apressavam-os a entrar o quanto antes.

— Não sei — respondeu Carter antes de desaparecer dentro de sua cabine. — Mas aposto qualquer coisa que tem algo a ver com a Singularidade de Cherenkov.

— A singularidade de quê? — perguntou Kate.

Mas Carter já havia fechado sua porta. Teria que lhe perguntar mais tarde.

XVIII

KATE ENTROU em sua cabine com muito mais perguntas na cabeça que respostas. Enquanto tirava os sapatos e soltava o cabelo, tentava pôr em ordem todos os dados que tinha. O *Valkirie*, sua equipe científica, a ameaça de alguém desconhecido que tentava acabar com todas as pessoas implicadas. *A voz que havia ouvido no corredor.*

A recordação aflorou em sua mente como uma hera venenosa, mas afastou-a com rapidez. Aquilo não tinha acontecido. A tensão, a sugestionabilidade de estar em um navio com fama de casa amaldiçoada, o nervosismo. Havia mil fatores possíveis para explicar. Ockham.

Sentou-se na beira da cama. Ficou dez minutos imóvel, com o olhar perdido em um ponto infinito, à medida que sua mente vagava por todas as experiências do dia. Decidiu tomar um banho. Isso a relaxaria. Foi até a enorme banheira coberta de mosaicos e abriu as torneiras de bronze. Depois de alguns segundos, o vapor inundou todo o banheiro, dando-lhe o aspecto decadente de uma terma antiga. Entrou na água quente e deu um suspiro. O vapor desenhava estranhas formas no ar. Kate fechou os olhos, relaxada. Sentia as pequenas pastilhas de cerâmica se cravarem em suas nádegas, mas sem chegar a incomodar. À sua direita havia um pote de sais de banho. Pegou um e o esvaziou na água, imediatamente tudo ficou

impregnado de uma fragrância deliciosa. Fechou os olhos e se deixou embalar pelo ambiente que havia criado. Suspirou satisfeita.

Foi algo quase imperceptível. Quase nem notou. Fazia alguns minutos que estava ali relaxando quando seu olfato percebeu que por baixo da fragrância dos sais de banho havia outra essência, mais sutil, metálica e oleosa ao mesmo tempo. *Blum*.

Uma batida soou em seu camarote. Kate se sentou na banheira, com todos os seus sentidos alertas. A porta que separava o banheiro do camarote estava entreaberta, tal como a havia deixado ao passar. O vapor escapava pela fresta desenhando "S" preguiçosos no ar. Alguém se mexeu do outro lado da porta, arrastando algo pesado. Depois ouviu-se um som surdo, como se afofassem o maior travesseiro do mundo. E uma respiração pesada e estranha. Era como um estertor. Uma inspiração, arfar, arfar, ruído rouco e tudo de novo. Ficou toda arrepiada.

Kate, sentada na banheira, nua, podia ouvir as batidas de seu coração descompassado bombeando adrenalina. Havia alguém em seu camarote.

"Ou algo, Kate. Ou algo."

Voltou-se procurando algum objeto que pudesse servir de arma. Segurou o pesado pote de sais de banho pela borda e saiu da banheira tentando não fazer barulho. Ao se levantar, uma cascata de água correu, delatando-a. O barulho ao outro lado da porta parou. Kate xingou em silêncio. Sem se incomodar em envolver seu corpo nu, foi até a porta. Toda sua pele vibrava como se estivesse levando choques elétricos.

Abriu a porta de repente, levantando o pote de cerâmica acima da cabeça.

Não havia ninguém. Mas, mesmo assim, sentiu uma bola de gelo se formar em seu estômago.

O quarto era um caos absoluto. Haviam levado sua mala de cima do sofá para um lado da mesa. Além disso, a cama estava desfeita, como se alguém muito furioso tivesse arrancado os lençóis do lugar e decidido apunhalar o colchão com uma faca e esvaziar todo seu recheio loucamente. A fronha do travesseiro estava a seus pés. Kate

a pegou e descobriu com horror que estava molhada com algum líquido de cheiro intenso. Havia uma mancha de algo escuro e terroso no encosto do sofá, que também estava cortado.

Kate de repente se sentiu muito indefesa ali, nua. Sem se virar, voltou passo a passo até o banheiro enquanto seu coração lutava para sair pela boca. Uma vez dentro do banheiro, fechou as torneiras com uma mão enquanto com a outra pegava uma das toalhas e envolvia seu corpo.

“Calma, Kate. Vá para o corredor. Chame a segurança. Seja rápida.”

Abriu a porta de novo e voltou para a cabine, disposta a atravessá-la a toda velocidade, mas parou, boquiaberta. Seus joelhos tremeram, sentindo o sangue fugir de seu rosto.

— Não é possível. Não pode ser possível — gemeu.

O camarote estava impecável de novo. A cama estava feita de novo, sem uma única ruga. A tapeçaria do sofá estava imaculada, e sua mala estava bem no lugar onde havia sido deixada umas horas antes. Com a sensação de estar presa em um pesadelo, foi até a cama e pegou os travesseiros.

Todos estavam secos. Total e absolutamente secos. Ficou tonta. Aquilo não fazia nenhum sentido.

“Sei o que vi, não estou louca.”

Caminhou pela cabine, embotada e com a sensação de ter um quilo de algodão dentro da cabeça. Seu olhar ia, errático, de um lugar para outro. De repente, percebeu que ainda segurava o pote de sais de banho. Com um calafrio, percebeu que não tinha sonhado.

Havia acontecido de verdade.

Começou a arfar, incapaz de controlar o ritmo de sua respiração. Havia alguma coisa com ela no camarote. Deu uma volta em seu próprio eixo, cada vez mais aterrorizada.

Ouviu duas batidas fortes. Kate, assustada, soltou o pote de sais, que rolou pelo tapete, e deu um grito. As batidas se ouviram de novo, urgentes.

Só então percebeu que estavam batendo à porta. Ouviam-se vozes do outro lado.

Com os joelhos moles como gelatina e tentando controlar a respiração, enrolou a toalha de forma apressada em volta do corpo e abriu. Encontrou Senka e um dos soldados de Moore esperando do outro lado.

— Olá, Kate. — Senka sacudiu seus longos cabelos louros e sorriu, marota, ao perceber que Kate estava nua. — Espero não interromper. Também temos que revistar os camarotes dos passageiros. É só um minuto.

Entraram sem pedir licença. Enquanto o homem de Moore revistava metodicamente o banheiro e o camarote, Kate se sentou no sofá com as pernas cruzadas, segurando a toalha em volta de seu corpo e tentando controlar os tremores que a sacudiam.

— Você está bem, Kate? — disse Senka. — Está muito pálida.

Kate sacudiu a cabeça e murmurou um “sim” desanimado. Não queria que a achassem louca. Naquele instante, nem ela mesma tinha certeza de estar bem da cabeça.

— Esta é sua bagagem, suponho. — Senka apontou para a mala de Kate, ainda fechada, em cima do sofá. — Tenho de revistá-la. Você se importa?

Kate assentiu. A única coisa que queria era que fossem embora dali o quanto antes.

A sérvia abriu a mala (a mesma mala que havia se mexido sozinha momentos antes, ou que alguém havia mexido) e foi afastando as coisas de lado. Quando chegou à roupa íntima de Kate se demorou, brincalhona, enquanto um sorriso brotava pela comissura de seus lábios.

— Isto é realmente sedutor — disse segurando nas mãos uma pequena tanga preta com um bordado vermelho na parte superior. — Toda a sua roupa íntima é assim?

Kate sacudiu a cabeça, nervosa, mas não respondeu. Não ia entrar no jogo.

De repente, a sérvia parou e levantou a cabeça com uma expressão desconfiada.

— O que é isto? — perguntou mostrando a urna fúnebre com as cinzas de Robert.

— É meu marido — respondeu Kate.

Sua voz havia se transformado em um tímpano de gelo.

— Ou melhor, o que resta dele.

— Você sempre viaja com as cinzas de seu marido?

Senka a olhou, incrédula, enquanto desenroscava a tampa e dava uma olhada no conteúdo. Uma pequena quantidade de cinza escorreu pela borda e caiu no tapete, deixando um sulco cinza no desenho.

— Solte a urna. Agora.

A voz de Kate era glacial, mas a fúria acumulada por baixo era tão intensa que a expressão jocosa do rosto de Senka se descompôs em um ricto constrangido.

Kate a observava com fogo nos olhos. Suas têmporas pulsavam. Todo o pânico que havia sentido apenas alguns minutos antes estava se transformando em ira e em vontade de arrancar a cabeça de alguém. Sem pensar, levantou-se, aproximou-se da sérvia e lhe tomou a urna das mãos. Ao fazer isso sua toalha quase caiu, mas era tanta sua raiva que nem percebeu.

— Não brinque com isso — sussurrou em seu ouvido. — Ou vai se arrepender de ter me conhecido. É o último aviso.

Senka deu um passo para trás com um brilho estranho nos olhos. Era medo, respeito... e excitação.

— A gata mostra as unhas — murmurou. — Vamos ter que levar isso em conta.

O guarda que estava com Senka colocou a cabeça pela porta do banheiro nesse momento e fez um gesto negativo. A revista tinha acabado.

— Foi um prazer, como sempre — despediu-se Senka erguendo uma sobancelha. — Até logo.

Assim que saíram, Kate fechou a porta, ainda tremia de fúria. As lágrimas se aglomeravam em seus olhos, mas estava decidida a não chorar. Com mãos trêmulas, colocou a urna com os restos de Robert

na mesa e se ajoelhou no tapete, tentando recolher a pequena quantidade de cinza que havia se derramado.

Era tão pouca que quase não manchou seus dedos com ela. Ao passar a mão pela segunda vez, a maior parte se diluiu entre as fibras do tapete, deixando um rastro sujo no tecido.

Plop, plop. As duas primeiras lágrimas caíram como gotas de chuva sem que ela tivesse percebido que havia começado a chorar. Em pouco tempo a chuva se transformou em dilúvio, e Kate deixou escapar toda a dor e o medo que tinha dentro de si, sentindo-se mais uma vez terrivelmente sozinha.

XIX

A REVISTA DO NAVIO levou mais tempo do que Kate havia suposto. Na hora do almoço, a senhora Miller, com seu coque apertado e seu nariz de gancho, passou pelo quarto acompanhada de um garçom para lhe servir a comida. Kate tentou conversar um pouco com a mulher, mas ela só lhe dedicou um doce sorriso e a promessa de que “aquela pequena confusão” acabaria em breve. Kate não acreditou nem em meia palavra. Especialmente porque o garçom que empurrava o carrinho com bandejas de prata tinha uma pistola em um coldre embaixo do colete branco do uniforme e estava tenso feito uma mola.

Ainda estava nervosa e desorientada pelo que havia acontecido algumas horas antes. Tinha revistado todo o camarote de cima a baixo (mesmo depois de Senka e o homem de Moore terem feito o mesmo) e não fora capaz de encontrar nada que pudesse explicar o que tinha visto.

O que tinha acontecido.

Kate tinha certeza. O pote de sais, as pegadas molhadas no tapete... aquilo tinha sido real. Não tinha sonhado. Mas já não tinha tanta certeza de quais partes eram reais e quais não. Nem ela mesma entendia.

Anoiteceu. Pelas escotilhas do camarote, só se podia distinguir as ondas brancas em volta do *Valkirie* no raio de luz que o próprio navio projetava, e mais longe só havia escuridão.

Alguém bateu a sua porta. Um camareiro uniformizado a esperava ali para lhe entregar um envelope. Kate observou que não era a única porta que havia se aberto no corredor, e que das outras assomava a cabeça dos demais passageiros, alguns com cara de sono, outros de tédio ou de cansaço. Todos tinham na mão o envelope que o camareiro, diligentemente, ia distribuindo.

Kate abriu o seu. Era um convite formal para o jantar daquela noite. O cartão incluía em um canto o símbolo da KDF, mas sem a suástica, e uma linda gravura do *Valkirie*. No meio, redigido em um polido alemão, estava o cardápio. Enquanto o lia, Kate pensava que, com toda a certeza, era o mesmo cardápio servido na primeira noite da viagem inaugural. Feldman era muito cuidadoso com esses detalhes.

Olhou de novo para os demais passageiros, que ainda estavam no corredor. Perguntou-se de imediato se algum deles também havia vivido uma... experiência similar à sua. E, em caso afirmativo, se alguém ia dizer alguma coisa. Passou seu olhar de rosto em rosto. A maioria parecia aliviada pelo fim do confinamento, e alguns ainda tinham um ar meio adormecido. Não parecia que nenhum deles tinha passado por algo incomum durante as últimas horas.

Falaria com Carter. O físico falante lhe contaria alguma coisa, sem dúvida.

Olhou o relógio e soltou um palavrão. O jantar estava previsto para meia hora depois. Tinha que se apressar. Voltou a seu camarote e se arrumou com cuidado, mas sem excessos. Não se maquiou muito, mas fez um penteado atraente. Não queria parecer muito largada, mas também não queria dar a sensação de ter se arrumado para ir a um coquetel. Na verdade, não tinha nem a menor ideia de qual era o plano daquela noite. Enquanto prendia os cabelos ruivos, pensava, com certo humor negro, nas festas de sociedade que costumava cobrir até apenas alguns meses antes. Como eram diferentes de tudo aquilo!

Depois de dez minutos caminhava animadamente pelo corredor em companhia de dois químicos de meia-idade que pareciam muito contentes por poder escoltar uma garota jovem e bonita, e que

disputavam entre si para ver quem era o mais inteligente. Com certo remorso, Kate percebeu que aqueles homens provavelmente não viam muitas pernas de mulher no dia a dia, e dessa vez decidiu jogar a carta da feminilidade. Afinal de contas, a última coisa que queria era ficar sozinha.

Deram duas voltas pelo navio antes de ir até o salão de jantar. Cada nova sala lhes arrancava uma exclamação de espanto. O luxo e o bom gosto andavam de mãos dadas no *Valkirie*. Seus designers originais haviam concebido o navio, pelo menos a primeira classe, como uma grande mansão neoclássica na qual seus passageiros poderiam ir caminhando e cruzando uns com os outros em um ambiente refinado. A área de jogos, com suas roletas e mesas de carteados, as salas de fumantes, a biblioteca cheia de livros... Era incrível. Kate parou para espiar as estantes da biblioteca e descobriu que haviam substituído os livros originais por romances e biografias recentes. Havia toneladas de *best-sellers* e uma seção de revistas e jornais daquele mesmo dia.

Não se surpreendeu ao encontrar dois exemplares do *London New Herald* entre um monte de jornais em meia dúzia de línguas. No entanto, por mais que tenha procurado, não encontrou nem um único exemplar do *Mein Kampf*, nem nenhum dos livros que originalmente deviam ter ocupado aqueles estantes. O afã de Feldman pelo rigor histórico não chegava àquele extremo.

Finalmente desceram até o salão de jantar atravessando o grande hall com a escada de mármore e as gigantescas águias. Para Kate aquilo era emocionante. Sabia que estava entrando na mesma sala onde, muitas décadas atrás, Duff e seus companheiros haviam entrado, às escuras, para encontrar um imenso vazio e um bebê no meio da pista de dança.

Foram os últimos a chegar. Os demais convidados estavam reunidos em torno de uma mesa de coquetel situada ao fundo da sala, perto do palco da orquestra, tomando drinques. No outro canto, Kate viu uma mesa preparada para vinte e cinco comensais, a baixela resplandecia sob os lustres. Um delicioso aroma de peixe

assado chegava de algum lugar, e o estômago da jovem soltou um fraco rugido. Estava faminta.

Feldman cumprimentou-a com gentileza, mas estava muito entretido em uma profunda discussão com Cherenkov. O russo gesticulava e, ao falar, soltava de vez em quando pequenos projéteis de saliva que acertavam a lapela de Feldman. O judeu não percebia, ou fingia não perceber, porque sua expressão era de absoluta concentração.

— Kate! — ouviu alguém chamá-la.

Ao se voltar, viu Carter lhe fazendo sinais do círculo em que estava. A jornalista conhecia uma das pessoas que estavam com ele. Era Paxton, o geólogo do bigode avassalador. Pediu licença a seus dois acompanhantes e se dirigiu a eles.

— Permita-me dizer que você é a dama mais bela a bordo — disse Paxton inclinando-se levemente diante dela.

Kate adorou o estilo deliberadamente antiquado daquele homem. Sorriu e apontou para Senka, que em um canto permanecia em pé, solitária, passeando seus olhos verdes pelo grupo como um falcão vigiando um galinheiro.

— Acho que ela é muito mais bonita que eu — comentou. — Poderia ser modelo.

— Senka Simovic. — Paxton meneou a cabeça, pesaroso. — Também é linda, sem dúvida, mas acho que com ela eu não teria nada a fazer. Gostamos da mesma fruta, infelizmente.

— O que quer dizer? — perguntou Kate com estranheza.

— Acho que o senhor Paxton quer dizer que Senka é lésbica, Kate — apontou Carter rindo. — Achei que já tivesse percebido.

— Oh! — murmurou Kate, corando. Às vezes lhe faltavam os dotes sociais que evitavam momentos embaraçosos como aquele. — Bom, em todo caso, você é muito gentil, Paxton.

— Ele só disse a verdade, de qualquer modo — acrescentou Carter desfrutando como ninguém o momento de perturbação de Kate.

— Como passaram a tarde? — perguntou Kate tentando levar a conversa a um terreno mais confortável para ela. — Notaram algo

estranho enquanto estavam nas cabines?

Carter e Paxton se olharam e deram de ombros.

— Não — responderam quase em uníssono.

— Na verdade, dormi quase o tempo todo — murmurou Paxton.

— E eu fiquei no notebook, entretido com o projeto de termodinâmica de um aluno que preciso corrigir. — De repente, franziu o cenho. — Não lembro bem se acabei de lê-lo ou não. Acho que dormi também. Um camarote sem rádio nem televisão pode ser um lugar muito pouco estimulante.

Kate ia contar sua experiência, mas nesse momento avisaram que o jantar estava servido.

“Maldição, Kate, fique esperta. Você precisa contar a alguém tudo o que está vendo, ou vai ficar louca. Talvez já esteja louca.”

Sentaram-se sem nenhuma ordem estabelecida, mais por afinidades. Kate ia se sentar perto de Carter e Paxton quando Feldman lhe indicou com um gesto que se sentasse à sua esquerda. A jornalista lançou um olhar divertido a seus acompanhantes, que pareciam muito decepcionados, e se sentou ao lado do magnata.

— O que achou do *Valkirie*, Kate? — perguntou Feldman enquanto se sentava.

— Tive pouco tempo para vê-lo — replicou Kate, mordaz —, mas devo reconhecer que é um navio espetacular. Não há nada igual no mundo.

— Ah, disso eu tenho certeza — suspirou Feldman satisfeito, enquanto tomava um gole de sua taça de vinho.

— Ainda me deve uma explicação, Feldman. Sobre as bombas. Sobre Duff. O senhor sabe quem está por trás de tudo isso.

Feldman assentiu pensativo.

— É verdade, Kate — disse enquanto atacava com fervor o prato de atum com guarnição. — E vou contar a todos, já que merecem saber. Mas depois do jantar.

Resignada, Kate pegou os talheres e começou a jantar. Descobriu que estava faminta. Entretida, verificou que quase um terço dos

comensais, inclusive Carter, era vegetariano e havia pedido cardápios específicos.

Enquanto jantavam, a conversa em volta da mesa foi leve e amena, mas com um toque superficial e nervoso das conversas de elevador. Todo mundo estava cheio de expectativas, desejando que aquele interlúdio acabasse para poder voltar à reunião abortada do meio-dia. Querendo descobrir as respostas que inevitavelmente chegariam.

Quando Feldman propôs tomarem o café no salão de baile, todos assentiram, aliviados. Levantaram-se quase em tropel, deixando as sobremesas pela metade, para ir o quanto antes para o salão.

Ao chegar, Kate notou que Feldman havia levado aquilo muito a sério. Além de uma mesa cercada de cadeiras confortáveis para todos, haviam colocado um atril ao lado de uma tela. Havia um projetor ligado sobre a mesa e um negócio que fez Kate recordar o cruzamento entre um telefone via satélite e um computador.

Sentaram-se e esperaram. Feldman foi até o atril e começou a falar com voz profunda e um meio sorriso. Sua linguagem corporal transmitia total confiança.

— Boa noite. Eu não contava com ter que reunir todos vocês tão tarde, mas, tendo em conta o que aconteceu hoje, espero que sejam compreensivos.

Um murmúrio de assentimento. “O magnetismo animal de Feldman outra vez em ação”, pensou Kate intrigada.

— Em primeiro lugar, uma breve explicação sobre o que aconteceu esta manhã: foi tudo um infeliz acidente. Após enviar uma equipe técnica, confirmaram em Hamburgo que a explosão na sala de máquinas do *Mauna Loa* foi acidental. Uma válvula de pressão em mau estado estourou e gerou um curto-circuito que acabou em incêndio. O motor desse navio tinha mais de trinta anos, e parece que, quando o construíram, o controle de qualidade dos materiais não foi o mais adequado. Fadiga do aço associada à corrosão, disseram. — Leu uns papéis que tinha à sua frente e levantou de novo a cabeça. — É um problema típico em muitos antigos navios soviéticos.

Kate o escutava alucinada. Não podia acreditar no que estava ouvindo. Feldman estava mentindo descaradamente. Ela havia visto o clarão da explosão e, embora não fosse especialista no assunto, tinha certeza de que aquilo não havia sido o estouro de uma válvula de vapor. Olhou discretamente em volta e viu que a maioria dos cientistas respirava aliviada ao saber que não havia um louco terrorista atrás deles. Só Carter mantinha uma expressão pensativa, tão incrédulo com relação a essa história quanto ela.

— E, evidentemente, a revista do *Valkirie* serviu para confirmar que não corremos nenhum perigo a bordo do navio — concluiu Feldman naquele momento, levantando uma onda de aplausos entre os presentes.

Cherenkov se levantou, obsequioso.

— Creio que falo em nome de todos quando agradeço seus esforços por velar por nossa segurança — disse com seu acentuado sotaque russo. — Assim, poderemos começar a trabalhar o quanto antes em nosso projeto.

— Sem dúvida, professor — respondeu Feldman. — Não percamos mais tempo. Luzes, por favor.

As luzes da sala diminuíram. O projetor se acendeu, e uma imagem em preto e branco do *Valkirie* apareceu na tela. Os pelos dos braços de Kate se arrepiaram. Respostas, finalmente.

E então, Feldman começou a falar.

XX

— **EM 28 DE AGOSTO** de 1939, às 4h57, este navio, o *Valkirie*, foi encontrado flutuando à deriva a cinquenta e três graus, noventa e quatro minutos e dezessete segundos de latitude norte, e vinte e oito graus, quarenta e sete minutos e quinze segundos de longitude oeste, aproximadamente. Não sabemos o ponto exato porque a tripulação que o encontrou demorou duas horas para indicar a referência. Estavam muito ocupados evitando morrer de susto, suponho.

Um murmúrio de risos percorreu a sala, mas Feldman prosseguiu.

— Não é nenhuma novidade quando digo que não havia passageiros a bordo, exceto eu. Todos conhecem esse fato. Mas, embora pareça realmente estranho, o *Valkirie* não é um caso isolado. De fato, nem sequer é o primeiro. Aconteceu mais vezes. Muitas vezes, na verdade.

A imagem no projetor foi trocada, e apareceu um mapa-múndi com dezenas de pontos vermelhos espalhados pelos oceanos.

— Desde que existem relatos escritos, há uma infinidade de testemunhos de navios que desaparecem e reaparecem sem tripulação. Heródoto, o geógrafo da Antiga Grécia, faz referência a pelo menos três casos diferentes em seus escritos e os chama de “navios sem alma”. Estrabão, Plínio, Agrícola, Manetão... dezenas de escritores e cronistas da Antiguidade fazem referência a histórias

obscuras de navios que aparecem à deriva, têm sua carga completa, não há rastros de violência nem danos, mas não há tripulação. E, se procurarmos em fontes chinesas, indianas ou japonesas, acontece exatamente o mesmo. A história dos “navios sem alma” se repete muitas vezes ao longo de textos antigos do mundo todo.

— Suponho que alguns desses casos, se não todos, devem ter explicação. — A voz de Carter surgiu na escuridão.

— Muitos deles, sim, sem dúvida. Ataques piratas, epidemias, navios que se soltaram das amarras por conta de uma tempestade, erros humanos... As causas são múltiplas. Mas há uma parte significativa dos casos que não se consegue explicar. Como o do *Valkirie*.

Feldman apertou um botão. Na tela foram desfilando antigos manuscritos em várias línguas, bem como imagens de navios antigos. Galeras, galeões, liburnas, jabeques passavam sucessivamente, projetando suas sombras em seu rosto. Por um momento, o velho fez Kate recordar um feiticeiro sinistro invocando sombras que não deveriam ser chamadas. Coisas que podiam destruir um quarto e deixá-lo de novo em perfeito estado. Um calafrio percorreu suas costas.

— O problema das fontes antigas é que normalmente são fragmentadas e pouco precisas. Os cronistas tendiam a enfeitar os casos dessas anomalias, por assim dizer, com muito folclore, lendas e relatos edificantes. Localizar a verdadeira história e os fatos ocorridos debaixo de toda essa camada de contos e rumores foi um trabalho bastante extenuante. Felizmente, contamos com uma equipe de pesquisadores que trabalha nisso há três anos.

Feldman bebeu um gole de água e continuou.

— Ao longo dos séculos esses casos se repetem. Está parcialmente documentado que em 1660 cinco navios da Frota das Índias que se dirigiam da América à Espanha carregados de ouro desapareceram da formação, reaparecendo uma semana depois à deriva, com o carregamento intacto e sem rastro da tripulação... exceto os cães e gatos a bordo.

— Isso me surpreende — interrompeu Kate. — Eu cresci na Espanha e não me lembro de jamais ter ouvido isso, nem mesmo na escola. É uma história curiosa o suficiente para ser conhecida.

— Dois navios ingleses encontraram esses barcos. Naquele momento, a Inglaterra e a Espanha acabavam de sair de trinta anos de guerra, e não era conveniente para os interesses de sua majestade britânica que o resto do mundo soubesse que tinham se apropriado de cinco navios carregados de ouro que não lhe pertenciam, de modo que os ingleses esconderam o fato por completo. Descobrimos essa história pesquisando entre a documentação do Almirantado britânico.

Carter grunhiu algo ininteligível. Kate só conseguiu entender “fantasias”, e não pôde deixar de sorrir, apesar do mal-estar que sentia.

A imagem seguinte era de um bergantim de dois mastros e aspecto elegante com a bandeira britânica ondulando na parte traseira.

— Mas, por fim, chegamos ao século XIX, e os casos começam a ser corretamente documentados. Este aqui é o *Mary Celeste*.

Kate arregalou os olhos. O nome daquele navio não lhe era estranho.

— Possivelmente, é o navio fantasma mais famoso da história. Até Arthur Conan Doyle escreveu uma história sobre ele — começou Feldman. — Em 5 de novembro de 1872, zarpou de Nova York com uma tripulação composta por sete marinheiros e o capitão Briggs, além da mulher dele e da filha de dois anos. Tudo parecia transcorrer com normalidade, até que, um mês depois, outro navio, o *Dei Gratia*, cruzou em pleno oceano Atlântico com o *Mary Celeste*, que navegava a toda vela. Chamou a atenção do capitão do *Dei Gratia* o fato de que ninguém estivesse na cobertura, de modo que enviou uma equipe de abordagem. Descobriram que, apesar de o navio estar intacto, e a carga, completa, não havia ninguém a bordo. A última anotação no diário de bordo era de uma semana antes, e a comida estava recém-servida. Como no *Valkirie*.

Um murmúrio de vozes se levantou em torno à mesa. Cherenkov assentia, muito sério. Feldman aproveitou para trocar a imagem na tela. Outro navio, dessa vez, uma fotografia.

— Aqui, 28 de fevereiro de 1855. O *James B. Chester* aparece à deriva no meio do Atlântico, com a carga intacta e em perfeito estado. Só faltavam a bússola e o diário de bordo. Os pertences da tripulação estavam empilhados ao pé de um dos mastros, mas todos os botes salva-vidas estavam a bordo, e não havia rastros de violência. Nunca se soube de seus passageiros.

Uma nova foto. Dessa vez, um navio a vapor.

— Bahamas, 1905, apenas trinta anos antes da anomalia do *Valkirie*. O navio mercante *Rossini*, de bandeira italiana. Encontraram-no à deriva, com as caldeiras desligadas e totalmente deserto. Sua carga de vinhos, frutas e seda estava totalmente intacta. O único ser vivo a bordo era o gato, algumas galinhas e alguns canários meio mortos de fome. O navio estava abandonado fazia quase duas semanas.

Uma nova foto, de outro cargueiro, nesse caso, menor.

— Alguns anos antes desse incidente ocorreu outro caso ainda mais chamativo. Este navio que veem na tela é o *Ellen Austin*. Navegava perto de onde apareceu o *Valkirie* quando encontrou um veleiro de três mastros. Como em todos os casos anteriores, estava totalmente deserto. O capitão Weyland, do *Ellen Austin*, enviou uma equipe de abordagem ao veleiro. Não conseguiram encontrar nada nem ninguém vivo a bordo, mas estava em perfeitas condições. Mas não estavam lá nem o diário de bordo, nem o diário do capitão, nem nada que pudesse esclarecer o nome do navio ou sua origem.

Feldman levantou o olhar dos papéis, e sua voz se tornou mais grave:

— Quarenta e oito horas depois, enquanto navegavam em paralelo rumo a Gibraltar, um denso banco de névoa recaiu sobre os dois barcos. O *Ellen Austin* perdeu o veleiro de vista. Quando conseguiu encontrá-lo de novo, um dia depois, não restava ninguém da tripulação de abordagem. Aquele navio sem nome estava deserto

de novo, sem sinais de violência e sem rastro de nenhum dos tripulantes.

Com todos os olhos voltados para ele, Feldman prosseguiu.

— Weyland enviou outra tripulação de abordagem do *Ellen Austin*, embora isso quase tenha provocado um motim. Continuaram navegando em paralelo, até que, a duzentas milhas de Gibraltar, um novo banco de névoa, denso e terrivelmente gelado, os envolveu outra vez. De novo perderam de vista o veleiro, e dessa vez foi para sempre. Quando a névoa desapareceu, o navio sem nome não estava à vista, e jamais se tornou a saber nem dele, nem das tripulações.

A sala estava em silêncio. Só se ouvia o zumbido do projetor e a respiração agitada de Cherenkov.

— Isso não é possível! — exclamou Carter, mas até sua voz cética tinha um tom de dúvida. — Quero dizer, tem que ser falso, ou uma lenda, ou... ou...

— Está tudo documentado. Houve uma investigação por parte do Almirantado e da seguradora Lloyd's, que teve que pagar uma enorme indenização aos familiares dos marinheiros desaparecidos. Não há dúvida, Carter, foi real. O que ainda não sabemos é que diabos aconteceu.

Feldman se virou para Cherenkov e fez um sinal. O russo se levantou e caminhou até o atril, que o velho lhe cedeu com prazer.

— Houve mais de trinta incidentes nos últimos cem anos — começou o russo com sua voz cavernosa. — E não podem ser explicados de jeito nenhum. Sou físico, e meu campo são as radiações eletromagnéticas. Eu me deparei com esses... incidentes em 1972, quando um dos nossos submarinos balísticos da classe Golf, o *K-94*, desapareceu durante setenta e duas horas, e reapareceu mais tarde sem rastro da tripulação. Conseguimos localizá-lo graças à baliza de emergência, a pouco mais de trezentos metros de profundidade, com o reator a meia potência e todas as eclusas completamente fechadas. Não havia nem uma gota de água salgada dentro do casco, mas dos oitenta e três homens, entre marinheiros e oficiais, não havia nem o menor rastro.

Alguém bebeu fazendo barulho. Cherenkov os mantinha absortos com sua história.

— A operação de resgate foi um verdadeiro prodígio logístico, que, por motivos óbvios, jamais viu a luz. — Por um instante, a voz do russo soou orgulhosa. — Fomos capazes de recuperar um submarino nuclear às portas dos Estados Unidos sem que ninguém notasse. Nem os próprios norte-americanos.

Apertou um botão e apareceu um diagrama de ondas eletromagnéticas que, para Kate, parecia chinês. Mesmo assim, bateu uma foto discretamente. Para muitos dos físicos sentados à mesa, contudo, pareceu bastante interessante, porque se inclinaram para a frente e começaram a fazer anotações.

— Os dados que o submarino enviou antes de seu desaparecimento eram muito estranhos, mas faziam referência a uma forte perturbação eletromagnética em especial. Os instrumentos tinham enlouquecido e durante alguns momentos pareciam ter perdido o controle eletromecânico do reator nuclear. Passei os doze anos seguintes estudando aqueles dados, e a investigação me levou a encontrar casos similares, como alguns dos que o senhor Feldman descreveu. Não aconteceu só com navios, mas também com aviões...

— Como a esquadilha de torpedeiros que desapareceu no Triângulo das Bermudas? — perguntou alguém do fundo da sala.

Cherenkov assentiu pacientemente, com uma expressão resignada, como se esperasse que cedo ou tarde aquilo surgisse na conversa.

— Sim, mas não — respondeu. — Isto não tem nada a ver com o Triângulo das Bermudas, nem nada no estilo. Esqueçam isso por completo. O triângulo, que nem mesmo é um triângulo, é uma bobagem pseudocientífica sem fundamento. Não estamos falando de extraterrestres, nem da Atlântida, nem de nenhum desses lixos *new age*.

O silêncio na sala era total naquele momento.

— Isto é coisa séria — continuou Cherenkov. — Há dois tipos de movimento de água no oceano. O superficial, que sofre influência do

vento, da temperatura e de outros fatores, e os movimentos de águas profundas, impulsionadas pelas correntes dos oceanos. A diferença de movimento entre uma corrente e outra cria significativas variações de pressão e estática que acabam provocando poderosas tempestades eletromagnéticas.

— Como os furacões? — perguntou um dos meteorologistas.

— Exatamente, só que muito mais intensas e duradouras. Se uma tempestade atmosférica dura alguns dias, ou no máximo duas semanas no caso dos furacões, uma tempestade submarina pode ter uma duração de meses. Seu movimento é muito mais lento, e a energia que dissipa é muito mais intensa. Seus campos eletromagnéticos são tão poderosos que podem provocar anomalias capazes de interferir com os navios que navegassem sobre elas.

Apertou outro botão. Do aparelho de aspecto estranho sobre a mesa, surgiu um feixe de luz e, como em um passe de mágica, uma representação tridimensional do planeta Terra flutuou sobre a mesa. Ouviram-se suspiros de espanto. Kate se lembrou da cena da gravação que a princesa Leia introduz em R2D2 no início da *Guerra nas estrelas*. Aquela tecnologia era muito inovadora. Estava claro que Feldman não se preocupava com gastos.

— Foi aqui que o *Valkirie* desapareceu. — Um ponto vermelho brilhou no planeta Terra que girava no projetor. — E foi aqui que desapareceu o submarino no ano de 1972.

Assim que Cherenkov disse isso, outro ponto vermelho apareceu no globo.

— E estes são os locais onde ocorreram anomalias similares documentadas durante os últimos cem anos, como as que o senhor Feldman nos contou.

Apertou de novo o teclado, e dezenas de pontos vermelhos começaram a salpicar toda a superfície dos oceanos, como se aquela representação da Terra estivesse sofrendo um grave surto de catapora.

— E agora vem o mais interessante — murmurou Cherenkov como um mágico prestes a fazer um truque especialmente difícil. — Observem isto.

Na projeção, os pontos começaram a se unir por meio de linhas retas que atravessavam o globo. As linhas se cruzavam e se sobrepunham, e logo Kate conseguiu segui-las. Mas, depois de um momento, percebeu o que estava acontecendo e não pôde conter um gemido de espanto.

Sobre o globo havia se desenhado uma delicada trama. No início parecia caótica, como um desenho feito por um bebê com um pincel atômico na mão, mas, observando com atenção, Kate descobriu que havia um padrão, um jogo de linhas que se repetia várias vezes e só coincidia em determinados pontos. Os pontos onde haviam ocorrido os desaparecimentos.

— É impressionante — murmurou.

Cherenkov ouviu e se virou para ela sorrindo.

— Eu batizei isso de Singularidade de Cherenkov. E neste momento estamos navegando para um dos pontos onde essa singularidade existe. Logo descobriremos se tenho ou não razão.

XXI

HOUVE UM MOMENTO de silêncio absoluto na sala e, em seguida, uma explosão de gritos e vozes. Todo mundo tentava falar ao mesmo tempo, ou fazer algum tipo de pergunta. Aqueles cientistas normalmente tranquilos se comportavam como se alguém tivesse enfiado um monte de formigas carnívoras dentro de suas calças.

Feldman levantou as mãos, tentando aplacar aquele alvoroço. Pouco a pouco todo mundo voltou a se sentar, mas o ambiente na sala havia mudado por completo. Havia uma corrente de excitação contida que vibrava como eletricidade estática. Todos queriam dizer alguma coisa, e até o cético Carter parecia emocionado. Todos eles viam implicações científicas naquele projeto, coisa que a jornalista não percebia. No entanto, era possível notar uma coisa: acreditavam naquilo, achavam que o que Cherenkov havia contado podia ser real.

— Temos apenas quatro dias até chegar ao ponto da singularidade, e não temos nem ideia do que pode acontecer quando estivermos ali. Durante esse tempo todos vocês poderão trabalhar com os documentos que temos.

Senka começou a caminhar entre eles deixando um grosso dossiê de capas vermelhas diante de cada um dos presentes. Kate não recebeu um. Suspeitava que Feldman havia decidido que ela tinha pouco a contribuir com a investigação científica.

— As provas indicam que em cada incidente há anomalias climatológicas, eletromagnéticas e de outros tipos — indicou Feldman. — Cada um de vocês trabalhará no campo que lhe foi atribuído, coordenados pelo professor Cherenkov. No âmbito científico, prestarão contas a ele. No aspecto organizacional, a senhorita Simovic lhes fornecerá o material de que necessitem para seus testes. E, finalmente, todos responderão a mim.

— Devia ter nos contado isso antes. — Paxton se sacudia, febril. — Tenho em meu laboratório bibliografia e documentação que pode ter a...

— Não se preocupem com isso — replicou Feldman. — Está tudo previsto.

Feldman se virou para Senka, que ativou o estranho computador que havia chamado a atenção de Kate desde o início. Era uma caixa prateada retangular, do tamanho da maleta de um executivo, e tinha um teclado e um monitor conectados.

— Este computador tem conexão direta com Sonora, o centro de dados instalado em Usher Manor. Há vinte pessoas trabalhando ali, vinte e quatro horas por dia, reunindo toda a informação de que possam precisar. Cada um de vocês terá acesso a um terminal, durante o tempo que for necessário, no salão Gneisenau, onde nos reunimos esta manhã. Senka, por favor...

A sérvia apertou uma série de teclas, e a tela se iluminou com uma série de números. Logo a tela mudou, e apareceu a imagem de uma garota jovem e bonita, de uns vinte e tantos anos, cabelos castanhos sobre os ombros e olhos escuros de expressão inteligente. Estava em uma sala lotada de computadores e telas. Atrás dela se via gente andando de um lado para o outro cheia de papéis, livros e caixas.

— Boa noite, Anne — disse Feldman. — Esta é Anne Medine, coordenadora do Departamento de Documentação em Usher Manor. Qualquer documento de que necessitem, peçam a ela. Qualquer teste que queiram realizar e que não possam fazer a bordo do navio, ela se encarregará de realizá-lo em minha mansão. Anne e sua equipe serão nossos olhos e ouvidos em terra.

— Boa-noite a todos — respondeu Anne.

Sua voz soava nítida e sem cortes, apesar de estar a centenas de quilômetros dali. Parecia um pouco assustada por estar diante de tanta gente, mesmo a distância. Era evidente que não estava acostumada a falar em público.

Anne Medine começou a explicar os procedimentos para solicitação de testes e documentação, que seriam enviados pela rede de satélite própria de que dispunham. Kate quase engasgou ao ouvir “rede de satélite própria”. Embora isso explicasse o bosque de antenas que marcavam os jardins de Usher Manor, também representava um investimento econômico proibitivo. Kate suspeitava que Feldman estava levando suas finanças ao limite com aquele projeto. Talvez a ponto de começar a atrair os olhares de Receita Federal sobre suas contas.

Feldman. Naquele momento, ele se levantou discretamente da mesa. O velho parecia um pouco cansado depois da apresentação, mas Kate não pretendia deixá-lo ir. Enquanto o viu se afastar, apoiado em Senka, notou que o judeu parecia terrivelmente esgotado. Duas profundas olheiras marcavam seus olhos de falcão, que pareciam um pouco mais apagados que de costume. Kate pensou que para Feldman a viagem no *Valkirie* estava custando mais que todo o resto.

Não podia permitir que ele fosse embora sem antes responder a suas perguntas. Levantou-se da mesa e foi atrás deles bem no momento em que abandonavam o salão de baile por uma porta que dava para o passeio externo do navio.

— Feldman! — gritou.

Um forte vento soprava, e uma camada de nuvens cobria o céu. Não se via nenhuma estrela, e a umidade marinha a fez começar a tremer imediatamente dentro do vestido, leve demais para estar no meio do oceano.

O velho se virou e a observou com expressão cansada. Alguma coisa cintilava em seu olhar. Remorso, talvez? Senka deu um passo para se interpor aos dois, mas Feldman a afastou.

— Kate Kilroy — disse seu nome devagar, como se soletrasse. — A mulher que sabe fazer as perguntas corretas. Suponho que queira averiguar alguma coisa.

— Só a verdade, Feldman — respondeu Kate. — Diga-me o que aconteceu no navio auxiliar. E na casa de Duff. Sei que não foi um acidente.

Com um suspiro, Feldman se apoiou na balaustrada e fez um gesto para que se aproximasse. Senka olhou para eles, hesitante, mas o velho lhe fez um sinal que os deixasse sozinhos. De má vontade, a sérvia se afastou, não sem antes lançar um profundo olhar carregado de interrogações à dupla que ficava olhando o Atlântico.

Kate se sentou em uma cadeira de vime e esperou que Feldman fizesse o mesmo. O judeu pegou um maço de cigarros e ofereceu um a Kate, que recusou. Ele deu de ombros e lutou contra o vento para acender o seu. Quando finalmente conseguiu, deu duas tragadas e soltou a fumaça, enquanto parecia organizar suas ideias.

— Não sou o único que andou procurando o *Valkirie* — começou a falar. — Só descobri isso há alguns anos, quando localizei o armazém da Marinha Real Britânica onde estava a maioria dos móveis deste navio. Quando os disputei descobri que havia uma sociedade oferecendo uma enorme quantia de dinheiro pelo lote completo. No início, pensei que deviam ser antiquários, ou algo do gênero, mas, quando o leilão atingiu uma cifra muito acima do preço de mercado, percebi que estavam procurando algo mais. Possivelmente o mesmo que eu.

Deu uma longa tragada e olhou para o oceano escuro.

— A empresa era uma sociedade cuja sede estava situada nas Ilhas Cayman. Mandei investigá-la, e o rastro nos levou a mais três ou quatro empresas, todas radicadas em paraísos fiscais. Quem quer que fosse, tinha muito dinheiro e estava empenhado em esconder sua verdadeira identidade.

— Mas o senhor conseguiu — adivinhou Kate.

Feldman assentiu.

— Não foi fácil. Exigiu um esforço considerável e muito dinheiro, mas deu seus frutos. Descobri que no final do fio havia uma sociedade suíça com um nome alemão: Wolf und Klee. Já ouviu falar?

Kate forçou a memória. Tinha ouvido esse nome antes. De repente, recordou a conversa que havia tido com o capitão Collins no depósito naval. Ele havia contado que um grupo alemão chamado Wolf und Klee havia disputado o *Valkirie* e que Feldman só tinha conseguido vencê-los após oferecer uma quantia estratosférica.

— Lembro-me de ter ouvido esse nome em Liverpool — respondeu. — Eram seus rivais para comprar o *Valkirie*. Quem são?

— Wolf und Klee. — Feldman pronunciou as palavras muito devagar, quase soletrando-as. — O Lobo e o Trevo. Eu não fazia a menor ideia de quem eram quando o ouvi o nome pela primeira vez. Meu pessoal passou vários meses rastreando-os. Sabe o que era o Werwolf?

— Não faço ideia — respondeu Kate confusa com a brusca mudança de tema.

— Em 1944, quando já estava evidente que a Alemanha ia perder a guerra e que os aliados invadiriam todo o Reich, Hans Prützmann, um *Obergruppenführer* das SS, recebeu a tarefa de organizar um grupo clandestino que operasse incógnito atrás das linhas aliadas. Sua missão era realizar sabotagens, assassinatos seletivos e ações encobertas. Deram-lhe quase cinco mil homens para esse fim. Alguns eram velhos veteranos da SS, mas a maioria eram jovens das Juventudes Hitlerianas, incapazes de levantar um fuzil.

— O que isso tem a ver com... — começou Kate, mas Feldman a interrompeu levantando uma mão.

— Werwolf foi um fracasso quase desde o início. Eram desorganizados, quase não tinham recursos materiais, e a Alemanha estava simplesmente esgotada demais pela guerra para sustentar um movimento clandestino. Conseguiram assassinar alguns oficiais aliados e explodir duas pontes, mas nada mais. — Feldman se encolheu no paletó, como se sentisse muito frio. — Quando a guerra acabou quase todos acabaram presos ou abandonaram

discretamente a organização, especialmente os mais jovens. A paz é muito mais atraente que a possibilidade de uma morte obscura e sem glória em um beco cheio de escombros.

Senka apareceu na porta nesse momento, trazia dois cafés bem fortes e muito quentes. Ambos os aceitaram com um suspiro de satisfação. Feldman esperou a sérvia se afastar para continuar sua história.

— Uma parte da Werwolf jamais debandou — disse depois de tomar um ruidoso gole de seu café. — O núcleo mais duro, os mais fanáticos, negou-se a renunciar. Mas não eram estúpidos. Se fossem, não teriam sobrevivido à carnificina final. Perceberam que o mundo tinha mudado e que a ação de guerrilha já não fazia sentido. De modo que decidiram mudar de tática. Já não se tratava da sobrevivência do Terceiro Reich, que estava acabado, e sim de salvar tudo o que pudessem para, no futuro, servir de germe para um Quarto Reich. Decidiram se transformar em guardiões das essências nazistas.

— E, assim, Werwolf se transformou em Wolf und Klee — adivinhou Kate.

Feldman assentiu com um gesto de reconhecimento.

— O lobo e o trevo — sussurrou. — O símbolo da família de Prützmann transformado no emblema de uma nova organização. Com o passar dos anos, foram se colocando em postos-chave da administração alemã. O processo de desnazificação da Alemanha foi muito superficial, e muitas pessoas em cargos médios tocaram a vida. Naquele momento, a ameaça soviética era coisa muito mais urgente.

— Mas, o que significava manter as essências? E o que o *Valkirie* tem a ver com tudo isso? — Kate o interrompeu de novo.

Feldman a olhou e fez um gesto para que tivesse paciência.

— Ao longo dos anos, a Wolf und Klee foi se tornando enormemente rica e poderosa. Rica, poderosa... e secreta. Dispunham de fundos secretos deixados pelo regime nazista, e, além do mais, tinham alcançado postos importantes dentro da sociedade alemã. Com aquele dinheiro, logo começaram a financiar os

movimentos neonazistas de metade da Europa. Mas dedicaram a maior parte a reunir relíquias.

— Relíquias?

— Símbolos. Os nazistas foram os primeiros a apreciar o valor que a simbologia pode ter para as massas. Sabiam que cedo ou tarde surgiria uma situação econômica e social na Europa parecida à que gerou a ascensão do nazismo. E queriam estar preparados. Ter os símbolos que reunissem os descontentes. Que ajudassem a nova ascensão das ideias nacional-socialistas.

Kate sentiu a boca seca. Aquilo era a última coisa que esperava ouvir.

— Ao longo dos anos, mediante a compra, o roubo, o assassinato e a extorsão, foram juntando um verdadeiro museu de horrores. Eles têm as cinzas de Himmler e Goebbels, o crânio de Hitler, e Deus sabe o que mais, em alguma redoma blindada na Suíça.

— Isso é horrível... e nojento — murmurou Kate contrariada.

— Em certa medida, não deixavam de ser um bando de velhos lunáticos colecionando antiguidades. Algo relativamente inofensivo. — Feldman soltou uma gargalhada amarga. — Até me aproveitei deles e lhes vendi um suposto diário de Hitler por meio de um marchand holandês que não sabia nada sobre o enredo. Não era verdadeiro, claro, mas tratava-se de uma falsificação extraordinária, talvez a melhor já feita. Pagaram-me uma enorme fortuna, e usei parte dela para comprar o *Valkirie*. Além do mais, eu sabia que eles iriam atrás deste navio e esperava deixá-los sem fundos para o leilão se lhes oferecesse uma isca.

— Mas não a morderam — apontou Kate.

— Morderam, mas não abandonaram a ideia de conseguir o *Valkirie* — respondeu Feldman subitamente sério. — No início, achei que o fato de um judeu ser dono do último navio nazista sobre a face da Terra fosse algo que não poderiam suportar. Mas havia algo mais. Não entendi o motivo até que descobrimos que Mikhail Tarasov, um antigo membro da equipe de pesquisa de Cherenkov, estava trabalhando para eles.

Kate soltou uma exclamação de surpresa. Deu um gole de café pensando nas implicações daquele fato.

— Isso significa que eles têm acesso aos mesmos dados que nós acerca das singularidades e das anomalias, mas com um enfoque diferente — continuou Feldman inclinando-se para a frente, visivelmente alterado. — E por isso estão dispostos a matar qualquer um ou fazer o que for necessário. Vão apostar tudo nessa carta sem hesitar.

Um calafrio de terror subiu pelas costas de Kate. Temia o que podia ouvir.

— O pessoal da Wolf und Klee e Tarasov pensa que nos pontos onde se encontram as singularidades ocorrem distorções espaçotemporais. É uma loucura difícil de explicar, mas...

— Mas... — repetiu Kate, escutando sua própria voz estrangulada.

— Mas acreditam que, se este navio estiver no lugar correto na hora exata, poderão aparecer no mesmo lugar... mas em 1939.

— Para quê?

— Se voltarem ao passado, poderão evitar que Hitler cometa os erros que o levaram à derrota. Stalingrado, Normandia... jamais teriam acontecido. — Havia verdadeira angústia na voz de Feldman. — Não entende, Kate? A Alemanha ganhará a guerra, o povo judeu será totalmente exterminado, e eles mudarão o curso da história. Para sempre.

XXII

DURANTE UM INSTANTE só, apenas se ouviu o som do vento soprando pelo passeio lateral do *Valkirie*, assim como o barulho do mar e o zumbido surdo das luzes. Kate observava Feldman estupefata.

— Não pode estar falando sério — disse a repórter por fim. — Viagens no tempo não são possíveis. O senhor mesmo disse.

— Sei que disse — replicou Feldman. — E sustento. Discuti isso muitas vezes com Cherenkov, e continuo discutindo diariamente. Ambos pensamos que o enfoque de Tarasov é uma verdadeira estupidez. Não se pode viajar no tempo da mesma maneira que não se pode cair para cima. As leis da física são inexoráveis.

— Então? — perguntou Kate.

— A questão não é no que *nós* acreditamos, e sim no que *eles* acreditam. — Feldman meneou a cabeça, parecia exausto. — E enquanto esses lunáticos da Wolf und Klee estiverem convencidos de que o *Valkirie* é o passaporte para uma maldita entrevista com seu querido *Führer*, temos um problema sério.

— O caso do *Mauna Loa* foi uma bomba — murmurou Kate.

Feldman assentiu e apontou para o interior do salão, atrás de si.

— Se contarmos a toda essa gente que temos um bando de lunáticos mordendo nossos calcanhares, o que acha que vai acontecer, Kate?

— Seria o caos — disse ela. — O fim desta viagem. Todos exigiriam voltar de imediato.

— Isso mesmo — assentiu Feldman. — Por isso quero pedir para não contar nada. Se o pessoal da Wolf und Klee conseguiu infiltrar alguém a bordo, Moore cuidará dele. Enquanto isso, o tempo joga a nosso favor.

Kate hesitou um momento e por fim assentiu.

— Muito bem, Feldman — disse. — Mas, em troca, quero que me conte tudo. Sem mais segredos. De acordo?

— Isaac — disse Feldman com um sorriso.

— Como? — perguntou Kate perplexa.

— Isaac. Chame-me de Isaac. Todo mundo me chama de senhor Feldman, e é cansativo. E sim, de acordo, chega de segredos. Você tem minha palavra, Kate.

Ela assentiu, satisfeita, e estendeu a mão a Feldman, que a apertou. A do velho estava terrivelmente fria. Kate teve a horrorosa sensação de estar tocando alguém que caminhava sob a sombra da morte iminente. Estremeceu e tentou afastar aquele pensamento da cabeça.

— A tentativa de me atropelar — disse Kate. — A morte de Duff Carroll...

— Sim — afirmou Isaac Feldman. — A daquele pobre velho do *Pass of Ballaster* também foi obra deles. O que não consigo entender é por que levaram sua cabeça e seu coração. Isso me deixa totalmente perplexo.

Kate estremeceu ao recordar. As paredes cheias de sangue, o cheiro de carne queimada... Teve a sensação de que aquilo tinha acontecido com outra pessoa havia um milhão de anos.

— Não parece muito científico nem racional, evidentemente.

— Não estamos tratando com gente racional, Kate. Estamos lidando com fanáticos. E farão o que for necessário para se apoderar deste navio... ou impedir que cheguemos primeiro.

Ambos ficaram em silêncio durante um tempo. Então, Moore apareceu sorrateiramente, saído do nada, e se aproximou deles.

Inclinou-se para Feldman e sussurrou algo em seu ouvido.

Kate os observava inquieta. Agora, a presença de Moore e de todos os seus homens a bordo do *Valkirie* não lhe parecia uma ideia tão ruim. Recordou as caixas com armas que havia visto trazerem a bordo. Era possível que Feldman tivesse razão, apesar de tudo.

— Kate. — Feldman tinha se virado para ela. Sua pele parecia ter adquirido um tom cinzento. — Precisamos ir à ponte imediatamente. Talvez tenhamos um problema.

A ponte do *Valkirie* era uma obra de arte da engenharia naval. Seus designers haviam pensado em dotar o capitão e a tripulação da maior visibilidade possível para a época, e todo o frontal era composto por uma ampla janela que ficava sobre a proa do navio.

Quando Kate entrou na ponte com Feldman e Moore, descobriu que durante a restauração haviam deixado aquela parte do navio idêntica ao que era nos anos 1930, com exceção da parte do fundo, que estava abarrotada de maquinário moderno de navegação.

Junto daquela parede alinhavam-se uma tela de radar ligada a um *plotter* de navegação, dois computadores auxiliares, um moderno sonar e mais meia dúzia de aparelhos que não conhecia. Toda aquela tecnologia do século xxi oferecia um estranho contraponto com o resto da ponte de comando, mas a fez se sentir um pouco mais segura.

Ao passar ao lado da sala de rádio, Kate espiou e viu o operador de comunicações, sentado de maneira relaxada em sua cadeira, diante de uma moderna bancada cheia de monitores. Em vários deles viam-se diferentes imagens do interior do *Valkirie* por meio de um sistema de vigilância. Outros monitoravam todos os canais de rádio e telecomunicações que chegavam pelo satélite. Por último, em um dos monitores, um jogo da NBA entrava em seu último tempo, e o operador parecia mais interessado nele que em qualquer outra coisa.

Kate sorriu. Pelo menos uma parte do *Valkirie* continuava parecendo estar no presente. Mas o sorriso se apagou de seu rosto quando olhou pela janela da ponte.

Havia um gigantesco banco de névoa que se perdia no horizonte em frente à proa do transatlântico, a apenas duas milhas náuticas. Era um banco longo, alto, muito denso, de uma cor suja e amarelada. Os contornos das ondas se apagavam ao chegar ao seu limite, como um desenho que chega à borda do papel e acaba de maneira abrupta. Kate tinha vivido em Londres tempo suficiente para entender alguma coisa sobre bancos de névoa, mas nunca tinha visto um que tivesse a mesma consistência densa e pegajosa desse. De vez em quando, um redemoinho sacudia sua superfície de maneira preguiçosa, como se um enorme animal pré-histórico se mexesse no meio da bruma. Algumas faixas de névoa se antecipavam rentes à água, como dedos longos e gananciosos.

Kate estremeceu ao ver aquilo. Nunca tinha gostado de névoa, e daquela muito menos. Tinha um aspecto diferente. Um aspecto funesto e desagradável. Ou talvez estivesse muito sugestionada por tudo o que tinha acontecido aquele dia, e fosse apenas um maldito banco de névoa normal e corriqueiro.

Olhou para o capitão. Era um homem alto, de expressão bondosa e cabelos brancos, com um cavanhaque bem-cuidado recortado em volta da boca. Com uns cinquenta anos, vestia-se de maneira informal, com uma calça de moletom e um blusão. Dava a sensação de ter sido tirado com urgência da cama e ter vestido a primeira coisa que encontrou. Em volta de seus olhos escuros, Kate notou que se formavam rugas de preocupação. Aquilo não podia ser bom.

— Senhor Feldman — disse virando-se para o judeu e estendendo-lhe a mão.

Feldman a apertou e deixou um espaço para que o capitão visse Kate.

— Este é o capitão Steven Harper, Kate — disse Feldman apresentando o marinheiro à jovem. — Mais de trinta anos no mar, os últimos doze comandando cruzeiros.

Harper fez uma leve inclinação, mas se notava que estava tenso. Não parecia ter tempo para convenções sociais.

— O que está acontecendo? — perguntou Feldman com a secura de sempre.

— Esse banco de névoa — respondeu Harper passando-lhe os binóculos — apareceu na nossa frente há dezesseis minutos, saído de sabe Deus onde. Estamos no rumo, e não creio que demoremos mais de quinze minutos para chegarmos ao centro dele.

— Parece um banco de névoa normal — murmurou Feldman.

Kate, que começava a conhecê-lo, pôde notar um leve tremor em sua voz. Coisa sutil, quase imperceptível, mas que estava ali.

— A previsão meteorológica não dizia nada sobre névoa — replicou o capitão Harper com voz apagada. — De fato, estamos no meio de um centro de altas pressões e em pleno mês de agosto, com temperaturas superiores a vinte graus a esta hora da noite. Não são condições apropriadas para um banco de névoa, e menos ainda para um desse tamanho.

— Às vezes as previsões se enganam — grunhiu Feldman como um cão mal-humorado, olhando o banco de névoa com ar de desdém. — É só um pouco de bruma...

— As previsões podem se equivocar — replicou Harper—, mas a tecnologia não costuma falhar nestes casos. Olhe isto.

Virou-se para a parede onde estavam todos os modernos instrumentos de navegação e digitou alguns comandos em um console. Depois de alguns segundos, apareceu em uma tela uma imagem por satélite de um pedaço de mar. Havia um ponto piscante no meio da tela.

— Isso é o *Valkirie*. Vê o que quero lhe dizer?

— Não vejo nada — murmurou Feldman.

— Esse é o problema — respondeu Harper. — Nem o satélite nem o radar detectam esse banco de névoa nem o que possa haver dentro. É como se não existisse.

Houve alguns segundos de silêncio interminável, doloroso e tenso.

— Isso é impossível — disse Feldman por fim apontando pela janela. — Está bem aí.

O capitão Harper abriu a boca como se fosse dizer “estou vendo, idiota”, mas fechou-a e apertou os lábios. Embora, em tese, um capitão seja o único senhor de um navio depois de Deus, no *Valkirie*

Feldman ocupava uma posição intermediária entre ambos, e não era conveniente irritá-lo.

— O banco se estende nas duas direções até o limite do horizonte — respondeu. — E não teremos luz solar pelas próximas seis horas. A única maneira de desviarmos dele é mudando de rumo.

— Seguiremos o rumo estabelecido, capitão.

Feldman apontou para a mesa de navegação, e Kate notou, pela primeira vez, que sobre ela havia um livro de aspecto amarelado e antigo. O diário de navegação original do *Valkirie*. O diário que acabava de maneira abrupta apenas quatro dias depois.

— Com todo meu respeito, senhor Feldman — replicou Harper —, não podemos comprometer a segurança do navio e de todos os seus passageiros. Se desviarmos apenas um quarto para bombordo...

— Não vamos desviar nosso rumo nem um metro, maldição! — rugiu Feldman. — Seguiremos a rota registrada nesse diário! E, se não estiver de acordo, diga agora e arranjurei alguém que o substitua de imediato! Fui claro, Harper?

A tensão na ponte podia ser cortada com uma faca. Todos os olhos, inclusive os do timoneiro, estavam atentos a Feldman e ao capitão.

— Totalmente, senhor Feldman — respondeu Harper empertigado após alguns segundos de insuportável silêncio. — Às suas ordens. Mas delego toda a responsabilidade do que possa acontecer a sua pessoa. Todos vocês são testemunhas.

Feldman fez um gesto vago de assentimento que tanto podia significar "certo" quanto "não dou a mínima".

— Vamos em frente, então — murmurou o velho.

— Avante dois terços, rumo sem mudanças — ordenou o capitão Harper ao timoneiro.

— Avante dois terços, rumo sem mudanças — repetiu mecanicamente o timoneiro.

Como um enorme animal marinho que cuspiu fumaça, o *Valkirie* se aproximou da borda do banco de névoa. Lentamente, introduziu-se na bruma. Durante uma fração de segundo, se alguém tivesse

prestado atenção, teria ouvido um gorgolejo aquoso, como um suspiro apagado embaixo d'água.

E depois, não houve nada mais. Só silêncio.

XXIII

Valkirie

Segundo dia de travessia

QUANDO KATE ACORDOU, na manhã seguinte, deu-se conta de duas coisas, ambas bastante incomuns. A primeira era o silêncio absoluto que reinava em torno ao *Valkirie*. Só se ouvia o rumor da água ao passar roçando o casco, e nada mais. Nem vento nos cabos de proa, nem ruídos de animais marinhos, nem barulho de ondas. Nada. Só silêncio. A segunda coisa que descobriu foi que a temperatura parecia ter baixado no mínimo dez graus. Na noite anterior estivera tomando café com Feldman em um dos terraços usando um simples vestido de seda de decote canoa que deixava os braços à mostra. Não tinha sentido calor, mas também não tinha sentido frio. No entanto, aquela manhã, enquanto percorria o passeio de estibordo rumo ao salão de jantar da primeira classe estava quase tremendo dentro de uma blusa de lã.

A névoa envolvia todo o navio como o sudário de um morto. A visibilidade era de apenas dez metros de ambos os lados e à frente. Enquanto caminhava pelo passeio, Kate via surgir as espreguiçadeiras vazias por entre a bruma, como sombras escuras que pouco a pouco iam ganhando forma.

Na metade do trajeto avistou um homem de terno xadrez deitado em uma espreguiçadeira, fumando um cigarro, com um livro nas mãos. Antes que pudesse se aproximar o suficiente para ver quem era, o homem se levantou, jogou o cigarro pela borda, encaixou bem seu chapéu de palha e, dando-lhe as costas, saiu caminhando para a proa.

“Chapéu? Quem diabos usa um chapéu de palha no meio de um banco de névoa?” A pergunta relampejou em sua mente com força. Apertou o passo em direção àquele homem, mas, quando chegou à espreguiçadeira, não havia ninguém ali.

Então, viu uma figura se mover em sua direção. Seu coração disparou por alguns instantes até que intuiu a silhueta familiar de Carter correndo atrás dela.

— Bom dia, Kate — ele disse ao alcançá-la.

O físico estava de moletom e suave como se tivesse corrido uma maratona.

— Bom dia, ou algo assim. Com esta maldita névoa não se pode adivinhar nem a hora.

— Parece muito densa — respondeu Kate.

“E há quem, apesar disso, use chapéus de palha”, acrescentou mentalmente, mas não disse nada.

— Nossos três meteorologistas estão malucos — contou Carter, enxugando o suor da testa com uma das mangas. — Só ficam correndo da estação meteorológica de proa ao radar da ponte. Estão tão agitados que com certeza o capitão Harper deve estar pensando seriamente em jogá-los pela borda. Ao que parece, esta névoa tem algo que a torna muito interessante.

— O capitão acha o mesmo, mas Feldman, não — replicou Kate com ar pensativo. — A propósito, quem era o homem com quem você cruzou? O de terno xadrez.

Carter a olhou fixamente, como se não tivesse ouvido direito.

— Não cruzei com ninguém, Kate — disse muito sério.

— Não pode ser, ele estava indo na sua direção há apenas um minuto...

A voz de Kate se foi apagando, tomada de dúvidas.

— Faz vinte minutos que estou correndo por esta cobertura, e você é a primeira pessoa por quem passo — respondeu Carter. — Acho que não está um dia muito bom para passear. Quase todo mundo está dentro do navio. Como era esse homem de terno?

— Não sei — respondeu Kate assustada. — Não consegui ver bem. Talvez eu tenha só imaginado.

— Pode ser — replicou Carter em dúvida.

Envergonhada, Kate notou que o físico a olhava com o ar de “você não está bem da cabeça” que se reserva para as pessoas que ouvem vozes e se julgam emissários dos extraterrestres. Ou que veem coisas que não existem.

— Vou comer alguma coisa — disse a jornalista tentando mudar de assunto. — Você me acompanha?

— Não posso — respondeu Carter. — Preciso tomar um banho e me reunir com Cherenkov daqui a quinze minutos. Quero ver os cálculos de sua singularidade. Ontem pareceram promissores.

— Tudo bem — disse Kate. — Mas tarde nos vemos.

— E se encontrar seu homem de terno xadrez, não se esqueça de me contar! — despediu-se Carter com uma gargalhada enquanto se afastava correndo pela cobertura.

Kate ficou sozinha no meio do passeio, agradecida por a névoa cobrir o rubor de seu rosto.

“Você fez papel de idiota, Kate. Parabéns.”

Enfurecida consigo mesma, continuou andando para o salão. E então o viu.

Quase não se deu conta por causa da névoa. Estava encaixado entre um bote salva-vidas e a balaustrada, e parecia que alguém o havia deixado ali para que o vento não o levasse.

Era um chapéu de palha de aba larga, com uma fita azul que contornava a copa.

Kate ficou petrificada. Olhou com cautela para os dois lados procurando alguém que pudesse estar brincando com ela. Por um momento pensou em Carter. O norte-americano era o tipo de pessoa

com um humor ácido e irreverente que não hesitaria em rir de si mesmo e dos outros, mas não parecia alguém dado a brincadeiras de mau gosto.

Hesitante, inclinou-se e pegou o chapéu. Estava surpreendentemente frio, como se estivesse exposto à névoa e ao sereno a noite toda. Pegou-o nas mãos certificando-se de que era real, e não fruto de sua imaginação. Ao girá-lo, viu que dentro havia uma etiqueta bordada com um nome: Schweizer.

"Schweizer", repetiu várias vezes.

Não parecia familiar. Mas, por outro lado, não sabia o nome de todos os cientistas que estavam a bordo, sem contar dos membros da tripulação. No total devia haver umas setenta pessoas a bordo, e ela só conhecia uma dúzia. Podia ser de qualquer um deles.

Com o chapéu nas mãos, entrou no salão e se serviu do bufê de café da manhã. Havia apenas uma dúzia de pessoas sentadas às mesas naquele momento, quase todos membros da tripulação, exceto dois cientistas. Não havia nem sinal de Feldman, de Moore ou da sérvia. E ninguém estava de terno xadrez, evidentemente.

Kate teve a tentação de perguntar em voz alta se alguém conhecia Schweizer, mas se conteve. Já havia feito papel ridículo o suficiente com Carter. Teria que descobrir quem era o dono do chapéu de outra maneira.

Acabou o café da manhã às pressas e se dirigiu ao salão Gneisenau. Tinham afastado os sofás e os tapetes de uma parte da sala, e alguém tinha colocado uma mesa comprida cheia de terminais de computador diante das cadeiras. Parecia uma dessas *lan houses* que abundavam nos anos 1990.

Só dois lugares estavam ocupados, um por uma mulher de meia-idade e outro por um dos químicos que tinham tentado flertar com ela no dia anterior. Ambos estavam absortos diante de telas cheias de números e textos, e escreviam de maneira febril em suas cadernetas. Nem sequer levantaram a cabeça quando Kate se sentou em uma das cadeiras livres e se conectou com Usher Manor.

A tela piscou durante alguns instantes, enquanto uma série de números corria pela parte inferior e o terminal se conectava com o

satélite. Três minutos depois, continuava igual.

Confusa, Kate pensou por um instante que tinha feito algo errado. Mas, então, a tela se encheu com a imagem de Anne Medine em Usher Manor. A jovem, de aspecto tímido, parecia meio extenuada.

— Bom dia — disse. — Parece que estamos tendo alguns problemas de comunicação há algumas horas. Desculpe a demora. Do que necessita, senhorita Kilroy?

Kate pestanejou, surpresa por aquela garota saber seu nome, mas imaginou que Feldman tivesse fornecido um dossiê completo de cada um dos participantes daquela viagem. Não era de se estranhar.

— Bom dia, Anne — disse ajeitando o microfone e os fones de ouvido. — Preciso que me faça um favor. Poderia me dizer quem é o senhor ou senhora Schweizer? Tenho que falar com ele, ou ela, sobre... uma coisa. Não sei se faz parte da equipe científica, da segurança ou da tripulação.

Anne pestanejou duas vezes. Uma interferência distorceu a imagem durante dois segundos. Quando o sinal voltou, Anne tinha na mão uma lista com os nomes dos tripulantes.

— Schweizer, você disse? — perguntou. — Poderia soletrar, por favor?

Ardendo de impaciência, Kate soletrou o sobrenome. A comunicação falhou mais uma vez, e durante um instante a tela ficou preta enquanto pelos fones de ouvido se ouvia uma espécie de batida surda, como um martelo repicando contra uma bigorna enrolada em pedaços de pano.

— ... não consta. — A imagem de Anne Medine, e o som voltaram exatamente nesse momento. — Sinto muito, senhorita Kilroy, não há ninguém no navio com esse sobrenome.

— Tem certeza?

— Absoluta. Ninguém envolvido no projeto tem esse sobrenome. Lamento.

Kate lhe agradeceu e desconectou, abatida. Enquanto saía do salão com o chapéu nas mãos, reparou em um detalhe. A fita do chapéu tinha uma pequena mancha cor de ferrugem em um canto.

Era como uma impressão digital borrada, como se alguém com os dedos molhados de alguma coisa tivesse segurado o chapéu de maneira apressada antes de usá-lo pela última vez.

Kate não tinha certeza, mas poderia apostar que aquela mancha era de sangue.

E poderia jurar que um minuto antes não estava ali.

XXIV

OS PROBLEMAS DE Tom McNamara se acumulavam. Para começar, na noite anterior havia perdido mais de cem libras jogando pôquer com os rapazes no camarote. Depois, para compensar, tinha bebido demais e adormecido. Por isso, naquela manhã, depois de se levantar tarde, perdeu-se duas vezes pelos corredores daquele maldito navio e chegou à mudança de guarda atrasado, com a língua de fora e as correias do fuzil mal-ajustadas. E, para acabar de complicar as coisas, o próprio Moore estava ali esperando com olhos flamejantes.

Tom era um veterano do Afeganistão, como a maioria dos homens recrutados por Moore dois anos antes. O salário era muito melhor, claro. Além do mais, não havia o risco de uma bomba explodir no acostamento de uma estrada empoeirada, perto de uma cidade cheia de fanáticos barbudos tomados de ódio. Trabalhar para Feldman era fácil. Se não irritasse Moore, claro. E perder a hora era uma das diversas maneiras de irritá-lo.

Por isso naquela manhã Tom acabou montando guarda na cobertura de proa, envolto por aquela merda de névoa grossa como um purê e com umidade até os ossos, enquanto os outros passeavam tranquilamente pelo interior do *Valkirie*, aquecidos e protegidos.

Ele levou a mão ao bolso e pegou um maço amassado de Marlboro. Acendeu um cigarro, mas, depois de três tragadas,

milhões de pequenas gotas de água microscópicas encharcaram o cigarro até apagá-lo. Furioso, jogou-o pela borda com um palavrão. Nesse instante viu, de soslaio, alguma coisa se mexendo.

Virou-se, mais intrigado que alarmado. Uma mulher jovem, de uns trinta anos, com uma saia preta abaixo dos joelhos e uma blusa vermelha de manga curta caminhava pela cobertura em direção ao interior do navio. Seu cabelo estava penteado em um elaborado estilo que fez Tom recordar imediatamente as atrizes dos filmes em preto e branco que sua mãe via quando era pequeno. A mulher segurava seus próprios braços, como se estivesse com frio e tentasse se aquecer abraçando a si mesma. Caminhava rápido, com ar ausente, mergulhada em seus pensamentos, e seus saltos altos repicavam sobre a madeira de teca da cobertura com um cloc-cloc rítmico.

— Ei! — gritou Tom. — Senhora!

A mulher parou e olhou em sua direção. O soldado pôde ver que estava com os olhos chorosos e muito vermelhos, como se estivessem cheios de sangue. Seu rímel estava borrado e tinha umas manchas nas faces. Ela o olhou como se estivesse se perguntando quem diabos era. Sua expressão estava vazia, tão vazia quanto um túmulo. Então, como se tivesse que fazer um esforço enorme para recordar como se fazia, a mulher curvou os lábios borrados para cima em um arremedo trágico de um sorriso forçado.

O efeito era aterrorizante. Com o rosto escorrendo maquiagem e aquele sorriso disforme e borrado, parecia um palhaço diabólico. Tom sentiu os testículos se transformarem em duas pequenas bolas de carne que tentavam subir até a garganta.

Então, a mulher inclinou a cabeça, como se tivesse ouvido algo fora do alcance do soldado. Surgiu na mente de Tom a imagem do cão que seu vizinho tinha quando era pequeno, as crianças do bairro o deixavam louco com um apito de ultrassom. Sem hesitar, a mulher virou a cabeça de novo para a superestrutura do navio, como se tivesse perdido todo o interesse por ele, e começou a caminhar.

— Ei! — repetiu. — Ei! Alto lá! Alto ou eu atiro, caralho!

A mulher o ignorou e começou a se borrar por entre a névoa. Sem pensar, Tom saiu correndo atrás dela enquanto destravava seu AK74. A mulher caminhava muito rápido rumo a uma escotilha da proa e tinha uma vantagem de uns vinte metros em relação ao ex-soldado, que levou a mão instintivamente ao ombro, onde deveria estar seu rádio, para pedir reforços.

Seus dedos tatearam o ar. Só então recordou que, aquela manhã, na pressa, tinha esquecido o transmissor em seu armário, onde devia estar juntando pó ao lado de suas camisetas sujas enquanto o dono precisava dele ali com urgência.

— Alerta! — gritou com a esperança de que alguém o ouvisse. — Aqui, na proa!

A névoa abafou seus gritos. Era como berrar embaixo d'água. O som era amortecido e acabava sumindo a poucos metros, como se detido em um pântano invisível. Tom soltou um palavrão. Estava sozinho naquilo, e era culpa dele.

Se não estivesse tão cansado e de ressaca, teria lembrado que tinha um apito no bolso da calça. Se não tivesse bebido tanto na noite anterior, sua mente estaria mais limpa e teria notado que bastava atirar para o ar duas vezes para reunir imediatamente ali meia dúzia de companheiros. Se tivesse sido inteligente, não teria corrido para a porta escura que a mulher havia aberto e não a teria atravessado sem pensar.

Mas Tom não era muito esperto.

A escotilha dava para um corredor da área de serviço da primeira classe. Aqueles eram os corredores que os funcionários de bordo usavam nos anos 1930 para atender aos passageiros da primeira classe sem ter de passar por eles e lhes recordar sua existência. De um lado, Tom viu uma escada que levava até a parte superior. Hesitou um instante sobre que caminho seguir e de soslaio viu que a mulher virava uma esquina do corredor e seguia seu caminho.

Saiu correndo atrás dela. Estavam em uma parte do navio já restaurada, mas sem uso. Naquela viagem não havia tripulantes suficientes a bordo para ocupar aquele setor. Passou a toda velocidade diante de camarotes vazios, uma pequena sala de estar e

umas duchas. Pairava no ar um cheiro metálico e pesado, como de um motor superaquecido.

Ao dobrar a esquina, parou. No meio de um patamar começava uma escada que descia para o setor de segunda classe. Ali deviam estar duas folhas de aço soldadas, fechando a passagem. Ele mesmo tinha estado naquele lugar no dia anterior colocando adesivos vermelhos de lacre para se certificar de que ninguém o violaria.

Mas as folhas não estavam lá, não havia nem o menor vestígio delas. Nem uma única marca de solda nas paredes, nem um único risco no chão. Nada.

Era como se nunca tivessem estado ali.

Tom engoliu em seco e pela primeira vez hesitou. Aquilo era inquietante mesmo para um homem de pouca imaginação como ele. Então, lembrou a bronca que havia levado de Moore nessa mesma manhã e imaginou as possíveis consequências que poderia sofrer se um elemento estranho se infiltrasse nas entranhas do navio em seu turno de vigilância, e debaixo de seu próprio nariz.

Estremeceu ao pensar. Por outro lado, aquilo poderia até ser um teste do próprio Moore para ver se ele estava alerta. Uma espécie de armadilha. Aquele sacana era capaz das coisas mais estranhas.

Reconfortado com esses pensamentos, começou a descer a escada rumo à segunda classe. Cada degrau que pisava gemia sob suas botas com um som pouco atraente, mas Tom não tinha consciência disso. Como também não tinha consciência de que o cheiro metálico estava muito mais intenso e que as paredes pareciam palpitar com um ritmo monótono à medida que avançava.

Sentia a mente embotada e não conseguia pensar com clareza. Era como se alguém estivesse tentando enfiar um monte de imagens sob pressão dentro de sua cabeça.

"Não é uma boa ideia. *Nein.*"

Parou, confuso. Tinha acabado de pensar em... alemão? Ele não falava uma única palavra do idioma dos *kraut*. Que diabos estava acontecendo ali?

Mareado, apoiou-se em uma divisória. As vibrações subiam em ondas através de suas mãos e seus braços até a cabeça, onde

retumbavam com fúria homicida. Uma gota de um líquido escuro caiu em seu antebraço. Levou a mão ao rosto e descobriu que estava pingando sangue pelo nariz, como se alguém tivesse aberto uma maldita torneira dentro de sua cabeça. *Tom.*

A voz feminina era suave e sensual. O soldado virou a cabeça como se estivesse preso em um filme que rodasse muito devagar. A mulher da cobertura estava na porta de um camarote, brilhantemente iluminado e em perfeito estado, e lhe fazia sinais tentadores.

Venha, Tom. Venha comigo. Vamos nos divertir.

Quase catatônico, deu um passo à frente. Uma parte de seu cérebro gritava assustada pedindo que saísse dali. Tinha vaga consciência de que aquele corredor estava em perfeito estado, diferente do resto do setor de segunda classe que havia atravessado. Alguém o havia restaurado, e ele não sabia?

Vamos, Tom. Estamos sozinhos aqui embaixo. A mulher voltou a se insinuar e tentou elaborar uma vez mais a paródia de sorriso que seus lábios formavam. Àquela distância era ainda mais assustador.

Por fim, o medo se impôs. Tom fez um esforço hercúleo para dar um passo atrás e sacudiu a cabeça, negando. Sem perceber, deixou cair o fuzil no chão, onde rebotou com um som surdo.

"Não. Nein. Nein."

Virou-se e começou a caminhar pelo corredor rumo à escada, cada vez mais rápido. O ritmo da pulsação das paredes aumentou, e então Tom *soube* que alguma coisa estava atrás dele. Algo escuro, malvado e faminto que o olhava com desejo.

— Nãããooooo! — gritou com uma mistura de desespero e fúria enquanto saía correndo.

As portas passavam velozmente a seu lado à medida que pisava o grosso tapete. A escuridão o perseguia, aproximando-se cada vez mais. Por um momento Tom notou um hálito úmido e frio roçando seu pescoço. O mero contato bastou para que todos os pelos de seu corpo se arrepiassem instantaneamente.

Então, algo aconteceu. *Aquilo* ainda estava atrás dele, mas Tom sentia que ganhava distância, metro a metro, como se aquilo tivesse

decidido parar por algum motivo. A esperança renasceu em seu peito, tímida. Ia conseguir. Ia sair dali.

Ao dobrar a esquina deu de cara com alguém. Ambos caíram no chão em um emaranhado de braços e pernas e rolaram um metro pelo corredor antes de parar ao pé de um relógio de bronze polido, que marcava a hora lentamente.

Tom soltou um grito de espanto enquanto se debatia, histérico, tentando cobrir seu corpo. Olhou para a pessoa em quem havia tropeçado e deu um suspiro de alívio das profundezas do coração.

— É você! Graças a Deus! — disse com a voz estrangulada de emoção. — Não imagina como estou feliz de ver um rosto conhecido!

A outra pessoa o ajudou a levantar enquanto o observava.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Não viu? — Tom meneou a cabeça excitado. — O corredor tremia, e essa... coisa que me seguia, e o barulho... Você deve ter visto, caralho!

— Não vi nem ouvi nada. Só ouvi uns gritos e tropecei em você ao dobrar a esquina.

— Mas juro que... — começou Tom, e se interrompeu de repente, franzindo o cenho. — Um momento! O que está fazendo neste setor? Ninguém pode descer aqui. O senhor Feldman proibiu expressamente.

A outra pessoa deu de ombros e abriu um sorriso que podia significar qualquer coisa.

Tom estava farto de tudo aquilo. Precisava sair dali o quanto antes.

— Precisamos ir. Tenho que informar o ocorrido — disse levantando-se com dificuldade e começando a caminhar, dando as costas a seu interlocutor.

Foi por isso que Tom não viu que aquela pessoa tirava do bolso um pequeno e afiado bisturi.

E quando passou a lâmina pelo pescoço e seccionou a carótida de Tom McNamara, a última coisa que lhe passou pela cabeça foi o

profundo terror que sentia de morrer naquele corredor estreito pelas mãos de outro ser humano.

Ali embaixo. Com aquela coisa escura solta.

Esperando-o.

XXV

KATE ESTAVA NO meio de um sonho especialmente tórrido quando as batidas na porta a acordaram.

Desde a morte do marido, nunca tinha se lembrado dele de uma maneira tão nítida e explicitamente sexual. Em seu sonho, Robert se despia com parcimônia, retirando uma a uma as roupas de seu magnífico corpo até ficar completamente nu diante dos olhos de Kate. Estavam sozinhos naquele camarote, e Robert a olhava com um meio sorriso malicioso que ela conhecia muito bem, dançando travesso em seus olhos. Sem dizer nem uma palavra, ele se aproximou dela e a beijou por um tempo longo e maravilhoso. A língua dele brincava dentro de sua boca executando uma complicada dança que fazia suas pernas tremerem. Então, ele a deitou na cama e começou a despi-la. Primeiro tirou a blusa justa que usava, deixando seus seios à mostra e se demorando em seus mamilos com lambidas longas e cadenciadas. Depois, com mãos habilidosas, enquanto sua respiração se acelerava, desabotoou sua calça e a abaixou até os tornozelos, deixando-a apenas com a pequena tanga que ele adorava. Sentiu o corpo rijo de Robert se esfregando nela e crescendo a cada segundo à medida que deslizava a mão sobre seu ventre, cada vez mais embaixo, rumo à borda da pequena peça de renda.

Então... Então alguém começou a socar a maldita porta, e Kate acordou encharcada, banhada em suor e com a respiração agitada.

Com a agilidade de um bêbado, foi cambaleando até a porta enquanto tentava prender o cabelo em um rabo de cavalo. Tinha adormecido relendo pela enésima vez o dossiê do *Valkirie* enquanto tentava começar a escrever o artigo em seu computador.

Ainda sufocada, abriu a porta e se viu de frente a Senka, que ficou com o punho no ar prestes dar a batida seguinte.

A sérvia parecia muito séria, mas, ao contemplar Kate, seu rosto se tornou mais doce, e um sorriso travesso passou em seu rosto.

“A safada percebeu”, pensou Kate ao ver que Senka franzia os lábios carnudos em uma expressão sensual. O rosto corado de Kate, a respiração agitada, a transpiração no pescoço, todos sinais inequívocos para a sérvia, que se deleitou um pouco contemplando-a enquanto se regozijava com a cena.

— Olá, Kate — ronronou com voz divertida, observando a cabine vazia atrás da jovem. — Estou interrompendo algo importante? Posso ajudá-la, se quiser...

A insinuação pairou no ar, densa e carregada, mas Kate meneou a cabeça.

— Só estou meio dormindo — respondeu com a voz cortante. — O que foi?

Senka deu de ombros visivelmente decepcionada.

— O senhor Feldman quer vê-la — disse. — Agora.

Aquilo parecia mais uma ordem que um convite, de modo que Kate não demorou nem um minuto em calçar os sapatos e sair para o corredor atrás dos passos de Senka. Gostaria de poder ter trocado de roupa íntima, mas, com Senka esperando em pé na porta, aquilo estava fora de cogitação.

O camarote de Feldman era uma suíte situada na popa do navio, com janelas enormes que em um dia ensolarado ofereciam uma magnífica vista do oceano aos afortunados ocupantes daquele aposento. No entanto, cercados por aquela densa névoa amarelada, através das janelas só entrava uma luz fraca e pegajosa que tingia tudo de um tom doentio.

Feldman estava sentado em uma cadeira com semblante preocupado. A seu lado, em pé, estava Moore, com a mandíbula tão

tensa que parecia estar prestes a mastigar granito. O militar tinha um aspecto envergonhado e furioso ao mesmo tempo. Uma má combinação em um caráter como o seu.

Kate notou que Feldman parecia envelhecido, como se parte de sua energia tivesse decidido abandonar aquele corpo frágil em busca de um lugar melhor onde se acomodar. O judeu levantou o olhar e por um breve instante uma centelha de vitalidade animou seus olhos ao ver a figura da jovem se delineando na porta.

— Olá, Kate.

Convidou-a a sentar enquanto Senka fechava a porta. Só os quatro estavam naquela reunião. A cada segundo a tensão crescia como a maré naquele quarto. Fosse o que fosse, devia ser importante.

— Posso confiar em você, Kate?

— Sabe que sim, Isaac — respondeu a jovem inquieta. — Temos um trato.

— Eu sei, garota, eu sei. — Feldman meneou a cabeça. — A pergunta é se posso acrescentar mais um segredo à lista de pequenos acordos que já temos entre nós.

O pulso de Kate se acelerou.

— Meus lábios estão selados — disse sem hesitar. — Mas se for algo relacionado ao *Valkirie*, quero saber. Tudo.

— Temos um problema grave — começou Feldman sem preâmbulos. — Um dos homens do senhor Moore foi assassinado há vinte minutos.

— Assassinado? — Kate não podia acreditar. — Tem certeza?

— Salvo tenha decidido cortar o próprio pescoço até encontrar a traqueia, tenho plena certeza, Kate — replicou Feldman. — E é preciso bastante força para fazer isso. E muito colhão.

— Como foi?

— Moore acaba de chegar e poderia nos contar todos os detalhes, mas acho que seria melhor que fôssemos vê-lo com nossos próprios olhos. Estávamos esperando você — disse Feldman levantando-se com esforço de sua cadeira.

Kate se levantou também, mas de repente parou.

— Por quê? — perguntou.

— Por que, o quê? — replicou Feldman perplexo.

— Por que está me contando isso? Por que para mim?

— Por muitos motivos, Kate — respondeu o judeu. — Porque confiamos um no outro, porque você é uma mulher inteligente e sensata, e porque lhe dei minha palavra de que a manteria a par de qualquer coisa que acontecesse a bordo. Mas, principalmente, porque neste quarto estão as únicas quatro pessoas a bordo que sabem da existência da Wolf und Klee e da ameaça que representa. E vamos precisar da ajuda de todos para tentar descobrir que diabos está acontecendo... e evitar que torne a acontecer.

Saíram do camarote e caminharam a passo rápido pelo labirinto interno da primeira classe sem encontrar ninguém. Kate percebeu que já era hora do almoço, e a maioria dos tripulantes devia estar no salão principal dando conta do cardápio. Quando chegaram a um trecho de escada que dava para o andar inferior, dois homens de Moore, fortemente armados, estavam esperando por eles.

Sem uma palavra, desceram a escada e chegaram a outro patamar onde vários corredores se bifurcavam e um novo lance descia para as entranhas do *Valkirie*. Duas pesadas folhas de aço soldadas nas paredes impediam o acesso à área da segunda classe, mas Kate observou que uma das folhas estava fora do lugar. Alguém tinha estourado os pontos de solda com algo pesado e movido a chapa de aço o suficiente para que uma pessoa pudesse passar pelo vão.

— Estamos na área de serviço da primeira classe, que nesta viagem está desocupada — explicou Moore com voz tensa enquanto indicava as folhas de aço. — A porta do fundo do corredor dá para a cobertura de proa onde Tom... onde a vítima estava de guarda. Não faço ideia do motivo que o fez vir até aqui. Talvez tenha ouvido alguma coisa ou descoberto a pessoa que estava tentando entrar aqui.

— Precisamos descer — disse Senka tirando duas fortes lanternas de uma alça a tiracolo. — Vão com cuidado e olhem onde pisam.

Estas escadas são muito velhas e receberam poucos cuidados.

Atravessaram de quatro o vão aberto nas folhas de aço. Kate observou que, ao mover a chapa, tinham deixado um profundo sulco no delicado piso de madeira envernizada, a marca parecia uma cicatriz infeccionada.

Do outro lado, um lance de escada mergulhava na escuridão. De baixo chegava um concerto de goteiras e estalos que se repetia cada vez que o *Valkirie* cavalgava uma onda.

— Com certeza há vazamentos no sistema hidráulico — explicou Feldman à medida que descia a escada.

Moore e um de seus homens abriam caminho, enquanto Senka e o outro fechavam o grupo.

— Por isso há goteiras.

Chegaram a um corredor escuro que cheirava a confinamento e podridão. O tapete do chão não era mais que um complicado remendo de pedaços meio desfiados e rasgados devorados pela umidade. A pintura das paredes se soltava em pesados pedaços irregulares, como se uma lepra especialmente virulenta tivesse atacado o navio e o estivesse consumindo por dentro. Em algumas partes o assoalho havia inchado de maneira grotesca por causa da água e arreventado, criando estranhas figuras abstratas. As luzes das lanternas serpeavam pelas paredes enquanto os homens da segurança, visivelmente nervosos, buscavam alguma ameaça na escuridão que se abria nas laterais. Até Moore estava desconfortável ali embaixo.

— Por aqui — disse apontando para sua direita. — Não está muito longe.

Caminharam um pouco por aquele corredor em ruínas tentando não tropeçar nos restos podres de madeira de algumas portas, que, vencidas por seu próprio peso, haviam caído e agora não passavam de um monte de madeira mofada que deixava à mostra o interior de camarotes totalmente vazios.

Finalmente, a luz piscante de um bastão luminoso brilhou ao fundo, revelando a sombra amorfa de um corpo estendido no chão. Um relógio de parede, parado há décadas e quase desmoronando,

presidia a cena como uma testemunha muda. Ao se aproximar, Kate estremeceu ao verificar que, embaixo do cadáver, havia no chão uma enorme mancha escura e enferrujada. O sangue de Tom McNamara.

Kate se inclinou sobre o corpo tentando controlar a ânsia de vômito. Era uma sorte não ter comido nada.

O rosto de Tom estava retorcido em um rito estranho, uma mistura de surpresa e terror sem limites. Sua garganta estava cortada de lado a lado, como um sorriso sinistro e desdentado. Naquele lugar sombrio, sob as luzes das lanternas, era aterrador.

— Foi morto aqui — disse Moore como se não estivesse mais que evidente. — Alguém se aproximou por trás e abriu sua garganta de ponta a ponta. Só pode ter sido alguém conhecido, do contrário não teria pego Tom com a guarda baixa. Ele não era um sujeito brilhante, mas sabia fazer seu trabalho direito.

— Onde está seu fuzil? — perguntou Senka. — Não o vejo em lugar nenhum.

As lanternas varreram o chão, mas o AK74 havia desaparecido.

— Era só o que faltava — suspirou Feldman. — Agora, quem quer que tenha feito isto tem uma arma. Isso está cada vez melhor.

— Espere um momento — disse Kate. — Há umas gotas de sangue nessa direção.

Apontou para o chão, onde se via uma gota redonda do tamanho de uma moeda de cinco centavos. E um pouco mais além havia outra, na beira das sombras.

— Está com o rosto coberto de sangue — disse Senka com voz entrecortada. — É como se tivesse sangrado pelo nariz ou pela boca.

Começaram a seguir o rastro de sangue adentrando cada vez mais o interior do navio. Kate estava com uma sensação esponjosa na cabeça, como estivesse com uma ressaca monumental. Suas têmporas doíam, e ela piscava sem parar. Notou que não era a única. Moore esfregava os olhos, e seus homens cambaleavam como se levassem uma carga de cem quilos nas costas.

Alguma coisa arrancou um reflexo dos facho das lanternas. Ao se aproximar, viram o cano escuro do AK74 abandonado no chão do

corredor como se fosse mais um resto do navio. O rastro de sangue terminava ali, em frente a uma cabine tão vazia e desolada quanto as outras.

— Seja o que for, aconteceu aqui — disse Kate com voz pastosa.

O resto ficou em silêncio. Todos pareciam imersos em seus próprios pensamentos. O único que não parecia afetado era Feldman, que contemplava o fuzil no chão com olhos pensativos e uma expressão indecifrável no rosto.

— Ninguém deve saber disto — disse por fim. — Recolham o corpo, coloquem em um saco e guardem em uma das câmaras frigoríficas. Moore, cuide de tudo.

O chefe de segurança permaneceu imóvel, com a cabeça inclinada e o olhar perdido dentro do camarote. Parecia estar a um milhão de quilômetros dali.

— Moore! — Feldman elevou a voz. — Você me ouviu?

Moore virou a cabeça muito devagar, como se tivesse que mover uma dúzia de pequenas engrenagens enferrujadas. Seu olhar estava mais sombrio que de costume, e de seu nariz começava a brotar uma gota de sangue.

— Não me parece uma boa ideia, senhor — disse finalmente em um perfeito alemão, diante do espanto dos presentes. — Acho que o mais prudente seria avisar Berlim o quanto antes.

XXVI

FELDMAN FICOU EM silêncio por dois segundos, estupefato.

— De que diabos está falando, Moore? — grunhiu Feldman ameaçador. — Faça o que eu disse. Imediatamente.

— Moore? Quem é Moore? — murmurou o chefe de segurança com voz pastosa.

Cambaleava ao falar, como se tivesse dificuldades de se manter em pé.

Aquilo foi demais para Feldman. Aproximou-se do inglês e deu-lhe um empurrão contra a parede. Era como empurrar uma montanha de carne, mas o judeu não se amedrontou por isso.

— Vamos, Moore, acorde! — gritou. — Que diabos você tem, caralho?

O inglês, em câmera lenta, levou as mãos aos olhos sacudido por um feroz ataque de Parkinson. Esfregou o rosto e olhou em volta com uma expressão confusa no rosto. Por um breve momento, olhou para Feldman como se estranhasse a repentina proximidade do judeu.

— Claro, senhor Feldman. — Virou-se para seus homens franzindo o cenho enquanto tentava recordar que diabos todos faziam ali reunidos. — Levaremos o corpo à câmara frigorífica agora mesmo. Vamos, rapazes, muito cuidado.

Kate viu o corpo de McNamara ser levado. Com um calafrio observou que um dos dois soldados enxugava com a manga do uniforme, de maneira distraída, uma gota de sangue que escorria de seu nariz. O outro cantarolava baixinho uma melodia, repetitiva, como se sua mente estivesse a muitos quilômetros dali. Havia um cheiro pesado no ambiente, por baixo do aroma de sangue seco, que estava provocando nela uma intensa dor de cabeça.

— Vamos sair logo daqui — murmurou Feldman.

Não foi preciso falar duas vezes. Colocaram o corpo de McNamara em um saco para cadáveres que alguém tinha tido a grande ideia de trazer e voltaram para o nível da segunda classe quase correndo. Ninguém queria ser o último a sair. Moore, que fechava a marcha, olhava nervosamente por sobre seu ombro o tempo todo, como se ouvisse algo que só estava a seu alcance.

Algo que o assustava.

À medida que subiam os lances de degraus, Kate sentia a cabeça mais leve, como se o torniquete que apertava suas têmporas afrouxasse um pouco. Observou que com os outros acontecia o mesmo. Moore também já não ostentava aquele olhar turvo, mas ainda parecia meio mareado.

Ao chegar ao corredor de serviço se separaram. Moore e seus dois homens seguiram corredor abaixo em direção às enormes geladeiras industriais da cozinha para deixar seu macabro pacote, enquanto Feldman, Senka e Kate foram à cobertura de proa.

Os três arfaram, surpresos, ao sair. A temperatura externa havia baixado pelo menos três ou quatro graus, e o contraste com o interior quente do *Valkirie* era impactante. A névoa amarelada os envolvia, e assim que se afastaram alguns passos da superestrutura do cruzeiro, Kate teve a sensação de que estavam suspensos em um espaço amorfo e frio sem referências nem pontos cardeais.

— O que aconteceu lá embaixo? — perguntou.

— Imagino que o agente da Wolf und Klee pegou nosso homem de surpresa. Não acho que...

— Não me refiro a isso — interrompeu Kate com um leve tremor na voz. — Você sabe do que estou falando, Isaac. De Moore dizendo

coisas sem sentido em alemão. Dessa sensação estranha que era palpável.

— Eu também percebi — acrescentou Senka.

A sérvia, normalmente imperturbável, estava pálida. Acrescentou:

— Era como se, de repente, eu pudesse ouvir dezenas de pessoas ao mesmo tempo dentro de minha cabeça. *Doía*.

— Não sei do que estão falando. — Isaac Feldman parecia sinceramente perplexo com aquela conversa. — Eu não senti nada disso nem ouvi nada. Vocês se deixaram influenciar pelo ambiente tétrico dali de baixo, só isso.

Senka e Kate trocaram olhares, surpresas. Feldman realmente não havia notado aquela sensação latente? Não o havia afetado? Ou era verdade o que dizia o judeu, e as duas simplesmente estavam se comportando como duas mocinhas impressionáveis?

— Mas Moore disse que precisava avisar Berlim... — arriscou Kate, hesitante.

— O senhor Moore não dormiu muito nas últimas quarenta e oito horas — argumentou Feldman, não querendo dar o braço a torcer. — Tem quinze... catorze homens para cobrir um navio enorme de cento e cinquenta metros de comprimento e doze níveis, dos quais oito estão lacrados. Ou estavam. O cansaço às vezes nos fazer dizer coisas estranhas, só isso.

O que o judeu dizia fazia todo sentido, pelo menos muito mais que a elucubração que Kate estava incubando em sua cabeça. "Ockham", repetiu Kate para si mesma. "A explicação mais simples é a mais provável."

Voltaram caminhando devagar para dentro do navio. A hora do almoço já havia passado fazia um bom tempo, e os três estavam famintos. Quando chegaram ao salão não havia mais ninguém, exceto um grupo de tripulantes sentados a uma mesa de canto. Estavam cabisbaixos e murmuravam entre si com voz baixa. Kate notou que muitos deles tinham um aspecto estranhamente pálido para ser gente acostumada à vida no mar.

Feldman se desculpou alegando que estava muito cansado e se retirou para seu camarote. Kate imaginou que a senhora Miller cuidaria pessoalmente de todas as necessidades do magnata.

Kate e a sérvia se sentaram a uma das mesas e comeram em silêncio. Assim que Senka parou de tentar seduzi-la a todo custo e começou a se comportar como uma pessoa mais amigável, a atmosfera entre as duas relaxou bastante. Kate não era uma garota de muitas amigas, mas, naquele momento, a última coisa que queria era ter que comer sozinha. Perguntou-se onde poderiam estar Carter e os outros.

Tentaram estabelecer uma conversa, mas estavam muito impressionadas para falar de banalidades. Kate sentiu uma profunda pontada de saudade marcada pela dor. Se Robert estivesse ali, as coisas seriam *tão* diferentes... Ele sempre parecia saber o que dizer e como se comportar para que ela ficasse à vontade. Mas, naquele momento, estava sozinha, em companhia de outra mulher assustada, em um navio a centenas de milhas de qualquer outro lugar que fosse menos ameaçador que o *Valkirie*.

Teve, de súbito, a imperiosa necessidade de falar com alguém de fora do navio. Perguntou-se se o capitão Harper lhe permitiria usar o sistema de comunicações para ligar para a redação do jornal e conversar um pouco com Rhonda. Explicar-lhe como andava a reportagem, pedir conselhos e todas essas coisas. Mas, especialmente, ouvir uma voz amiga por um tempo.

Algo lhe dizia que a morte do vigilante naquele corredor tinha mais implicações do que aparentava. Desde que havia embarcado no *Valkirie*, todos os acontecimentos pareciam estar fora de controle, mas pensou que talvez seguissem uma espécie de padrão que ela não conseguia discernir. Suspeitava que, se o pescoço de Tom McNamara fora cortado naquele corredor, tinha sido por alguma coisa que viu ali... Mas o quê?

Então, lembrou-se de Anne Medine. Talvez ela pudesse lhe dar mais dados sobre o navio e aquele corredor de segunda classe. Um enfoque diferente.

Levantou-se da mesa apressadamente e esbarrou em um copo de água pela metade. O copo caiu no chão e se quebrou em um milhão de pedaços, mas ninguém no salão virou a cabeça ao ouvir o barulho. Era como se todo o mundo estivesse muito absorto em seus pensamentos.

Despediu-se de Senka de maneira apressada e caminhou até os terminais do salão Gneisenau. Ao chegar, verificou que estava vazio. Não havia nem o menor rastro de nenhum dos membros da equipe de Cherenkov. O salão oferecia um aspecto desolado, com as telas piscando com o logo de Feldman e as cadeiras vazias.

Sentou-se diante de um dos terminais para iniciar a rotina de conexão. Inseriu seu código de identificação e esperou. Começaram a correr uns números na tela, que depois se apagou. Kate aguardou durante cinco longos minutos, mas não aconteceu nada. Então, de repente, apareceu um cursor piscante na tela.

**SISTEMA DE REFORÇO DE COMUNICAÇÕES
CBX780000AAA879000//
SONORA//VALKIRIE
SIGNAL INCOMING...**

ANNEMEDINE//SONORA: BOA TARDE, SENHORITA KILROY. ESTAMOS COM ALGUM PROBLEMA COM A RECEPÇÃO DO SINAL. PERDEMOS A CONEXÃO COM O SATÉLITE HÁ DUAS HORAS. ENQUANTO OS TÉCNICOS TENTAM RECUPERÁ-LA, SÓ PODEREMOS UTILIZAR O SISTEMA DE CHAT DE SUPORTE. ESPERO QUE NÃO LHE CAUSE NENHUM PROBLEMA. :-)

Kate leu a mensagem surpresa. Então, colocou as mãos sobre o teclado e começou a apertar as teclas.

KKILROYVALKIRIE: TUDO BEM, IMAGINO. É POSSÍVEL RECEBER DADOS COM O SISTEMA DE COMUNICAÇÕES NESSE ESTADO?

ANNEMEDINE//SONORA: SIM, O FLUXO DE DADOS SEGUE POR UM CANAL À PARTE QUE AINDA FUNCIONA. DO QUE NECESSITA?

KKILROYVALKIRIE: INFORMAÇÃO SOBRE O SETOR DE SEGUNDA CLASSE. DISTRIBUIÇÃO DE PASSAGEIROS NA VIAGEM ORIGINAL. COISAS DESSE TIPO.

Kate parou. Não tinha certeza se devia pedir informação sobre a Wolf und Klee. Não sabia até que ponto a pessoa do outro lado estava a par de todas as implicações.

ANNEMEDINE//SONORA: MUITO BEM. JÁ ESTOU ENVIANDO. É UM ARQUIVO MEIO PESADO, E COM AS LIMITAÇÕES DESTE CANAL VAI DEMORAR BASTANTE PARA BAIXAR. CALCULO QUE DENTRO DE UMA HORA O TERÁ EM SEU TERMINAL.

Kate assentiu satisfeita. Estava dando passos na direção correta. Ia se despedir quando a tela se iluminou de novo.

ANNEMEDINE//SONORA: A PROPÓSITO, JÁ LOCALIZEI SEU SENHOR SCHWEIZER. FOI UM POUCO DIFÍCIL, MAS RECORDAVA QUE JÁ HAVIA OUVIDO ESSE NOME, E ONTEM PROCUREI COM CALMA. É UM DOS PASSAGEIROS.

Kate sentiu os pelos de seus braços se arrepiarem. Schweizer. O homem do chapéu. Seria ele o agente neonazista?

KKILROYVALKIRIE: DOS PASSAGEIROS? COMO ASSIM? ACHEI QUE NENHUM DOS CIENTISTAS TIVESSE ESSE SOBRENOME. ONTEM MESMO VOCÊ VERIFICOU NA MINHA FRENTE.

O cursor ficou piscando durante alguns segundos que à jovem pareceram intermináveis.

ANNEMEDINE//SONORA: DESCULPE, NÃO ME EXPLIQUEI DIREITO. MARTIN SCHWEIZER, SOLTEIRO, QUARENTA E SEIS ANOS, CAMAROTE 172. ERA UM DOS PASSAGEIROS ORIGINAIS DO *VALKIRIE*. EM 1939.

XXVII

KATE FICOU OLHANDO para a tela. Sentia-se como se tivesse levado um soco. Não podia ser. De jeito nenhum. Era simplesmente impossível. O ano de 1939 estava décadas no passado. Eles *não* estavam nos malditos anos 1930.

Suas mãos tremiam. Ia digitar de novo para perguntar como um maldito passageiro desaparecido setenta anos antes passeava alegremente pelo navio quando a tela piscou duas vezes, e a coluna de chat desapareceu. Uma mensagem surgiu no meio da tela.

SIGNAL LOST

PLEASE, WAIT...

Isso era tudo. Kate deu um tapa de raiva na mesa.

“Agora não, maldição. Agora não.” Ficou esperando um pouco, mas foi em vão. O sinal tinha desaparecido. Levantou a cabeça procurando o técnico que devia estar ali para ajudar os usuários, mas não havia o menor sinal dele. Nem de ninguém. Kate se recostou na cadeira enquanto pensava a toda velocidade.

A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi que aquele chapéu podia ter estado a bordo do navio durante todo esse tempo. Era a explicação mais lógica. Mas isso não esclarecia por que ninguém o havia visto no meio do passeio lateral do navio durante

os trabalhos de restauração. Além do mais, estava muito bem conservado para ter passado setenta anos à intempérie.

Uma alternativa era que alguém o tivesse deixado ali de propósito para que ela o encontrasse. Mas não fazia nenhum sentido. Quando encontrou o maldito chapéu de palha estava preso em um montante, a poucos segundos de cair no oceano. Ninguém podia planejar algo assim com tanta precisão. Quase passou sem vê-lo.

A última possibilidade, por mais ridícula que parecesse, era que, de alguma maneira, aquele maldito chapéu e seu dono tivessem chegado de 1939 para encontrá-la no passeio do *Valkirie*.

"*Ockham, Kate. Ockham.*"

Com um calafrio, percebeu que a última opção era a mais provável, por mais que parecesse uma verdadeira loucura. Uma semana antes teria rido de si mesma por pensar algo assim. Mas, depois de tudo o que havia visto e ouvido desde o embarque no *Valkirie*, nada mais lhe parecia descartável.

Percebeu que precisava contar aquilo a Feldman e a Cherenkov o quanto antes. Talvez tivesse algo a ver com as anomalias da singularidade. Teria gostado de falar com Carter e ver o que o norte-americano achava daquele assunto, com toda a sua dose de saudável ceticismo científico, mas não havia cruzado com ele o dia todo, desde o incidente da manhã.

Decidida, saiu do salão rumo à ponte. Enquanto atravessava a porta, uma última hipótese lhe passou pela cabeça com tanta força que a fez parar de repente. Kate pensou que era impossível e trancou aquela ideia em uma gaveta escura e pequena de sua mente, ao mesmo tempo que notava crescer na parte mais primitiva de si mesma uma sensação de terror.

"Talvez Schweizer e seu chapéu estivessem a bordo do *Valkirie* o tempo todo. Junto com os demais passageiros. Esperando."

Balançou a cabeça, irritada consigo mesma. Não acreditava em fantasmas. Robert teria caído na gargalhada se pudesse escutar seus pensamentos. Com toda certeza teria usado aquela meia dúzia de piadinhas ruins para fazê-la corar.

Mas Robert não estava ali, e o medo é uma planta invasora muito difícil de erradicar. Quanto mais tentava não pensar naquela ideia, mais difícil era evitá-la.

Subiu até a ponte com o coração acelerado. O capitão Harper estava ali, vestido com seu peculiar estilo fantasia: calça social e camisa florida.

Não se surpreendeu. Alguém havia comentado no jantar da noite anterior que Harper, depois de doze anos obrigado a vestir um impecável uniforme em todas as suas viagens de cruzeiro, havia desenvolvido um ódio visceral dessa roupa, e que aquela viagem no *Valkirie* era uma libertação para ele.

— Olá, senhorita Kilroy — cumprimentou bastante seco.

Tinha um copo de água em uma mão e estava prestes a tomar dois analgésicos que estavam na palma da outra. Enfiou os comprimidos na boca e apoiou o copo sobre a mesa de navegação, ao lado do diário de bordo original do *Valkirie*, que estava ali aberto.

— Preciso que avise o senhor Feldman e o doutor Cherenkov — disse Kate tentando recuperar o fôlego. — Tenho que falar com eles. É muito importante.

Harper esfregou as têmporas com expressão de irritação. Parecia estar com uma intensa dor de cabeça.

— Não gosto de incomodar os passageiros da primeira classe sem necessidade — respondeu depois de um instante. — Confio que suas razões são fortes o suficiente.

Kate ficou olhando para ele como se não o houvesse escutado direito. *Passageiros da primeira classe?*

— Tem a ver com o que está acontecendo no navio, de modo que, sim, suponho que sejam razões fortes — respondeu com mais rudeza na voz do que desejaria imprimir.

— Nesse caso, deve falar comigo primeiro. — Harper se abandonou na cadeira de comando, esticou o braço sobre a mesa de navegação e começou a acariciar preguiçosamente o diário de bordo. — As normas da companhia são muito claras a esse respeito. Eu sou o capitão.

Kate precisou fazer um esforço considerável para não estrangular Harper ali mesmo. Aquilo não estava saindo como ela havia imaginado.

— Peço-lhe, por favor, capitão — implorou acentuando expressamente a palavra “capitão”. Odiava o tom de sua voz quando precisava implorar. — É muito importante que eu fale com o senhor Feldman e Cherenkov. Tem relação direta com o projeto, e não com a segurança do navio ou com sua tripulação, eu juro. Não sei onde estão, e se os chamar pelo sistema de alto-falantes, não terei que percorrer o navio todo de cima a baixo.

Harper tossiu enquanto segurava as têmporas com força. A enxaqueca devia estar terrível. Esgotado, assentiu.

— Muito bem. Hanisch, mande chamar os passageiros Feldman e Cherenkov à ponte de comando pelos alto-falantes. — Voltou-se para Kate e apontou-lhe a porta. — Espere ali, ao lado da sala de rádio. Não é permitido que passageiros circulem pela ponte quando estamos fora do porto.

Kate abriu a boca para responder, mas fechou-a imediatamente. Ou Harper era um imbecil, ou estava perdendo a cabeça. Acreditava se tratar da primeira opção, mas não ganharia nada enfrentando-o.

Virou-se e entrou na sala de rádio. O operador estava ao lado dos monitores, mas, dessa vez, embora outro jogo de basquete estivesse nos últimos minutos, não prestava atenção à tela. Os Knicks de Nova York estavam dando uma surra em um time de camiseta azul que Kate não soube identificar. A imagem tinha muita estática e de vez em quando desaparecia durante vários segundos seguidos.

Talvez por isso o operador estivesse de fones de ouvido, muito concentrado em transcrever em uma caderneta algo que estava escutando pelo rádio. Quando Kate entrou, ele olhou rapidamente para ela e limitou-se a cumprimentá-la arqueando as sobrancelhas.

Kate esperou quinze intermináveis minutos roendo as unhas. Por fim a porta se abriu, e Cherenkov e Feldman entraram praticamente ao mesmo tempo. Deviam ter se cruzado no patamar das águias.

As olheiras de Feldman tinham aumentado. O desgaste físico no velho já era de uma evidência escandalosa. Em apenas dois dias parecia ter envelhecido dez anos. Cherenkov, por sua vez, parecia irritado.

— Espero que seja importante! — disparou com seu peculiar sotaque eslavo assim que entrou. — Tenho muito trabalho a fazer, e a equipe é muito pequena. Quase não damos conta.

— Não vou roubar muito de seu tempo — disse Kate, e levando-os a um canto da ponte onde ninguém não pudesse ouvir, começou a contar a história do chapéu de Schweizer.

Tinha tido tempo para pensar bem como contaria a história. No final, havia decidido apresentar os fatos de uma maneira fria e profissional, como se fosse um relatório, sem acrescentar suspeitas ou conclusões. Eles que decidissem.

Ao terminar, Feldman e Cherenkov a olhavam com muita atenção. Cada um parecia atraído pela história por um motivo diferente, a julgar pelas expressões. O judeu parecia à beira de um colapso, ao passo que os olhos do russo brilhavam de excitação.

— Você disse que está com esse chapéu, Kate? — perguntou Feldman com voz trêmula. — De verdade?

— Está na minha cabine, em cima da cama — disse Kate. — Podemos ir buscá-lo agora mesmo.

— Sim, por favor — disse o russo. — Tenho muita vontade de vê-lo com meus próprios olhos. Vai me deixar colher uma amostra?

— Vou lhe dar o maldito chapéu inteiro, professor — Kate riu aliviada —, se o levar embora o quanto antes.

Desceram de novo para a área dos camarotes. Ao atravessar o vestíbulo, Kate ouviu que alguém tocava uma animada marcha com os instrumentos da banda. Teria gostado de ir ver quem era, mas não tinham tempo.

Chegaram à porta de sua cabine, e Kate abriu a fechadura. De repente, sua expressão de confiança se transformou em uma perplexidade.

O chapéu não estava onde ela o havia deixado. Tinha desaparecido.

— E então? — perguntou Feldman. — Onde está esse chapéu de palha?

— Não sei — gaguejou Kate atônita. — Eu o deixei bem ali...
Cherenkov bufou, exasperado.

— Tem certeza, Kate? — perguntou Feldman. — Não pode tê-lo deixado em outro lugar?

— Não tenho a menor dúvida!

— Quem sabe o chapéu tinha pernas — disse Cherenkov visivelmente irritado. — Ou seu dono de cento e trinta anos veio buscá-lo dando uma corridinha pelo corredor. Mas o mais provável é que tenha sonhado, mocinha.

— Não sonhei! Era real. Eu o segurei com as mãos, tinha uma fita azul e uma mancha na beirada. — As lágrimas afloraram de seus olhos e ela teve que fazer um esforço árduo para não começar a chorar. — Eu juro.

— Kate, o chapéu não está aqui — disse Feldman apontando algo que era evidente.

— Mas...

Kate sentia um nó de angústia apertando seu pescoço. Não sabia o que dizer.

— Sei que as últimas quarenta e oito horas foram cheias de emoções, Kate. — Feldman apertou afetuosamente seu ombro, olhando-a com expressão solidária. — E suponho que isto seja demais para todo o mundo. É natural pensar que vemos coisas, ou confundir os fatos. Poderia acontecer com qualquer um. Acontece com todos nós.

— Não foi um sonho! — Sua voz estava prestes a falhar. — Não foi um sonho!

— Kate, deixe-me dar-lhe um conselho — disse Feldman. — Descanse. Durma. Se não conseguir, o doutor Scott pode lhe dar alguma coisa da enfermaria para ajudá-la a pegar no sono. Amanhã você vai ver as coisas de outra maneira. Essa maldita névoa terá desaparecido, e, com o sol, todas as más energias irão embora. Não se preocupe.

À beira das lágrimas, Kate negou com a cabeça. Estava dizendo a verdade, e *não acreditavam nela*. Cherenkov ruminou algo em russo enquanto se afastava pelo corredor a grandes passos. Feldman dedicou um último olhar a Kate e foi atrás dele, arrastando os pés e com as costas encurvadas. Quando Kate ficou sozinha em seu camarote, revistou até o último canto em busca do chapéu, possuída por uma energia que era fruto da raiva. Ao terminar, parecia que uma banda de rock havia passado pelo quarto, mas não encontrou o menor rastro do chapéu de palha. Era como se jamais tivesse existido.

Muito infeliz, abandonou-se sobre um monte de almofadas empilhadas no chão, e enquanto arfava tentando inspirar mais ar, uma lágrima solitária rolou por sua face.

Ha, ha, ha, ha, ha, ha!

Era uma risada feminina, cruel e debochada. Ecoou *dentro* do quarto, embora Kate estivesse sozinha. A risada vinha de todos os lados ao mesmo tempo, e reverberou nas paredes, criando ecos diabólicos, até que se extinguiu de súbito em um silêncio funesto.

Kate sentiu como se uma mão de gelo agarrasse seu coração. Curvou-se feito um novelo em um canto do camarote e começou a gemer. Era terror em estado puro.

Porque compreendia que alguma coisa estava rindo dela, deleitando-se com sua dor e seu desconcerto.

E, além do mais, um matiz escondido naquela risada malvada augurava que a diversão à sua custa estava apenas começando.

XXVIII

Duas horas antes

NO INÍCIO FOI MUITO SUTIL. Um cheiro leve, quase imperceptível, que se infiltrava por baixo do aroma que subia de seu prato de *goulash*. Senka levantou os olhos pensando que se tratava do perfume da ruiva, mas Kate Kilroy parecia estar mergulhada em seu próprio mundo.

Senka sentiu uma pontada de excitação no baixo ventre, mas procurou se acalmar. Fazia quatro meses que estava em abstinência sexual absoluta (e, para ela, a palavra “absoluta” significava que nem mesmo um toque casual do chuveirinho era permitido), e cada vez lhe era mais difícil manter a cabeça clara, especialmente com uma mulher tão deliciosamente atraente como Kate Kilroy sentada a apenas um metro dela. Seus joelhos se tocavam por baixo da mesa, e a cada toque Senka sentia uma onda de desejo que quase a fazia engasgar. Mas Kate não parecia tentada a provar os prazeres de Safo, pelo menos não por ora.

Senka respirou fundo e sorriu, ocultando seus sentimentos. Era algo que sabia fazer muito bem desde menina.

Tinha ficado órfã com apenas sete anos no horror das guerras iugoslavas. Vivia com seus pais em uma cidadezinha de maioria sérvia na Bósnia. Um dia, as brigadas bósnias lançaram um ataque

contra as forças paramilitares sérvias de Mladic que assediavam Sarajevo. Ninguém esperava que os bósnios, vilipendiados e à beira da derrota, fossem capazes de organizar um ataque tão potente, de modo que os sérvios não haviam tomado medidas para proteger a cidade de Senka.

As doze horas em que sua pequena aldeia esteve em mãos bósnias foram um resumo de todos os horrores que uma guerra civil pode provocar. Os piores sentimentos da alma humana extravasados sem nenhum tipo de impedimento ou controle. O desejo de vingança tingido de raiva impregnava a alma daqueles homens.

A pequena Senka viu seu pai ser fuzilado com outros doze homens da cidade, e seus corpos serem jogados em um poço depois. Nunca esqueceria a expressão vazia do rosto do pai enquanto seu cadáver caía pela boca do poço. Seu pai, que apenas cinco minutos antes estava lhe contando uma história.

Depois, viu alguns soldados violentando sistematicamente sua mãe e outras três mulheres sobre o capô de um caminhão, enquanto o resto do pelotão os incitava em meio a risadas, antes de degolá-las e jogá-las no mesmo poço. Naquele momento, suas lágrimas já haviam acabado.

E, por fim, quatro milicianos malucos de cocaína e álcool pegaram aquela menina de apenas sete anos, colocaram-na sobre o capô, arrancaram seu pijama rosa de coelhinhos e a violentaram brutalmente durante duas horas enquanto a aldeia ardia até os alicerces.

Nunca soube por que a deixaram viver. Talvez porque tenham tido compaixão de uma menina, mas o mais provável fosse que o contra-ataque dos sérvios tivesse alguma coisa a ver com isso. A verdade é que quando a encontraram no centro da praça, nua e com sangue escorrendo pelas pernas, era a única pessoa viva que restava naquela que um dia tinha sido uma aldeia cheia de vida. Como em dezenas de cidades e aldeias de toda a Bósnia, de um bando e outro. O inferno na Terra.

Passou os dez anos seguintes em um orfanato, transformada em uma menina calada com a alma quebrada e que ficava aterrorizada

quando cruzava com um homem. Sua ira contra o mundo pouco a pouco foi se transformando em agressividade, e isso a fez ser presa com apenas dezessete anos. Então, ofereceram uma opção: o exército sérvio ou uma cela.

E Senka escolheu continuar lutando. Logo descobriu que tinha um verdadeiro talento para infligir dor em outros seres humanos e, dessa maneira, liberar um pouco do mal que havia acumulado dentro de si, como um dínamo incandescente. Em pouco mais de um ano, entrou no serviço de inteligência e dali foi para um corpo especial de contraespionagem. Tinha se tornado uma mulher belíssima, o tipo eslavo com que a maioria dos homens fantasia. Mas a dor continuava ali dentro, incontrolável, devorando-a um pouco mais a cada dia.

Uma noite, encontrou a si mesma em um quarto de hotel em Viena. Uma desconhecida dormia em sua cama depois de uma sessão de sexo selvagem enquanto ela segurava uma garrafa de uísque e olhava o fundo do cano de sua pistola, perguntando-se por que não apertava o gatilho e acabava com toda a maldita dor de uma vez.

E então, apareceu Feldman. O serviço de espionagem, a pedido da Interpol, estava investigando os investimentos de Feldman em Belgrado e seus contatos com a máfia russa. Quando se encontrou pela primeira vez frente a frente com Feldman, os olhos magnéticos do velho a cativaram de uma maneira que Senka não era capaz de entender. E ambos encontraram um espelho no outro. Duas almas torturadas pela dor que buscavam respostas a perguntas que ninguém podia responder.

Senka abandonou o serviço de inteligência e começou a trabalhar para Feldman. Encontrar aquele velho de olhar inquisidor que parecia adivinhar todos os segredos de sua alma foi para Senka como encontrar um substituto da figura paterna perdida naquele dia de horror. E, para Feldman, aquela jovem aflita e com tendências autodestrutivas, com suas habilidades para conseguir coisas que ninguém mais parecia capaz de fazer, era um ativo importantíssimo.

E, além do mais, sentia por ela um carinho parecido ao que um avô sente por uma neta especialmente talentosa.

Trabalhava para ele fazia cinco anos. Nesse tempo, sua dor havia amortecido. E, por fim, parecia que um dos dois poderia enfrentar a raiz de seus medos e dúvidas. Feldman havia encontrado no *Valkirie* o caminho para curar toda a sua dor. Por sua vez, ela sabia secretamente que jamais poderia sair de cima daquele capô. Perdida em seus pensamentos, viu Kate se levantar e se despedir abruptamente. A jornalista parecia nervosa, como se precisasse ir a algum lugar com urgência. Ao se levantar, sua mão esbarrou em um copo de vidro que acabou batendo no chão com um ruído surdo antes de se quebrar em pedaços. Senka a olhou com curiosidade, e também com luxúria. Não podia evitar.

Quando acabou de comer, levantou-se e saiu do salão de jantar rumo à cabine de Isaac Feldman. O velho não estava bem desde a experiência no corredor, onde haviam encontrado o cadáver. Não era de se estranhar. Até ela ficara afetada. E Moore... Que diabos tinha acontecido com ele? Era melhor passar pelo camarote do velho para ver se precisava de alguma coisa.

Caminhando pelo corredor, o cheiro adocicado que havia sentido no refeitório se tornou muito mais forte. Farejou em todas as direções, como um cão de caça, tentando localizar a origem. Nesse momento, uma pontada de dor nas têmporas a fez dar um grito. Era como se alguém tivesse cravado uma agulha incandescente acima de suas orelhas e a estivesse empurrando com parcimônia, saboreando o momento, para dentro de sua cabeça. A dor subia em ondas, e, sacudida por uma náusea, Senka se apoiou em uma parede tentando manter o equilíbrio.

"É melhor eu ir à enfermaria", pensou. "Já é a segunda vez hoje."

Girou no próprio eixo e tentou recordar como se chagava à enfermaria. Sentia a mente densa, como se estivesse tentando pensar em dez coisas ao mesmo tempo. Fazendo um esforço, conseguiu focalizar o corredor e recordou aonde tinha que ir. Virar à direita, três portas, descer a escada, segunda porta. Enfermaria.

Começou a caminhar para lá...

... E, de repente, uma rajada de chuva acertou seu rosto, fazendo-a abrir os olhos.

Confusa, piscou duas vezes. Seu cabelo estava encharcado, e a água pingava de seu rosto. Para afastar as gotas dos olhos, teve que guardar no bolso a chave de fenda que levava na mão.

“Uma chave de fenda?”

Ficou paralisada, tornou a pegá-la e a contemplou. Era uma chave de fenda comum, de aço, com cabo de plástico vermelho. Tinha alguns amassados na base, como se a tivessem pressionado contra algo quente.

Nunca na vida tinha visto aquela ferramenta.

Levantou o olhar e não conseguiu conter um gemido de espanto. A chave de fenda caiu de suas mãos e rolou pelo chão, lentamente, até acabar junto à ponta de uma de suas botas.

Senka estava na cobertura superior, em cima da ponte de comando. A menos de dois metros elevava-se uma das enormes chaminés vermelhas do *Valkirie*, vomitando fumaça. Um pouco mais longe, um bosque de antenas se destacava na névoa e o radar girava sem parar.

“O que estou fazendo aqui?”

Deu dois passos trêmulos e então percebeu que na outra mão segurava um punhado de cabos de cobre enrolados em plástico de diversas cores. O plástico estava rasgado na borda, como se tivesse sido arrancado de algum lugar.

“Como cheguei até aqui? O que está acontecendo?”

Soltou os cabos como se fossem um monte de urtigas.

Esfregou as mãos na camiseta olhando com ansiedade a seu redor. Não havia mais ninguém à vista. A névoa amarela continuava muito densa, mas chovia, cada vez com mais força. Estava encharcada, como se estivesse sob aquela intempérie fazia mais de uma hora.

Caminhou um pouco, meio sonâmbula. De repente, sentiu ânsia e vomitou em um respiradouro tudo o que havia comido. Ficou vomitando durante um bom tempo, até que só saía um fio de bile de sua boca. Quando se endireitou, sentia uns tremores incontroláveis.

“Devo estar enlouquecendo.”

Sua cabeça zumbia, incapaz de assimilar tudo o que estava acontecendo. Sentia-se desorientada, perdida e especialmente aterrorizada. Seu olhar se apoiou em uma escada vertical que descia até a área de tripulação próxima à ponte. Sem dúvida, devia ter subido por ali, mas não recordava jamais ter tocado aquelas barras de aço na vida.

Desceu com cuidado. A descida foi complicada, porque, além dos tremores, todos os degraus da escada estavam cobertos por uma fina camada de água escorregadia como óleo. Quando chegou ao nível da ponte, saiu discretamente. Não saberia o que dizer se encontrasse alguém ali e fosse vista encharcada, pálida como uma morta e tremendo sem controle.

Tinha que ir até seu camarote para se trocar. E depois pensaria no que fazer. Atravessou sigilosa a sala de fumantes da primeira classe deixando um rastro de água nos tapetes e mesas de teca com cinzeiros de bronze embutidos.

Senka.

Ficou paralisada ao ouvir aquela voz, como um animal que vê os faróis de um carro no meio de uma estrada.

Senka, estou aqui. Olhe para mim.

A garota fechou os olhos com força, incapaz de mover um músculo.

“Isto não está acontecendo. Isto não está acontecendo. Isto não...”

SENKA!

A voz soou mais forte, e como impulsionada por uma mão invisível, a sérvia se virou.

Uma mulher de uns trinta anos estava em uma das mesas. Usava um vestido preto de noite acima dos joelhos que acabava em um monte de delicados fios. O decote era generoso e deixava ver o início de seios altos, fortes e redondos. No pescoço trazia um colar de pérolas longas que davam duas voltas e caíam até a cintura. Era loura, como ela, com inquietantes olhos verdes que a observavam

com interesse enquanto dava uma tragada parcimoniosa em um cigarro.

Olá, Senka. Venha se sentar comigo.

Sem conseguir se opor, Senka deu alguns passos e se sentou à mesma mesa que a mulher. Seu olhar tinha uma qualidade hipnótica que não lhe permitia desviar os olhos dela.

Minha pobre Senka. Está encharcada e tremendo de frio. Precisa tirar essa roupa. Não podemos permitir que se resfrie.

— Quem é você? — Sua voz ecoou como um grasnido. — O que está acontecendo?

Sou sua amiga, Senka. E não está acontecendo nada de ruim. Vim para ajudá-la.

A mulher estendeu a mão por cima da mesa e pegou os dedos de Senka. Era uma mão morna e delicada. Assim que tocou sua pele, Senka teve que fazer um esforço para conter um grito. Tinha deixado de sentir frio, e os tremores tinham desaparecido.

Você é maravilhosa, Senka. Inteligente e bela. Mas está tão sozinha... Gosta de ficar sozinha, Senka?

A sérvia balançou a cabeça sentindo o calor descer pelo peito até a virilha. Todo o terror e a confusão de um minuto atrás estavam desaparecendo, como se não fossem mais que o resultado de um pesadelo extremamente real. Uma parte de sua mente emitia gritos de alarme, ciente de que aquilo não era normal, mas o ruído dos demais pensamentos sufocava seus gritos.

A mulher riu. Sua risada era musical e dura, como as pedras do leito de um rio de águas frias.

Eu imaginava. Eu também não gosto de ficar sozinha. E fiquei sozinha tanto, tanto tempo...

A mulher se inclinou para a frente e acariciou o rosto da sérvia com o dorso da mão. Foi como se um incêndio florestal se espalhasse por baixo da pele de Senka. De súbito, todas as suas urgências desapareceram, substituídas por outra, intensa e premente. Sua virilha tinha se transformado em um forno.

A mulher entreabriu os lábios pela primeira vez. Uma parte da mente de Senka se deu conta de que, embora estivesse falando, a

mulher não tinha aberto a boca, mas era uma parte cada vez menor e fraca à qual ela já não dava nenhuma importância. O ruído dentro de sua cabeça era avassalador. As vozes se misturavam, excitadas.

Vou beijá-la. Quer que a beije, Senka?

Como em um sonho, meneou a cabeça e se inclinou um pouco, sem soltar a mão da desconhecida. Ela se aproximou e encostou os lábios com delicadeza na boca da sérvia. Sua saliva era doce e tinha um gosto metálico. Sua boca estava quente, muito quente, e sua língua brincalhona deslizou para dentro da boca de Senka, explorando com avidez até o último canto.

Senka gemeu, tonta. O incêndio em sua virilha estava fora de controle e lançava ondas de desejo em todas as direções.

Venha, Senka. Vamos para um lugar tranquilo. Quer vir comigo?

Senka assentiu, sem controle sobre si mesma. Percebeu que pela primeira vez em muito tempo a dor de sua alma parecia amortecida e distante. Ao lado daquela mulher tudo parecia ter uma importância relativa. Tudo, menos uma coisa.

Ambas se levantaram, ainda de mãos dadas, e saíram do salão de fumantes. Como se soubesse o caminho, a loura arrastou Senka para sua cabine. Não encontraram ninguém no corredor. Ao chegar à porta do camarote, Senka levou a mão ao bolso tentando atrapalhadamente pegar a chave. Observou a si mesma com ar ausente e distraído. Parecia incapaz de coordenar um movimento tão simples como aquele, mas, de alguma maneira, não estava preocupada. Era como se contemplasse outra pessoa.

A mulher sorriu, sedutora, e simplesmente girou a maçaneta da porta, que se abriu como se nunca tivesse sido fechada. Os alarmes de Senka, já mudos e derrotados, não soaram dessa vez. A cama brilhava sob a luz tênue das lâmpadas, tentadora.

As duas entraram, e a porta se fechou atrás delas. A mulher tornou a beijar Senka, dessa vez de maneira muito mais longa e ardente que a anterior. Senka sentiu a mão da mulher tocar um de seus seios e pressionar levemente o mamilo até fazê-lo endurecer. Gemeu de prazer e abraçou a loura desconhecida com força.

Sem parar de beijá-la, soltou o botão da calça encharcada, que caiu no chão. Com um chute tirou as botas e de repente estava só com a camiseta, ainda úmida, colada em seu torso, e a calcinha. A mulher passava as mãos por todo seu corpo, e a cada novo toque Senka ofegava, tomada por ondas elétricas de prazer.

Jogou-se para trás para tirar a camiseta. A peça, molhada, lutava para ficar colada a seu corpo, e Senka levou um bom tempo para se livrar dela. Quando conseguiu, sacudiu o cabelo, também ensopado, e não pôde conter um suspiro de emoção.

A mulher tinha deixado cair seu vestido de noite preto dos ombros até os tornozelos e estava totalmente nua diante dela, com um sorriso sedutor nos lábios. Sua pele tinha um tom dourado que convidava a lambar cada poro. Tinha mamilos grandes e escuros, e uma suave mata de pelos púbicos de um louro tão claro que parecia quase branco.

Estendeu as mãos e arrastou Senka até a cama sem dizer uma só palavra. Deitaram-se uma ao lado da outra, e, com destreza, a mulher tirou sua calcinha de algodão antes que Senka percebesse. Sua boca se dirigiu, faminta, aos seios da sérvia e começou a lambar seus mamilos com deliberada lentidão. Cada vez que os lábios da mulher apertavam seus seios, todas as suas terminações nervosas explodiam de prazer. Depois de um minuto Senka arfava forte, levada por descargas de excitação cada vez mais poderosas. Seus olhos viam a boca da mulher ir de um seio a outro com um ritmo cada vez mais acelerado enquanto suas mãos não paravam de acariciá-la. Surpresa, percebeu que estava prestes a gozar, antes mesmo de a outra tocar seu púbis.

Então, explodiu em um orgasmo longo, elétrico e libertador. Gemeu de prazer arranhando as costas da mulher, que respirava com um ritmo profundo e concentrado. Tentou se virar, mas a mulher a impediu e continuou descendo para o ventre enquanto traçava com a língua complicados desenhos sobre sua pele. Ao chegar ao umbigo parou durante alguns segundos e depois mergulhou no monte de Vênus de Senka, que naquele instante gritava pedindo ação.

Começou a dar longas e profundas lambidas em volta de seus pequenos lábios e depois se concentrou em seu clitóris. Cada vez que chupava e mordia, travessa, aquele pequeno pedaço de carne latejante, Senka soltava um gemido longo e profundo. Sentia como se toda a energia do universo estivesse se concentrando naquela parte de sua virilha. Via o cabelo da loura esparramado sobre seu ventre enquanto mantinha o rosto enterrado nela, saboreando-a.

Os gemidos de Senka ficaram cada vez mais ritmados e fortes. Toda sua pele soltava faíscas, carregada de tensão. Os tremores se espalhavam por suas pernas, incontrolláveis, e sentiu que um novo orgasmo se aproximava, dessa vez enorme, forte e avassalador como uma onda.

Você quer, Senka? Quer?

Senka só pôde gemer um "sim" entrecortado antes de o orgasmo a atingir com a força de um tornado. Gritou extasiada enquanto suas costas arqueavam sobre a cama. As contrações, ritmadas, iam da base do cabelo até a ponta dos pés, libertadoras e explosivas.

Depois de alguns segundos intermináveis desabou, exausta, no colchão. Seu corpo estava coberto de suor e sentia tremores incontrolláveis por todo o corpo de novo. A mulher loura, apoiada em um cotovelo, observava-a, entre satisfeita e sensual.

Gostou, Senka?

Com um sorriso de gata no rosto, a sérvia meneou a cabeça, ainda incapaz de falar. Um sono denso e incontrollável estava tomando conta dela. Cada vez tinha mais dificuldade de manter os olhos abertos. Toda sua mente foi se embotando e se apagando como uma cidade que sofre um corte de luz. Fechou as pálpebras, que de repente pareciam pesar toneladas.

Antes de sucumbir definitivamente ao sono, ouviu a mulher se levantar da cama. Um intenso cheiro adocicado e metálico impregnava todo o quarto. Senka estava sangrando pelo nariz, mas não sabia, jogada sobre a cama, nua e saciada pelo sexo.

Nós gostamos de nossos amigos, Senka. Você se comportou bem e fez o que pedimos. Isto é um pequeno presente. Vamos cuidar de você.

Para sempre.

XXIX

Valkirie

Terceiro dia de travessia

PASSOS APRESSADOS diante da porta acordaram Kate. Era como se um pequeno grupo de pessoas atravessasse o corredor correndo. Acima do barulho dos passos, ouviam-se vozes excitadas comentando alguma coisa que a espessura da porta não lhe permitia entender com clareza. Kate piscou, entorpecida. O camarote estava na penumbra, e a jovem, desorientada, olhou seu relógio de pulso. Era mais de meia-noite. Continuava encolhida no canto onde se acomodara quando Feldman e Cherenkov saíram de seu quarto.

Foi quando ouviu aquela risada sinistra.

Adormecera depois de chorar até esgotar todas as suas lágrimas. Estava exausta, infeliz e morrendo de medo. Mas, acima de tudo, terrivelmente sozinha. A cada minuto que passava se arrependia mais de ter aceitado se envolver naquela história. Havia algo intrinsecamente perverso no *Valkirie*, algo que se espalhava por tripulantes e passageiros como fedor de peixe podre. E no meio do oceano não era possível fugir para lugar nenhum.

Levantou-se fazendo uma careta. Sua perna estava adormecida. Deu dois passos pelo camarote para recuperar a circulação. Enquanto massageava a coxa ouviu duas vozes, uma de homem e

outra de mulher. O rítmico cling-cling de bijuteria se chocando acompanhava a conversa, que foi se apagando conforme se afastavam.

Kate tornou a olhar o relógio. Era tarde, mas talvez houvesse um segundo turno de jantar. Todos aqueles tripulantes deviam estar indo a algum lugar. Seu estômago roncava, faminto. Entrou no banheiro, lavou o rosto e escovou os dentes. Em seguida, brigou um pouco com seus cabelos até deixá-los mais apresentáveis. Olhou-se no espelho. Tinha olheiras e uma expressão angustiada.

Voltou ao camarote e vestiu um jeans justo e uma blusa. Pegou também uma jaqueta de veludo cotelê. Cada vez fazia mais frio do lado de fora daquele maldito navio. Quando se considerou suficientemente apresentável, pendurou a Canon no pescoço e, depois de trancar a porta da cabine com duas voltas de chave, foi para o corredor.

O corredor estava suavemente iluminado e um leve rastro de perfume ainda pairava no ambiente. Caminhou com passo decidido rumo ao hall das águias para chegar ao salão de jantar. Enquanto andava, pensava em como tocar de novo no assunto do chapéu com Feldman. Tinha a sensação de que havia perdido parte da confiança do velho judeu, e isso a torturava. Talvez Carter pudesse dar um enfoque diferente ao assunto. De qualquer maneira, teria que falar com ele e com Cherenkov. Queria deixar claro que não era louca e que ainda era digna de confiança. Não queria ficar à margem de jeito nenhum. À medida que se aproximava do salão, o rumor de vozes e a música ficavam cada vez mais altos. A jovem aguçou o ouvido. Tocavam algo parecido ao que a banda andara executando à tarde, mas agora muito melhor. Kate não tinha certeza, mas parecia um *charleston*.

Ao entrar no hall das águias, ficou boquiaberta. O enorme lustre do teto estava com todas as luzes acesas e emitia cintilações cegantes sobre os degraus de mármore polido. Um grupo de três mulheres que Kate jamais tinha visto, vestidas à moda dos anos 1930, subia a escada comentando algo divertido entre si que as fez explodir em um coro de risadas.

Com a sensação estranha de estar presa em um pesadelo absurdo, virou a cabeça. Dois homens vestindo um modelo de smoking antiquado fumavam apoiados em uma parede e a observavam.

Kate fechou os olhos com força. Estava sonhando. Só podia estar sonhando. Abriu-os de novo, e tudo continuava exatamente igual. As luzes, o barulho, o cheiro de cigarro e o murmúrio de vozes saindo da sala. O mais alto dos dois homens se inclinou para o outro para dizer algo em seu ouvido. O baixinho riu e tornaram a olhar para ela com uma expressão insolente no rosto.

Caminhou com as pernas tão fracas que ameaçavam deixá-la cair a qualquer momento. Arfava, buscando ar. Não entendia o que estava acontecendo. Quando chegou ao pé da escada verificou que o vaso com a palmeira havia desaparecido, e alguém havia colocado três bandeiras em seu lugar. Duas eram suásticas sobre um fundo vermelho, e a terceira era a bandeira da KDF.

Kate recuou, apavorada. Bateu as costas em uma das enormes águias de madeira que montavam guarda ao pé da grande escadaria. O animal estava de bico aberto enquanto soltava um eterno grito de desafio. Com a mesma sensação de antecipação inevitável que se tem nos sonhos, Kate deslizou o olhar para a forma oval presa pelas garras da águia, para comprovar que, saída do nada, uma enorme suástica de madeira campeava dentro dela.

— Isto não pode estar acontecendo — murmurou aturdida sentando-se no primeiro degrau.

Um garçom com uma bandeja cheia de taças passou a seu lado e a olhou inquisitivamente antes de seguir seu caminho.

“Feldman deve estar brincando comigo. Isto é uma pegadinha, ou algo do gênero.”

Mas a águia era real. Passou os dedos pela borda da suástica. Não estava colada nem pregada na forma oval, e sim entalhada, em uma única peça. Para trocar aquela escultura, teriam que ter levantado toda a maldita escadaria com uma grua industrial e, antes, desmontado todo o teto para colocar a grua. No meio do mar, era impossível.

O sangue zumbia em seus ouvidos. Cravou as unhas nas palmas das mãos, e a dor foi clara e intensa. Não era um sonho. Estava acordada.

“Não é uma brincadeira. É real.”

— Você está bem, *Fräulein*?

A voz ecoou a seu lado e Kate teve um sobressalto. Uma garçonzete de uniforme preto e touca se inclinava preocupada sobre ela.

— Quer que lhe traga um copo de água?

Kate inspirou duas vezes para tentar controlar o nervosismo. Uma mulher morta ou desaparecida fazia setenta anos estava lhe oferecendo um copo de água. Ou o fantasma dela. Sentia-se como a maldita Anne Germain. Teve que fazer um esforço para evitar o riso histérico que lutava para sair de sua garganta.

— *Nein, danke* — respondeu em seu alemão fluente, mudando de idioma de maneira automática. — É só uma tontura. Ficarei bem logo, sério.

— Tem certeza?

— Sim, totalmente — disse esboçando uma careta, ciente de que sua boca se negava a obedecer às ordens de seu cérebro e que só podia oferecer um arremedo trágico de sorriso.

A mulher assentiu e se afastou, não sem antes lhe dar uma última olhada de cima a baixo que Kate não soube interpretar.

O barulho da sala se transformou em uma gritaria alegre quando a banda começou uma nova música. Era como se estivessem celebrando uma festa. Kate levantou apoiando-se no escudo com a suástica e subiu a escada. Ao passar ao lado das bandeiras, olhou-as de soslaio, mas não se atreveu a tocá-las. De qualquer maneira, tinha certeza de que eram tão reais quanto todo o entorno.

O salão de baile, normalmente fechado e escuro, estava com as portas abertas e lotado de gente. Os casais dançavam um foxtrote no meio da pista enquanto grupos de passageiros andavam de um lado para o outro servidos por um pequeno exército de garçons e ajudantes. No palco, uma banda de sete membros tocava como se estivesse possuída por algum tipo de fúria cega. A festa vibrava em

todo o seu apogeu. O champanhe corria solto, e o rosto dos passageiros estava vermelho e animado, pairando em meio ao ruído e a uma bruma de fumaça de cigarro. As risadas eram escandalosas e estavam levemente fora de lugar, como se marcadas por uma essência doentia.

Uma mulher passou a seu lado com uma expressão vazia no rosto. Kate estremeceu. Tudo parecia real, contudo havia *algo* que não se encaixava, mas não conseguia identificar. Uma nota discordante, um elemento estranho que deformava tudo. Como uma espinha infeccionada cheia de pus no meio de um rosto harmonioso. Alguma coisa naquela festa não estava certa.

Sem levar em conta o fato evidente de que nada daquilo podia ser real, repetiu Kate para si. Pela primeira vez, cogitou a possibilidade de uma veia de sua cabeça ter estourado, e ela ter perdido a razão. Com um calafrio, perguntou-se se não estaria deitada naquele momento na cama de sua cabine, transformada em um vegetal, enquanto o médico de bordo checava se alguma conexão de seu cérebro tinha fritado.

Pegou uma taça da bandeja que um garçom levava. As taças estavam cheias de um *riesling* branco espumoso e fresco. Deu um gole e sentiu o vinho descer por sua garganta até o estômago. Se aquilo era uma alucinação, era a mais realista e perfeita da história.

Um rosto conhecido lhe chamou a atenção no meio da multidão. Era um dos dois químicos da equipe científica, usando um elegante terno. Seu coração se acelerou. Ver um rosto conhecido no meio daquele baile fantasmagórico fez o carrossel de irrealidade em que se encontrava girar um pouco mais devagar.

Kate quebrou a cabeça tentando recordar seu nome. Era finlandês, meio sonoro e exótico para seu ouvido. Começava com Lau... Como diabos continuava? Laukkanen. Isso. Ele e o outro químico tinham brincado com ela no dia da apresentação. Era um homem simpático, com uma expressão inocente em olhos intensamente azuis.

Kate abriu caminho entre os grupos de passageiros. À medida que passava, notava que as conversas se apagavam e que as

rodinhas começavam a sussurrar. Dezenas de olhos estavam fixos nela.

Alguma coisa estava errada.

De repente, viu-se refletida em um dos espelhos do salão de baile e compreendeu. Usando uma calça jeans justa de cintura baixa, destacava-se no meio daquela festa elegante dos anos 1930 como uma pulga no saco de um cão. O mais provável era que nenhum dos presentes jamais tivesse visto uma calça jeans em toda sua vida. Se é que estavam vivos de fato, evidentemente.

Ignorando os olhares, foi até o grupo do finlandês. Ele estava em companhia de duas mulheres e dois homens. Mantinham uma discreta conversa em alemão que foi interrompida de maneira abrupta quando ela chegou.

— Olá, senhor Laukannen — disse Kate em alemão ao aproximar-se dele. Inclinou-se em seu ouvido e, passando para o inglês, sussurrou: — Para o vestibulo, rápido.

O finlandês deu um passo atrás com uma expressão confusa no rosto.

— Desculpe, *Fräulein* — murmurou em alemão enquanto esticava a manga do smoking. — Não entendi o que disse. Acho que não falo seu idioma.

Os olhos de Kate quase saltaram das órbitas. Suspirou, incrédula.

— Laukannen... — murmurou sacudindo a cabeça.

A mão de gelo que apertava suas entranhas apertou um pouco mais.

— O que foi, meu bem? — perguntou então uma das mulheres, que apoiava sua mão, em um gesto possessivo, no braço do finlandês. — Quem é essa mulher?

— Não tenho a menor ideia, querida — replicou Laukannen olhando para Kate com expressão desconfiada.

O grupo todo havia dado um prudente passo para trás para se afastar da jovem, como se costuma fazer nas festas quando um convidado muito bêbado se aproxima para contar alguma bobagem sem respeitar o mínimo de espaço socialmente aceitável.

Kate se afastou cambaleando, sem se despedir, com o olhar desconfiado da mulher cravado em sua nuca. Se tinham pensado que estava bêbada, sua retirada vergonhosa só podia confirmar a teoria.

Estava no centro da pista. As pessoas se afastavam enquanto passava, como se detectassem que era um elemento estranho no meio daquele lugar. O cheiro adocicado que pairava no ambiente era quase asfixiante, mas, naquela ocasião, estava misturado com uma nota de podridão latente. A sala cheirava como se tudo que havia nela estivesse podre. Kate estava enjoada. Precisava sair dali.

Quando abandonava o lugar, viu Harper em pé, conversando com um grupo de passageiros. O marinheiro usava um uniforme completo de capitão mercante e ostentava no rosto um grosso bigode que naquela manhã não estava ali. Quando olhou para ela, não pareceu reconhecê-la, mas observou-a com receio.

Kate deixou escapar todo o ar de seus pulmões. Os olhos de Harper, de um azul intenso, perfuravam-na, inquisidores. Ele disse alguma coisa a um homem que estava a seu lado e fez um sinal discreto para um grupo de garçons situados junto à parede do fundo da sala. Kate viu que dois daqueles indivíduos começavam a andar na direção dela, abrindo caminho por entre a multidão.

Com um gemido de terror, virou-se e se encaminhou para a saída, tentando abrir a maior distância possível de seus perseguidores. Em sua mente pairava a imagem dos olhos azuis de Harper e sua expressão perversa e impiedosa. Mas não era só a promessa que aquele olhar que a atravessara escondia que a aterrorizava.

Kate tinha certeza de que naquela manhã o capitão Harper tinha olhos castanhos.

XXX

KATE DESCEU A ESCADA do grande hall pulando os degraus de dois em dois. Levada por um repentino impulso, virou-se e apertou o disparador de sua Canon meia dúzia de vezes, apontando em todas as direções. Se em algum momento aquele pesadelo terminasse, e ela acordasse, queria ter certeza de que era real e que não o havia imaginado. Ou, do contrário, obter a prova definitiva de que estava louca de pedra.

Ao apertar o botão pela primeira vez, o seletor automático da câmera fez saltar o flash em um lampejo azul. O brilho iluminou todo o hall como um relâmpago e atraiu alguns olhares, mas Kate tinha muito em que pensar. Os dois garçons que estavam atrás dela tinham acabado de surgir na parte superior da escada.

A jovem notou uma porta que dava para um pequeno corredor que até aquele momento havia lhe passado despercebido. Verificou que da parte superior da escadaria os garçons não podiam ver a porta e, sem hesitar nem um só minuto, fechou-a atrás de si e pegou aquele corredor.

Risadas. Risadas infantis no fundo do túnel. Kate correu seguindo aquele som até se deparar com uma sala onde não tinha estado até então. Era uma sala com pé direito alto, de tamanho médio, com as paredes forradas de lâminas de madeira de um pouco mais de dois metros de altura. Sobre os painéis havia uma série de desenhos infantis de cervos, fazendeiros e bonecos de neve.

No meio havia um pequeno carrossel de aspecto antiquado. Em volta do eixo central de ferro fundido, giravam cavalos, coelhos, porcos e gatos. As cadeiras estavam enfeitadas com símbolos da KDF. Em cada uma delas havia um menino ou uma menina dando gritinhos de entusiasmo. O carrossel estava cercado por uma grade de altura mediana, e um funcionário de aspecto sonolento manipulava os controles enquanto ao fundo se ouvia uma fanfarra militar que saía de um gramofone. Em um banco situado ao fundo um grupo de senhoras de meia-idade fofocava entre si e de vez em quando observava as crianças com ar de cansaço.

Kate olhou para trás. A porta que tinha atravessado permanecia fechada. Aproximou-se cuidadosamente e entreabriu-a um pouco. Viu que os dois homens que estavam atrás dela continuavam em pé no meio do vestíbulo, olhando em todas as direções. Finalmente, um deles foi em direção à ponte enquanto o outro entrava no salão de jantar.

Tinha conseguido despistá-los, mas não tinha muito tempo.

“Pense Kate, pense. Aonde você vai?”

A opção mais óbvia era voltar à sua cabine e esperar que todo aquele delírio acabasse. Se é que acabaria. Por um instante se perguntou se Tarasov e o pessoal da Wolf und Klee estavam certos. E se, de alguma maneira, tivesse voltado a 1939? Feldman, Cherenkov e Carter afirmaram que era totalmente impossível. Que violava as leis elementares da física. Só que nenhum deles estava ali, vendo tudo o que a cercava. Ela sim.

Mas voltar para a cabine não seria simples. Para conseguir, teria que atravessar o vestíbulo, completamente iluminado e cheio de gente, e além do mais, aqueles dois garçons a estavam procurando. Não passaria despercebida com sua calça justa. Talvez, se encontrasse algum tipo de roupa da época, conseguisse. Tinha que localizar uma lavanderia ou algo do tipo.

Então, reparou na menina. Estava sentada no fundo da sala, completamente sozinha e alheia à confusão das outras crianças. Parecia muito concentrada, olhando em sua direção com essa expressão obstinada que as crianças têm quando algo as contraria

profundamente. Com o cenho franzido, dava pontapés em um batente enquanto balançava as pernas em sua cadeira. Não só sua atitude era diferente. Sua roupa era muito mais simples que a das outras crianças. Em vez de sapatos de verniz brilhante e vestido de renda, usava sandálias de aspecto humilde e um vestido de linho cinza que parecia ter vivido tempos melhores. O vestido era um ou dois números maior, como se tivesse sido herdado de uma irmã mais velha.

De repente, a menina levantou o braço e apontou para Kate. Ficou completamente imóvel, com o braço levantado e os olhos cravados nela. O efeito era tão assustador que Kate teve vontade de gritar. Faltou pouco para se virar e sair correndo dali, mas, se voltasse, encontraria aqueles homens. Então, a menina abaixou o braço e inclinou levemente a cabeça, como se escutasse algo de muito longe. Embora os alarmes na cabeça de Kate ameaçassem estourar, alguma coisa a fez chegar mais perto.

Aproximou-se procurando evitar os olhares curiosos das mães, que continuavam sentadas no banco. Quando chegou junto à menina, abaixou-se para ficar à sua altura. A pequena a olhava fixamente, sem pestanejar.

— Olá — disse. — Posso me sentar a seu lado?

A menina assentiu sem parar de mexer as pernas.

— Por que estava apontando para mim?

A voz de Kate tremia. Tentou engolir a saliva e descobriu que sua boca estava completamente seca.

A menina ficou em silêncio durante um longo tempo olhando com ar ausente para o chão. Kate notou as enormes olheiras que tinha e seu aspecto desnutrido. Além do mais, tinha um grande hematoma no braço esquerdo que estava adquirindo uma desagradável cor amarelada, como se algo ou alguém tivesse batido nela com muita violência.

Quando Kate ia repetir a pergunta, a menina se virou para ela.

— Você não devia estar aqui — disse simplesmente.

Sua voz estava tingida de uma tristeza tão profunda que Kate sentiu um nó na garganta. Era antinatural ouvir esse tom em uma

menina tão pequena. Falava de sofrimento, horror e privações sem tréguas. De infância perdida.

— Eu sei — conseguiu dizer. — Eu me perdi e só quero voltar para minha cabine. Por acaso você sabe como...

A menina negou com a cabeça e uma expressão obscura no rosto.

— Não quero dizer nesta sala — respondeu enquanto acariciava com ar distraído o hematoma do braço. — Quero dizer aqui. *Agora*. Você não é daqui. Não pode estar neste lugar. *Ela* vai se irritar muito se a vir.

— Ela? Quem? Por que vai se irritar? — balbuciou Kate. — O que quer dizer com *agora*?

Como única resposta, a menina esticou a mão para o punho de Kate. A jornalista usava uma pulseira de plástico que sua sobrinha Andrea lhe havia dado, com cabeças de animais e contas coloridas. A menina a olhava com olhos sonolentos, como se imaginasse a si com uma pulseira como aquela no punho.

— Gostou? — disse Kate seguindo seu olhar. — Tome.

Tirou a pulseira e a deu à menina, que a segurou nas mãos com ar reverente, como se não conseguisse acreditar que algo tão lindo pudesse existir. Deslizou os dedos pelas contas se deliciando com o toque suave do plástico, como se fosse uma matéria exótica. De súbito, os nós de seus dedos ficaram brancos quando fechou o punho com força. Levantou a cabeça com um ar de terror dançando em seu rosto.

— Temos que ir — disse com voz angustiada. — Ela está vindo.

— Ela? De quem está falando?

— Ela está vindo! Ela está vindo! — Levantou-se agitada. — E depois virão os outros! Temos que ir embora daqui!

Sem olhar para trás, a menina se levantou de um salto e correu para uma porta que havia ao fundo da sala. Kate ficou desconcertada, sem saber muito bem o que fazer. Então, notou um cheiro adocicado e metálico que lhe era familiar. Assim que o sentiu, seu estômago deu um salto, ameaçando se rebelar, enquanto os

distinguir na penumbra a cintilação loura do cabelo da menina. Naquele momento, a menina virou a cabeça, e Kate viu o borrão branco de seu rosto e a expressão de terror profundo.

Sem hesitar, apertou o passo. A Canon se chocava contra seu corpo batendo em seus seios com tanta força que via estrelas a cada passo. Alguma coisa a perseguia pelo corredor, dobrando cada esquina com um som aquoso.

Aquela parte do navio era um labirinto. O teto era de tubos de metal e cabos, em vez do agradável revestimento de madeira que recobria o dos outros corredores. A cada poucos passos abria-se uma bifurcação que conduzia a um lugar diferente, e não demorou muito até Kate estar totalmente desorientada dentro das entranhas do navio. Só a presença da menina, que corria alguns metros à frente, indicava o caminho. Aterrorizada, compreendeu que se perdesse a pista daquela menina estaria irremediavelmente perdida. E à mercê do que quer que estivesse atrás dela.

Atrás de Kate algo pesado caiu no chão com um estrondo. Aquilo que a perseguia estava cada vez mais perto. As lâmpadas do corredor iam diminuindo de intensidade mais e mais enquanto aquela coisa absorvia até o último raio de luz. Parecia um buraco negro de escuridão malvada. As luzes piscavam e pouco a pouco seu brilho ia se extinguindo, como se a corrente elétrica não chegasse com intensidade suficiente. O corredor todo foi mergulhando gradualmente na penumbra. Kate arfou, sufocada. Estava correndo quase no escuro. Mal podia ver a menina. Seu vestido cinza se confundia com a escuridão. Só os cabelos louros, que pareciam flutuar a meio metro do chão, lhe serviam de guia.

“Se tropeçar, está fodida, Kate. Veja onde põe os malditos pés.”

Chegou até uma escada que descia para os andares inferiores. Kate soube onde estava. Era um dos acessos ao setor de segunda classe. A menina descia os degraus com dificuldade. Suas sandálias estalavam enquanto se agarrava ao corrimão com força. Em seu punho, a pulseira de Kate.

— Espere! — gritou a repórter tentando recuperar o fôlego. — Não desça aí! É perigoso!

A menina a ignorou e continuou descendo. Kate hesitou um momento, mas a coisa que a perseguia estava cada vez mais perto. Gemendo de terror, colocou o pé no primeiro degrau. O fosso da escada estava preto como uma mina profunda. Ali embaixo não havia luz, e as sombras pareciam se mover, inquietas, esperando.

O golpe seguinte soou muito perto. Não havia tempo a perder. Sem hesitar um minuto, começou a descer a escada.

Rumo à escuridão.

XXXI

UMA VEZ, quando era pequena, Kate tinha ficado presa no elevador. Na época, ainda era Catalina Soto e ainda vivia em Barcelona com seus pais. Não lembrava quantos anos tinha, mas estava sozinha. Estava subindo de elevador em casa quando acabou a luz e de repente a cabine parou.

Isso não foi o pior. O mais terrível de tudo foi quando as luzes se apagaram, e a pequena Kate ficou sozinha e no escuro, confinada naquele cubículo, com a sensação viscosa do terror subindo por suas pernas.

Muito nova para pensar com clareza, nem lhe passou pela cabeça que a falta de luz duraria só alguns minutos, no máximo. Apavorada, começou a gritar, mas era domingo e não havia quase ninguém naquele edifício. Os vinte minutos que passou ali trancada transformaram-se em uma das experiências mais traumáticas de toda sua vida.

E, como bela recordação daquele episódio, Kate Kilroy havia desenvolvido uma profunda aversão à escuridão.

Cada passo que dava descendo aqueles degraus era um esforço titânico. A luz do corredor ia desaparecendo, e depois de poucos segundos viu-se cercada por uma negrura absoluta. A ansiedade a impedia de respirar com normalidade. Arfava, mas o ar não chegava a seus pulmões.

Levantou a vista, olhando com nostalgia para o retângulo de luz piscante que indicava o início ascendente da escada. Sem pensar subiu dois degraus, de volta para a luz, para o ar livre...

Então, viu-o pela primeira vez.

Não saberia dizer o que era, mas *algo* apareceu no limiar, e sua silhueta se recortou no vão da porta. Kate só pôde distinguir uma forma vaga. Parecia remotamente humano, mas *não* era uma pessoa, pelo menos não se movia como uma pessoa. Aquela coisa deslizava simultaneamente pelo chão e pelas paredes, mesmo que isso fosse impossível. E por mais difícil que pudesse parecer, era ainda mais tenebroso que a penumbra que a cercava. Sem dúvida, era a coisa mais sombria que Kate jamais havia contemplado.

Um buraco negro devia ser parecido. Um poço profundo de trevas que absorve toda a luz que comete a imprudência de passar ao seu redor.

Apertou os dentes e continuou a descida. Não podia mais ver a menina, mas ouvia seus passos e sua respiração agitada um pouco mais adiante. A alça da Canon se cravava em seu pescoço como se fosse uma corrente de arame farpado. Levantou a câmera, disposta a jogá-la no chão, mas, então, teve uma ideia. Elevou a Canon acima de sua cabeça e apertou o disparador.

Quando o flash se ativou, todo o vão da escada se encheu com um relâmpago espectral. Durante um breve momento Kate pôde vislumbrar a figura da menina a pouco menos de três metros dela, com a cabeça baixa e concentrada em dar o passo seguinte sem tropeçar.

— Espere por mim! — gritou.

Fez isso mais para ouvir a própria voz do que pensando que a menina fosse parar de correr.

Continuou descendo, acionando flash atrás de flash para se iluminar. Cada vez que o dispositivo se apagava, Kate se via mergulhada de novo nas sombras, mas a recordação imediata do que tinha conseguido ver em apenas meio segundo a ajudou a acelerar um pouco e a abrir certa distância com a sombra que mordida seus calcanhares.

Então, seus pés tocaram um tapete macio e soube que havia chegado ao corredor. Acionou uma série de flashes a seu redor para se orientar. Quase morreu de susto quando em um dos flashes revelou o rosto messiânico de Adolf Hitler observando-a na parede. Soltou um grito de espanto, até perceber que era apenas um quadro.

O corredor se abria em várias direções. A menina se dirigia para uma das embocaduras e, nesse momento, parou para lhe fazer um gesto, chamando Kate para segui-la.

Sem hesitar, Kate foi atrás dela. Acionou de novo o flash e, então, pela primeira vez, olhou para a tela de LCD da câmera. Um sabor amargo de bile se instalou em sua boca enquanto náuseas intensas a atacavam.

"Merda. Merdamerdamerda."

Durante o instante que o flash iluminou o local, Kate conseguiu ver um corredor com um tapete macio no chão, as paredes cobertas de placas de madeira escura e as portas dos camarotes pintadas de branco brilhante.

Na tela, aparecia esse mesmo corredor, mas totalmente destruído pelo passar do tempo. O tapete era só uma recordação putrefata e desfeita, e as placas de madeira das paredes estavam desbotadas, podres e deformadas pela umidade. Viam-se as placas enferrujadas de aço por baixo. A pintura das portas havia se soltado, e algumas haviam caído.

Kate ficou horrorizada.

Um som aquoso, como uma pia que se desentope, surgiu atrás dela. Kate expirou o ar dos pulmões e uma nuvem de vapor se formou de imediato diante de seu rosto. Pequenos cristais de gelo começavam a cobrir as paredes do corredor.

Venha aqui, vadia. Escute minha voz.

A dor dentro da cabeça de Kate tornou-se insuportável. Era como se tivessem enfiado um ferro incandescente dentro de seu cérebro. Gemendo, cambaleou e se afastou dali. A menina a esperava do outro lado da esquina, junto ao vão de um elevador de carga de

tamanho médio, cujas luzes internas estavam acesas e espalhavam uma difusa claridade naquela sala.

Havia uma grade que recortava o aposento pela metade, com uma porta no meio. Um cartaz em alemão pendurado no arame dizia que era proibido aos passageiros da terceira classe o acesso à área de segunda. No entanto, a porta estava aberta, oscilando sobre suas dobradiças. Kate piscou. Agora a sala tinha o mesmo aspecto decadente e destruído do resto do setor de segunda classe não restaurado que ela havia visto no *Valkirie* no dia anterior. Esfregou os olhos, incrédula.

Quando os abriu de novo, a sala tinha de novo um aspecto imaculado e intacto, como se recém-saída do estaleiro. Kate soltou um gemido abafado. Um momento antes o aposento estava arrasado, tinha certeza. De repente, a imagem *saltou*.

Kate não encontrava outra palavra para definir. Era como se estivesse vendo uma fita antiga de VHS muito gasta, e a imagem se deformasse na tela. De repente, as duas imagens, a antiga e a nova, se sobrepuseram, como duas emissoras de rádio diferentes se atropelando no mesmo canal. A vibração durou muito pouco, alguns segundos. A luz do elevador começou a piscar e ameaçou se apagar por completo. E então, o fenômeno cessou. O lugar conservava o aspecto imaculado dos anos 1930.

— Temos que descer para a terceira classe. Ali ela não pode nos pegar — sussurrou a menina.

Aquilo era uma insensatez, mas Kate entrou no elevador de carga. A menina empurrou a grade e apertou um botão. Com um solavanco, a cabine começou a descer para as profundas entranhas do *Valkirie* entre vibrações e chiados.

Enquanto desciam, Kate checkou sua Canon. Uma luz de LED vermelha estava acesa ao lado da tela de cristal líquido. A jovem soltou um palavrão. A bateria estava acabando. O flash havia devorado quase toda a carga e devia restar uma meia dúzia de disparos, no máximo, com muita sorte.

A menina olhava para cima, assustada. Algo bateu com força na grade do andar que tinham acabado de deixar. A caixa do elevador

se moveu como se fosse sacudida por uma chicotada, e Kate foi lançada contra uma parede. Bateu o lado direito do rosto com força em uma moldura de aço, e durante um segundo uma pequena constelação de estrelas dançou diante de seus olhos.

Levantou-se, resmungando. Uma presença se materializou a seu lado. A menina lhe estendeu a mão, e Kate a segurou, agradecida. Tinha a pele muito lisa e surpreendentemente fria.

— Como você se chama, menina? — sussurrou.

Embora o barulho daquele elevador de carga fosse infernal, tinha medo de chamar a atenção de seu perseguidor, como se o simples fato de abrir a boca pudesse invocá-lo.

— Esther — respondeu a menina.

— Aonde vamos, Esther?

Nesse instante, a cabine parou com um solavanco final. Kate calculou que deviam estar em algum ponto abaixo da linha de flutuação do navio, quase nos porões. Esther e ela saíram do elevador e foram parar em uma ampla sala de recreio da terceira classe. A água e o tempo haviam feito estragos ali. As cadeiras estavam quebradas e cobertas de mofo, e o ar cheirava à água estancada e madeira podre. Do teto pendiam alguns fios de cobres roídos pela ferrugem onde um dia estiveram pendurados alguns lustres, que haviam desaparecido.

Em algum momento, durante a descida, a imagem “saltara” – ou como diabos se chamasse aquele fenômeno – de novo. Kate suspirou, igualmente desconcertada e apavorada.

O lugar era deprimente e sufocante, de pé-direito muito baixo. Naquele ponto, Esther parecia bem mais relaxada, como se já não temesse a sombra escura que rondava pelos andares superiores. Kate viu que em um canto havia uma velha lamparina de petróleo de aspecto antiquado. O vidro da cúpula estava quebrado, e a base de cobre tinha uma cor verde doentia, devorada pela ferrugem. Mas quando a sacudi verificou que ainda estava cheia de combustível. Procurou em seus bolsos até que encontrou um velho isqueiro de Robert que guardava como amuleto. Não tinha nem uma gota de gás, mas a pedra ainda soltava faíscas. Aproximou o isqueiro do

pavio da lamparina e, em um segundo, uma fonte de luz quente e confortável traçava um círculo mágico e protetor a seu redor, dissipando todas as sombras.

Caminharam por um corredor feio, com enormes dormitórios comunitários alinhados nas laterais. Kate ficou espantada com o tamanho daqueles quartos, e calculou que em cada um deviam caber umas quarenta pessoas. Compreendeu que o *Valkirie* podia levar muito mais passageiros de terceira e segunda classes que de primeira, e, ainda assim, a maior parte do espaço a bordo estava reservada à elite.

Levada pelo instinto de jornalista, sua mão se dirigiu automaticamente à Canon para tirar uma foto. Então, percebeu que estava sozinha.

A menina tinha desaparecido.

— Esther! — gritou. — Onde está você, Esther?!

Atravessou vários quartos chamando a menina, mas era como se tivesse evaporado. Não havia o menor rastro dela. Sacudiu a cabeça, desnorteada. E então, percebeu que não tinha nem a mais remota ideia de como sair dali.

Olhou em volta, angustiada. Estava metida em uma bela confusão. Ou em muitas, dependendo do ponto de vista. A verdade era que estava em uma situação tão complicada que não sabia nem como começar a abordá-la.

Então, ouviu sua voz.

— Kate.

Foi só uma palavra, mas o mundo todo parou de girar. Seu coração parou durante um microssegundo enquanto suas emoções, ofuscadas, se atropelavam entre si tentando se fazer ouvir.

— Kate — repetiu a voz.

Começou a tremer de maneira incontrolável, enquanto lágrimas enormes começavam a escorrer pelo seu rosto. Essa voz. Conhecia-a tão bem... Sentira tanto sua falta... Essa voz.

Virou-se, incrédula, mas esperançosa. Disposta a ver ao dono daquele som que fazia muito tempo que não escutava. Disposta a se embriagar de felicidade.

O dono da voz a observava, sorridente, de cabelo despenteado, apoiado no vão de uma porta. Vibrante, confiante, encantador. Como era. Como sempre tinha sido.

Kate enxugou as lágrimas com o dorso da mão e pela primeira vez em muito tempo sorriu de verdade, sentindo renascer o calor em seu coração.

— Olá, Robert.

XXXII

CONTEMPLARAM-SE durante um tempo que lhe pareceu infinito. Robert sorria, com o familiar leque de rugas que se formava no canto dos olhos e que ela gostava de cobrir de beijos sempre que podia. Kate chorava descontroladamente, dividida entre a dor e a alegria mais intensa.

Porque Robert estava diante dela. Estava ali mesmo, a menos de dois metros. Mas sabia que não era real, porque Robert estava morto fazia mais de um mês, e suas cinzas frias e escuras estavam na urna de cerâmica preta, em seu camarote.

— Não é verdade. — Kate negou com a cabeça, sangrando por dentro ao dizer cada palavra daquela frase. — Sei que você não está aqui.

Robert mudou de posição, mas não se moveu nem um passo de onde estava. Embora em seu rosto permanecesse a mesma expressão serena e confiante de sempre, a tristeza havia substituído seu sorriso perene de colegial travesso.

— Estou aqui, Kate. Diante de você. Sou tão real quanto essa maldita máquina fotográfica em seu pescoço, que, aliás, é minha; pelo menos era. Nós a compramos juntos em Nova York, naquele dia que choveu como se o mundo fosse acabar, lembra?

Kate balançou a cabeça em negativa com os olhos tão arrasados pelas lágrimas que já não conseguia enxergar direito. Claro que se lembrava daquele dia. De como, de volta ao hotel, Robert ria

entusiasmado com sua câmera nova, como uma criança pequena. De como tinham se divertido com um mímico de rua perto do Central Park. De como tinham feito amor durante três horas enquanto, lá fora, sob um céu plúmbeo, a cidade se inundava com a tempestade. Dos vizinhos do quarto ao lado reclamando. Das desculpas esfarrapadas que Robert dava ao porteiro e de como ela, na cama, morria de vergonha e de tanto rir ao mesmo tempo.

Lembrava-se de tudo. E tudo doía na memória.

— Você foi embora, Robert. — Soluçou. — Foi atropelado por um maldito motorista bêbado que fugiu.

— É verdade — respondeu ele muito sério. — Mas, de alguma maneira, cheguei até você, Kate. Estou aqui. Não sei muito bem como, nem por quanto tempo, mas estou aqui.

— Como vou saber que não é uma alucinação? — soluçou Kate com a luz tremendo em sua mão.

Robert suspirou. Kate notou que ele estava com o mesmo terno creme que usava no dia em que tinha saído de casa para nunca mais voltar, salvo em forma de pó cinza dentro de um pote. Até a gravata era a mesma. Com um aperto de ternura, reparou que o nó da gravata, que ela havia feito naquela manhã distante, estava exatamente igual. Quando tinha chegado ao hospital para reconhecer o cadáver, abalada e gritando seu nome feito louca, a gravata não estava. Os paramédicos da ambulância a tinham desamarrado para tentar fazer uma reanimação cardiorespiratória, devolveram-na mais tarde, feito uma bola amassada encharcada de sangue (do sangue dele!), dentro de um saco plástico. Mas, naquele instante, o nó estava ali, como ela sempre o fazia. Como havia aprendido a fazer no pescoço de seu pai quando era pequena. Não o confundiria em um milhão.

— Bem, suponho que só há uma maneira de descobrir, não é?

Robert deu de ombros com um meio sorriso malandro, em um gesto tão cotidiano e familiar que Kate tremeu como um bambu.

Era ele. Só podia ser ele.

— Você veio para me levar com você para o outro lado? — perguntou recordando de repente todas aquelas histórias do túnel

de luz e das experiências próximas à morte. — Como é? Vai doer?

— Kate — suspirou Robert meneando a cabeça com paciência. — Você não está morta. E agora... vai ficar aí a manhã toda fazendo perguntas de jornalista espertinha, ou vai me beijar de uma vez?

Kate ouviu a si mesma rir enquanto seus pés, que até então pareciam estar soldados à cobertura de aço do *Valkirie*, ganhavam vida própria. Em menos de um segundo, percorreu o metro e meio de distância que a separava de Robert e parou a seu lado, inspirando seu aroma. Era a mistura exata de perfume e pele quente que ela recordava tão bem. Sentia-se tonta, mas não se atrevia a levantar a mão para acariciá-lo. Como uma menina extasiada diante de uma imensa e iridescente bolha de sabão, sonhando em tocá-la, mas temendo fazê-la estourar.

— Não vou desaparecer, Kate — ronronou Robert em seu ouvido.

O hálito quente sobre sua pele bastou para que seus pelos se arrepiassem como nunca.

Kate apoiou as mãos no peito do marido com extrema delicadeza. O toque era duro, suave e quente, tal como ela o recordava. Deslizou-as pelo torso e subiu até o pescoço enquanto Robert deslizava os braços em volta da cintura de sua mulher, apoiava as mãos grandes na base de suas nádegas e subia pela coluna, em um abraço íntimo e conhecido.

Kate fechou os olhos, extasiada, enquanto um gemido animal, de liberação e entrega absoluta, escapava de sua garganta. O coquetel de alívio, dor, alegria e excitação que experimentava era enlouquecedor. Robert arranhou seu rosto com o queixo, e então, em um gesto automático, ela levantou o rosto e entreabriu os lábios.

O beijo foi intenso, prolongado e carregado de emoção. Kate não podia parar de passar as mãos pelo rosto de seu homem, como se fosse a primeira vez que o tinha diante de si, enquanto sua boca o devorava com ansiedade. Sentia seu corpo colado ao de Robert como se fossem duas extensões de uma mesma entidade impossível de separar.

Depois de alguns minutos intermináveis se afastou, arfante. Em seus olhos brilhava uma luz excitada que estivera apagada durante

muito, muito tempo.

— Robert, por que aqui? — Kate começou a disparar perguntas apoiando o rosto no peito de seu marido. Podia escutar as batidas tranquilas de seu coração (de seu coração!) cheio de vida. — Por que agora? O que está acontecendo, meu amor?

— Sssshhh... — Robert beijou seu cabelo enquanto acariciava suas costas. — Não tenho resposta para suas perguntas, Katie.

— Não tem?

— Não. Algumas coisas podem ser contadas, outras não. Existem regras, Kate. Normas que não podem ser quebradas. Só precisa saber que me deixaram estar aqui por um motivo. Para ajudá-la.

Kate fechou os olhos envolta em seu calor. Ele estava ali, e não precisava de nada mais.

— Não gosto deste lugar. — Enterrou o nariz no peito de Robert para poder aspirar sua fragrância. — Com certeza está cheio de ratos.

— Oh, não há ratos aqui, tenho certeza.

— Como sabe?

— Se houvesse ratos, até o último deles teria mostrado os bigodes para contemplar este traseiro tão impressionante — respondeu ele deslizando as mãos pela parte de trás da calça de Kate.

Ela riu enquanto lhe dava uma palmada divertida no peito. Surpreendeu a si mesma ao ouvir o som da risada, fresca, libertadora, cheia de vida. Naquele lugar sujo e escuro era tão incoerente que era desconcertante.

— Senti tanto sua falta — murmurou encarando-o com olhos cheios de adoração. — Não quero que vá embora de novo, Robert. Fique comigo.

Robert se afastou dela suspirando. Olhou-a com seus olhos escuros, profundos e intensos.

— Não quero me separar de você — disse. E, em seguida, depois de um segundo de dúvida, acrescentou: — Há algo importante que

— Você precisa saber. Não me pergunte como sei nem quem me disse, porque não posso explicar.

— Regras — sussurrou Kate.

— Regras — assentiu Robert. — Mas escute com atenção o que vou dizer.

Kate sentiu seu coração se encolher de medo.

— Neste lugar há algo maligno. Escuro, faminto e maligno. — Robert estava muito sério e olhava a seu redor. — É velho e perigoso, e está cheio de ira. Você e eu, por algum motivo, não nos encaixamos em seus planos. Nós não deveríamos estar aqui. E, se conseguir pegá-la, vai levá-la a um lugar onde nem mesmo eu poderei chegar. Eu a perderei para sempre.

Kate tornou a sentir a já familiar bola de gelo no estômago.

— Robert, isso tudo é assustador. Eu preciso de você.

— Estarei a seu lado, meu amor. Mas, agora, você precisa sair daqui. Nós dois desempenhamos um papel nisso tudo.

Kate negou com a cabeça e abraçou Robert ainda mais forte. A ideia de voltar à parte superior do *Valkirie* e deixar seu marido sozinho naquele lugar escuro e putrefato era insuportável.

— Não pretendo me afastar de você. Não depois de tanto tempo. — Negou com a cabeça. — De jeito nenhum.

Naquele momento, uma vibração sacudiu todo o casco do *Valkirie*. Depois de um segundo, o som abafado de uma explosão distante se infiltrou nas entranhas do navio. Apenas alguns segundos depois, campainhas de alarme começaram a se ouvir ao longe.

Kate se virou, assustada, olhando para o teto. O navio todo havia se sacudido como se um torpedo o houvesse atingido.

— O que será que foi isso, Robert?

Virou-se para seu marido, mas ele já não estava ali.

Começou a gritar seu nome até que sua garganta doeu, mas Robert tinha desaparecido, assim como a menina. Por um segundo pensou que tudo tinha sido uma alucinação, mas sua roupa ainda tinha o cheiro do perfume dele. Ainda sentia seu sabor na boca.

Tinha sido real. Tinha estado com ele.

— Robert — murmurou com um nó na garganta.

Uma luz suave se acendeu a sua direita. Girou a cabeça e viu a cabine de um elevador de serviço, desses utilizados para a manutenção do navio, escancarada, a poucos metros.

— Obrigada, meu amor. — Kate sorriu enquanto entrava na cabine. — Vou voltar para buscá-lo, prometo.

XXXIII

À MEDIDA QUE a cabine subia, entre estalos e gemidos de metal, Kate tentava se acalmar e organizar seus pensamentos. Sua cabeça era um vulcão em erupção. À euforia de ter reencontrado Robert se somava a sensação de inquietação que aquele maldito navio lhe provocava. E, além do mais, não podia tirar as palavras de seu marido da cabeça.

“Neste lugar há algo maligno. Escuro, faminto e maligno.”

Enquanto o elevador subia, o som dos alarmes ficava mais claro e intenso. E logo captou um leve cheiro de fumaça e plástico queimado. Alguma coisa estava muito errada lá em cima.

O elevador parou com um solavanco final. Kate levantou a grade e encontrou uma placa de aço que impedia a passagem. Compreendeu que já devia estar em algum nível da primeira classe e que aquele era um dos acessos lacrados pelos homens de Feldman. A primeira sensação ao ver o acesso fechado foi de raiva, mas depois pensou, aliviada, que aquelas placas de aço eram algo tangível e real que pertencia ao universo em que vivia.

Empurrou a lâmina, que balançou suavemente. Quando a haviam soldado, pretendiam impedir que alguém entrasse pelo outro lado, e não pensaram que pudessem tentar forçá-la por dentro. Os pontos de solda estavam presos de uma maneira que Kate pensou que um bom chute poderia soltá-los o suficiente para deslocar a placa de metal.

Tomou impulso e arremeteu contra a folha de aço. Foi como chutar uma parede de granito. Segurou o pé dolorido enquanto soltava um palavrão muito pouco educado. Tentou de novo, dessa vez tentando acertar perto de um dos eixos de união, mas foi em vão. Sem uma alavanca seria absolutamente impossível mover aquela folha de aço do lugar.

Desolada, compreendeu que estava presa ali dentro como um rato. Tão perto e, contudo, tão longe. Do outro lado daquela lâmina de metal havia luz, calor, seres vivos e ar fresco. No entanto, não tinha mais remédio a não ser afundar de novo nas entranhas do *Valkirie* e tentar desfazer o caminho de antes.

Desanimada, inclinou-se sobre os controles do elevador de serviço, quando escutou uma série de estalos secos, como cabos de aço se soltando sob uma enorme pressão. Então, para seu espanto, a folha de metal tremeu como se fosse sacudida por um soco invisível e começou a se inclinar, cada vez mais depressa, até cair no chão com um estrondo.

“Estarei a seu lado, meu amor”, dissera Robert.

— Obrigada, meu amor — murmurou Kate com uma sensação quente por dentro.

Não se sentia bem assim desde que havia embarcado no navio.

Um jato de luz amarelada acertou seu rosto. Kate se aproximou com precaução e descobriu que estava em um dos corredores de serviço da primeira classe. Pelas escotilhas circulares entrava a luz do amanhecer, tingida da cor espectral da névoa que cercava o *Valkirie*. As rajadas de vento empurravam cortinas de chuva contra os vidros, que pingavam água sem parar.

O cheiro de fumaça era muito mais intenso ali. Kate caminhou pelo corredor até encontrar uma escada e logo se viu de volta ao familiar setor de camarotes da primeira classe, com seu macio tapete vermelho. De repente, Moore e vários dos seus homens apareceram dobrando a esquina. Dois deles usavam trajes de amianto e carregavam equipamento anti-incêndio, enquanto o resto portava extintores e o que parecia ser uma enorme mangueira.

— Saia do caminho, senhorita Kilroy! — bradou Moore empurrando-a para o lado com rudeza.

Kate se espremeu na parede absurdamente feliz. Moore a havia reconhecido. O mundo voltava a girar no sentido correto.

Sem hesitar nem um segundo, começou a seguir aqueles homens. Subiram para a área da ponte e saíram para a chuva.

Kate não demorou nem dois minutos para ficar encharcada até os ossos. A água caía em pesadas cortinas, tão densas que não permitiam ver além de poucos metros. A jovem adivinhou o movimento de pessoas a sua esquerda, ao pé de uma escada que subia para o nível mais alto do navio, uma parte à qual os passageiros normalmente não tinham acesso.

Juntou-se ao grupo temendo que a obrigassem a descer, mas ninguém disse nada. Feldman estava ali, em pé, com uma capa de chuva amarela que envolvia seu corpo, enquanto os homens de Moore subiam com dificuldade. O velho parecia tão frágil que Kate teve a sensação de que uma rajada de vento poderia levá-lo a qualquer momento. Ao vê-la, Feldman assentiu, como se todas as peças se encaixassem.

— Já estava me perguntando onde estaria metida, Kate. — Apontou para cima sério. — Imaginei que não ia querer perder isto. Foi um trabalho profissional.

Kate franziu o cenho diante do tom de sua voz, mas não disse nada e começou a subir a escada, com o velho judeu atrás dela. De vez em quando, olhava para baixo, certa de que veria apenas um vão e o corpo de Feldman caindo nas ondas, mas o velho magnata parecia ter uma reserva oculta de forças em alguma parte de seu corpo murcho.

Finalmente chegaram à cobertura, e, então, Kate ficou boquiaberta. Na proa, sobre a ponte de comando, onde deveria estar o bosque de antenas, havia um enorme e fumegante buraco negro. Dele surgiam algumas vigas de aço retorcidas, como raízes podres de dentes em uma boca destruída.

— O que aconteceu aqui? — perguntou.

— Perdemos todo o nosso sistema de comunicações — grunhiu Moore terrivelmente pálido.

O chefe de segurança estava visivelmente arrasado. Em tese, ele era responsável por garantir que nada de anormal acontecesse durante aquela viagem, e em apenas três dias tinha perdido o navio auxiliar, tinham assassinado um de seus homens e agora estava diante daquele desastre completo.

— Como foi? Um acidente?

Moore meneou a cabeça, furioso.

— Alguém subiu até aqui e cortou o fornecimento principal de energia da rede de comunicações. O sistema tinha um dispositivo de emergência para evitar cortes de comunicação em caso de falta de energia elétrica. — Apontou para o coração do buraco negro, onde dois de seus homens andavam com cuidado retirando restos rasgados de aço. — Uma série de cinquenta baterias de alta capacidade.

— As baterias não funcionaram?

— Ao contrário — replicou Moore. — Não havia nada de errado com as baterias. O sistema foi projetado para que fossem se conectando uma a uma, mas alguém fez uma ponte. Houve uma sobrecarga elétrica, e cinquenta malditas baterias explodiram ao mesmo tempo. Este é o resultado.

Kate contemplou o buraco, pensativa. A chuva formava rios que corriam para os restos, enquanto grandes poças cheias de restos queimados cresciam como manchas escuras sobre a estrutura do *Valkirie*.

— Alguma ideia de quem fez isso?

— Ainda não, Kate — ouviu a voz de Feldman atrás de si —, mas logo saberemos quem é o responsável por este desastre. Ou a responsável.

Kate adivinhou a insinuação escondida nas palavras do velho. Virouse para ele com uma expressão de cólera no rosto.

— Não está insinuando que fui eu, não é, Feldman?

— Não estou insinuando nada — replicou Feldman frio.

A sombra da desconfiança dançava em seus olhos. Kate observou com atenção o rosto do velho e engoliu em seco, impressionada.

Feldman parecia uma sombra do homem velho, mas imponente, que havia conhecido quando embarcara no *Valkirie*. Seus cabelos pareciam ter caído de maneira desigual e uma série de vãos pontilhava sua cabeça, como se tivesse ficado exposto a alguma radiação ou uma doença estranha o estivesse devorando por dentro. Seu rosto parecia consumido, coberto de pequenas veias onde antes ostentava uma pele lisa e de aspecto saudável. Mas o pior eram seus olhos. O olhar de falcão de Feldman tinha sido substituído por uma expressão apagada e confusa, como de um velho à beira da demência que não compreende o que acontece a seu redor e desconfia de todos os que o cercam porque teme que vão roubar suas economias. A mudança era tão avassaladora que Kate empalideceu.

— Alguém danificou meu navio — grunhiu. — Minha pobre *Valkirie*. E quem ataca a ela ataca a mim.

Kate não perdeu o detalhe de Feldman se referir ao *Valkirie* como *ela*. Inevitavelmente, a recordação da sombra escura que a havia perseguido pelos corredores apenas uma hora antes (ou devia dizer setenta anos antes?) surgiu em sua mente.

— Não fui eu, Feldman — disse falando lentamente. — Estive dentro do navio o tempo todo.

— Você não estava em sua cabine — murmurou Moore de costas para eles enquanto contemplava o estrago. — Nem em nenhuma das áreas comunitárias.

— Onde estive o tempo todo, Kate? — perguntou Feldman de maneira nada amistosa, com uma voz enganosamente calma.

Kate hesitou, e os dois homens perceberam. Não podia dizer a verdade porque achariam que estava louca. Ou talvez, não, mas não podia confessar que tinha quebrado todas as normas e passado metade da noite correndo pelas áreas proibidas do *Valkirie*.

— Não fui eu, Feldman — limitou-se a repetir. — Vai ter que acreditar em mim, gostando ou não.

— Não será necessário — grunhiu Moore. Um de seus homens tinha acabado de subir e sussurrara algo em seu ouvido. — Dentro de menos de cinco minutos esclareceremos as dúvidas. Vamos à sala de controle.

Feldman assentiu com um riso maníaco de satisfação que fez o sangue de Kate gelar. O velho estava perdendo a cabeça, derrapando para uma zona escura, cheia de poços lotados de ideias viscosas e dementes.

Desceram a escada até a ponte de comando. Ao entrar, Kate viu uma série de mudanças que a fizeram se sentir um pouco mais doente.

A parede do fundo estava limpa. Todos os modernos instrumentos de navegação tinham desaparecido. Alguém os havia tirado do lugar e não havia o menor sinal deles. Onde antes ficavam o sonar e a tela de satélite, restava apenas uma série de cabos pendurados nas paredes e uns tristes suportes metálicos. Kate podia entender que o radar e as comunicações já não serviam para nada, o que em si já constituía um enorme problema, mas não havia nenhum motivo para eliminar o sonar, nem a estação meteorológica.

“A não ser que o navio já não os queira aqui, Kate.”

Harper estava ali. Já não tinha o bigode farto que ostentava na pista de dança e seus olhos eram castanhos de novo, mas ainda usava o uniforme de capitão da marinha mercante alemã. Ao vê-los, bateu continência e os saudou, muito formal.

— *Guten Tag, meine Herren* — cuspiu. — Tenho certeza de que todos estes incômodos vão acabar logo. Não poderemos ter um cruzeiro tranquilo enquanto acontecerem esses... incidentes. Alguém vai ter que se responsabilizar por essa confusão.

— Não se preocupe, *Herr Kapitän* — replicou Moore. — Estamos cuidando disso. Logo encontraremos o agente comunista.

“O agente comunista? Mas que diabos...” Kate preferiu não perguntar. Tinha problemas mais urgentes. Dois dos homens de Feldman tinham se posicionado na porta com os rifles de assalto cruzados sobre o peito.

E olhavam para ela.

XXXIV

ENTRARAM NA SALA de rádio, onde estavam as telas de controle. O mesmo operador de sempre estava sentado em sua cadeira, de fones de ouvido, mas com expressão concentrada. Kate reparou que na porta da sala alguém havia pendurado o desenho de um técnico consertando um rádio antigo. Sua mão estava dentro do aparelho e todos os seus pelos arrepiados, como se tivesse levado um choque. Aquele desenho a fez sentir um calafrio. Conhecia aquela imagem. Duff Carroll havia falado dela. Era um desenho dos anos 1930.

O operador olhou para ela e fez de novo o gesto de reconhecimento com as sobrancelhas. Kate suspirou aliviada. Pelo menos aquele homem ainda não havia perdido o juízo.

— Olá — disse a jornalista querendo encontrar um sorriso amigo.
— Como acabaram os Knicks ontem?

O operador olhou para ela com uma expressão confusa, repentinamente perplexo.

— Os... quê?

— Os Knicks. — Apontou para a tela apagada. — O jogo de basquete.

— Basquete? — O homem a olhava com a mesma expressão que faria se ela lhe estivesse propondo ir plantar cevada na Lua.

Kate engoliu em seco e sentiu o chão se mover sob seus pés. Alguma coisa estava acontecendo. Vivia em sua realidade, sem

dúvida, mas havia dezenas de mudanças, sutis, que antes não estavam ali. A sensação era enlouquecedora.

— Temos as imagens? — perguntou Moore imperioso.

Ele parecia estar no comando. Harper estava a seu lado, imponente e magnífico em seu uniforme, enquanto Feldman, encurvado, ia até um canto com um risinho lunático e arfante.

— Sim, senhor — respondeu o operador.

Girou uma série de comandos, e uma das telas apagadas ganhou vida.

Tratava-se de uma imagem de circuito fechado, em preto e branco. Em um canto, um monte de números corria enlouquecido à medida que a imagem avançava. Era um plano de parte da superestrutura do *Valkirie*. Kate demorou um pouco para identificar o lugar. Era o pequeno passeio aéreo que dava acesso à escada que subia para a área de antenas.

— Esta imagem é de ontem à tarde — disse o operador avançando a gravação a toda velocidade.

Os números enlouqueceram enquanto a chuva traçava complicadas piruetas na gravação acelerada. De repente, o operador parou a imagem:

— É agora — murmurou com a voz satisfeita de um bom profissional contente com seu trabalho. — Prestem atenção.

Só se via a mesma imagem da ponte. Logo apareceu uma figura escura caminhando pela parte inferior esquerda. Era Senka.

A jovem sérvia era inconfundível, com seu longo cabelo louro e as calças cheias de bolsos. Caminhava de um jeito estranho, como se alguém puxasse fios invisíveis para fazê-la avançar.

Senka deu alguns passos trôpegos, enroscando os pés. De repente parou, com a cabeça inclinada para um lado, de maneira simpática, como um gato tentando localizar o barulho de um pequeno rato dentro de um armário. Como se escutasse algo muito fraco.

Então, começou a caminhar outra vez, com mais decisão, para a escada que levava à parte superior. Trazia nas mãos um jogo de ferramentas e um pedaço de cabo enrolado. Ao chegar ao pé da

escada, parou um momento para colocar todo o material nos bolsos. Levou uma eternidade, como se as instruções que sua cabeça dava não chegassem com clareza suficiente a suas mãos. Finalmente, quando conseguiu, segurou-se na escada e subiu por ela até desaparecer.

— E isto é de uma hora e dez minutos depois.

O operador apertou um botão, e a imagem pulou de novo até o momento em que os pés de Senka apareceram de novo na escada.

Dessa vez, a sérvia estava molhada até os ossos. Já não restava nada da insegurança de uma hora antes. Todos puderam distinguir perfeitamente seu rosto. Senka parecia gelada, pois tremia sem controle.

Mas, em especial, parecia confusa. E aterrorizada.

Olhando para os lados, a sérvia se agachou para evitar que a vissem e, fugindo da ponte, desapareceu da tela.

Kate estava horrorizada. Senka? Não podia acreditar. Aquela mulher adorava Feldman até limites insuspeitados. Dava para ver que era como um pai para ela, tanto na forma de falar dele como na maneira como o tratava. Era impossível que ela fosse agente da Wolf und Klee.

— Muito bem — murmurou Moore satisfeito —, acho que já temos nossa sabotadora. Sabemos quem é?

O capitão Harper estalou os dedos, e um marinheiro lhe entregou um pesado livro. Começou a passar folhas manuscritas. Kate notou uma foto colorida de cada um deles colada nas páginas. Não pareciam estar ali fazia muito tempo.

— Aqui está — apontou Harper triunfante. — Passageira de primeira classe Senka Simovic, nacionalidade sérvia, camarote quinze externo.

— Sérvia, é? — murmurou Moore como se jamais tivesse ouvido falar da mulher com quem trabalhava ombro a ombro fazia vários anos. — Vamos falar com essa cadela comunista o quanto antes. Certamente deve ter algo interessante para nos contar.

Feldman arfava em um canto com um riso asmático e enlouquecido. Kate notou, com nojo, que do canto de seus lábios

corria um pequeno fio de baba.

— Pode ser que tenha cúmplices a bordo — murmurou o velho olhando de soslaio para Kate com um brilho homicida no rosto.

— Não se preocupe, Herr Feldman. — No rosto de Moore surgiu um sorriso sádico. — Logo saberemos. *Kommen Sie!*

Fez um gesto brusco a seus homens, e todos, menos Harper e seus marinheiros, saíram em bando dali. Feldman também ficou na ponte, olhando pela janela, enquanto sua mente parecia divagar, cada vez mais longe da realidade.

Kate correu atrás do grupo certa de que tudo aquilo era um erro imenso e estúpido. Aquela gravação só podia ser falsa. Talvez fosse uma criação do navio. Se podia fazer que centenas de passageiros aparecessem do nada, também podia criar uma fita irreal. Mas Kate não podia fazer nada para convencer aqueles homens. Talvez Senka pudesse.

Voaram pelo corredor que levava para o camarote da sérvia. Ao chegar à porta, os homens de Moore se posicionaram de ambos os lados. O musculoso inglês se postou à frente e bateu com tanta força que as dobradiças rangeram.

— Senka Simovic! — gritou. — Abra a porta!

Houve um momento de silêncio. De dentro do quarto saiu uma voz abafada e um instante depois se ouviu alguém destrancar a fechadura. A porta se abriu, e surgiu o rosto de proporções harmoniosas de Senka, emoldurado por uma nuvem de cabelo louro despenteado. Sua expressão era sonolenta, como se acabasse de acordar de um sono especialmente profundo. Usava apenas uma camiseta e uma calcinha de algodão. Um fio de sangue seco descia de seu nariz e se perdia em seu decote.

— Sim... — disse meio adormecida. — O que foi, Moore?

O chefe de segurança sorriu com ar cúmplice. Então, levou o braço para trás e lhe deu uma violenta bofetada. O golpe pegou a sérvia desprevenida, e sua cabeça bateu no batente da porta. Abalada, caiu no chão, com a marca vermelha da mão de Moore no rosto. Seu nariz tinha começado a sangrar de novo por causa do golpe.

— Senka Simovic, você está presa em nome do povo alemão por sabotagem, conspiração e destruição de bens de propriedade do Reich — grunhiu Moore com uma voz monocórdia. — Levem-na daqui!

Senka piscou, confusa demais para responder. Seus olhos, aterrorizados, iam de um rosto a outro tentando encontrar um pouco de compreensão.

— Moore, de que diabos você está falando? — balbuciou ainda no chão. — Sou eu, caralho. Não sei que diabos...

Moore cravou com todas as suas forças o bico de sua bota nas costelas de Senka, e a sérvia se dobrou ao meio enquanto seus pulmões expiravam até o último vestígio de ar. Ficou arfando no chão tentando obter um átomo de oxigênio. Dois soldados a pegaram pelos braços e a levantaram.

Nesse momento, o olhar aterrado de Senka cruzou com o de Kate e descobriu nela uma centelha de compreensão.

— Kate — arfou —, me ajude...

Dessa vez, Moore fechou o punho antes de acertá-la. O rosto de Senka estalou com um som desagradável. De sua boca escorreu um fio de sangue.

— Cale-se, vadia — grunhiu Moore. — Levem-na às celas.

— Não pode tratá-la assim! — gritou Kate furiosa. — É uma pessoa!

— É uma sabotadora. — Moore olhou-a de perto, intimidador. — E, até onde eu sei, você poderia ser outra, senhorita. Talvez as putas comunistas trabalhem em dupla.

Apontou para Kate com seu polegar olhando para dois de seus homens.

— Tranquem esta na cabine até que possamos cuidar dela. Que ninguém se comunique com ela até segunda ordem.

Os dois homens seguraram Kate e a arrastaram na direção contrária de Senka, cujo corpo inconsciente e descabelado ia deixando um rastro de sangue pelo corredor.

Quando se aproximava da porta de seu quarto, Kate compreendeu, com um calafrio, que seus problemas estavam só começando.

XXXV

WILL PAXTON, o geólogo especialista em formações submarinas, estava desconcertado.

Estava em seu camarote, deitado na cama, somente de cueca, saindo lentamente das brumas do sonho mais extraordinariamente intenso e real de toda sua vida. Seu corpo tremia, submetido a descargas de emoção.

Naquele sonho estava em um baile de gala no salão principal do navio, cercado por um monte de mulheres vestidas ao estilo dos anos 1930. A maioria dos homens usava smoking, mas aqui e ali alguns estavam de uniformes.

Ele estava no meio de um grupo, com uma taça de champanhe na mão, rindo sem parar de algo muito divertido que haviam lhe contado e que não conseguia recordar. Ao ver seu reflexo em um espelho, ficou profundamente surpreso ao descobrir que, em vez de seu habitual terno azul amassado, vestia um elegante uniforme de corte impecável. Pelos galões no pescoço adivinhou que o traje era de capitão da Wehrmacht.

Uma banda tocava no palco enquanto alguns casais dançavam na pista, como se estivessem possuídos por um fogo interno que os obrigava a se mexer, suados, em volta deles. O ambiente na sala era muito quente, como um quarto com o aquecimento ligado em pleno verão, mas ninguém parecia notar. Pairava no ar um aroma

adocicado e denso, com sutis toques de óleo queimado e de algo parecido com carne estragada deslizando sutilmente por baixo.

De repente, alguém ao fundo da sala levantou sua taça. Poderia jurar que era Cherenkov, aquele maldito russo louco que coordenava a equipe científica. Estava de smoking, cujos botões pareciam prestes a sair voando a qualquer momento e dava a sensação de estar meio embriagado.

— Ao *Reich* dos mil anos! — berrou Cherenkov em alemão, corado, e sem a menor sombra de seu sotaque do Leste. — À Grande Alemanha e a nosso *Führer*, Adolf Hitler!

Todos os presentes levantaram as taças. Até os casais abandonaram por um momento seu encantamento particular e se viraram, sorridentes, para Cherenkov.

— A nosso *Führer*, Adolf Hitler! *Sieg, Heil!* — gritaram simultaneamente todas aquelas gargantas.

— *Sieg, Heil!* — bramou Paxton sentindo uma onda de excitação o invadir. — *Sieg, Heil!*

Tomou em um gole a taça de champanhe e pegou outra de uma bandeja. A adrenalina rugia com força por suas veias, fazendo-o tremer. Aquele era o sonho mais intenso e maravilhoso de sua vida. Limpou um pelinho imaginário da lapela de seu uniforme e se olhou de soslaio no espelho enquanto ajeitava a jaqueta. Jamais em sua vida tinha se sentido tão vivo e poderoso. Um zumbido denso vibrava dentro de sua cabeça, impedindo-o de pensar com clareza, mas as emoções, desatadas, lutavam entre si para se impor. Paxton estava feliz, ansioso, entusiasmado e nervoso, tudo ao mesmo tempo. Era maravilhoso.

Passeou pela sala absorvendo os detalhes. As bandeiras com a suástica ondulavam sobre as mesas enquanto dezenas de garçons carregando bandejas cheias de canapés e taças de bebida saíam dos elevadores que davam nas cozinhas. Os civis com que cruzava se afastavam quando passava e lhe ofertavam sorrisos obsequiosos, olhando com atenção para as medalhas que tilintavam em seu peito.

De repente, sentiu que uma mão pequena se fechava em volta de uma parte de seu cérebro e o apertava. Parou, mareado, incapaz

de dar mais nenhum passo sob aquela intensa dor. Abandonou-se em uma cadeira, arfando, e então a viu.

Era aquela maldita jornalista que Feldman havia enfiado na expedição. Estava no meio da pista, com expressão assustada, girando a cabeça em todas as direções. Como Paxton estava sentado, ela não o viu, mas o geólogo teve tempo de se deleitar contemplando o corpo da jovem. Estava com um desses jeans que não deixavam nada para a imaginação e uma blusa justa que marcava seus seios. Paxton tinha certeza de que ela fazia isso para provocar. Elas sempre faziam isso para provocar. Eram todas umas putas.

Sua dor de cabeça ficou mais intensa. Então, ouviu a voz, tão clara, como se alguém sussurrasse em seu ouvido.

Está vendo essa vadia, Willie? Está vendo como rebola, tentando ser o maldito centro das atenções?

Paxton assentiu, incapaz de respirar. Desabotoou o botão superior da jaqueta para conseguir um pouco mais de ar.

Ela não devia estar aqui, Willie. Este não é seu lugar. Ela suja esta atmosfera tão imaculada.

— Não — murmurou. Sua boca estava seca como um pedaço de areia. — Não devia estar aqui.

Não há lugar no Grande Reich para vadias judias como essa, não é, Willie? Com certeza é judia. Só uma puta judia viria vestida assim a um lugar como este, para desviar os saudáveis homens alemães de seu dever.

Will Paxton, brilhando de suor, assentiu com um borbotão. Estava começando a ver tudo em dobro. Um garçom passou a seu lado e lhe ofereceu um lenço enquanto lhe fazia um gesto discreto. Will o segurou, desconcertado, e reparou no gesto do garçom, que apontava para seu nariz. Aproximou o pano e o passou por baixo. Estava encharcado de sangue. Limpou-se uma vez mais enquanto uma parte distante de sua mente lhe perguntava se aquilo não lhe parecia estranho; mas ele não a ouviu. Só tinha ouvidos para ela. Para sua voz.

E então, Willie, o que vai fazer? Vai deixar que ela ria de você, como todas essas vadias de sua vida, ou vai lhe dar uma lição?

Will sentiu crescer dentro de si uma sensação de ira e ódio tão intensa e pura que quase foi sufocado. E, ao mesmo tempo, uma formidável ereção começou a tomar forma dentro de sua calça.

— Vou lhe dar uma lição — grunhiu enquanto se levantava, cambaleando. — Ah, sim, vou lhe dar uma maldita lição que ela não esquecerá. Vai gritar, vai gritar de verdade...

Então, Kate levantou a cabeça, meio alarmada com alguma coisa. Paxton se virou e viu o capitão do navio (como diabos se chamava? Ele sabia, mas o nome se negava a sair do purê espesso em que sua memória estava se transformando) fazendo sinais a dois homens em direção à jovem. Kate pressentiu o perigo e saiu do salão a toda pressa, dando cotoveladas na multidão para abrir caminho.

Vá atrás dela, Willie. Dê um jeito para que ela não torne a incomodar.

Com um grunhido gutural, Will Paxton se levantou e atravessou a pista dando empurrões. O sangue de seu nariz já escorria pela jaqueta do uniforme, desenhando sinuosos traços no tecido verde acinzentado, mas já não importava. Só se importava com ela.

Foi até o patamar da escadaria e olhou em todas as direções, desorientado. Não via Kate em lugar nenhum. Aos pés da escada, junto às águias de madeira, os dois homens que haviam saído atrás dela pareciam igualmente desconcertados. Então, um deles seguiu em direção à ponte e outro em sentido contrário. Paxton deu um soco de fúria na balastrada de noqueira. A vadia judia havia escapado.

Ficou em pé ali durante alguns minutos, consumido pela ira e por uma tempestade de emoções diversas. Embora ele não soubesse, naquele momento, centenas de pequenas veias de seu cérebro estavam prestes a estourar, sacudidas por um aumento de pressão insuportável.

Na creche, Willie. Corra!

Will Paxton franziu o cenho enquanto uma sombra de dúvida pairava bem fraca no fundo de sua alma. A voz parecia tingida de

preocupação pela primeira vez.

Sacudiu a cabeça tentando pensar com clareza. Nem quando tinha bebido uma garrafa inteira de tequila se sentira tão confuso. Suando, começou a descer os degraus a toda velocidade.

Ao chegar ao pé da grande escadaria, surgido do nada, um homem alto, usando um elegante terno creme, atravessou seu caminho. Paxton tentou evitá-lo, mas o outro se pôs no caminho de novo, impedindo-o de passar. O geólogo levantou seu olhar cheio de ódio. O sujeito, de uns trinta e tantos anos, com feições angulosas e cabelo preto, olhava-o com uma expressão estranha nos olhos. Havia algo estranho nele.

Não se encaixava ali.

— Saia do meu caminho — cuspiu Paxton.

— Aonde pensa que vai? Nem pense em tocar na minha garota, imbecil — disse o homem com um sorriso feroz no rosto antes de levar o punho para trás e estampá-lo no rosto de Paxton.

O geólogo sentiu como se um martelo de carne tivesse acertado seu queixo. Saiu de costas, cambaleando, até cair, de modo que sua cabeça bateu em um dos degraus. Um milhão de luzes coloridas dançaram diante de seus olhos antes de afundar na negrura mais absoluta, enquanto perdia a consciência.

E então, acordou.

Estava deitado em sua cama. Um intenso cheiro de fumaça pairava no ambiente, e todos os alarmes do navio tocavam ao mesmo tempo, formando um alvoroço infernal.

Suando, sentou-se na cama, confuso e desorientado. Viu suas pernas roliças saindo de sua cueca e sua camiseta manchada de sangue esticada sobre o ventre volumoso. Aquilo não se parecia em nada com o elegante uniforme que usava um momento antes.

Com uma mão trêmula, pegou a garrafa de bolso que estava no criado-mudo, ao lado de seu notebook e de um esfarrapado tratado de geologia, e deu um longo gole. O álcool, quente, desceu por sua garganta até explodir em seu estômago com a familiar e reconfortante sensação que sempre provocava. Então, passou a mão nos olhos tentando organizar suas ideias.

“Foi um maldito sonho, Willie. Só um maldito sonho.”

Levantou-se cambaleando e foi até o banheiro, sua bexiga estava quase explodindo. Quando acabou, parou diante do espelho e empalideceu. Seus olhos injetados de sangue o olhavam de volta, mas não era isso que o assustava.

Com um tremor incontrollável, levou a mão ao queixo, onde um hematoma estava adquirindo uma feia cor púrpura.

— Não pode ser... — gemeu.

Levou a outra mão à parte posterior da cabeça e apalpou a nuca, um galo do tamanho de um ovo pulsava com vida própria cada vez que inspirava.

Tinha acontecido. Tinha acontecido de verdade. Não tinha sido um sonho.

Tinha estado ali.

E então, compreendeu que era o momento de agir.

Precisava cumprir a missão para a qual a Wolf und Klee o havia preparado durante tanto tempo.

XXXVI

VESTIU-SE ÀS PRESSAS, com cuidado para não tocar o galo ao colocar a blusa de lã. Vestido e calçado, pegou algumas coisas de que ia necessitar e foi para o corredor, onde os alarmes já haviam sido desligados. Dois marinheiros atravessavam o corredor com uma expressão de esgotamento estampada no rosto. Um deles estava coberto de fuligem, como se tivesse mergulhado nas cinzas de uma chaminé.

— O que aconteceu? — perguntou segurando o braço de um deles. — Por que esses alarmes?

O marinheiro o olhou como se Paxton tivesse chegado de outro planeta.

— Não ouviu a explosão? — disse. — Alguém colocou uma bomba ou algo do tipo nas torres de comunicações. Perdemos o satélite, o radar e só Deus sabe o que mais. Agora temos um belo buraco no teto do navio.

— Uma bomba? — Paxton olhou-o boquiaberto, incapaz de assimilar o que estavam lhe dizendo.

Uma bomba. Era impossível.

O outro marinheiro olhou-o e interpretou mal a expressão de desconcerto do geólogo.

— Não se preocupe, está tudo sob controle. O navio se encontra em perfeito estado, e só há algumas avarias na parte superior, mas

não corremos perigo. Além do mais, já localizaram a sabotadora. — O marinheiro gargalhou com uma risada dissonante e estranha. — Moore vai fazer um tambor com a pele de seu rabo!

Paxton assentiu, concentrado, enquanto os marinheiros se escusavam e se afastavam pelo corredor.

Sua cabeça estava zunindo de novo com uma desagradável pulsação que se transmitia até o galo de forma dolorosa.

Alguém tinha posto uma bomba. E não havia sido ele.

“Deve haver outro lobo a bordo, Willie. Não há outra explicação.”

Ao alívio que sentiu quando julgou compreender o que estava acontecendo somou-se logo a irritação por descobrir que ninguém lhe havia dito nada. Os Anciãos o haviam escolhido. Tinham lhe dado o melhor treinamento possível, na Síria, na Venezuela e em uma merda de república soviética da qual não recordava o nome. Tinham-no formado, tinham lhe dado os recursos. Tinham-no encarregado de uma missão. Achava que confiavam nele.

E, no fim, embarcavam no *Valkirie* outro maldito agente, e ninguém tinha dito nada.

A ira borbulhou em seu peito como no caldeirão de um bruxo. Paxton rangia os dentes enquanto andava pelo corredor. Compreendia que era prudente que os dois agentes não trabalhassem juntos, para evitar que fossem descobertos ao mesmo tempo. Mas não saber um do outro era uma insensatez. Podiam ter matado um ao outro facilmente. Parou de repente, como se tivesse tropeçado com uma parede invisível. E se o outro lobo soubesse de sua existência? E se ele era apenas um plano alternativo caso todo o resto falhasse? O borbulhar de ira e ressentimento ia fazer seu peito explodir.

Will Paxton acreditava ter encontrado na Wolf und Klee o reconhecimento e o respeito que toda sua vida havia desejado e que sempre lhe haviam tirado injustamente. O terceiro de quatro irmãos, sempre pensou que seus pais não o amavam tanto quanto aos outros. Ao longo de sua vida fora acumulando uma longa lista de ofensas, reais ou imaginárias, que em algum momento cobraria. Seus vizinhos, seus colegas da faculdade, os reitores que se

negavam a lhe dar a cátedra de Geologia embora ele a merecesse mais que ninguém. As mulheres que, incompreensivelmente, não se rendiam a seus encantos. Aquelas mocinhas que frequentavam suas aulas, com seus vestidos minúsculos, e que nunca aceitavam suas propostas indecentes. Todos teriam que pagar. Todos teriam que responder.

E na Wolf und Klee havia encontrado essa compreensão e esse respeito que tanto desejava. *Wolf und Klee*. O lobo e o trevo. Ele era um lobo, um agente de campo, um maldito realizador de coisas. E por isso os Anciãos o tinham em tão alta consideração. Pelo menos era o que pensava até então.

Sua ira era cada vez maior. Caminhou pelo corredor esforçando-se para dominar os músculos de seu rosto para oferecer a fachada cuidadosamente escolhida para aquela viagem. Will Paxton, o amável geólogo, cheio de histórias divertidas, distraído, bonachão e inofensivo. Oh, inofensivo como um trevo em um campo. Até que aparecia o lobo, mostrava os dentes e o sangue começava a correr.

Um ruído de vozes chegou até ele do fundo do corredor. Uma voz de mulher gritando e um golpe. Parou, com todos os sentidos alertas. De repente, dois homens de Moore caminharam em sua direção arrastando um corpo descabelado. Era a sérvia, só de calcinha e uma camiseta encharcada de sangue. Seu rosto estava inchado, como se tivesse sido atropelada por um trailer.

Passaram a seu lado com uma expressão concentrada e cheia de ódio. Paxton se afastou de lado enquanto olhava de soslaio a loura, que estava desmaiada.

Senka Simovic. A lésbica. Jamais teria suspeitado que ela era o outro agente. Desde que havia cruzado com ela a bordo, tivera a sensação de que a sérvia seria seu principal problema. Vigia sempre com olhos de cão de caça e parecia desconfiar de tudo e de todos. Uma cobertura perfeita, sem dúvida.

Mas tinha se deixado capturar, e isso era um erro fatal. O objetivo da missão era muito claro. Tinham que impedir por todos os meios que o *Valkirie* completasse a viagem, mas sem danificar o navio de maneira irremediável. Era só detê-lo e fazê-lo voltar a

porto. Uma vez ali, os Anciãos cuidariam de tudo. Conseguiriam que as autoridades embargassem o navio de Feldman. Tiveram que mexer muitos pauzinhos para conseguir que a Receita Federal caísse em cima dele. Os Anciãos queriam arruiná-lo e atar suas mãos quando chegasse a hora. Quando o *Valkirie* fosse a leilão público de novo, os Anciãos o arrematariam. Era um plano perfeito, só estragado pela incrível agilidade com que o judeu havia conseguido lançar o navio ao mar, apesar de ter partes ainda não restauradas. O velho Feldman não era bobo.

Mas não podia saber de tudo.

Caminhou com ar distraído para a cozinha do navio, assobiando uma música de televisão. Surpreendeu-se ao ver tão pouca gente cruzar seu caminho. O *Valkirie* era muito grande e tinha muito pouca tripulação a bordo, mas, ainda assim, o normal teria sido cruzar pelo menos com duas pessoas naquele trajeto. Era como se o navio inteiro estivesse mergulhado em um estado de preguiça total, adormecido, esperando acontecimentos. Com seus corredores desertos. Muito melhor para seus propósitos.

Na cozinha reinava um calor infernal. Era um espaço enorme, com centenas de formas, panelas, frigideiras e pratos brilhantes organizadamente pendurados no teto em longas barras. Os fogões estavam preparados para acolher uma dúzia de chefs com seus respectivos exércitos de assistentes, mas, naquela viagem, havia apenas um junto com meia dúzia de aprendizes. Estavam em um canto da cozinha, em volta das panelas, muito ocupados enfiando uns frangos inteiros em longos espetos. Um ajudante o viu e o cumprimentou com um gesto amistoso do braço. Paxton respondeu com outro gesto amável e tocou o estômago com a mão, esboçando um sorriso maroto.

Desde o primeiro dia andara rondando pela cozinha, fazendo amizade com o pessoal e se interessando por seu trabalho. Tinha contado que era um guloso incorrigível e que de vez em quando gostaria de passar por ali para beliscar um pouco do que estivessem preparando naquele momento. Os cozinheiros, sempre ansiosos por

novidades, haviam aceitado com prazer, e Paxton já não era uma figura estranha naquele recinto.

Apoiou-se em um canto enquanto mastigava um pratinho de camarões empanados crocantes. Tinha que esperar o momento adequado. Como um lobo espreitando sua presa.

O momento chegou um pouco depois. Um dos assistentes tropeçou com outro e um frango coberto de manteiga e molho que iam pôr em um espeto saiu voando pelos ares. O chef tentou pegá-lo no ar, mas era como tentar segurar uma pedra de óleo. O frango caiu no chão e se deslizou dois metros, entre gritos de atenção, palavrões e duas pragas.

Ninguém olhava para Paxton. O geólogo esticou a mão para uma chave ligada a um encanamento que percorria toda a parte superior da área dos fogões. Todos os navios, inclusive o *Valkirie*, tinham um sistema de extinção de incêndios sobre os fogões nas cozinhas, algo muito sensato ao se pensar em como chamas e cruzeiros de luxo não combinam. Paxton abriu a chave, e meia dúzia de dispositivos situados sobre aquela linha de fogões disparou poderosos jatos de gás carbônico sobre as painéis.

O estrago se transformou em caos. Uma nuvem branca de cheiro áspero envolveu os cozinheiros, que começaram a gritar e a tropeçar entre si. Paxton aproveitou o momento e deslizou com agilidade para a porta da despensa. Sem que ninguém reparasse, abriu-a e fechou-a atrás de si com rapidez.

Caminhou com passo ágil entre caixas de alimentos, frigoríficos e montanhas de latas até chegar à escada que levava à adega. O acesso era fechado com uma grade de metal dotada de uma fechadura simples. Tirou de seu bolso uma cópia da chave que lhe haviam entregado antes de subir a bordo. Suspirou aliviado quando a fechadura se abriu com um estalo. Até o momento, tudo seguia conforme o planejado.

Desceu os degraus com rapidez. Era um corredor estreito, com a temperatura controlada a todo momento para conservar em perfeitas condições as bebidas ali guardadas. De um lado, do chão ao teto, havia uma longa estante cheia de garrafas inclinadas que se

perdia ao fundo. Do outro lado, dúzias de caixas de madeira cheias de caras e exclusivas garrafas esperavam sua vez de repor os vãos livres.

Avançou pelo corredor procurando uma safra muito especial. Por fim, sorriu. Duas caixas de Pingus 2005. Um vinho delicioso, a dois mil euros a garrafa. Mas não era isso que estava procurando.

Arrastou as caixas até o chão do corredor e abriu-as fazendo uma alavanca com seu canivete suíço multiuso. Sob a luz suave da adega, as garrafas magnum brilhavam, escuras e tentadoras. Sem lhes dedicar um segundo olhar, Paxton tirou-as uma a uma e as alinhou no chão como uma fila de soldados de guarda. Então, afastou a palha que servia de colchão às garrafas e por fim encontrou o que estava procurando.

Pareciam pastilhas de barro embrulhadas em celofane. Com um sorriso de triunfo, o geólogo se inclinou sobre elas. Vinte unidades de Sentex por caixa, e havia caixas suficientes ali para reunir uma bela quantidade. Não precisaria de tudo, por ora.

De baixo de sua jaqueta tirou uma mochila de lona verde e começou a enchê-lo com os explosivos e os detonadores de que achava que ia necessitar. Olhou o relógio, nervoso. Precisava voltar antes que alguém percebesse.

Fechou o zíper e voltou pelo mesmo caminho, depois de deixar tudo arrumado como quando chegou. Ao abrir a porta da despensa, espiou um segundo antes de sair. Os cozinheiros tinham conseguido fechar o circuito de gás, mas a cozinha estava um desastre. A comida do dia estava coberta de um fino pó branco, que ainda pingava dos irrigadores. Naquele momento havia uma discussão terrível entre quatro homens vestidos de cozinheiros, cobertos de pó branco e que se recriminavam amargamente por todo aquele caos. Não era um bom lugar para aparecer, pensou Paxton com ironia.

Voltou pelo corredor assobiando, com a mochila no ombro. Aquele era o momento mais perigoso de seu plano. Se alguém o pegasse com aquilo, seria um homem morto. Por sorte, só cruzou com um marinheiro, que sangrava ostensivamente pelo nariz e

murmurava algo para si mesmo, com ar absorto. Paxton pensou que com certeza devia estar drogado.

Ao passar em frente à porta da biblioteca, observou que alguém havia esvaziado uma das estantes de livros como se estivesse possuído por um espírito destruidor. Os exemplares se empilhavam pelo chão em montanhas desordenadas e muitos deles estavam abertos e com as capas rasgadas. No meio daquele caos, um homem seminu murmurava de costas para a porta.

Paxton olhou para os dois lados, cauteloso, antes de se atrever a entrar. Aquilo era muito estranho para ignorar.

Ao se aproximar percebeu que se tratava de Cherenkov. O físico russo estava de joelhos, seu cabelo estava revirado e crostas de sangue seco desciam por seu pescoço saindo dos ouvidos. Diante dele estavam esparramadas dúzias de folhas cobertas de cálculos com uma caligrafia cirílica apertada. A maior parte estava riscada e amassada. Cherenkov levantou o olhar quando o ouviu chegar, mas não pareceu reconhecê-lo. Seu olhar estava nublado, e sua mente parecia estar a quilômetros dali. Girou de novo a cabeça e se concentrou em sua tarefa, que consistia em fazer bolas de papel com suas anotações e jogá-las na lareira com lentidão. Paxton observou que no fogo já ardiavam dúzias de livros e o que pareciam ser muitas cadernetas cheias de anotações.

Abriu a boca para falar com ele, mas pensou melhor e saiu do local sem fazer barulho. Era evidente que o russo estava transtornado. Um cientista maluco. Os médicos a bordo que cuidassem dele.

No entanto, a imagem de Cherenkov dando vivas ao Reich no salão de baile estava muito presente em sua cabeça. Talvez fosse um camarada. Paxton decidiu que, quando acabasse de fazer o que pretendia, voltaria ali para ver como estava o russo.

Desceu a escada que levava à área de serviço e, por fim, deixou a mochila no chão e esfregou o ombro dolorido.

Olhou para os lados para se certificar de que não havia ninguém naquele corredor. Estava ao lado de um dos acessos lacrados, um dos que não estavam controlados pelas câmeras de segurança.

Havia memorizado a distribuição do sistema de vigilância graças a uma cópia dos planos que haviam obtido um mês antes. Era incrível o que um técnico da equipe de restauração podia estar disposto a fazer para que não enviassem a sua mulher as fotos de suas festas particulares.

Pegou uma cadeira no patamar da escada e a colocou embaixo de um ponto específico do teto que estava marcado com um discreto traço a lápis, quase invisível para quem não estivesse procurando. Subiu nela e empurrou o revestimento com força. Um leve clique indicou que a peça havia se soltado. Introduziu a mão e tateou às cegas até que seus dedos encontraram algo duro e coberto de borracha. Arrastou aquilo e o tirou do teto: era uma guilhotina a bateria. Aquela pequena maravilha podia morder o aço com a mesma facilidade com que uma tesoura normal corta papel, e tinha um motor acoplado que permitia fazê-lo quase sem esforço. Tornou a colocar o revestimento no lugar e foi até à porta lacrada. Ligou a guilhotina e levou-a até os pontos de solda. O metal se separou com facilidade, como se fosse uma banana madura. Quando separou todos os pontos de união de um lado, deu um puxão na folha de aço para abrir um vão suficiente para poder passar.

Precisava ser um vão grande. Paxton pesava uns bons cento e dez quilos e não era exatamente uma enguia. Após um bom tempo de esforços, por fim conseguiu abrir o espaço necessário e deslizou para o outro lado.

Logo se viu envolvido na escuridão mais absoluta. Não gostava nem um pouco de ter que descer àquela área. Estava tudo uma merda, e era perigoso. Da vez anterior quase quebrara o pescoço ao pisar em um degrau podre que cedera sob seus pés. E, ainda por cima, tinha encontrado aquele maldito guarda correndo feito um louco e gritando aquela porcaria sobre fantasmas, ou coisa do gênero. Aquela imbecil não devia ter estado ali, nem tê-lo visto. Teve que degolá-lo, evidentemente. Não se podia dar ao luxo de deixar pontas soltas.

Tinha só que atravessar dois corredores pela segunda classe antes de chegar a seu objetivo, mas o caminho lhe pareceu eterno.

O ar ali embaixo estava rarefeito, como se houvesse um tanque de óleo cheio de peixes podres escondido em algum lugar. Além do mais, sentia a necessidade de bocejar o tempo todo. Seus ouvidos se entupiram, e sentia a cabeça pesada.

Ouviu um ruído atrás de si. Voltou-se como uma cobra, com o bisturi na mão, procurando a origem do som. A porta de um camarote oscilava como se tivesse sido impulsionada por uma rajada de ar invisível. Paxton sabia que não havia correntes de ar ali embaixo. Com certeza havia sido ele, sem querer.

O que vai fazer, Willie?

A voz explodiu em sua cabeça com a força de uma tonelada de dinamite. Falava com suavidade, mas tinha um toque venenoso e malvado.

“Não existe. Essa voz não existe”, falou para si mesmo.

Caminhou até o fundo do corredor examinando de vez em quando um mapa do *Valkirie* que havia custado uma fortuna e a vida de duas pessoas, mas Paxton desconhecia este detalhe. Os Anciãos sabiam compartimentar muito bem suas atividades. Um lobo não devia saber o que o outro fazia. Chegou ao final do corredor, que terminava em um beco sem saída. A madeira do revestimento tinha uma cor verde doentia, devorada por uma colônia de fungos feliz e satisfeita.

Começou a arrancar grandes pedaços de madeira com as mãos. A moldura se desfazia entre seus dedos como um queijo muito seco, deixando rastros verdes em suas mãos. Depois de um tempo, uma escotilha disfarçada na parede surgiu diante de seus olhos, bem onde se supunha que devia estar. Os projetistas originais do *Valkirie* achavam que era importante para os tripulantes do navio que houvesse acessos rápidos entre a área de passageiros e a de serviço em mais de um lugar. Aquele era um daqueles acessos.

Puxou a porta, que se abriu com um rangido escandaloso. Depois de tantas décadas, as dobradiças estavam ressecadas, e Paxton teve que usar todas as suas forças para conseguir girar a porta. Do outro lado, um brilhante e agradável fecho de luz e ar quente o esperava.

Atravessou a porta, contente por deixar para trás o setor em ruínas da segunda classe, e olhou a seu redor. Estava em uma sala de manutenção anexa à sala de máquinas, muito perto do coração do *Valkirie*. Muito perto de seu objetivo.

Deu dois passos cautelosos olhando em todas as direções. Supostamente, ali não deveria haver quase ninguém. O caminho que havia feito lhe havia permitido evitar a sala de controle e os acessos, onde sem dúvida haveria pelo menos dois guardas de segurança. Paxton deixou escapar uma risadinha. Tinha certeza de que nem sequer Feldman ou o engenheiro chefe conheciam aquele caminho. O *Valkirie* guardava muitos segredos.

Aproximou-se de dois enormes blocos de aço moderno colocados nas laterais de uma das salas mais espaçosas do navio. Paxton recuperou o fôlego enquanto abria a mochila e começava a empilhar pequenos blocos de Sentex a seus pés. De vez em quando olhava para cima e calculava onde poria as cargas.

Os navios modernos possuem estabilizadores laterais. São uns motores acoplados aos costados do navio que servem para ajudar nas manobras de atracar e desatracar, mas que especialmente têm uma função primordial: evitar que um transatlântico balance de lado a lado feito um brinquedo de parque de diversões.

Até a invenção daquele sistema, nos anos 1970, os cruzeiros que atravessavam um mar meio agitado começavam a se sacudir como uma coqueteleira, impulsionados pelas ondas. Isso arruinava um bocado a experiência de luxo da qual teoricamente os viajantes de primeira classe deveriam gozar, e cobria de vômitos todos os passageiros, estivessem no piso mais baixo ou na cabine de luxo. Não era bom para os negócios.

Graças àqueles equipamentos que compensavam o balanço das ondas, os cruzeiros modernos se mantinham tão estáveis quanto a terra firme, mesmo em mares muito agitados. Em caso de uma tempestade muito forte, aquelas turbinas não podiam fazer nada, mas isso eram casos excepcionais. Poucas pessoas que viajam a bordo de cruzeiros se viram em uma parte que se mova de lado a lado, e tudo graças àqueles motores.

Quando restaurou o *Valkirie*, Feldman tinha tomado a liberdade de modificar o design original e acrescentar aqueles estabilizadores laterais. Graças a eles, o *Valkirie* se mantinha firme como uma rocha no meio daquele mar agitado, em condições que teriam deixado boquiabertos seus criadores.

Mas Paxton pretendia mudar isso.

Começou a pôr as cargas sobre determinados pontos, com os detonadores acoplados. Colocou os temporizadores para detonar os explosivos depois de uma hora. Assim que apertou o botão, os dígitos vermelhos começaram a correr piscando na pequena tela. Era tempo mais que suficiente para sair dali e voltar a seu camarote. Ou à cozinha, onde poderia provar mais alguns daqueles deliciosos camarões. E, de quebra, fazer expressão de espanto quando os estabilizadores voassem pelos ares e o navio começasse a se sacudir.

Ao terminar, sacudiu o pó dos joelhos com ar satisfeito. Levantou a mochila e verificou que ainda tinha uma dúzia de cargas explosivas dentro.

Então, pensou que podia fazer ainda melhor.

XXXVII

PAXTON OLHOU para fora e viu, ao fundo da cavernosa sala, os dois enormes motores a diesel que, vibrando a toda potência, moviam o *Valkirie*. Um grupo de três maquinistas, de costas para ele, cuidavam da constelação de relógios, manômetros e indicadores que salpicavam os impulsores. O barulho ali embaixo era infernal, e grande parte daquele espaço estava na penumbra. Os refletores de magnésio apontavam para o maquinário e a parte onde os maquinistas operavam, deixando os cantos mais distantes envoltos em sombras. Não foi muito difícil chegar até a parte posterior das máquinas e passar sorrateiramente por um túnel de serviço.

Estava muito perto da popa do navio, e o corredor era curvo. Guiando-se pelo mapa que iluminava de vez em quando com sua lanterna, Paxton continuou avançando à medida que o túnel se tornava cada vez mais estreito. Parou um momento para desparafusar uma grade com seu canivete suíço e seguiu em frente, dessa vez de cócoras. Teve que deixar sua jaqueta cuidadosamente dobrada e presa no caixilho da grade. Fazia muito calor, e, assim, evitaria que a grade se encaixasse de novo, para o caso de ter que sair correndo.

O corredor ficou mais estreito e se transformou em um túnel circular. Paxton não tinha outra opção além de avançar de quatro, empurrando a mochila cheia de Sentex à sua frente. O chão daquele

tubo tremia com força e as vibrações iam de seu ventre ao resto do corpo.

Não faça isso, Willie. Não é uma boa ideia.

A voz tornou a se cravar em sua cabeça, como um martelo coberto de pregos. Will Paxton estancou, gemendo, enquanto suas duas narinas se transformavam em uma fonte vermelha. A intensidade da dor de cabeça aumentou, e uma parte dos músculos de seu rosto começou a se contrair em um incontável tique nervoso.

— Cale-se! — grunhiu batendo em suas têmporas. — É minha missão!

Onde Senka tinha fracassado ele triunfaria. Pela primeira vez desde o sonho, via claramente seu caminho. Ele seria o único responsável por deter o *Valkirie* e impedir que Feldman, aquele judeu de merda, levasse a glória. Conseguiria deter a viagem e, depois, quando o *Valkirie* voltasse a navegar, dessa vez cheio de lobos e trevos, estaria ali, na primeira fila, recebendo a admiração e o aplauso de todo o mundo. Os Anciãos teriam que reconhecer seu mérito, sem dúvida.

Um clarão de compreensão o atingiu. Ele tinha estado do outro lado. Tinha visto as bandeiras, tinha gritado *Sieg, Heil* em uma sala cheia de gente que compartilhava a mesma paixão que o impulsionava. Estivera cercado de verdadeiros camaradas. E tinha voltado para cumprir seu destino. Tinham lhe mostrado o caminho e o prêmio que o esperava no final de sua missão.

Ele era o escolhido. Só podia significar isso.

Viu a si mesmo navegando no *Valkirie* rumo à Alemanha. Depois, na Chancelaria, avançando até o *Führer*, explicando-lhe os eventos que estavam por vir. Evitando que se cometessem erros fatais, antecipando-se aos movimentos do inimigo. Ganhando a guerra. Estabelecendo o *Reich* dos mil anos.

Ele.

Ombro a ombro com o *Führer*.

A imagem era tão inebriante que conseguiu se sobrepor ao barulho das vozes. Até *ela* ficou aturdida diante de uma ambição tão

pura e poderosa.

Pare, Willie. Não seja imbecil. Não quero que faça isso.

— É... meu... destino — arfou Paxton, quase sem ar.

A borda superior do tubo já roçava suas costas, e ele mal tinha espaço para se impulsionar com os joelhos e cotovelos. Aquilo estava muito escuro, e só a luz hesitante da lanterna batendo na lona verde da mochila iluminava seu rosto.

Pare, Willie.

A dor dessa vez foi cem vezes pior que todas as anteriores juntas. Paxton gritou a plenos pulmões, incapaz de suportá-la, mas seu uivo foi apagado pelo rugido das máquinas que o cercavam. Levou a mão à cabeça tentando arrancar a tampa do crânio e chegar até a fonte daquela dor.

Ao apalpar seu rosto ficou levemente consciente de que, além de do nariz, tinha começado a sangrar pelas orelhas. O que Paxton não podia saber é que toda uma parte de seu cérebro, incapaz de suportar aquela força escura, tinha começado a morrer. Milhares de pequenas veias estavam estourando, uma atrás da outra, como um castelo de cartas que desmorona.

Sacudiu a cabeça e chegou a uma escotilha que se abria na parte inferior do tubo. Com dedos desajeitados, abriu-a. O barulho ali era ensurdecedor. Apontou a lanterna para baixo e o reluzente eixo de aço da hélice do *Valkirie* refletiu a luz, encharcado em óleo.

Aquele eixo tinha a espessura de um torso humano. Paxton sabia que o Sentex que tinha não bastaria para parti-lo, mas teria força suficiente para deformá-lo. Dobrado pela explosão naquele pequeno espaço, o eixo pararia, e as máquinas explodiriam por causa do repentino bloqueio. O *Valkirie* ficaria inerte no mar, como uma gigantesca baleia adormecida. Fim da viagem.

Começou a empilhar os blocos de Sentex sobre a escotilha. Não tinha como colá-los ao eixo, de modo que teria que os deixar ali, mas seria suficiente.

Levou uma eternidade para inserir os cabos do temporizador na massa cinza do explosivo. Nem sequer havia percebido que metade de seu corpo tinha deixado de obedecer a suas instruções.

PARE!

A voz se transformou em um rugido de furacão. O cérebro de Will Paxton, já debilitado, teve a mesma resistência que uma cerca de madeira velha diante de uma avalanche de neve. Várias veias principais estouraram enquanto uma torrente de sangue se derramou dentro do crânio do geólogo, alagando tudo. Com surpresa, Paxton percebeu, durante uma fração de segundo, que ia morrer. A compreensão o atingiu de repente e o encheu de raiva. Mais uma vez – a última –, iam lhe negar os méritos que lhe cabiam.

Em um último reflexo, estendeu os dedos para o temporizador, mas não chegou a tempo de ativá-lo. Seu cérebro estava completamente encharcado, e Will Paxton já estava morto antes de completar o movimento.

A negrura cresceu e o devorou, dessa vez, definitivamente.

XXXVIII

Valkirie

Quarto dia de travessia

KATE BALANÇOU OS punhos sentindo mais raiva que em nenhum outro momento da vida. A fita isolante que aqueles dois homens tinham enrolado em volta de suas articulações não lhe permitia mexer os braços. Sentia a falta de circulação fazer as mãos começarem a formigar.

Estava deitada na cama, ali onde a haviam jogado sem muito cuidado antes de sair batendo a porta. Estava ali largada fazia duas horas, e todas as suas tentativas de se livrar das amarras tinham sido em vão. Quando se cansou de se debater como uma sardinha presa em uma rede, tentou relaxar e acalmar a mente. Precisava acalmar a ansiedade e, principalmente, pensar que diabos ia fazer.

Tentava entender tudo o que estava ocorrendo, mas era impossível seguir o curso dos acontecimentos. De alguma maneira parecia que a realidade em que vivia e a realidade de 1939 tentavam ocupar o mesmo espaço. O *Valkirie*.

E, por algum motivo, as duas realidades pareciam estar se fundindo até formar outra diferente, obscura e ameaçadora. Uma realidade na qual existia algo muito perigoso que vinha atrás dela.

E onde estava Robert, claro.

Ao pensar no marido seu coração se acelerou a ponto de querer sair pela boca. Olhou para a prateleira onde estava ainda a urna negra que continha suas cinzas. Ali estava o Robert real, o único que existia quando ela subiu naquele navio. E, contudo, umas horas antes havia beijado esse mesmo homem alguns decks mais embaixo.

Não era capaz nem mesmo de começar a entender como aquilo seria possível. Suspeitava que tinha algo a ver com a presença daquelas cinzas a bordo, mas o resto era tão profundo e complexo que lhe fugia. Suspirou, meneando a cabeça.

— Isso é muito feminino — disse a voz atrás dela. — Em vez de simplesmente aceitar um presente do céu, precisa tentar entender por que diabos o recebe. Com você sempre há uma pergunta atrás de cada esquina. Você nunca vai mudar, K. K.

Kate sorriu pela primeira vez em horas enquanto a adrenalina se espalhava por suas veias com a velocidade de um incêndio florestal.

— Isso é muito masculino — replicou mordaz, mas com lágrimas de felicidade nos olhos. — Ficar aí sentado pontuando sobre como sua mulher é cabeça-dura quando ela está amarrada, em vez de ajudá-la a se soltar.

Rolou sobre si mesma para poder olhar para o outro lado. Robert estava no sofá, com um sorriso resplandecente e um braço apoiado ao longo da borda superior. Estava com o nó da gravata meio desfeito e o paletó apoiado a seus pés. Parecia relaxado.

— Quer mesmo que a desamarre? — disse ele com um sorriso meloso. — Vê-la assim me parece muito excitante. Lembro que uma vez, com aqueles lenços Hermès que guardamos na gaveta da cômoda, fizemos coisas que...

— Robert! — Kate interrompeu-o ainda chorando de alegria, mas com uma expressão de irritação fingida no rosto. — Solte-me de uma vez ou vai se arrepender!

— É mesmo?

Robert riu enquanto se levantava e se aproximava da cama. Sentou-se na beira e começou a desenrolar a fita com parcimônia:

— E o que faria? Estou morto, lembra?

— Talvez eu enfiasse você e esse seu sorriso de empáfia dentro dessa maldita urna de novo! — respondeu Kate com a voz abafada.

Estava mentindo. Nem em um milhão de anos desperdiçaria um segundo com ele, mesmo que a deixasse ali amarrada até o fim dos dias.

Robert terminou de soltar os punhos de Kate e jogou a fita isolante no chão. Então, começou a massageá-los até fazer a circulação se restabelecer pouco a pouco.

Kate olhava os dedos do marido, fascinada, enquanto percorriam seus punhos de cima a baixo. Seu toque era firme, consistente e quente. Tinha até o pequeno corte no anelar direito que havia feito com a borda afiada de uma folha de papel dois dias antes do atropelamento. Era Robert Kilroy. Seu Robert.

Aquilo foi demais para Kate. Toda a torrente de emoções que há meses mantinha represada dentro dela empurrou o dique que havia erguido em sua mente para amenizar a dor e o derrubou com estrondo. Kate liberou seus punhos das mãos de Robert e enlaçou os dedos atrás da nuca dele. Sua boca buscou ansiosa a de Robert e se fundiu nela em um beijo longo, lento e intenso. Suas línguas se entrelaçavam, e ela teve dificuldade de respirar. Eram como duas pessoas que atravessaram um deserto árido e enorme durante semanas e encontram um poço de água onde saciar sua sede.

Aquele beijo foi como jogar uma tocha ardendo em um poço cheio de gasolina. De repente, todas as urgências e necessidades físicas de Kate dispararam em uma salva de fogos de artifício. Sentiu sua roupa íntima se encharcar à medida que sua pele se carregava de eletricidade, receptiva e desejosa de contato físico.

Com Robert parecia acontecer a mesma coisa. Sua expressão confiante e divertida havia desaparecido, substituída por outra mais ansiosa, excitada e cheia de urgência. Como o rosto de uma criança que passou o dia todo perdida em um shopping e encontra os pais quando pensa que foi abandonada. A expressão de um condenado à morte que recebe um indulto.

A expressão de alguém que tem uma nova oportunidade. Colocou os braços de Kate acima da cabeça e a imobilizou com o

peso de seu corpo, enquanto ela se retorcia de desejo debaixo dele. Robert segurou os punhos de Kate com uma só mão e deslizou a outra lentamente por seu pescoço para começar a desenhar longos círculos. Seus dedos pressionavam e acariciavam ao mesmo tempo em uma mistura tão enlouquecedora que Kate arqueou as costas, deixando que de sua garganta escapasse um leve gemido.

A boca de Robert começou a lambe o pescoço dela enquanto suas mãos desciam, roçando com suavidade seus seios, para o botão de sua calça justa. Antes que Kate se desse conta, Robert já havia conseguido baixar sua calça até os tornozelos, e com um último movimento habilidoso da perna, arrancou-a e a mandou voando para a outra ponta do camarote.

Kate não aguentou mais e levou as mãos até a camisa de Robert. Começou a abrir os botões enquanto beijava em seu peito o vão que se formava entre seus músculos. Robert sempre teve uma especial sensibilidade nessa área, e ela sabia que podia deixá-lo louco mordendo-o ali. Seu marido soltou um suspiro profundo enquanto ela acabava de lhe tirar a camisa, mantendo o rosto enterrado em seu peito. Pouco a pouco foi descendo para seus músculos abdominais e seu umbigo. Sua língua brincou dentro dele, e, de súbito, Robert a agarrou pelos braços, e os dois rolaram sobre a cama colocando-a por cima.

Kate sorriu, lasciva. Conhecia esse jogo. Montada em Robert, tirou a blusa por cima da cabeça, tirou o sutiã de renda e ficou só de calcinha. Robert respirava profundamente, seus olhos saltavam dos seios de Kate para sua cintura e daí para seu rosto, como se quisesse guardar para sempre na memória até o último detalhe de sua anatomia. Suas mãos travessas desceram até as nádegas da esposa para apertá-las com força.

Kate se inclinou e, sem interromper o contato visual em nenhum momento, projetou a língua e começou a traçar círculos sobre a pele do peito de seu marido. Depois, desceu lentamente até sua cintura, abriu o cinto, e foi sua vez de arrancar-lhe as calças e deixá-lo só de cueca em cima da cama.

Deslizou a mão sobre o vulto enorme que havia crescido na virilha de seu homem. Podia senti-lo pulsando, cheio de expectativa, do outro lado do fino tecido justo, desejando sair. Começou a beijá-lo por cima da cueca, e Robert não pôde reprimir um suspiro surdo. Todo o seu corpo ficou tenso, sobrecarregado de potência.

Robert levou as mãos até a cabeça de Kate com um gemido, e enterrou os dedos em seu cabelo. Em resposta, Kate segurou a cintura elástica da cueca e a baixou, enquanto lambia sua virilha. O membro de Robert estava intumescido e se elevava, roçando o rosto de Kate. Com uma lentidão dolorosa, ela o segurou com uma mão enquanto o beijava com os olhos fechados, embriagando-se com seu cheiro familiar e saboreando seu tato liso. Com suavidade, fechou seus lábios sobre a glândula e começou a chupá-lo com movimentos rítmicos e cada vez mais intensos.

Robert arfava sem controle enquanto seus quadris se arqueavam. Kate aproveitava a imensa sensação de poder que aquele momento lhe proporcionava. Sua boca subia e descia em torno do membro enquanto o segurava pela base com a mão direita e acariciava os testículos com a outra. Sentia-o pulsar dentro de sua boca, cada vez mais profundo, cada vez mais molhado de saliva e vibrante.

Aquilo durou alguns minutos, que para Kate pareceram deliciosamente curtos. De repente, Robert, incapaz de aguentar mais aquela tensão, puxou de leve o cabelo de Kate. A garota deslizou sobre seu peito até a altura de seu rosto e recebeu o beijo mais delicioso e profundo que já havia experimentado. As mãos de Robert brincavam com seus seios, roçando seus mamilos até fazê-los endurecer como duas pequenas balas pontudas.

Rolaram de novo na cama, e dessa vez foi ele quem começou a chupar seus seios. Para Kate, cada pequena mordidinha nos mamilos a fazia sentir uma torrente de prazer. A sensação era tão enlouquecedora que, sem perceber, começou a gemer em voz alta.

Então foi Robert que deslizou as mãos até os quadris de Kate e segurou a borda de sua calcinha com os dedos. Em uma resposta automática, Kate levantou os quadris, em um gesto feminino de entrega definitiva, para permitir que ele tirasse a pequena peça de

roupa. Estava encharcada, pedindo aos gritos que alguém apagasse aquele incêndio.

Robert afastou as pernas de Kate e se colocou entre elas. Com deliberada lentidão, apoiou seu membro sobre os grandes lábios e começou a se mover com suavidade, sem entrar nela. Aquele toque arrancou um gemido de impaciência em Kate.

Então, muito devagar, foi entrando nela. Kate sentia que Robert a estava preenchendo, ocupando até o último espaço dentro dela, roçando-se contra sua pele. Cravou as unhas nas costas de seu marido enquanto seus gemidos ganhavam ritmo próprio.

Robert começou a investir com movimentos rítmicos de quadril. A cada investida Kate gritava, mergulhada em um coquetel explosivo de prazer, alegria e incredulidade. Os dois corpos, unidos, misturavam seu suor, e como dois velhos conhecidos acoplaram de imediato seus movimentos. A cama rangia sob suas investidas, acompanhando seus gemidos.

Então, sentiu em seu ventre uma imensa onda prestes a explodir. Afundou o rosto no peito de Robert no momento em que um orgasmo avassalador a dominou por completo. Gritou, liberada, enquanto ondas de prazer atravessavam todo o seu corpo e a sacudiam por completo, sem controle. Foi um orgasmo longo, forte e profundo, um dos mais intensos que já havia tido na vida. Sentia suas contrações se fechando em volta do membro de Robert multiplicando por mil aquela deliciosa sensação.

Robert também pareceu sentir, porque, de repente, seus movimentos ficaram mais rápidos, mais urgentes, em um *staccato* de prazer. Cravou com força as mãos nos quadris de Kate, imobilizando-a em uma postura de total submissão, enquanto seu rosto se transformava em uma sensação de êxtase um segundo antes de gozar com força dentro dela.

Kate sentiu o orgasmo dele ao mesmo tempo que uma estranha sensação úmida a preencheu por completo e um novo orgasmo a atacou de surpresa. Foi como se um dique enorme tivesse sido aberto dentro dela, e tudo estivesse se enchendo de líquido. Era a sensação mais prazerosa que já tinha experimentado.

Ambos se abandonaram, arfantes, no leito, sua pele suada ainda em contato. Kate rolou sobre si mesma até enterrar a cabeça no pescoço de Robert. Ele acariciava suas costas com a mão esquerda, em movimentos longos e suaves.

— Eu amo você, Robert Kilroy — murmurou. — E estou disposta a fazer o que for necessário para não me afastar de você jamais. Mesmo que isso signifique ter que ficar a bordo deste navio maldito para sempre.

Robert se apoiou nos cotovelos, subitamente sério, olhando-a com ar grave.

— Não diga isso. Não diga isso nem de brincadeira. Este lugar está amaldiçoado, Kate. Você precisa sair daqui o quanto antes.

— Só se você vier comigo, Robert — respondeu ela abraçando-o com força. — Não posso imaginar viver o resto de minha vida sem você. O mundo é muito cinza sem você.

Robert apertou os lábios, como se estivesse se debatendo em um profundo conflito interior. Abriu a boca para dizer alguma coisa, mas fechou-a logo, como se de repente se desse conta de que não podia dizer o que lhe passava pela cabeça. Abraçou Kate com paixão e enterrou o nariz em seu cabelo, inspirando sua fragrância.

— Eu sempre estarei com você, Kate, faça o que fizer e vá aonde for. Nunca se esqueça disso.

Kate percebeu uma profunda tristeza nas palavras de Robert, mas fechou os olhos com força colando-se mais nele. Queria que aquele momento não acabasse nunca mais.

— Agora, preste atenção. — Robert se sentou na cama e fez que ela também se erguesse. — Você tem que agir muito rápido. Restam apenas algumas horas.

— Algumas horas... para quê?

— Para deter o *Valkirie*, Kate. Se não conseguir parar este navio, será tarde demais. Estaremos condenados para sempre.

XXXIX

— **O QUE QUER** que eu faça, Robert? — perguntou Kate de repente assustada. — Não posso sair daqui. Há um homem de guarda nessa porta, e Moore, Feldman e todos os outros parecem ter enlouquecido. Não sei o que fazer!

Nesse momento, quase setenta metros abaixo deles, um pequeno relógio digital chegou ao fim de sua contagem regressiva. Uma fila de zeros piscou na tela antes de enviar um pequeno sinal elétrico de menos de um milissegundo a toda uma série de pacotes de Sentex colocados nos estabilizadores laterais.

Os explosivos foram ativados em uma sequência muito rápida para o olho humano, e uma bola de fogo explosiva, empurrada por uma onda destrutiva, se expandiu por aquela sala, arrebatando os motores estabilizadores em milhares de pequenos pedaços retorcidos. Uma divisória, presa por rebites enferrujados de setenta anos de idade, não pôde aguentar aquela violenta pressão e saiu pelos ares cercada de uma nuvem de pequenas farpas de aço.

Os três maquinistas que estavam na sala contígua não tiveram a menor chance. A chuva de metralha os atravessou e rasgou sua carne em mil pedaços, espalhando seus restos por toda a sala de máquinas. Estavam mortos antes de chegar ao chão. Dessa maneira, desapareceram os únicos homens que poderiam ter percebido que a grade que conduzia ao tubo de lubrificação do eixo estava mal-ajustada.

O tremor sacudiu todo o *Valkirie* como se um gigante tivesse decidido dar um pontapé no navio. Os abajures dos criados-mudos tremeram, e a cama se deslocou alguns centímetros. Por todo o navio se ouviu o estrondo de centenas de coisas caindo no chão e se despedaçando enquanto os alarmes tornavam a disparar uma vez mais.

— O que foi isso? — perguntou Kate angustiada.

Robert levantou a cabeça com os olhos fechados e permaneceu assim durante um longo minuto, como se estivesse escutando uma voz interior que só ele podia ouvir. Fez Kate recordar os lamas tibetanos quando entram em estado de profunda meditação. Seu rosto estava relaxado e em paz, como se estivesse a um milhão de quilômetros dali, em um lugar acima do bem e do mal.

Logo abriu os olhos. Seu olhar estava cheio de nervosismo e de um pouco de medo.

— Explodiram os estabilizadores laterais — disse.

— O quê?

— Um acréscimo moderno de Feldman. Algo estranho ao desenho original do *Valkirie*. Por isso *ela* permitiu a explosão.

— Isso vai deter o navio? — O coração de Kate galopava de ansiedade.

Robert meneou a cabeça.

— Não, mas tornará tudo mais difícil. Ainda existe uma maneira de deter este navio, mas você vai precisar de ajuda.

— Claro que sim. Eu tenho você. — Kate o abraçou com ansiedade, como se temesse que Robert evaporasse de novo.

— Eu não posso ajudá-la nisso. Mas Senka Simovic pode.

— Senka?

Kate recordou que Moore tinha mandado trancá-la em uma cela. Não tinha nem a menor ideia de onde poderia estar.

— Sim, Senka. Você a conhece muito bem.

— Por que você não pode me ajudar? — queixou-se Kate. — Não quero me afastar de você. Outra vez não!

— Kate, enquanto estivermos juntos *ela* não pode nos ver, mas só se ficarmos trancados em uma cabine. Isso é tudo o que posso fazer. Já lhe disse que há regras. Se andarmos pelos corredores, *ela* nos encontrará. E, dessa vez, estará irritada de verdade.

— Então, o que vamos fazer?

— Vou tentar distraí-la. Deixá-la furiosa. Atraí-la.

Robert se levantou e começou a se vestir, com os movimentos tranquilos e pausados de sempre, exalando o ar de confiança que o acompanhou sua vida toda. Parecia que, em vez de estar prestes a enfrentar uma força obscura, estava propondo ir tomar um café.

— Enquanto isso, você vai buscar Senka e descer com ela até a sala de máquinas.

— Para quê?

— Vai saber no devido momento. Confie em mim. Agora, vista-se, meu amor. Se andar nua pelo navio, acho que não vai conseguir passar despercebida.

Robert tentava tranquilizá-la com suas brincadeiras. Era a maneira habitual de agir daquele norte-americano alto e elegante que, quando Kate tinha apenas vinte e dois anos, a havia abordado pela primeira vez em La Barceloneta, fazendo-se passar por um turista perdido, apesar de morar na cidade havia mais de dois anos. Isso foi seis meses antes de irem morar juntos.

Vestiu-se apressadamente, escolhendo a roupa mais confortável que encontrou. Suspeitava que as próximas horas seriam muito agitadas.

— Ainda não me disse como vamos sair daqui — disse Kate. — Devo lembrá-lo que eu não posso atravessar paredes.

— Eu também não.

Aproximou-se dela e a abraçou. Kate inspirou sua fragrância. Cheirava a perfume, a sexo e a ela.

— Mas posso fazer outras coisas.

Foi até a porta, que estava fechada, e simplesmente segurou a maçaneta. A fechadura se abriu e a porta girou sobre suas dobradiças sem um único ruído. Se aquela situação não fosse tão

assustadora, Kate teria aplaudido como uma menina diante de um número de mágica especialmente divertido.

Kate pegou o corredor com cautela. O segurança tinha desaparecido. Possivelmente tinha ido correndo ao local da explosão, ou teria recebido ordens. Era impossível saber.

— Tome cuidado, meu amor — ouviu Robert murmurar atrás dela.

Kate se virou para responder, mas Robert não estava mais lá. Tinha desaparecido de novo.

— Odeio quando faz isso, Robert Kilroy — murmurou Kate entre dentes quando saía para o corredor. — Odeio de verdade.

Não tinha nem ideia de por onde começar. O *Valkirie* era enorme, e salvo por sua excursão fugaz aos pisos de terceira classe no dia anterior, só conhecia o setor de primeira classe e dois corredores da segunda. Não sabia onde podiam ter prendido Senka nem que diabos faria quando chegasse ali.

Então, lembrou-se de algo. Antes que cortassem as comunicações, Anne Medine tinha dito que ia lhe enviar informações sobre o *Valkirie*. Talvez no meio daquilo tudo encontrasse alguma pista sobre o que fazer.

O salão Gneisenau ficava dois níveis acima de onde estava. Teria que chegar até ali, rezando para não encontrar nenhum soldado, especialmente Moore. Kate tinha notado que nas últimas horas tinha ocorrido uma sutil mudança no equilíbrio de poder a bordo do *Valkirie*. Feldman parecia ter ficado afastado, e agora era o inglês quem tomava decisões por conta própria. Mas tinha certeza de que o velho judeu ainda desempenhava um papel essencial em toda aquela história.

Caminhou pelo corredor sem encontrar com ninguém. Surpreendeu-se ao passar pela frente de dois camarotes totalmente abertos que estavam vazios, como se seus ocupantes tivessem esquecido de fechar a porta ao sair. Kate espiou lá dentro e viu camas desfeitas, roupa jogada pelo chão e um monte de livros e computadores abandonados. Então, ouviu um ruído seco e repetitivo que se aproximava pelo fundo do corredor.

Não tinha para onde ir. Encurralada, entrou em um camarote e se escondeu debaixo da cama, disposta a esperar que passassem.

O barulho se aproximava. Era um clac-clac-clac seco, como uma engrenagem mal-ajustada. Em seu campo de visão apareceram duas pernas e as rodas de um carrinho da lavanderia. Cada vez que girava, uma das rodas fazia aquele som seco, como se lamentasse seu destino.

As pernas pararam diante do camarote. Kate engoliu em seco, certa de que tinha sido descoberta. Mas as pernas permaneceram imóveis, como se o dono estivesse hesitando sobre o que fazer. A jovem levantou um pouco a barra da colcha para poder ver melhor. Era a senhora Miller, governanta de Feldman. A mulher vestia um uniforme verde acinzentado da KDF que não lhe caía nada bem. Usava um coque alto fora de moda e seu olhar era turvo e embaçado, como se tivesse bebido. O avental branco amarrado no peito, assim como a boca e o queixo, estava manchado do sangue que em algum momento tinha saído de suas narinas. Movia-se de maneira espasmódica, como um robô que vai ficando sem bateria.

Ela murmurava algo ininteligível em alemão. Kate viu-a se aproximar da mesa daquele camarote e recolher todos os livros que estavam em cima, assim como o notebook e os cabos. A seguir, sem nenhum cuidado, jogou tudo aquilo dentro do carrinho de roupa suja. O computador estalou ao cair, como se algo dentro dele se houvesse partido. A mulher saiu do camarote e parou diante da porta da frente. Brigou um pouco com as chaves até que conseguiu abrir a porta para entrar.

Aquela era sua oportunidade. Kate rastejou para sair de baixo da cama e voltou ao corredor, aproveitando que a senhora Miller estava ocupada dentro do camarote oposto. Ao passar ao lado do carrinho da lavanderia, deu uma olhada dentro e empalideceu. Amontoados de qualquer maneira havia mais de duas dúzias de notebooks, celulares, carregadores, calculadoras e tablets enterrados entre livros técnicos. Alguns estavam com a tela quebrada, como se tivessem sido golpeados com força. Parecia um monte de lixo pronto para ser lançado ao mar.

Estavam eliminando cuidadosamente qualquer rastro do século xxi. O *Valkirie* (ou o que quer que vivia dentro do navio) impunha sua voz de maneira inexorável.

Kate continuou caminhando até chegar ao elevador. Era menos arriscado que subir pela escada e atravessar todos os corredores. Apertou o botão e esperou, nervosa, que a cabine chegasse. O zumbido do motor e o balanço da caixa pareciam tiros de canhão no silêncio sepulcral que havia se apoderado do navio. As sirenes de alarme haviam parado e não se ouvia nem um único barulho. Se não soubesse que havia mais gente andando pelo navio, Kate teria dito que estava sozinha a bordo.

“Estou começando a entender como se sentiu, Duff”, pensou. Sozinho, mas perseguido por algo obscuro e malvado. Era uma sensação angustiante.

O elevador chegou com o som alegre de uma campainha. Kate apertou os dentes pensando que aquele som devia ter sido ouvido até na pista de dança. Sem querer esperar para comprovar se alguém mais o havia escutado, entrou a toda velocidade na cabine, fechou a grade ornamentada e apertou o botão.

Enquanto o elevador subia, deixou-se cair na poltrona acolchoada do fundo, com as pernas muito fracas para se manter em pé. Então, reparou que, apoiado a seu lado, alguém havia deixado um jornal dobrado. Kate estranhou. Quem diabos ia querer ler um jornal de quatro dias? Pegou-o com mãos trêmulas e não se surpreendeu em absoluto com o que viu.

Era um exemplar do *Völkischer Beobachter*, o jornal oficial do partido nazista. Na primeira página, um irascível Goebbels se dirigia a uma multidão febril que o aclamava. E, em um canto, aparecia a data: agosto de 1939.

Soltou o jornal como se fosse uma cobra venenosa e esfregou as mãos compulsivamente no estofado da poltrona tentando eliminar uma sujeira invisível. Então, a cabine parou com uma sacudida.

Kate se levantou de um salto e abriu a grade ornamentada da porta. E justo quando estava prestes a sair, ficou paralisada, como se fosse atingida por um raio, incapaz de se mover.

À sua frente, parado diante do elevador e observando-a com olhos vidrados, estava Isaac Feldman.

XL

O TEMPO PARECEU parar por completo. Feldman olhava para Kate com curiosidade, perguntando-se como diabos ela havia conseguido chegar até ali. A jovem, por sua vez, observava-o completamente abatida. Seu jogo havia acabado. A qualquer momento o velho começaria a gritar, e uma multidão de guardas se reuniria ali. Por sua cabeça passou a imagem de Moore batendo em Senka, e ela sentiu uma pontada de terror. O medo da dor física, sinuoso e escorregadio como uma serpente, entrou em sua mente e se acomodou com um sorriso perverso, disposto a curtir o espetáculo.

Feldman tinha um aspecto deplorável. Só lhe restavam duas mechas de cabelo na cabeça, enquanto o resto do couro cabeludo estava avermelhado e levantado, como se tivesse sido atacado por um eczema. O porte harmonioso do velho havia desaparecido, e ele estava encurvado e cambaleante, apoiado em um cabo de guarda-sol que tinha saído de algum terraço do *Valkirie* e que lhe servia de bengala. Seus olhos estavam apagados, e Kate notou com horror que em um deles crescia uma mancha branca que tinha todo o jeito de ser catarata.

O pior era sua pele, que parecia ressequida e amarelada, como se o magnata do jogo tivesse envelhecido cinquenta anos em poucas horas. Tremia como uma folha prestes a cair da árvore.

— Olá, Isaac — murmurou. — Escute-me um instante, eu imploro. Deixe-me falar antes de...

— Sabe onde está meu avô? — Sua voz era como o ruído de uma folha de jornal velho. — Quero ver meu avô...

Kate ficou horrorizada.

— Isaac? O que está dizendo?

— Meu avô! Quero ver meu avô agora! — O velho fez um bico e um fiozinho de baba densa e mal-cheirosa escorreu pelo canto de sua boca.

Abalada, Kate percebeu que o velho Feldman, o grande colosso, o falcão dos negócios que fazia que as pessoas tremessem quando passava, havia perdido totalmente a cabeça. Era só um velho demente que andava sozinho pelos corredores do *Valkirie*. O navio, de alguma maneira, tinha destruído a mente do único tripulante de 1939 que ainda vivia. Seu corpo estava ali, mas sua mente, não. Com um calafrio, perguntou-se se o lugar para onde havia ido a parte consciente de Isaac Feldman era um lugar sombrio, mais escuro e profundo que um buraco negro. Como o que ela havia adivinhado por um segundo naquele vão da escada.

Kate se aproximou de Feldman e o pegou pelo braço. Com cuidado, caminhou com ele até uma poltrona e ajudou o velho a se sentar. Seu olfato lhe disse que Feldman havia feito xixi nas calças havia um bom tempo.

— Sente-se aqui, Isaac — disse com voz doce olhando para trás sem parar. Se aparecesse algum guarda naquele momento, estaria totalmente perdida. — Vamos fazer um trato. Vou buscar seu avô. Voltaremos os dois para buscá-lo daqui a pouco, mas não saia daqui nem faça barulho enquanto isso, tudo bem?

Não sabia se ele tinha ouvido ou não, porque o olhar do velho estava perdido no infinito. Sua mandíbula pendia solta, como se Feldman estivesse em um estado de catatonia absoluta.

Kate olhou-o com ternura enquanto o agasalhava com uma manta. Da última vez que viu, aquele homem havia agido de maneira mesquinha com ela, o que fez Moore tratá-la como uma suspeita. Mas agora não era mais ele. Tudo o que tinha sido

Feldman desapareceu. Só restava uma ruína trêmula que não era capaz de reconhecer nem o som da própria voz.

Quando teve certeza de que o velho não sairia dali, seguiu seu caminho.

Feldman ficou na poltrona, preso nas densas redes de um sono muito profundo do qual não podia acordar. Fundido como uma lâmpada submetida a excessiva tensão.

O salão Gneisenau estava totalmente deserto. As cadeiras que deveriam estar ocupadas pelo grupo de cientistas estavam vazias, e todos os monitores desligados. Em cima da mesa continuava o pequeno projetor que Cherenkov havia utilizado no dia de sua apresentação. Kate teve a sensação de que aquilo havia acontecido um milhão de anos antes, apesar de terem se passado apenas quatro dias.

Quatro dias.

Ficou paralisada, sentindo um fio de suor frio deslizar pelas costas. Quatro dias tinham se passado desde a partida, então o *Valkirie* devia estar chegando ao mesmo ponto onde havia desaparecido setenta anos antes. Indo ao encontro do destino, outra vez.

Seu tempo estava acabando. Percorreu o salão passando as mãos por cima dos monitores. Todos estavam frios, como se estivessem desligados havia muito tempo. Não havia o menor rastro de nenhuma das pessoas que deveriam estar ali, pesquisando e ficando cada vez mais nervosas à medida que a hora da verdade se aproximasse. Em um canto, empilhadas como pedaços de madeira arrastados pelas ondas, havia um monte de pastas com documentação e gráficos de temperatura que já não importavam a mais ninguém.

Era uma imagem de desolação e abandono absolutos. Os restos de um naufrágio esquecido por seus protagonistas. Em cima de uma mesa encontrou um lote de documentação organizadamente empilhada ao lado de uma impressora a laser. A impressora estava desligada e parecia um monstro adormecido vindo de outro planeta. Alguém havia passado por ali e derrubado parte dos papéis, ou

talvez houvesse tropeçado neles, e o chão estava coberto por uma camada de folhas amassadas cobertas de sinais matemáticos. Com certo nojo, Kate descobriu que muitas folhas tinham manchas de sangue seco com forma de pétala desfigurada, como se alguém tivesse pingado em cima delas. Em um gesto automático, levou a mão ao nariz e verificou, aliviada, que ainda não estava sangrando. Por enquanto.

Afastou um monte de relatórios e estudos sobre eletromagnetismo que ninguém jamais leria até encontrar um pacote de folhas presas por um elástico que dizia: "Aos cuidados de Kate Kilroy". Não era muito grande, só umas quarenta ou cinquenta folhas. Sentiu a dúvida. Não encontraria muitas pistas ali, mas tinha que tentar. Só que, evidentemente, aquele não era o lugar adequado para ler aquilo.

Saiu do salão e caminhou um pouco pelo corredor até chegar ao início da Grande Galeria. O nome era muito pomposo para o que aquele corredor era na realidade, mas Kate supôs que, para um passageiro dos anos 1930, aquele lugar devia ter sido impressionante. Era um amplo corredor, com pé-direito alto ornamentado onde de vez em quando se abriam vitrais, com deuses germânicos que contemplavam, sérios, o assoalho que se abria abaixo deles. Nas laterais alinhavam-se pequenos espaços onde estava planejado haver bares, joalherias, cafés e duas dúzias de pequenas lojas, para desfrute dos passageiros de primeira e segunda classes. Kate caminhou pela galeria vazia até parar debaixo de um dos vitrais. Sobre sua cabeça um Wotan com aparência de quem comeu muita comida picante a observava em meio a um emaranhado de barbas e músculos. A jovem se aproximou de uma das lojas vazias, que estava fechada e com todas as luzes apagadas, como as outras.

Era a primeira vez que se aventurava até ali. O chão tinha uma leve camada de pó e restos de plástico e de cabos de quando os eletricitas e restauradores haviam acabado as obras. Não parecia que alguém tinha entrado ali nos quatro dias de travessia. Embora fosse muito menor que as modernas galerias comerciais internas dos

transatlânticos modernos, o *Valkirie* tinha sido de vanguarda em sua época e já nos anos 1930 havia incorporado uma área daquele tipo a bordo. Em meio à penumbra parecia um pequeno centro comercial abandonado.

Kate girou a maçaneta da porta, que oscilou sobre suas dobradiças sem soltar nem um rangido. Caminhou pelas sombras até encontrar um canto por onde entrava um fecho de luz hesitante por uma escotilha. O vidro da vigia estava coberto de algum tipo de resto de tinta que não permitia olhar para fora. Por outro lado, a luz fraca do entardecer que entrava era muito amarelada. A névoa que os envolvia era ainda mais densa que antes, e seu abraço se tornara cada vez mais denso. As rajadas de chuva batiam com violência nos vidros e no casco, e o vento uivava como uma alma penada enquanto a noite caía.

Leu com rapidez o dossiê. Tal como haviam lhe prometido, estava a lista com os passageiros e a tripulação. Em uma das páginas, destacado, estava o nome de Schweizer, o dono daquele chapéu que havia encontrado no passeio. Kate achou até divertido que tivesse se assustado com aquilo, considerando tudo o que havia acontecido depois. Virou as folhas, furiosa, mas, como era de se esperar, não havia nada parecido a um mapa do navio, nem uma única pista de onde podia estar a cela de Senka.

— Muito típico de você, Robert — murmurou irritada, jogando com frustração a metade das folhas no chão.

Então, reparou nas duas últimas folhas que segurava na mão. Eram uma cópia do diário de bordo do *Valkirie*, que o capitão Harper (será que ainda atendia por esse nome?) tinha em cima da mesa de rota na ponte. Notou que Anne Medine havia copiado só as referências aos últimos dois dias. Seus olhos saltaram até a última anotação, feita com a caligrafia pontuda e germânica do capitão Kuss, o homem no comando do *Valkirie* em 1939. À sua direita, no lado inferior, havia uma pequena mancha escura, como se uma gota de tinta tivesse caído sobre a página, e alguém tivesse tentado apagá-la com a ponta do dedo.

20.47 GMT: 53°94'17" de latitude norte e 28°47'09" de longitude oeste. Vento fraco NNW com rajadas de vento forte. Ondas de três metros. Banco de névoa sem variações desde a última troca de guarda. Direção e velocidade constantes. Detectou-se uma vibração anômala perto da sala de caldeiras. O reconhecimento realizado pelo Oberfeldwebel Dittmar certifica que não há danos aparentes. Na inspeção subsequente descobriram-se cinco clandestinos no piso das caldeiras número dois. O capitão abandona a ponte para ir ao jantar de gala. Delega solução do problema ao oficial de segurança Otto Dittmar. Troca de guarda realizada sem novidades.

E isso era tudo. Depois, o resto do diário estava em branco, até que, às 4h30 da mesma madrugada, o *Pass of Ballaster* havia encontrado o *Valkirie* abandonado e à deriva.

Kate relia as mesmas linhas sem parar. Clandestinos no *Valkirie*. Era a primeira vez que ouvia falar disso. Feldman jamais havia comentado nada, nem estava registrado no dossiê de documentação que o jornal havia reunido. Fazia todo sentido se pensasse que, até apenas um ano antes, aquele diário de bordo estava enterrado em um arquivo militar, debaixo de uma tonelada de documentos administrativos da época. Mas, se Feldman sabia, por que não lhe havia dito?

A compreensão a atingiu com a força de um raio. Feldman suspeitava que ele mesmo era um desses cinco clandestinos. Possivelmente, o bebê de alguma família.

Porque essa era a causa de tudo. Descobrir o que havia acontecido com aquela gente. Com *sua* gente.

Descobrir suas origens e seu próprio destino. As anomalias, a pesquisa de Cherenkov, a Wolf und Klee... tudo isso não tinha a menor importância para Feldman.

De repente, Kate ouviu o barulho de passos e correu feito um rato para baixo de uma mesa. Os passos estavam cada vez mais perto e pararam bem em frente a sua porta. Kate distinguiu uma sombra escura e amorfa que se recortava no vidro. Angustiada,

olhou em volta, mas não havia nada ali que pudesse utilizar para se defender. Estava presa em uma ratoeira sem saída.

Viu a maçaneta da porta se mover e a folha de madeira e vidro girar. Conteve um grito de pânico, sentindo o sangue descer para seus pés.

Então, todo o ar de seus pulmões escapou de repente.

Harvey Carter, o físico norte-americano, estava no limiar da porta. Um raio de luz procedente de um vitral banhava a cabeça do cientista com um resplendor apagado. E onde antes costumava usar o broche de um guaxinim ostentava uma brilhante suástica vermelho sangue.

XLI

CARTER ENTROU NO recinto cambaleando na escuridão. Kate o ouviu murmurar alguma coisa baixinho, mas não pôde entender. Embora não conseguisse distinguir na escuridão, imaginava perfeitamente o peito coberto de sangue e o olhar perdido. Já era um deles.

Sem tirar os olhos do norte-americano, as mãos de Kate se arrastaram pelo chão, tateando no escuro. Seus dedos arranharam o piso, mas só encontraram pedaços de plástico e bolas de pó que haviam se acumulado embaixo daquela mesa. De repente, suas mãos se fecharam sobre um tubo de papelão rígido, desses que se usam para transportar rolos de tecido. Aquele tubo havia rolado para baixo da mesa quando os decoradores haviam forrado uma das paredes daquele lugar, e ninguém o havia recolhido.

Kate o segurou com força, como um bastão de dois metros, e esperou paciente que Carter avançasse mais. Então, quando ele passou a seu lado, saiu de baixo da mesa soltando um grito de fúria com o rolo de papelão no alto.

Descarregou o tubo com todas as suas forças nas costas de Carter, que soltou um grito de surpresa. O norte-americano se virou e levantou os braços em um ato reflexo. Kate deu um passo para trás e ergueu de novo o tubo, mas bateu no teto da pequena sala. Isso deu tempo a Carter de se afastar com um salto e pôr a mesa entre os dois.

— Kate, pelo amor de Deus! — bufou, arfando. — Está maluca? Sou eu, Carter!

Kate ficou paralisada ao ouvir sua voz. Ele a havia reconhecido. E havia falado com ela. Em inglês, não em alemão. O alívio foi tão intenso que largou o tubo e as lágrimas ameaçaram inundar seus olhos de novo.

— Carter! — Ela não podia acreditar. — É você mesmo?

— Claro que sim! — grunhiu o norte-americano esfregando as costas com uma expressão de dor. — Pelo menos, o que resta de mim depois da pancada que me deu.

O cientista foi mancando até a escotilha e se posicionou sob a luz minguate. Kate pôde ver que estava com uma barba de três dias e que tinha trocado sua camisa estampada por uma mais simples, branca. Seus olhos estavam injetados de sangue e tinha bolsas embaixo das pálpebras que chegavam até os joelhos, mas, de resto, não parecia muito diferente. Não havia nem rastro de sangue em seu nariz nem em suas roupas. No conjunto, dava a sensação de ter passado dois dias em uma festa e estar com uma enorme ressaca, mas só isso.

— Você me reconhece? — disse depois de um tempo, com ar desconfiado. — Sabe quem sou?

— Você é Carter, o físico. Trabalha na Universidade de Atlanta. É vegetariano e no jantar de dois dias atrás me disse que odiava beisebol e que preferia futebol americano — recitou Kate de um fôlego só.

Sentia-se reconfortada ao dizer tudo aquilo em voz alta. Era como recitar um feitiço que podia rasgar o manto de escuridão que os cercava. Carter assentiu, satisfeito. Tateou em seu bolso até tirar um pacote de cigarros e um isqueiro. Acendeu um e deu uma longa tragada antes de começar a tossir como se estivesse quase perdendo um pulmão.

— Você é Kate Kilroy — disse por sua vez enquanto raspava a garganta com uma expressão dolorida. — É repórter de um jornal inglês. Não gosta de ervilha, estava com um vestido azul

maravilhoso há duas noites e é a única pessoa a bordo deste navio que não parece ter perdido a cabeça.

Kate sentiu tamanha onda de alívio que, sem pensar, pulou no norte-americano e o abraçou com força. Carter arregalou os olhos ao sentir o contato do corpo de Kate e lhe deu duas palmadinhas, sem jeito, nas costas.

— E isso? — Kate apontou o peito de Carter, onde o broche com a suástica brilhava com luz sinistra.

Carter observou a insígnia com expressão perplexa, como se fosse a primeira vez que a via. Passou a mão pela testa enquanto franzia o cenho.

— Não consigo lembrar muito bem. As últimas horas estão muito confusas na minha memória — murmurou sacudindo seus cachos de um lado a outro. — Minha cabeça está como se tivessem me enfiado uma tonelada de algodão pelas orelhas. A falta de sono está me matando.

— Falta de sono?

— Foi a única maneira de evitar que isso que está acontecendo a bordo deste navio derretesse meu cérebro — murmurou Carter enquanto se sentava em uma cadeira e arrancava a insígnia do peito com dedos desajeitados. — De qualquer maneira, acho que devo ter adormecido um pouco durante as últimas vinte e quatro horas. Não me lembro de ter posto esta roupa e, claro, não tenho a menor ideia de onde tirei esta maldita suástica.

— Não tem dormido, então...

— Há setenta e duas horas — respondeu o físico passando a mão pela barba incipiente. — No laboratório, detectamos um aumento do campo eletromagnético que interferia nas ondas alfa, que, por sua vez... — interrompeu-se fazendo um gesto de pouco caso. — Bah! Isso agora é o de menos! Para falar de um jeito simples, o cérebro não é mais que um imenso campo elétrico. Todas as sinapses neuronais não deixam de ser pequenas descargas elétricas. A verdade é que estavam ocorrendo condições que podiam interferir na mecânica cerebral, e eu disse isso a Cherenkov, mas o maldito russo me ignorou. Estava muito obcecado para provar

empiricamente a existência de sua singularidade. Bem, agora o idiota já tem o que procurava.

— Mas o que o sono tem a ver com tudo isto? — perguntou Kate confusa.

— Não sei explicar. — Carter parecia realmente esgotado. — Nem mesmo em condições normais seria simples explicar. De modo que sem dormir, irritadiço, e depois de levar uma pancada com um taco de papelão rígido na cabeça, já pode imaginar...

Kate baixou a cabeça envergonhada.

— Você entrou tropeçando e com uma suástica no peito. O que queria que eu fizesse?

— Não sei — grunhiu Carter. — Acender a maldita luz, por exemplo?

— Como me encontrou?

— O chão desta galeria está coberto de pó. — Apontou para o exterior com ar esgotado. — Você deixou um rastro que até um cego poderia seguir. Passei pela frente das portas de acesso à Grande Galeria e vi que estavam abertas, então entrei para ver quem andava por aqui. Estou procurando Feldman. Ele é o único que pode deter esta loucura.

— Feldman já não está em condições de deter nada — replicou Kate com amargura, e contou o que lhe havia acontecido durante os últimos dois dias.

Carter escutou muito atento a história de Kate enquanto balançava os pés sem parar. Quando ela chegou à parte da detenção de Senka, franziu o cenho.

— Não posso acreditar que essa mulher seja uma neonazista maluca. Não faz sentido.

— Eu também não acredito — respondeu Kate. — Por isso a estou procurando. Algo me diz que ela é a única que sabe como deter este navio.

— Sério? Como sabe?

Kate baixou a cabeça envergonhada. Não queria contar a Carter sobre Robert. Não importava que aquele homem achasse que era

uma lunática, precisava de sua ajuda desesperadamente e, se contasse uma história de um amante fantasma, o mais provável era que ele a mandasse pro inferno.

— Simplesmente sei. Confie em mim, Carter, eu lhe peço. Preciso de sua ajuda.

Carter suspirou levantando os braços.

— Suponho que não me resta opção. Você é a única pessoa a bordo que não está maluca e ainda tem consciência de que não estamos em um maldito congresso do partido nazista.

— Vai me ajudar a procurar Senka? — Kate sentiu renascer a esperança em seu peito.

— Melhor que isso. — O físico esboçou um frágil sorriso. — Sei onde ela está neste momento.

XLII

RICHARD MOORE estava muito confuso. Confuso e irritado. Sentado em um dos bares do navio (o único aberto naquela viagem e que tinha as prateleiras cheias de garrafas), observava com fúria a imagem que lhe devolvia o espelho de trás do balcão.

Estava em um banquinho de couro de búfalo, com uma garrafa de uísque Talisker de trinta anos aberta a sua frente. A garrafa já estava pela metade, e Moore estava um pouco mais que levemente embriagado. Estava totalmente bêbado, e furioso.

Tudo havia acontecido muito depressa. Não sabia em que momento aquilo que parecia um trabalho simples tinha se transformado em um pesadelo sem fim.

Quando havia perdido o controle da situação.

Richard Moore era um homem experiente. Beirava os quarenta anos e tinha o corpo cheio de fibra de um jogador de futebol americano, sem um grama de gordura e com músculos que pareciam pistões. Havia entrado nos Black Rats, a famosa brigada mecanizada do exército britânico, com apenas dezoito anos. O jovem Richard tinha subido na hierarquia, ano após ano, conquistando a pulso uma fama de sujeito durão, nervoso e de uma lealdade férrea ao sistema de comando. Richard era um homem feliz na disciplina militar do exército de Sua Majestade. Ali tinha encontrado o lar que um pai alcoólatra e uma mãe ex-prostituta não puderam lhe dar.

Se fosse por ele, jamais teria abandonado os Black Rats. Aquele era seu lar. Mas num quente dia de verão de 2005 tudo foi pelo ralo a vinte quilômetros de Kandahar.

Era um posto de controle rotineiro, instalado em uma estrada empoeirada, perto de meia dúzia de aldeias mal-cheirosas feitas de tijolo de barro e merda de burro. Sua missão era realizar controles aleatórios para evitar a circulação de suspeitos de simpatizar com os talibãs e encontrar armas. Moore estava ali, com cinco homens sob seu comando, posicionados atrás de duas metralhadoras pesadas, suando sem parar, enlouquecido por conta do vento que soprava das montanhas carregando pó e de uma dor de cabeça penetrante depois de um dia inteiro debaixo do sol usando o capacete kevlar. Podia ter acontecido com qualquer um.

Qualquer um menos ele, não se cansava de repetir para si mesmo enquanto se servia outro copo de Talisker. Bebeu a caríssima bebida escocesa de um gole só deixando sua mente voar de novo para aquele dia horrível.

A moto, com dois homens e uma criança, havia se aproximado devagar do posto de controle. Alguém deveria tê-los mandado parar, mas a verdade foi que, na investigação posterior, nenhum de seus homens se recordava de tê-lo feito. Quando Moore viu a moto a apenas dois metros de seu blindado, seu treinamento o fez reagir como uma mola. Antes de poder observar o rosto daquele menino de menos de três anos, já havia gritado "fogo" três vezes.

Quase mil e oitocentas balas acertaram os dois homens, a moto e o menino. Sua parte racional lhe disse mais tarde que era difícil parar de apertar o gatilho quando a tensão de um longo dia se libera de repente. Seu coração lhe confessou que às vezes os monstros habitam os homens, mesmo que não saibam, e aproveitam momentos inesperados para se manifestar. Fosse por uma coisa ou outra, a verdade foi que, quando conseguiu que seus homens parassem de atirar com as metralhadoras pesadas, dos afegãos e sua moto não restava mais que aço retorcido e carne rasgada.

Um mês depois, Moore enfrentou uma corte marcial, e duas semanas depois, à paisana e com as recordações de uma vida inteira

dentro de uma mochila, saiu pela porta do quartel dos Black Rats, caminhando sem saber para onde ia.

E então, Feldman cruzou seu caminho. Como no exército, Moore foi subindo passo a passo dentro da organização do magnata, desde seu primeiro trabalho como segurança em um dos seus cassinos, até que finalmente conquistou a confiança do velho judeu e foi nomeado chefe de segurança.

Tudo havia sido fácil até então. Durante os dois anos anteriores, Moore acreditou ter encontrado um novo lar. Até que haviam embarcado no *Valkirie*. E tudo havia ido pelo ralo outra vez.

Primeiro havia sido o negócio do *Mauna Loa*, o barco de apoio sabotado. Mais tarde, o assassinato de Tom McNamara, a explosão do sistema de comunicações e, finalmente, os estabilizadores. E não tinha conseguido impedir nada. Em vez de prevenir os golpes, havia se limitado a correr como um cão surrado de um lugar para o outro tentando deter o curso dos acontecimentos quando já haviam acontecido. Havia fracassado em seu trabalho.

Você não fez o que deveria, Richard, sussurrou a voz, mas ainda pode consertar as coisas.

Moore sacudiu a cabeça e olhou para todos os lados. Estava sozinho no bar, e só uma das luzes estava acesa, justo a que se encontrava acima de sua cabeça. O resto do local estava na penumbra e as sombras escondiam as mesas e as cadeiras que um dia, supunha-se, estariam ocupadas pelos passageiros do navio.

— Quem está aí? — murmurou se levantando.

Alguém que gosta de você, Richard. Uma amiga.

Moore se levantou e avançou cambaleando até o fundo da sala. Sentia tamanha dor de cabeça que não podia ter certeza, mas teria jurado que a parte mais escura das sombras havia se movido para o outro canto, afastando-se dele, como se quisesse brincar de esconde-esconde. Caminhou para o outro lado, mas a única coisa que conseguiu foi tropeçar em uma mesa e esfolar o tornozelo.

— Aiii! Caralho! — bramou levando a mão à perna.

Ficou dobrado sobre si mesmo durante um longo tempo. Sentia-se profundamente infeliz. Por uma vez na vida se deixou levar pela

autocompaixão.

— O estresse o está deixando louco, Richard — disse a si mesmo em voz alta quando se endireitou.

Caminhou de volta até o balcão sem deixar de esfregar o tornozelo, e então se deteve. Esfregou os olhos, incrédulo.

O copo que havia acabado de esvaziar estava cheio de novo. Até a borda. E, além disso, duas pedras de gelo giravam preguiçosas na bebida.

Moore girou sobre si mesmo como uma cobra, levando a mão à Walther PPK que carregava no coldre junto à axila.

— Onde está? — gritou. — Saia, filho da puta!

Com a voz de bêbado ouviu-se algo como *shaiafodputa*. A pistola dançava em sua mão sem o menor controle. Um grossas gotas de suor escorriam por suas têmporas e costas. De repente, Moore se inclinou e vomitou no chão até que não pôde mais. Arfando, levantou-se e contornou o balcão até a parte interior. Foi até a máquina de gelo e, com a pistola em riste, abriu-a com um puxão.

Estava vazia e desligada. Ninguém a havia ligado durante toda a viagem.

Olhou de novo para seu copo, terrivelmente confuso. Pegou-o nas mãos e o contemplou durante um tempo eterno. De repente, jogou-o com força na parede do fundo, gritando de raiva. O copo estourou em mil pedaços, e todo o papel pintado da parede ficou coberto de restos de vidro e uísque escorrido.

Ficou em pé, arfando, sem parar de suar. Com um esforço, voltou para o balcão e se sentou de novo. Então, um tremor incontável tomou conta dele. Uma risada histérica subiu por sua garganta e, incapaz de sufocá-la, começou a soltar ruídos abafados.

Ao lado da garrafa havia um novo copo, cheio até a borda, com duas pedras de gelos flutuando.

Não seja bobo, Richard. Só quero ajudá-lo. Faça o favor de beber esse copo.

Com mãos hesitantes, Richard segurou o copo entre seus dedos, levou-o à boca e lhe deu um gole prolongado. O gosto era bom,

estava fresca. A bebida desceu por sua garganta até explodir com a força de um soco quente em seu estômago.

Você precisa se redimir, Richard. Não pode permitir que esses malditos sabotadores se deem bem.

Richard meneou a cabeça e deu um novo gole. Como aquela voz tinha razão!

Até agora eles se anteciparam, mas você já tem uma delas trancada em uma cela. É sua oportunidade de obter uma vantagem. De ficar bem diante de seus superiores.

Richard Moore assentiu com um grunhido de satisfação. Tinha toda razão. Estava na hora de tomar a iniciativa. Se não estivesse tão cego por conta de sua ansiedade, nem tão bêbado, teria percebido que a voz havia dito “seus superiores” em vez de Feldman, mas não reparou. Seu cérebro parecia pulsar com ritmo próprio enquanto um milhão de vozes berravam em uníssono tentando se sobrepor umas às outras.

Você é o oficial no comando da segurança deste navio. Seus homens o observam. Você é o modelo deles. Não pode falhar.

— Não, não posso.

Serviu-se um novo copo e o esvaziou de um gole. Cada vez se sentia melhor, com as ideias mais claras.

Quem você pensa que seguirão se você falhar, Otto? Quem evitará que esses agentes comunistas tomem o controle do navio?

“Otto?” Uma parte de seu cérebro registrou que aquele detalhe não se encaixava, mas não pôde fazer mais nada. Antes que os alarmes de sua cabeça disparassem, uma maré escura começou a avançar dentro de sua mente com uma força demolidora. Enquanto esvaziava o copo, os quase vinte anos passados nos Black Rats foram sistematicamente demolidos por aquela onda escura que alagava tudo.

Com certeza é judia, Otto. Comunista e judia. Uma rata suja. Uma inimiga do Reich.

— Sim — bradou Moore dando um soco na mesa.

Uma clarividência imperiosa havia substituído a dor de cabeça. Via tudo perfeitamente claro. O bar havia adquirido cores vibrantes e

intensas. Até sua pele parecia reluzir diante de seus olhos.

Há outra agente no navio, Otto. É inglesa, e é perigosa. Você tem que detê-la. E tem que ser agora.

Moore (embora já não atendesse por aquele nome) deu um salto e se levantou. Recolocou a pistola no coldre junto à axila e passou as mãos pelo rosto, levando-as para a testa e o cabelo. Quando acabou, uma camada de sangue muito vermelho que saía de seu nariz tinha se estendido até a base de seu cabelo, dando-lhe um aspecto demoníaco e selvagem.

Mas ele não sabia, nem se importava. Tinha uma missão. Um trabalho a fazer.

Outra coisa, Dittmar. Há um velho louco e um homem jovem de terno creme. Não toque neles. São meus. Desses cuidarei pessoalmente.

O ódio que havia nessa última frase era de tal intensidade que Moore/Dittmar se encolheu um pouco. Estava transtornado pela ira, que se transmitia a sua cabeça por tentáculos invisíveis, arraigados em sua mente como dentes podres.

Esvaziou o copo e se levantou do balcão. Estendeu a mão para a boina que até pouco antes não estava ali e a colocou na cabeça. Servia-lhe perfeitamente.

Qualquer um que o visse naquele momento teria tremido de terror. Enquanto acariciava sua pistola com um ar maníaco e assobiava algo que recordava o *Horst Wessel Lied*¹, o homem que uma vez havia sido Richard Moore saiu do bar transformado no *Oberfeldwebel* Otto Dittmar, cambaleando, com sangue saindo de seu rosto sem parar. E a seu redor as sombras eram muito mais escuras que no resto do navio. E se moviam sem parar, famintas.

Esperando que acontecessem as coisas que inevitavelmente tornariam a acontecer.

¹ Hino do partido nazista. (N. do A.)

XLIII

KATE OLHAVA para Carter como se ele tivesse acabado de sair de um disco voador.

— Como é possível você saber onde está Senka? — perguntou bem devagar.

— As celas devem estar muito perto da sala de guarda e dos camarotes dos homens de Moore — respondeu Carter dando de ombros. — Há quarenta e oito horas, mais ou menos, passei por ali. Eu estava adormecendo e precisava de alguma coisa para me manter acordado.

— O quê?

Carter levantou a mão. Nela segurava um amassado maço de cigarros.

— Eu não fumo — disse. — Bom, pelo menos até dois dias atrás não fumava. A nicotina me ajuda a me manter acordado, mas está acabando com minha garganta. — Tornou a fazer o som rasgado que havia chamado a atenção de Kate um momento antes. — E o mais parecido a uma tabacaria neste navio é essa maldita sala de guarda. Consegui que me vendessem meio maço por cem dólares norte-americanos. São um bando de ladrões filhos da puta.

— E o que aconteceu ali?

— Há duas salas no fundo do corredor, trancadas, ao lado do armeiro. Têm grades na porta. Aposto o que me resta de juízo que

sua sérvia está ali.

Kate sentiu o mundo desabar sobre ela.

— Jamais conseguiremos tirá-la dali — murmurou. — Se está atrás da sala de guarda, deve haver pelo menos dois dos homens de Moore vigiando. Não podemos chegar ali com calma e dizer: “Olá, tudo bem? Podem abrir esta cela, por favor, e olhar para o outro lado durante quinze minutos?”.

— Talvez não seja necessário — respondeu Carter com um sorriso enigmático. — Há outras maneiras.

— Quais?

Como única resposta, o físico se levantou e fez um gesto para que o seguisse. Saíram da Grande Galeria sigilosamente e voltaram para a área principal da primeira classe, em volta da escada das águias. Mas, antes de chegar, pararam em um dos elevadores e subiram dois andares, até um corredor onde Kate não tinha estado antes.

— Aqui ficam os laboratórios — disse Carter franzindo o cenho enquanto caminhavam pelo corredor. — Pelo menos, ficavam até ontem.

A sala permanecia escura, cheia de sombras que pareciam se mexer. Carter apertou o interruptor da luz, e o brilho das lâmpadas fluorescentes iluminou longas mesas cobertas de material científico. O lugar estava deserto e frio, com essa temperatura úmida dos lugares por onde não passou ninguém em muitas horas.

— O que estamos fazendo aqui?

— Vamos pegar umas coisas, me ajude — replicou Carter passando-lhe uma tesoura. — Está vendo aquela embalagem de papel alumínio?

— Esse com restos de almôndegas cobertas de mofo? — Kate franziu o nariz com nojo.

Carter assentiu.

— Nós, ratos de laboratório, podemos ser muito descuidados com certas coisas. E se, ainda por cima, este lugar estiver nos transtornando, você viu o que pode acontecer. Preciso que corte

essa embalagem em pedaços muito pequenos, Kate, o menor possível.

A jovem assentiu e depois de esvaziar a embalagem começou a cortá-la em pedacinhos com a tesoura. Enquanto isso, Carter procurava algo entre as garrafas de reagentes e produtos químicos. Kate se lembrou do finlandês que não a havia reconhecido na pista de dança e estremeceu. Percebeu que o mais provável era que aquele homem nunca mais voltasse a vestir um jaleco de laboratório na vida.

— Achei — murmurou Carter.

Pegou duas garrafas de vidro cheias de um líquido claro. Pegou também duas luvas de aspecto resistente de uma gaveta, duas máscaras protetoras, que guardou em um bolso, e um garrafão plástico vazio de uns cinco litros.

— Estamos prontos — disse com um sorriso confiante. — Vamos buscar sua amiga.

— O que vamos fazer? — perguntou Kate com as mãos cheias de pequenas tiras de alumínio. — Jogar confete neles e molhá-los?

— Mais ou menos — respondeu o físico. — Confie em mim, Kate Kilroy, sei o que estou fazendo.

Cinco minutos mais tarde, depois de algumas voltas pelos corredores de serviço, chegaram ao andar onde ficava a sala de guarda. A uns dois metros se ouvia a voz baixa de dois homens que murmuravam algo entre si. Um pouco depois, uma risada assustadora saiu do camarote. Era uma risada estranha, dissonante, como um piano desafinado. Dava a sensação de que a boca que a emitia e o cérebro que a controlava não estavam sintonizados na mesma frequência.

A cabine de um dos elevadores estava a apenas dez metros. Carter arrastou Kate até ali e se ajoelhou. Colocou o garrafão no chão, vestiu as luvas e o encheu com um dos líquidos, que tinha um cheiro penetrante.

— Isto é ácido clorídrico — explicou à medida que acrescentava as tiras de alumínio de Kate ao líquido dentro do garrafão e o fechava com força. — É muito corrosivo e tem o péssimo costume

de provocar uma reação explosiva se misturado com certos metais como...

— Alumínio — arrematou Kate com um sorriso.

Carter assentiu com uma expressão travessa no rosto antes de agitar com força o garrafão. Começou a ouvir um borbotão estranho dentro do recipiente e as paredes se começaram a se dilatar de imediato. O físico se levantou rapidamente e saiu do elevador, empurrando Kate mas, antes, teve tempo de apertar o botão da cabine para fechá-la.

Entraram correndo em uma lavanderia que ficava no corredor e esperaram durante alguns segundos que pareceram intermináveis. De repente, uma explosão ensurdecedora sacudiu o vão do elevador, acompanhada de um lampejo e de uma enorme coluna de fumaça densa e de cheiro irritante.

Foi como chutar um formigueiro. Os guardas de segurança saíram da sala de guarda com suas armas em riste e uma expressão desconcertada no rosto. Kate teve tempo de vê-los durante uma fração de segundo e ficou aterrorizada ao descobrir que já não usavam o uniforme azulado de sempre, e sim um verde acinzentado com o emblema da águia costurado no bolso da jaqueta. Os três homens estavam muito pálidos e com restos de sangue seco no rosto. De um escorria um fio vermelho de um ouvido, mas ele não parecia perceber.

Dois deles se aproximaram da porta do elevador e tentaram abri-la, mas foi inútil. Falaram pelo rádio e subiram pela escada de serviço, enquanto o terceiro voltava com expressão confusa para a sala de guarda. Cambaleava ao andar e se movia como se sofresse um ataque atroz de artrite.

— Ainda falta esse — murmurou Kate.

— Ainda temos um ás na manga. — Carter tirou a outra garrafa da bolsa e as duas máscaras e passou uma a Kate. — Ponha isto.

— O que tem aí?

— Amoníaco concentrado. Até o laboratório mais miserável do mundo tem isso. Não é tóxico, mas é irrespirável. E agora, preste atenção — disse. — Você vai adorar.

Carter levantou o braço e jogou a garrafa dentro da sala de guarda em um gesto quase casual. A garrafa girou duas vezes no ar antes de desaparecer pela porta aberta e se estatelar no chão em um concerto de vidros quebrados. Apenas quinze segundos depois, o homem que estava dentro saía respirando pela boca com os olhos vermelhos por causa dos vapores irritantes do amoníaco.

Kate se aproximou dele com passo decidido, segurando uma luminária de bronze com duas pequenas valquírias. Levantou-a com esforço e a deixou cair na cabeça do homem. Ouvia-se um golpe seco que terminou em um estalo, e o guarda desabou como um boi abatido.

Sem trocar uma única palavra, entraram na sala de guarda com as máscaras e os óculos protetores bem apertados no rosto. A sala estava deserta e sem mudanças aparentes, mas as paredes pareciam zunir com vida própria. Era como se todo o navio, indignado, prendesse a respiração diante daquela violação do plano mestre estabelecido. Kate suspeitava que a sombra escura não tardaria a chegar. Se é que já não estava com eles naquele momento.

— Onde estão as malditas chaves?

A jornalista passou as mãos feito um moinho sobre a mesa da sala de guarda, derrubando garrafas de cerveja vazias, um cinzeiro, um monte de revistas e uma pilha de radiotransmissores. Seus óculos estavam embaçados, e mesmo com a máscara parte dos vapores irritantes do amoníaco entravam em sua garganta. Era como respirar fogo.

— Onde estão? Onde estão, caralho?

— Não sei!

A voz de Carter estava abafada por conta da máscara. De repente, o norte-americano se dobrou ao meio e começou a tossir com violência, intoxicado pelos gases irritantes. Tropeçou em algumas cadeiras esparramadas pelo chão e conseguiu sair da sala, cego demais para poder lhe servir de ajuda.

Kate se sentiu invadida por uma onda de ira tingida de decepção. Não podia ser. Tão perto, contudo tão longe. Virou a cabeça para a

porta e sentiu uma vontade incontrolável de começar a rir como uma demente. Penduradas na fechadura como um cacho de uvas maduras, pendiam as chaves. Estavam ali, à vista, desde o início.

Abriu a porta com o coração apertado. Se estivessem enganados, não teriam uma segunda chance. O tempo avançava inexorável. Jamais encontraria Senka Simovic nas entranhas do *Valkirie*.

Primeiro viu umas longas pernas bem torneadas. Depois, uma calcinha e uma camiseta manchada de sangue que cobria um torso. E, por último, cabelos louros colados em volta do rosto cheio de hematomas da sérvia, que olhava para a porta com expressão confusa.

— *Wer bist du?*

Sua voz estava fraca, como se estivesse drogada ou em estado de choque. De uma de suas narinas começava a escorrer um fiozinho de sangue.

“Ah, caralho, está completamente louca”, compreendeu Kate com desânimo. A sombra do *Valkirie* já a havia coberto com seu manto escuro.

Arrastou a sérvia para fora do quarto aos tropeções. Parou um instante para pegar uma calça de moletom que estava em cima de um armário. Devia ser uns três números maior que o necessário, mas, de qualquer forma, era melhor que levar a sérvia de roupa íntima por todo o navio.

Os vapores tóxicos já estavam se dissipando e conseguiram atravessar a sala de guarda sem nenhum problema. Do lado de fora estava Carter, arfando, com as mãos nos joelhos. O físico parecia prestes a cair no chão.

— Temos que ir agora mesmo — resfolegou enquanto levava a mão às têmporas em um gesto de intensa dor. — Vão voltar a qualquer momento.

— Eu sei — respondeu Kate com energia. — Venha, temos que chegar aos porões.

Começou a andar segurando Senka pelo braço, mas a sérvia cravou os pés no chão com firmeza e não se moveu nem um centímetro. Kate se voltou para ela preocupada.

— *Nein! Ich will nicht zu gehen. Ich weiß nicht, wer du bist.*

— Que caralho está dizendo?

— Disse que não quer ir conosco — murmurou Kate confusa. — acho que não sabe quem somos.

— Ela está perdida, Kate — disse Carter com desânimo. — Vamos deixá-la aqui. Em seu estado, não vai nos servir para nada.

— Espere um minuto.

A mente de Kate trabalhava a toda velocidade pensando em uma maneira de trazer Senka de novo à realidade. A violência não serviria de nada. Podiam bater nela até a morte que sua mente continuaria a um milhão de quilômetros. Olhou para Carter, cuja pele estava ganhando uma feia coloração amarelada. O norte-americano tinha conseguido evitar cair sob o feitiço do navio porque tinha ficado acordado o tempo todo, mas o que a tinha mantido a salvo?

“Robert.”

Piscou duas vezes lutando com umas lágrimas diferentes às provocadas pelo amoníaco que lutavam para sair de seus olhos. Robert. A sensação de perda que tinha sido apaziguada. A paixão transformada em dor surda era de novo algo tangível.

O amor por um homem morto que lhe havia permitido manter o juízo em um mundo de loucos. A paixão.

A paixão.

Foi como uma intuição. Sem pensar muito no que estava fazendo, segurou a cabeça da sérvia com suas mãos e a olhou nos olhos.

“Santo Deus, o que estou fazendo?”

Inclinou a cabeça e, com as pálpebras baixas, entreabriu os lábios e beijou suavemente a boca machucada de Senka Simovic.

A sérvia resistiu no início, como se tivesse sendo atacada por uma manada de lobos, mas estava muito fraca para se debater. Pouco a pouco foi relaxando e correspondeu ao beijo de Kate. De repente, a jovem ruiva sentiu a língua brincalhona da sérvia dentro de sua boca.

“Bom, isso já é demais.”

Afastou-se dela e a olhou ansiosa.

Senka permanecia com os olhos fechados e a cabeça inclinada, com um sorriso beatífico no rosto. Finalmente abriu os olhos e encarou Kate com êxtase e placidez. Nem mesmo a própria Senka tinha consciência de que não tinha essa expressão desde os sete anos, quando ainda não sabia que depois de poucas horas sua cidade estaria ardendo a seu redor.

— Olá, Kate — murmurou com voz rouca. — O que está fazendo?

Para Kate, a voz da sérvia pareceu o som mais doce que jamais havia ouvido. Sorriu, cúmplice, pensando que era a primeira vez em toda sua vida que beijava uma mulher, e que não havia sido tão ruim, apesar de tudo.

— Tentando salvar nossa vida. Temos que ir, rápido. Senka, preciso que...

Um golpe surdo a interrompeu. Voltou-se sobre si mesma e sentiu seu sangue congelar. O vestíbulo estava cheio de sombras escuras, muito escuras, que se moviam sem parar e que pareciam devorar a luz que, cada vez mais fraca, agonizava nas lâmpadas.

As paredes pulsavam em um ritmo surdo e compassado, como uma onda se propagando por baixo d'água e rebotando em seu peito com força, amplificada até se tornar dolorosa dentro de sua mente.

Estava ali. *Ela* estava ali.

E Harvey Carter, de joelhos no corredor, com o nariz sangrando como uma fonte, tremia, enquanto olhava para elas com expressão perdida.

XLIV

RICHARD MOORE – ou quem uma dia foi Richard Moore – subia os degraus com a cadência de um metrônomo, sem que seu pulso se alterasse. Seus pulmões eram como dois foles, e uma energia estranha e vibrante o animava a avançar cada vez mais rápido, como um motor superalimentado. Cruzou o círculo de luz que marcava o centro do enorme hall das águias. Os arremates prateados das bandeiras do patamar lançavam cintilações refulgentes que rebotavam nas molduras e nos frisos, cobertos de pequenas águias segurando suásticas envolvidas em coroas de louros. Foi até a porta oculta na parede que levava à ponte e puxou a maçaneta. Nesse momento, a primeira grande onda da tempestade acertou com força o costado do *Valkirie*. Se os motores estabilizadores ainda estivessem ali, o balanço teria sido compensado automaticamente pelo cérebro eletrônico da ponte, mas nada disso existia mais. De modo que o impacto da onda fez o navio balançar levemente, só dois ou três graus, mas o suficiente para que Moore perdesse o equilíbrio e descarregasse todo o seu peso na porta ao abri-la.

A ação combinada de seu peso e o puxão deixou um profundo sulco no chão, perfeitamente visível, mas Moore não percebeu.

Suba à ponte, Otto. O capitão o espera. É urgente.

A voz.

A voz era deliciosa, intensa e potente, e enchia até o último recanto de sua mente, apagando os demais ruídos. Moore não

gostava dos demais ruídos. Davam-lhe medo. Diziam-lhe que tudo ia horrivelmente mal. Preferia não ter que os escutar.

Entrou na ponte rapidamente. O capitão Kuss (*Harper. O nome dele é Harper. HarperHarperHarper. NÃO DÊ ATENÇÃO, OTTO*), elegantemente vestido, observava-o com seus olhos azul cobalto. Usava seu melhor uniforme, com o vinco da calça perfeitamente marcado. Olhou para Moore com desprazer e em seguida deu uma olhada no relógio.

— Está atrasado, suboficial Dittmar — disse com voz seca.

— Eu sei, senhor — respondeu Moore/Dittmar dando um golpe seco com os calcanhares enquanto levantava o braço em um gesto automático. — Estive ocupado até agora.

Como única resposta Kuss/Harper tirou um fiapo imaginário da manga.

— Fui informado de que se ouviu um ruído perto da sala de caldeiras número dois. Algo parecido com uma explosão, mas que não há danos. Desça para ver de que se trata e suba para me contar o que aconteceu. Mas mexa-se. Tenho o maldito jantar de gala em menos de quinze minutos. Não quero perder muito tempo.

— *Jawohl, Herr Kapitän.*

Moore bateu novamente os calcanhares e saiu em disparada da ponte. Não se tratava só do que o capitão havia dito. A voz dela havia soado de novo em sua cabeça com uma única palavra.

CORRA.

E dessa vez, estava coberta de urgência.

Com três saltos chegou ao elevador de carga principal, que ligava diretamente a ponte à parte inferior do navio. Ficava em uma parte à qual os passageiros não tinham acesso, e era o caminho mais rápido para se movimentar pelo navio. Ao chegar, encontrou três de seus homens, que o esperavam ociosos, fumando. Sem uma palavra, fez um sinal, e eles entraram no elevador.

Bem quando cruzava a grade, uma imagem estranha passou por um décimo de segundo diante de seus olhos. Como uma espécie de neblina, viu duas folhas de aço soldadas diante dele, interceptando o

caminho, com um enorme adesivo vermelho com alguma coisa escrita em inglês.

Moore sacudiu a cabeça e estendeu a mão até as folhas de aço, mas as atravessou como se fossem fumaça. Então, a imagem desapareceu. Uma pequena pulsação em suas têmporas provocou uma careta. Aquela maldita dor de cabeça estava voltando, pelo visto.

O elevador de carga desceu em meio a estalos e balanço durante um tempo que pareceu eterno, até chegar ao piso das caldeiras. O rugido dos motores do *Valkirie* era como um zumbido monótono e intenso que amortecia todos os sons e que obrigava a falar gritando. A temperatura ali embaixo era sufocante, quase dez graus mais alta que no resto do navio, por isso a maioria do pessoal das máquinas andava seminua. Assim que entraram naquele mundo subterrâneo, Moore começou a suar.

Dirigiu-se ao chefe de máquinas, um homem gordo e calvo de cerca de sessenta anos, cuja pele brilhava coberta de suor. Ostentava costeletas que desciam das têmporas até o queixo. Assim que viu Moore, foi até ele limpando as mãos em um pedaço de estopa.

— Finalmente apareceu! — rugiu. — Há uma hora escutamos uma explosão no piso número três. No início, pensamos que tínhamos tocado uma mina, ou algo assim, porque essa sala está vazia... Ou deveria estar. Então, nós os encontramos e, claro, não sabíamos muito bem... é... pensamos que seria melhor o pessoal da segurança cuidar disso.

Sua voz foi se apagando enquanto falava, cada vez mais nervoso.

Moore olhou-o e então aconteceu o mesmo que no elevador. Como se duas imagens em movimento se sobrepussem, enquanto olhava para chefe de máquinas, que tinha atrás de si os enormes motores do *Valkirie*, as cores começaram a se dissolver e se misturar. Então, durante dois segundos, a imagem do fundo ficou borrada e, quando tornou a adquirir nitidez, havia mudado. Sobre os manômetros destruídos, viam-se restos de sangue e carne, e os corpos destruídos de três maquinistas jaziam no chão, atravessados

por centenas de pequenos pedaços de metralha. A visão era tão real que Moore deu um passo para trás, impressionado. Abriu a boca para gritar, mas nesse instante a imagem desapareceu outra vez, como uma bolha de sabão ao estourar. Tudo voltava ao normal. Os indicadores e as válvulas estavam em perfeito estado, brilhantes e lustrosos, e não havia o menor rastro da carnificina.

Foi uma ilusão, Otto. Você está muito cansado. Quanto antes tudo acabar, antes poderemos voltar ao bar e tomar um drinque.

— Onde fica essa sala?

— Por ali — apontou o chefe de máquinas solícito. — Do outro lado daquela porta.

Atravessaram uma divisória e entraram em uma sala cavernosa e vazia. Quando o projeto original do *Valkirie* foi feito, em 1938, previa-se que motores a carvão fossem usados, e aquele piso devia ter sido um imenso armazém para alimentar as caldeiras. No fim, tinham instalado motores a diesel, mais eficientes, e a imensa sala havia ficado vazia.

Moore entrou e piscou. Dois gigantescos motores de aspecto ultramoderno fumegavam, arrebatados, e os restos de engrenagens e de pedaços de metal retorcidos se encontravam espalhados por toda a sala. Fechou os olhos com força, e, quando os tornou a abrir, haviam desaparecido. A sala estava completamente vazia, exceto pelo grupo de pessoas sentado em um canto. A dor de cabeça de Moore só aumentava. Sentia-se doente, aquele calor o estava deixando enjoado e tinha vontade de vomitar. Teria matado por um bom trago.

— Está sangrando, senhor — disse um de seus homens em voz baixa, passando-lhe um lenço.

Moore o aceitou sem abrir a boca e esfregou o nariz. O cheiro denso e metálico dos motores a diesel do *Valkirie* se espalhava por todo o porão como um perfume espesso que impregnava a roupa, a pele e o cabelo. Levaria semanas para se livrar dele. Quem descia ali cheirava inevitavelmente à sala de máquinas.

Caminhou pela sala vazia temendo começar a ter visões outra vez a qualquer momento. Talvez devesse falar com o médico do

navio. Não era normal ver coisas que não existiam, coisas que não podia compreender. Mas a ideia se apagou de repente de sua cabeça, substituída pela perplexidade, assim que notou um grupo que estava apoiado em uma viga e que o olhava com expressão temerosa.

Era uma família, pelo menos parecia ser. Cinco membros, dois homens, duas mulheres e um bebê de poucas semanas que gemia fraquinho enquanto sua mãe o ninava.

Moore os observou. O homem jovem e a mulher deviam ser um casal. Ele era baixo, de óculos de armação de metal, pele muito clara debaixo de um cabelo prematuramente branco e olhos verdes de expressão inteligente. Segurava a mão da mulher, de formas esbeltas e escuros olhos castanhos que o encaravam com temor em um rosto oval envolto por um cabelo cacheado. De vez em quando se inclinava sobre o bebê e o acalentava, tentando fazê-lo parar de chorar. A seus pés havia uma menina de uns seis ou sete anos, vestida com um simples vestidinho de linho cinza e sandálias grandes demais para ela.

Estavam assustados, fracos e famintos. O pânico que destilavam era tão palpável que parecia envolvê-los como uma nuvem de fumaça densa. Moore soube, instintivamente, que era o principal responsável por aquele temor, e, de súbito, uma descarga de endorfina o sacudiu como se tivesse sido atingido por um raio. Aquela sensação era tão gratificante que chegava a viciar.

Tinham medo. *Dele.*

A vida daquela família estava em suas mãos. Era como se fosse um pequeno deus dos infernos. Engoliu em seco, quase sem poder respirar. Então, seu olhar parou no último membro do grupo, e a euforia se transformou em ira.

O homem mais velho devia ter quase oitenta anos. Seu aspecto era fraco e usava um terno preto que começava a ficar puído nos cotovelos. Tinha uma densa barba cinza, e de seu chapéu escapavam dois longos cachos que caíam na frente de suas orelhas. Sobre os ombros tinha um xale de listras azuis e brancas.

“Um maldito rabino”, pensou Moore. Um rabino a bordo do *Valkirie*.

O velho era o único do grupo que parecia olhar para ele sem medo. Seus olhos acinzentados pareciam atravessar Moore como dois raios de fogo, analisando-o até o canto mais íntimo de sua alma. Um sorriso sardônico se formou em um canto de sua boca, como se tivesse descoberto algo muito divertido no chefe de segurança.

Aquilo foi demais para Moore. Lançou o punho contra o rosto do velho como se fosse uma catapulta e o acertou. O velho voou para trás e caiu de costas enquanto sangue começava a jorrar de sua boca. A mulher e a menina soltaram um grito de alarme e tentaram ajudar o velho, mas o jovem as deteve enquanto olhava para Moore com uma expressão insondável no olhar. Sabia que naquela situação só podia perder.

O velho se levantou com dificuldade. Pegou o chapéu do chão, sacudiu o pó e o encaixou de novo. Então, aproximou-se de novo de Moore com uma expressão de aceitação e fatalismo no olhar. Era a expressão de um homem que conhece seu destino e sabe que o que vai acontecer é inevitável. Mas havia algo mais, algo tão fugaz se movendo por baixo que Moore não teria sabido definir... Uma advertência, talvez?

— E essas garrafas de água?

O chefe de segurança apontou para duas garrafas que estavam aos pés do grupo. A menina segurava outra nas mãos, como se estivesse prestes a beber quando Moore chegou e teve que congelar o movimento.

— Nós trouxemos — balbuciou o oficial de máquinas. — Aqui embaixo faz tanto calor que estavam quase desidratados. Devem estar escondidos aqui desde que saímos de Hamburgo. Poderiam ter morrido se não os tivéssemos...

Sem deixá-lo terminar, Moore soltou um grito de raiva e chutou as garrafas, que rolaram pelo chão. Enquanto a água se derramava, segurou com força a menina pelo braço esquerdo com uma de suas mãos enormes.

Apertou-a com força, e a menina soltou a garrafa com um grito de dor. Moore a chacoalhou no ar, como um leão brincando com um veado.

— Judeus sujos! — Cuspia pequenas gotinhas de baba ao gritar. A menina, apavorada, gritava de dor com cada sacudida. — Ratos comunistas nojentos! Vocês não têm o direito de estar a bordo de um navio do *Reich*, filhos... de uma grande... puta!

Ao pronunciar a última palavra, jogou a menina aos pés do pai, que se inclinou em um gesto instintivo para tentar pegá-la. Moore, que esperava esse movimento, deu um chute brutal que acertou o rosto do homem. Ouvia-se um estalo quando os ossos do nariz foram reduzidos a pedacinhos, e ele começou a sangrar. Seus óculos, destruídos, ficaram no chão.

— Ei! — O chefe de máquinas parecia igualmente incomodado e alarmado. — Não pode fazer isso aqui! São judeus, está certo, mas não merecem esse tratamento. São pessoas, afinal, não?

— Cale essa maldita boca! — Moore se virou e colou seu nariz a menos de cinco centímetros do rosto do maquinista. — Cuide de suas malditas máquinas! Este é um assunto de segurança, e um maldito maquinista não apita nada aqui! Se são pessoas ou não, quem decide sou eu! E nem pense em dar nem uma gota de água a esse lixo até eu voltar depois de informar o capitão! Entendeu?

O chefe de máquinas inflou o peito e olhou para Moore desafiador. Era um homem acostumado a ser amo e senhor de seus territórios, e estavam neles. Não aceitava que o desafiassem sem mais nem menos. Mas uma olhada na pistola que pendia da cintura de Moore e nos rifles de seus soldados o fez recuar, para seu pesar. Por fim, deu de ombros.

— Dane-se — murmurou cuspiendo no chão. — Não é problema meu. Vamos ver o que diz o capitão.

Com um sorriso de maligna satisfação no rosto, Moore se afastou do grupo sem olhar para a família que se amontoava em volta do pai com o rosto destruído e da menina machucada. O velho tinha fechado os olhos e se balançava de maneira mecânica murmurando

algo em hebraico. Em volta dele o ar parecia se condensar, mais denso.

Quinze minutos depois, quando voltou para a ponte de comando do *Valkirie*, Moore estava mais sereno. Tinha secado o suor, e sua jaqueta estava bem-ajeitada. Informou ao capitão sobre os clandestinos. Kuss/Harper, com a jaqueta de gala e luvas brancas nas mãos, estava pronto para ir ao grande salão. Dali até se podia ouvir, vagamente, o rumor dos passageiros concentrados no salão de jantar.

O capitão escutou com ar ausente o informe de Moore enquanto se olhava sem parar em um pequeno espelho de mão. Parecia ter algum problema com o bigode. Finalmente suspirou, exasperado, e se virou para Moore.

— Está bem, meu Deus! — murmurou com ar displicente. — Há alguns judeus no porão. E eu com isso? Estou muito ocupado, Dittmar. Tenho duzentas pessoas me esperando no salão. Cuide você do assunto. Afinal de contas, você é o chefe da segurança.

Moore assentiu à medida que uma sensação inebriante e obscura o invadia. Teve que fazer um esforço sobre-humano para não deixar transparecer suas emoções.

Você tem que cuidar deles, Otto. Dê uma lição a esses cães. Acabe com eles.

Moore assentiu, sem perceber.

Mostre a eles quem manda aqui, Otto. Mostre quem são os senhores da nova ordem.

— Sim — murmurou com a boca seca. — Sim...

O capitão havia aberto o diário de bordo e, com uma caligrafia pontuda, estava anotando a hora e as incidências do último turno da guarda. Ao ouvir Moore resmungar, levantou os olhos, e nesse momento uma pequena gota de tinta caiu sobre o papel, como um pequeno projétil. Suspirou irritado e passou um dedo por cima, mas a única coisa que conseguiu foi borrar o papel e deixar uma mancha escura no dedo de sua luva.

Ele não sabia que aquela seria a última anotação do diário de bordo. E que antes de tê-la escrito, outra pessoa já a havia lido, em

um momento diferente, em uma realidade diferente, que estava se fundindo lentamente com aquela. Se tivesse adivinhado, sua cabeça teria explodido. Mas o *Valkirie* guardava muito bem seus segredos.

— Vamos, Dittmar. — O capitão apontou para a porta. — O que está esperando? Resolva o problema de uma vez.

Moore assentiu e fez uma saudação antes de sair. E enquanto descia a escada, um sorriso impressionante dançou em seu rosto, sem que ele percebesse.

Porque, saída de alguma parte obscura, uma ideia terrível e assustadora brilhava como um farol em sua mente. E ele ia colocá-la à prática.

XLV

NO CORREDOR que dava para a sala de guarda, Kate olhava para as sombras que se moviam, completamente aterrorizada. Não conseguia afastar o olhar daquela massa escura que havia engolido todo o corredor e que absorvia até o último fóton de luz. Na penumbra crescente, a silhueta de Carter, de joelhos, delineava-se contra o fundo escuro porque era mais clara que a escuridão que avançava, algo que a mente de Kate tentava em vão processar.

A sombra rastejava pelas paredes e pelo teto. À medida que se aproximava das lâmpadas, elas começavam a piscar e emitir uma luz cada vez mais amarelada e fraca, que acabou desaparecendo por completo.

— O que é isso? — murmurou Senka muito pálida.

A sérvia, normalmente fria e racional, tremia feito uma vara verde. O estresse e o terror começavam a cobrar a conta.

— Não sei — conseguiu articular Kate.

Seus olhos não podiam se afastar daquilo, fosse o que fosse.

Kate.

A voz se cravou em sua cabeça como um prego enferrujado. Kate soltou um gemido e caiu de joelhos.

Kate. Vadia presunçosa. Achou que podia debochar de mim?

— Temos que ir! — uivou enquanto cambaleava para se levantar.

Apoiou-se em uma mesinha. Sobre ela havia um vaso, que caiu no chão e se espatifou. Kate caiu de novo, arrastando Senka junto. As duas mulheres ficaram feito um novelo no chão, arfando. O ar era muito denso e quente para poder respirar. De novo, cheirava a óleo queimado e a algas podres, mas, dessa vez, com mais intensidade que nunca. Mal havia oxigênio, e pequenas centelhas coloridas dançavam diante dos olhos de Kate. Compreendeu que estavam prestes a morrer asfixiados.

Você não vai a lugar nenhum, Kate. Ele não está aqui. Eu o enganei. Ele está perdido, e agora não pode mais vê-la. Você é minha.

A escuridão começou a rastejar para ela devorando tudo em seu caminho. Kate mal podia distinguir suas próprias mãos a meio metro de seu rosto. O elevador situado no final do corredor parecia estar a um milhão de quilômetros, longe demais para ser uma alternativa.

Na sombra vão ficar beeeemm, Kate. Eu cuidarei de toooodos. Aqui na sombra nuuuunca faz frio. Nunca faz frio. Nunca faz frio...

Alguma coisa acertou o ombro de Kate com força. Ela soltou um grito de angústia, mas não se moveu. Sua cabeça latejava com tanta intensidade que sentia suas gengivas balançar em ondas rítmicas. Não conseguia pensar com clareza.

O golpe se repetiu. Só então Kate percebeu que era Carter. O físico pingava sangue por todos os orifícios de sua cabeça, inclusive pelos olhos, e lhe dava pequenas palmadas nas costas, incitando-a a se levantar. As lágrimas de sangue desenhavam grotescas manchas em seu rosto e lhe davam a aparência de um palhaço psicopata enlouquecido. Sua expressão era de dor, uma dor tão intensa e distante do natural que o estômago de Kate se embrulhou.

— Corram — arfou Carter quase em um sussurro. — Corram!

Carter lhe mostrou a outra mão. Nela segurava um sinalizador naval de aspecto antiquado. Kate não teve tempo de se perguntar de onde o físico norte-americano o teria tirado, porque Carter rasgou o papel e puxou o anel em um único movimento.

O corredor se inundou instantaneamente de um brilho que doía nos olhos, enquanto um exército de faíscas vermelhas saltava em

todas as direções, cercadas de uma fumaça densa e impenetrável. As sombras piscaram e tremeram por um segundo, surpresas com aquele repentino e inesperado jorro de luz que as partia em pequenos pedaços e iluminava todo o recinto. Ouviu-se um gemido abafado, que logo se transformou em algo parecido a um grito de fúria. Carter uivava de dor à medida que centenas de pequenas veias começavam a estourar por todo o seu corpo como uma fileira de lâmpadas submetidas a uma sobrecarga de tensão.

— CORRAM! — uivou enquanto cambaleava e voava corredor abaixo, em direção contrária ao elevador.

Rumo ao coração das sombras.

A escuridão se mexeu – Kate pôde ver a negrura girar sobre si mesma – quando Carter, soltando um último uivo de desafio, adentrou as sombras. O sinalizador começou a perder luminosidade assim que cruzou a primeira linha de bruma escura, e as penumbras tornaram a avançar.

Kate ajudou Senka a se levantar, e as duas mulheres saíram correndo para o elevador, que tinha um brilho muito fraco no fundo do corredor. Aqueles dez metros pareciam tão longos quanto uma maratona. As sombras se moviam atrás delas, devorando metro a metro, cada vez mais perto. Algo aquoso e frio roçava o cabelo delas e puxava as mechas que balançavam nas suas costas. Um dedo úmido tocou o pescoço de Kate, como a língua de um peixe morto, e a jovem deixou escapar um grito misto de pânico e de dor.

O elevador estava a apenas dois metros. Nesse momento, o berro desafiador de Carter se transformou em um uivo de dor infinita, que se apagou de repente, como se alguém tivesse desligado um fio da tomada. O sinalizador se consumiu por fim, e as sombras do corredor ficaram mais escuras que o céu sem estrelas de um planeta frio e desconhecido. As sombras ciciavam, ambiciosas.

Senka e Kate entraram na cabine, e, enquanto a sérvia fechava a grade, Kate apertava o botão freneticamente. A cabine se fechou e com um solavanco começou a descer para as entranhas do *Valkirie*.

Do outro lado da grade, ouviu-se algo parecido com um suspiro de indignação, seguido de uma batida forte. Alguma coisa rugiu com

ira, e os golpes se transformaram em uma sinfonia frenética. Um pedaço de metal se soltou da grade e caiu sobre a cabine, repicando no teto. Kate e Senka se olharam e, assustadas, se abraçaram. Kate achou ter ouvido a voz de Robert, desafiadora; desafiando a coisa escura. Mas não podia ter certeza. Talvez fosse apenas sua imaginação. A verdade foi que a sombra parou de prestar atenção nelas e se concentrou em outra coisa.

De repente, os ruídos pararam por completo. A sensação de embotamento que as continha foi se dissipando à medida que o elevador mergulhou nos níveis inferiores do navio. O ar parecia se tornar mais respirável, e, pela primeira vez em muito tempo, Kate se ergueu sem a sensação de que estavam violentando sua mente.

— Parece que ficou para trás — murmurou, não muito convencida, enquanto tentava recuperar o fôlego.

— Acho que sim — respondeu a sérvia olhando hesitante para o teto.

Vestiu a calça de moletom e com um elástico fez um rabo de cavalo no cabelo. Pouco a pouco parecia ir recuperando o controle.

— Mas não acredito que possamos despistar isso... o que quer que seja, durante muito tempo. Temos que sair deste navio o quanto antes, ou cedo ou tarde vai nos encontrar.

— Não é tão simples assim — respondeu Kate. — Estamos no meio do oceano Atlântico, caso não se lembre.

— Podemos pegar um dos botes.

— E ficar à deriva a mil quilômetros do lugar mais próximo, no meio de uma tempestade? É uma ideia bem ruim.

— Correr sem plano algum por este maldito navio até que a coisa nos encontre é pior ainda, Kate. — O sotaque eslavo da sérvia estava mais forte que nunca por causa do nervosismo. Ela riu, tétrica. — A não ser que você tenha um plano melhor, devíamos ir para a coberta, e não para o porão. É o equivalente a fugir para o sótão de uma casa assombrada.

— Temos que descer até as caldeiras. A única saída possível deste pesadelo é por ali.

— Como você sabe?

Kate a olhou fixamente. Era complicado explicar que tinha ido para a cama com seu marido poucas horas antes e que ele lhe havia sugerido isso. Especialmente porque seu marido estava morto fazia três meses. Embora a linha entre o sensato e o insensato há muito tempo tivesse desaparecido a bordo do *Valkirie*, aquilo era íntimo demais.

Senka a olhou e finalmente suspirou com um meio sorriso que dizia tudo.

— Ao me tirar daquela cela você me livrou de reviver uma experiência horrível. — A sérvia estremeceu com uma expressão de repulsa deformando seu belo rosto. — Você não imagina o que pretendiam fazer comigo. Eu os ouvi conversar do outro lado da porta. Esses... filhos da puta. É a única coisa que consigo lembrar.

— O que aconteceu?

— Só isso. Só falavam em que ordem iam me... Depois, lembro uma pontada muito forte nas têmporas e depois... nada, até que vi você me beijando. — Dessa vez Senka sorriu mais abertamente, mas seu lábio rasgado a fez franzir o rosto. — De modo que ou estou louca, ou este navio é amaldiçoado. E qualquer uma das opções é assustadora. Então, se quiser ir para o porão em vez de se aventurar no oceano, talvez não seja tão má ideia, afinal de contas.

Foi a vez de Kate sorrir, e as duas mulheres se abraçaram. Precisavam sentir que tinham uma à outra. Então, o elevador parou com um estremelecimento final.

As portas se abriram. Uma lufada de ar quente como o inferno acertou-as com força no rosto. E Kate teve que se apoiar para não cair diante do que seus olhos viam.

XLVI

ERA UMA IMAGEM saída de um quadro de Bosco. Kate tremia incontrolavelmente quando saiu da cabine do elevador, muito abalada para poder falar. Era incapaz de olhar fixamente para um lugar por mais de um segundo, estava enojada, tudo girava. Sentiu ânsia de vômito, mas seu estômago estava vazio e só conseguiu expulsar um fio de bile.

A explosão dos estabilizadores tinha lançado uma chuva de metralha letal na sala de máquinas. Os corpos rasgados do chefe de máquinas, um sujeito alto e atlético, e dos outros quatro maquinistas estavam espalhados por toda a sala. Os pedaços maiores pareciam alfineteiras onde algum gigante sádico havia se divertido cravando afiadas lascas de metal retorcido em pedaços de carne. O sangue pingava pelas capas dos motores, que continuavam rugindo no modo automático. O cheiro de óleo e diesel queimando se misturava com o de sangue cozido sobre as placas quentes de metal.

Kate desabou no chão com uma mistura de esgotamento psíquico e emocional. Tudo aquilo era demais. Estava tão cansada e sentia tanto medo que nem sequer era capaz de chorar. Parecia que suas emoções estavam desconectadas, ou encobertas por completo. A única coisa que queria era fechar os olhos e dormir por pelo menos uma semana. E que, ao acordar, tudo aquilo não passasse de

um pesadelo. E que o corpo quente de Robert estivesse a seu lado na cama, claro.

— O que você tem? — perguntou Senka inclinada sobre ela com o rosto tomado de preocupação. — Não se sente bem?

Kate meneou a cabeça, esgotada.

— Este lugar — disse soluçando. — Muito sangue, muito horror, muita morte, Senka. Não aguento mais.

A sérvia olhou a seu redor com uma expressão de perplexidade no rosto. Deu dois passos para o centro da sala de máquinas e um de seus pés ficou a menos de um centímetro da cabeça decepada de um maquinista. Do pescoço do cadáver saíam duas dúzias de pedaços de aço que haviam atravessado suas costas até acabar ali, depois de separar o crânio do resto do tronco.

— Temos que aproveitar, Kate! — disse. A urgência ofuscava sua voz com um matiz de angústia. — Seja o que for que viemos fazer aqui embaixo, agora que não há ninguém é nossa oportunidade!

A sérvia deu um passo para a frente e pisou em um pedaço de pulmão que se desmanchou sob seu pé descalço com um som viscoso. Senka nem se alterou, olhando fixamente para a jornalista com uma expressão de aflição.

Então, Kate compreendeu tudo.

“Ela não pode ver”, pensou Kate. “Não vê nada do que nos cerca.”

— Diga uma coisa, Senka. Não notou nada estranho aqui? Não vê nada que lhe chame a atenção?

— Esse cheiro metálico. — A sérvia estremeceu. — Lembro que senti um cheiro parecido antes de... — Então, arregalou os olhos, com o terror estampado neles, e virou a cabeça em todas as direções. — Acha que está aqui? A sombra nos alcançou?

— Não, acho que não — respondeu Kate levantando-se de novo.

Sentia-se incrivelmente velha, como se sua alma carregasse um milhão de pedras pesadas. Alguma coisa nela havia mudado, talvez para sempre. Podia ver coisas que ninguém mais percebia. Estava presa entre dois mundos. Talvez até entre mais.

- É só o cheiro dos motores, Senka.
- O que viemos fazer aqui embaixo?
- Temos que deter o *Valkirie* de qualquer jeito.

Olhou para seu relógio. Já havia passado a hora da última anotação feita no diário de bordo. Qualquer coisa que ocorresse (qualquer coisa que tivesse ocorrido, corrigiu-se), estava prestes a acontecer.

A acontecer de novo.

— Como vamos fazer isso? Não sei como funcionam esses motores.

Senka apontou para o labirinto de relógios, alavancas, botões e manômetros atrás delas. Ao fazer isso, seu dedo indicador tocou em um painel encharcado de sangue e de restos esponjosos de cérebro. Com uma mistura de nojo e fascínio, Kate observou a ponta manchada de sangue, que apontava ao acaso, sem que se notasse que estava pingando sangue e restos humanos.

— Imagino que, se fecharmos alguma destas válvulas, estrangularemos o sistema de admissão e as caldeiras vão se desligar. Mas corremos o risco de fechar a válvula errada, provocar um aumento de pressão, e tudo voar pelos ares. Mandaríamos o navio para o fundo do mar, e nós duas iríamos com ele.

— Deve haver outro jeito — murmurou Kate enquanto dava alguns passos pela sala evitando tocar nos corpos mutilados.

“Robert, agora seria um momento fantástico para você me dizer alguma coisa.”

Seu pé direito tropeçou em algo que rolou com um som musical. Kate o seguiu com os olhos pensando que devia ser um pedaço de metralha, mas aquele pedaço de metal tinha uma forma muito alongada e perfeita.

Intrigada, observou-o. Era um parafuso comprido, de uns cinco centímetros, e estava perfeitamente engraxado e reluzente. Perguntava-se de onde teria saído. Então, o parafuso se moveu levemente, como se uma pedra imantada tivesse se aproximado dele. Tremeu durante um segundo e começou a rodar sobre si mesmo.

No início, Kate pensou que era por causa das ondas que sacudiam o navio cada vez com mais força, mas, então, percebeu que o parafuso rodava em direção contrária à inclinação, enquanto os restos caídos pelo chão deslizavam em direção oposta, em uma catarata de pedaços de ferro, carne e restos inidentificáveis. Era de arrepiar. Um desafio a todas as leis da física. Com uma pontada de dó, Kate pensou que Carter teria adorado ver aquele fenômeno.

O parafuso rodou até encontrar uma grade de aço situada na parede, e por fim parou ali. Havia mais cinco parafusos apoiados em uma jaqueta dobrada cuidadosamente na esquadria da grade. Alguém a havia colocado ali para evitar que a grade se fechasse de novo e fosse difícil de mover.

“Obrigada, Robert.”

— Aonde leva esse túnel? — perguntou Senka enquanto ajudava Kate a tirar a grade. A jornalista deu de ombros, o que arrancou um sorriso tenso da sérvia. — Imagino que não deve haver um parafuso rolante dentro desse corredor que nos diga o que temos que fazer, não é?

Como única resposta Kate entrou no corredor e começou a avançar. O cheiro de óleo queimado era muito mais intenso ali que em qualquer outra parte do navio. O corredor se estreitava até se tornar um túnel de paredes curvas, cada vez mais estreito e escuro. Só então percebeu que nenhuma das duas tinha uma lanterna. Não tinham outra opção além de entrar às cegas na negrura.

O espaço estava cada vez mais reduzido, e Kate sentiu uma crise aguda de claustrofobia. Viu a si mesma trancada naquele pequeno conduto com centenas de toneladas de aço e encanamentos sobre sua cabeça e só uma lâmina de aço – que lhe parecia muito fina – separando-a de milhares de metros de água gelada. À sua frente só a escuridão, e atrás o corpo de Senka que interceptava a única saída. A altura do túnel se reduziu subitamente e as obrigou a avançar de quatro pelo resto do trajeto.

Kate parou. Sentia as pernas e braços atados. Sua respiração estava cada vez mais difícil e arfante. Pequenas manchas de luz dançavam diante de seus olhos na escuridão. Apertou as pálpebras.

O suor escorria sem parar por suas costas e seus flancos, colando a roupa a seu corpo como uma segunda pele. Estava respirando com tanta dificuldade que achou que ia desmaiar.

“Vou ficar entalada. Ficaremos presas aqui e a sombra nos devorará nesta ratoeira.”

Calma, meu amor. Falta pouco. Tenha fé, K. K.

A voz de Robert explodiu em sua cabeça com força e teve o efeito de um bálsamo imediato. Seus nervos relaxaram instantaneamente. Abriu os olhos e viu o fraco brilho de luz de uma lanterna piscando a pouca distância, talvez a menos de dez metros. Engatinhou até a luz, mas seu olfato foi assaltado por um novo cheiro que se sobrepunha ao aroma de óleo queimado. Cheirava à podridão e à pele chamuscada.

Então, notou que ao lado da lanterna havia um vulto imóvel. Era um corpo humano. Kate se encheu de coragem e rastejou os dois metros finais até chegar à altura da perna daquela pessoa. Puxou a calça, mas ela não se moveu. Estava morta.

Reprimindo o nojo e a repulsa, virou o corpo até deixá-lo de barriga para cima e poder ver seu rosto. O rosto embotado e coberto de sangue de Will Paxton, o geólogo, observava-a do além com uma expressão muda de estupefação e raiva que havia ficado congelada nele para toda a eternidade.

— É Paxton, o geólogo.

Senka havia engatinhado até lá. As duas mulheres, magras, mal cabiam lado a lado naquele estreito conduto, onde Paxton, mais corpulento, estava quase entalado.

— Que diabos estava fazendo aqui?

Kate segurou a lanterna de Paxton, que estava quase sem bateria, e iluminou o final do túnel. Então, puderam ver a escotilha aberta sobre o conduto do eixo e os pacotes de Sentex empilhados como o jogo infantil de uma criança perigosa, com os cabos dos detonadores pendendo, prontos para ser conectados.

— Paxton era o agente da Wolf und Klee — murmurou Kate incrédula. — Eu nunca teria suspeitado.

— Pode ser — murmurou Senka com um estremecimento, mergulhada em suas próprias recordações. — Ou talvez não. Talvez tenha sido o *Valkirie* que o trouxe até aqui. Quem era é o de menos. O importante é o que estava fazendo.

A sérvia contemplou o pacote de Sentex e o vão do eixo com expressão pensativa durante alguns segundos. Por fim, afirmou, convicta.

— Ele queria inutilizar o eixo, isso é certeza — murmurou enquanto manipulava os detonadores, afastava uns pacotes de explosivo e os passava para Kate. — Mas estava usando muito material. Se tivesse explodido tudo isto, teria feito um buraco no casco do tamanho de um ônibus. Teria nos levado ao fundo em menos de cinco minutos, e sem tempo para soltar os botes.

A sérvia franziu o cenho enquanto recolocava as pastilhas de Sentex restantes sobre a escotilha do eixo.

— É estranho — disse para si mesma em voz alta. — Alguém capaz de mexer com este tipo de material sabe muito bem calcular a quantidade necessária. Não entendo como pôde cometer um erro tão estúpido.

— Talvez não estivesse conseguindo pensar com clareza — especulou Kate. — Neste navio, às vezes, a mente parece funcionar de outra maneira.

Senka ficou arrepiada assimilando o que Kate tinha acabado de dizer. Aquilo se parecia tanto com sua própria experiência que tinha a sensação de estar vivendo-a pela segunda vez.

— Isto vai ser suficiente. — Apontou o monte que havia formado; havia apenas três pequenos tijolos de material explosivo. — A explosão deformará o eixo e provavelmente fará alguma fissura no casco, mas não será nada sério. Vou colocar o temporizador para que exploda daqui a quinze minutos, o que acha?

Kate calculou e assentiu. Em quinze minutos podiam sair da sala de máquinas, pegar o elevador e tentar chegar à cobertura externa para se esconder dentro de um dos botes que pendiam na lateral do navio. Com um pouco de sorte, passariam despercebidas até que o momento que singularidade acabasse, e tudo voltasse ao normal. E,

caso aquela loucura continuasse, sempre poderiam soltar as amarras e deixar o bote cair no oceano, com as duas dentro, e ter fé que algum outro navio as encontraria à deriva.

Senka apertou uma série de botões e cravou a ponta de um cabo detonador na massa terrosa do Sentex. No último momento, levada por uma iluminação repentina, arrastou a bolsa de lona verde de Paxton e procurou algo dentro dela. Com um sorriso perverso, tirou uma peça que parecia uma pinça de metal e conectou-a ao explosivo. Em seguida, com extremo cuidado, pôs o corpo de Paxton em cima da peça, no meio do corredor, de modo que para chegar ao explosivo seria preciso afastá-lo.

— Isso era um detonador de pressão — explicou enquanto voltava de quatro, arrastando a bolsa de lona. — Se alguém tentar chegar à bomba e remover o cadáver, vai provocar uma explosão.

Quando saíram da sala de máquinas, Kate respirou ansiosamente. Encheu os pulmões do ar viciado e podre do porão, mas, depois daqueles minutos intermináveis trancadas no tubo de serviço, pareceu o ar mais delicioso que já tinha inspirado em toda sua vida.

Voltou-se para Senka, sorridente, e seu coração se encolheu até o tamanho de uma cabeça de alfinete ao ver a expressão de terror no rosto da sérvia.

Então, sentiu uma dor insuportável na parte posterior da cabeça, a escuridão caiu sobre ela, e Kate não viu mais nada.

XLVII

MOORE ESTAVA tão exultante e feliz que não conseguia ficar quieto. Para começar, tinham lhe dado total autoridade para cuidar da família judia. Isso por si só já era maravilhoso, e sua mente fervia de inquietação enquanto as vozes não paravam de sussurrar coisas interessantes e obscuras em seus ouvidos dispostos.

Mas, além de tudo, como em um passe de mágica, assim que saiu do elevador de carga com três de seus homens, tinham se deparado com as duas putas comunistas. Ambas estavam de costas, aparentemente distraídas falando entre si. Aquilo, sim, tinha sido um golpe de sorte. As vozes tinham uivado em um coro delirante de júbilo quando Moore bateu com a coronha da arma na nuca da cadela ruiva. Se tivessem chegado cinco minutos antes ou cinco minutos depois, teriam colocado suas bombas e escapulado em segredo de novo.

Eram muito boas, tinha que reconhecer. A sérvia tinha conseguido fugir de sua cela de uma maneira impressionante. Os três homens que deviam estar de guarda tinham desaparecido por completo, sem deixar o menor rastro, algo que preocupou um pouco Moore; até que a voz principal lhe disse para esquecer aquele detalhe. E Moore, que acreditava de pés juntos no que *ela* dizia, fez isso. Era sua amiga. Sua deusa pessoal. Sua guia.

Aquelas duas mulheres andando soltas pelo navio eram um problema de segurança. E, de repente, como se caíssem do céu,

cruzavam seu caminho com uma bolsa cheia de detonadores e um estranho material de aspecto terroso e futurista, mas que só podia ser um explosivo. Havia derrubado a inglesa, e dois de seus homens a arrastavam, enquanto o terceiro soldado dava uma chave de braço na sérvia, que se debatia como uma cobra.

Entraram de novo no depósito de carvão. O chefe de máquinas e seus três homens de guarda ficaram ali com expressão de poucos amigos, tentando não olhar para os clandestinos. Pareciam envergonhados, como se suspeitassem o que ia acontecer. Quando Moore entrou seguido de seu cortejo, levantaram os olhos, surpresos.

— Mais clandestinos? — perguntou o chefe de máquinas. — Parece uma maldita praga de baratas. Alguém devia ter mais cuidado em Hamburgo, maldição!

— Estas são piores. — Moore apontou com o dedo por cima do ombro. — São sabotadoras comunistas. Provavelmente judias. Não precisam mais ficar aqui, chefe. Voltem ao trabalho. De agora em diante, nós cuidaremos disso.

Moore fez questão de que sua última frase soasse tão carregada de ameaças implícitas que o chefe de máquinas empalideceu de repente e saiu quase correndo dali. Fosse o que fosse, não queria ter nada a ver com aquilo. O sanduíche que havia comido uma hora antes estava ameaçando voltar.

Kate começou a voltar a si aos poucos. As imagens dançavam diante de seus olhos como se tivesse bebido a adega inteira do navio. Tinha vontade de vomitar e uma dor de cabeça terrível, mas diferente da que provocava a sombra escura. Levou a mão à nuca e a retirou, dolorida, depois de apalpar um galo do tamanho de um ovo de pombo.

Moore observou a família judia como se os encontrasse pela primeira vez. O jovem pai tinha conseguido estancar o sangue do nariz, mas os ossos precisariam de cirurgia para recuperar seu aspecto original. Os óculos eram só uma recordação retorcida e quebrada, e parecia igualmente furioso e assustado. A mãe soluçava suavemente sobre o bebê, enquanto o braço esquerdo da menina,

onde Moore a havia segurado, adquiriria uma cor preta que sem dúvida percorreria toda a escala de cores nas próximas horas. Se é que chegaria a vivê-las.

Só quem não havia mudado de posição era o velho rabino. Continuava se balançando, incansável, apoiado sobre os pés como se fossem dois postes de cimento presos no chão. Sua ladainha não passava de um murmúrio incompreensível e que quase não se ouvia em meio ao ruído tronante dos motores que chegava até ali. Mantinha os olhos fechados, mas, quando Moore ficou ao seu lado, parou e os abriu.

O rabino não pestanejou. Simplesmente passou seu olhar pelo grupo sem deixar transparecer a menor emoção. Parecia estar em um lugar muito distante, para além de toda sensação, emoção ou sofrimento. Então, seu olhar pousou em Kate. Seus lábios se curvaram em um delicado sorriso, quase imperceptível, e pronunciou sete palavras simples, com uma voz surpreendentemente firme para um homem de sua idade.

— Olá, Kate. Finalmente está aqui. Podemos começar.

Isso foi tudo. Fechou os olhos de novo e retomou seu balanço rítmico, alheio ao que o cercava, distante e em paz.

— Você conhece o judeu! — Moore deu um salto. Sua pele estava vermelha, e ele vibrava de ira. — Eu sabia! Sabia que eram agentes judias! É a maldita conspiração sionista! Confesse!

Kate meneou a cabeça, ainda caída no chão, fraca e confusa demais para falar. Olhava para aquela família com os olhos arregalados, indo de um para o outro, e no fim parou no último deles. O velho.

— Bem, se você não falar, então talvez ele fale.

Moore se voltou e, sem nenhum aviso, deu um chute brutal no joelho do velho. A articulação deu um estalo seco, como lenha ao se partir no inverno. O homem caiu no chão com o rosto lívido, os lábios apertados sem emitir um único som. Caído sobre a coberta, limitou-se a olhar para Kate com uma expressão de carinho e afeto tão enternecedora que a jornalista se sentiu realmente impressionada.

— Papai!

O grito da jovem que segurava o bebê no colo foi lancinante. Apertou com força a criança contra seu peito, debatendo-se entre proteger o filho e ajudar o pai caído no chão. Não teve oportunidade de pensar. Moore fez um gesto, e um de seus homens se jogou sobre ela e cravou o cano do fuzil na parte baixa do estômago. A mulher se dobrou ao meio, abrindo a boca como um peixe fora d'água. Em um gesto instintivo, apertou os braços em volta do filho, não conseguindo evitar bater com força no chão ao perder o equilíbrio. Enquanto caía, virou o corpo para que a criança se livrasse do golpe. Ouvia-se um estalo desagradável quando suas costelas bateram no chão e de sua boca escapou um grito de dor.

Seu marido por fim saiu do estupor e acertou o guarda que estava a seu lado. O soldado estava distraído, pingando sangue pelo nariz e ouvidos, com o olhar nas pernas pálidas da mulher caída. O soldado se virou para não cair no chão. Afastou os braços, e foi nesse momento que o jovem judeu deu um puxão no fuzil que o guarda trazia no ombro e o arrancou em um gesto rápido.

Faltou muito pouco. Apenas dois ou três segundos. Se tivesse tido essa pequena margem de tempo, o jovem judeu poderia ter engatilhado o Mauser e apontado para o resto do grupo. Se tivesse alguma experiência com aquela arma, não teria hesitado durante um imperdoável instante antes de colocar a mão ao mecanismo. Se tudo tivesse sido levemente diferente, o resto da história teria mudado por completo. Mas o destino estava marcado. A sombra escura ria na escuridão dos cantos, regozijando-se com um drama já desfrutado um milhão de vezes desde a primeira vez.

O rapaz levantou o cano da arma tarde demais. Ouviram-se alguns disparos, e dois enormes buracos se abriram em sua camisa de flanela. Voaram pelo ar pedaços de osso e gotas de sangue. Uma expressão incrédula se desenhava em seu rosto antes de cair de joelhos, com o fuzil ainda nas mãos. As flores vermelhas de seu peito haviam se transformado em uma enorme mancha escura que não parava de crescer. Sua mulher soltou um grito abafado, coberto pelo choro inconsolável da filha, que tremia como uma vara verde. O

soldado de quem o jovem havia arrebatado o fuzil emitia sons furiosos enquanto chutava o corpo do judeu, e de repente todo o mundo estava gritando ao mesmo tempo.

Kate observava a cena horrorizada, abalada demais para falar. Tinham acabado de matar um homem diante dela, a sangue frio. Senka observava distante, com uma expressão de concentração extrema. Se Kate tivesse tido a serenidade de observá-la, teria percebido que a sérvia parecia uma pilha carregada de energia prestes a explodir.

Só quem mantinha a calma naquele caos era Moore, que ainda segurava no alto seu fumegante Walther PPK. O sorriso em seu rosto se abria até alcançar uma dimensão antinatural e disforme. As vozes em sua cabeça entoavam um hino selvagem, aniquilando até o último vestígio de sua personalidade. De Moore não restava nada além da carcaça. O *Oberfeldwebel* Otto Dittmar havia voltado da escuridão e estava sedento de vida.

— Silêncio — grunhiu.

De alguma maneira, sua voz conseguiu atravessar a balbúrdia e pouco a pouco todos se calaram. Só se ouviam os soluços da mulher e o choro lancinante da menina e do bebê, já cada vez mais fracos.

— Já que queriam subir a bordo, vamos deixar que fiquem no *Valkirie*. — A voz de Moore tinha se tornado áspera. Para Kate, parecia de outra pessoa. — Mas em um alojamento de acordo com suas possibilidades. Não vamos esquecer que estamos falando de ratos judeus.

Levantou o braço e apontou para um costado do navio. Naquele espaço aberto, as placas externas do *Valkirie* estavam à vista, marcadas a cada poucos metros por enormes quadernas de aço que pareciam as gigantescas costelas de um animal pré-histórico.

Levaram os prisioneiros aos empurrões até ali. Obrigaram Kate e Senka a arrastar o corpo do jovem pai e encostá-lo no casco, ao lado de sua família. A jovem mãe olhou suas mãos, horrorizada. Estavam cobertas de sangue do rapaz. Esfregou as palmas na roupa, já manchada de gordura, para tentar limpá-las. Moore observou o gesto e riu com um som desagradável e oco.

— Não se incomode, cadela — grunhiu. — Para onde vai, não importa sua aparência.

Girou sua pistola, apontou para a cabeça da mãe judia e apertou o gatilho sem pestanejar. Na testa da mulher surgiu um pequeno buraco vermelho, mas a parte posterior de sua cabeça explodiu como um balão. Um jato de ossos destruídos, sangue e cérebro salpicou a placa de aço do casco do *Valkirie* desenhando algo parecido ao quadro expressionista de um artista demente. O corpo da mulher caiu no chão, ainda sacudido por convulsões. Kate, horrorizada, não podia afastar o olhar das pernas da mulher, que se agitavam sem controle.

Em seguida, Moore apontou para a menina. O sangue de Kate gelou nas veias. Conhecia aquela menina. Sabia quem era. Tinha falado com ela naquele momento que parecia ter acontecido bilhões de anos antes. Reconheceria até no inferno aquele vestido grosseiro e os hematomas de seu braço. Mas, especialmente, reconheceria a expressão triste de seu rosto.

— Esther... — murmurou com a voz fraca.

A menina olhou para ela enquanto uma lágrima escorria por sua face. Fechou os olhos, sabendo o que ia acontecer. Como se já tivesse acontecido muitas vezes.

Moore disparou uma bala que entrou pela têmpora da menina. A massa encefálica encharcou seu cabelo louro e o corpo dela voou para trás como se um gigantesco martelo a tivesse acertado. Suas pernas se emaranharam, e ela desabou aos pés de Kate. A jovem observou hipnotizada uma poça de sangue muito vermelho se espalhar lentamente em torno da cabeça da menina, como uma auréola de chamas, até tocar a ponta de suas botas.

Pela primeira vez teve consciência de que ia morrer ali. Fim do caminho. Um tiro saído das mãos de um demente que achava que estava nos anos 1930. Ou que, pelo menos, estava em parte nos anos 1930. A sombra tinha vencido.

Moore apontou de novo seu Walther PPK, dessa vez para o velho judeu, que contemplava com uma expressão de tristeza os corpos de sua família morta. O murmúrio que estava recitando antes parecia

ter finalmente acabado, e seus punhos estavam fechados. Então, ele levantou o olhar e se deteve um instante em Kate.

— Calma, Kate. — Sua voz era fraca como um rio secando. — Tudo vai dar certo.

Então, virou-se para Moore e sua expressão se transformou por completo. O velho utilizou a pouca energia que lhe restava para se endireitar sobre seu joelho destruído e, por um instante, se transformou em uma espécie de gigante aterrorizante que exalava ondas de energia. As sombras dos cantos se agitaram, perturbadas e inquietas, em meio a um concerto de sussurros ininteligíveis cuja intensidade crescia.

— Você!

A voz do velho se transformou em um rugido enquanto esticava um dedo acusador para Moore. Uma leve brisa agitou a cauda de seu casaco remendado. O vento soprava com mais intensidade à medida que os segundos se passavam. A parte mais primitiva do cérebro de Kate sabia que não era possível um vento soprar dentro de um espaço fechado a bordo de um navio, mas não podia fazer nada para controlar o pânico.

— Você!

O velho rugiu de novo e levantou o outro braço. Abriu seu punho e um pó de cor arenosa foi levado pelo vento em todas as direções, criando formas sinuosas variáveis no ar antes de se dissolver.

— *Pulsa Denura! Pulsa Denura!*

O pó atingiu Moore junto com as palavras do velho. As sombras pareciam ter enlouquecido e giravam como um furacão em volta deles, emitindo sons confusos. A sala inteira parecia pulsar com uma vibração própria, e os rebites tremiam.

— *PULSA DENURA!*

O grito foi quase sobre-humano. Ao mesmo tempo que o lançava, abriu as duas mãos e apontou todos os dedos encarquilhados e disformes para o rosto de Moore. Aquilo foi demais para o chefe de segurança. Levantou sua pistola e disparou três tiros. O primeiro atingiu o ombro do velho, fazendo-o girar como um pião. O segundo entrou por um flanco e atravessou seus pulmões de

lado a lado antes de sair e se enterrar em um montante de aço. A terceira bala partiu sua espinha dorsal, e o velho tombou no chão como um boneco de pano, morto antes de tocar a coberta.

Assim que o velho ficou imóvel, o furacão parou, o vento cessou, e as paredes pararam de tremer. A calma voltou ao local enquanto os restos de tecido e pedaços de papelão que haviam chegado até o teto caíam lentamente sobre todos eles. Tudo parecia normal.

Mas havia uma mudança sutil.

Eram as sombras nos cantos. Já não se moviam nem murmuravam, mas eram negras, escuras como a noite mais profunda, densas como um poço de petróleo. Pareciam ter consistência quase sólida.

Pareciam respirar. Pulsar.

Prestes a começar a fazer alguma coisa.

Moore, transpirando, virou-se para dois de seus homens e apontou para umas placas de aço cuidadosamente empilhadas como lastro em uma lateral.

— Empilhem os corpos aí do lado e depois cubram com essas placas. — Sua voz soava calma, como se não tivesse acabado de assassinar quatro pessoas a sangue frio. — Peçam equipamento para fazer as soldas ao chefe de máquinas. Já que subiram a bordo, que fiquem a bordo, mas para sempre. Como ratos, atrás das paredes. — Virou-se para Kate e Senka, que se mantinham imóveis, testemunhas oculares daquele drama. — E emparedem elas também, mas vivas.

— Mas... senhor — balbuciou um de seus homens. — Vão ficar sem ar. É um espaço muito...

Moore virou e o contemplou fixamente, sem dizer nada. Suas pupilas pareciam dois jatos de ódio preto pulsante com vida própria, capazes de atravessar cem metros de aço. O homem se encolheu sob o olhar de seu superior, gemendo. Uma voluta de escuridão fez um redemoinho no teto, acima de sua cabeça, e de um de seus canais lacrimais começou a deslizar uma pequena gota de sangue. Girou a cabeça como uma marionete sem uma das cordas.

— Façam o que eu disse. — A voz de Moore soava como um trovão distante. — Agora.

Seus homens começaram a se mover aos tropeções, empurrando as duas mulheres sob a mira do fuzil para o costado onde se empilhavam os corpos sem vida.

Naquele momento, Senka por fim decidiu agir.

A sérvia esperou pacientemente até o primeiro soldado chegar até ela. Então, levantou o braço em um gesto fluido, mil vezes treinado para ser executado com perfeição. Seu cotovelo se cravou no pescoço do homem com um golpe macio. O soldado soltou uma tosse sufocada e ao mesmo tempo, em um ato instintivo, levou as mãos à traqueia quebrada. Senka aproveitou para pegar o cano do fuzil e puxá-lo, fazendo-o cair sobre o outro guarda, emaranhando os dois em um nó de braços e pernas.

Moore e o terceiro soldado apontaram as armas para elas. Daquela distância era impossível errar. Mas justamente naquele momento uma onda um pouco mais forte que as outras bateu no costado do *Valkirie*. O navio, sem estabilizadores, balançou até mesmo naquele piso tão baixo, e um som surdo como de uma locomotiva colidindo se propagou pelas placas do costado.

Surpreendido por aquele inesperado movimento, Moore tentou recuperar o equilíbrio enquanto seu subordinado dava um tiro de fuzil que acabou incrustado no teto da sala de caldeiras.

— Agora, Kate! — gritou a sérvia. — Corra para o elevador!

A porta para a sala principal de caldeiras estava a apenas uns dez metros. Se apertasse o passo, chegaria lá antes que seus captores recuperassem o equilíbrio.

Kate entendeu o que a sérvia disse e saiu correndo. Então, viu-o. Aquele pequeno pacote de pano e pele muito branca que mal se mexia e quase não tinha forças para gemer.

O bebê.

Recordou o olhar cheio de ternura que o velho judeu havia cravado nela, e então percebeu o que tinha que fazer. Qual era sua obrigação para com aquele homem. O papel final que lhe cabia desempenhar naquele drama.

Parou de correr para a porta, e foi isso que salvou sua vida. A primeira bala de Moore se cravou em uma divisória, bem onde teria passado sua cabeça se tivesse continuado naquela direção. Em vez disso, girou sobre si mesma e correu em direção ao bebê que estava no chão.

Pegou-o correndo pela borda do *talit* azul e branco que o envolvia, como um ciclista ao pegar sua mochila. Sem se deter, continuou a toda velocidade bem quando uma segunda bala estourava muito perto de seus pés. Pôde ouvir o rugido de fúria de Moore acima do estalo do percussor ao bater no ar. O carregador estava vazio.

Enquanto isso, Senka alcançou a porta da sala de caldeiras. A sérvia parou menos de um segundo no limiar com uma sensação de angústia. Moore corria para a porta com os olhos em Kate enquanto trocava o pente de seu Walther PPK. A jornalista tinha perdido um tempo precioso ao pegar o bebê, e o chefe de segurança a havia ultrapassado. Kate não poderia chegar à porta sem passar por ele.

De canto de olho captou algo que se movia à sua direita. O soldado da traqueia quebrada se debatia no chão, cada vez mais azulado, mas os outros dois haviam se recuperado e tentavam mirar nela enquanto o *Valkirie* se sacudia.

Apontar um longo Mauser quando o chão a seus pés não para de se mexer acabou sendo uma tarefa muito difícil para o cérebro meio moribundo daqueles homens. O tiro saiu alto, e uma bala arrancou um mar de faíscas em algum lugar a vários metros sobre eles. Praguejando, Senka se virou para a porta e a cruzou. Kate teria que se virar sozinha, mas pelo menos podia despistar aqueles sujeitos.

— Que pontaria de merda, imbecil! — gritou Senka no limiar antes de sair correndo para o elevador.

Mas, primeiro, deu-se ao luxo de fazer um gesto obsceno para os dois soldados sobreviventes. Moore, muito concentrado em Kate e no bebê, nem a viu.

Senka correu em zigue-zague para o elevador, com um jorro de suor gelado escorrendo pelas costas. Sentia uma pontada intensa no flanco. O mais provável era que os pontapés que Moore lhe havia

dado tivessem quebrado uma ou duas costelas. Doía terrivelmente cada vez que inspirava, mas a única coisa que podia fazer era apertar os dentes. A porta do elevador estava cada vez mais perto.

Se conseguisse chegar até os andares superiores do navio, suas possibilidades se multiplicariam por mil. Poderia inclusive alcançar algum dos botes salva-vidas antes que os explosivos plásticos detonassem e aquilo se transformasse em um formigueiro de soldados putos. Afastou uma gota de suor que caía por seu queixo e suspirou.

Faltava pouco. Ia conseguir.

Os alarmes de seu cérebro, treinado para aquele tipo de situação, dispararam. Senka não corria em linha reta para evitar oferecer um alvo fácil a seus dois perseguidores, mas eles nem mesmo haviam tentado atirar. O chefe de máquinas e seus homens haviam se afastado para um canto com uma expressão de terror mudo estampada no rosto.

Arriscou-se a dar uma olhada para trás e ficou paralisada. Os dois soldados tinham parado na porta que ligava a sala de máquinas ao depósito onde um dia haviam estado (ou deveriam estar) os estabilizadores e permaneciam ali, em pé, apoiados em seus fuzis com uma expressão de diversão maligna no rosto. A seu redor, uma nuvem negra preme de escuridão malévola se remoinhava, inquieta. Já cobria toda a parede do fundo e pouco a pouco ia mergulhando em sombras no resto da sala.

O primeiro braço daquela escuridão chegou à altura dos maquinistas e os cobriu sem que se dessem conta. Ouvia-se um som aquoso e ofegante seguido de um coro de gritos de dor extrema que se interromperam de repente, como um rádio que alguém desliga. E, depois, mais nada. Nem o menor rastro daqueles homens. As sombras grunhiram, saciadas, e mais escuras ainda, se é que isso era possível. Abastecidas. Sorrindo com dentes podres e hálito de morte.

Estava cada vez mais escuro. Só as luzes dos painéis e da cabine do elevador permaneciam acesas, banhando tudo com um amarelo doentio.

Um gemido de animal encurralado subiu pela garganta de Senka. Não iam atirar nela. Iam esperar que a sombra cuidasse dela. Sofreria um destino mil vezes pior.

Para deixar as coisas ainda mais interessantes, um sino tocou a suas costas. O barulho do elevador parou, e a grade rangeu quando a afastaram às pressas. Não precisou se virar para adivinhar que a cabine do elevador tinha acabado de chegar. O ruído de vários pares de botas e os murmúrios de vozes diferentes a fizeram perceber que tinham chegado os reforços de Moore. Estava presa.

A recordação de um dia muito distante a atacou. Um dia em que uma menina tinha visto o céu se cobrir com negras nuvens de fumaça enquanto sua aldeia ardia em chamas. Uma menina cercada de homens de uniforme militar, de aspecto feroz e alma putrefata. Uma menina prestes a ser arrastada para a boca do inferno.

Senka abriu os olhos banhados em lágrimas, mas cintilantes e desafiadores. Não era mais aquela menina. Era Senka Simovic. Uma cobra, uma especialista em causar dor. Uma sobrevivente. E não ia permitir que as sombras ganhassem outra vez.

— Venham me pegar se têm colhões, *kopilad*. — Levantou uma mão em um gesto de desafio. — Uma contra sete. Covardes. Imbecis.

Os homens grunhiram diante do desafio e, em vez de crivá-la de balas, investiram feito touros. A sombra se retorceu com um grito de surpresa, como se aquilo não se encaixasse em seus planos. Rastejou para Senka a toda velocidade, mas a sérvia pulou sobre a balastrada e se dirigiu ao túnel de serviço que levava ao eixo da hélice.

A grade ainda estava solta, de modo que a arrancou com um puxão e se enfiou no corredor a toda velocidade, enquanto vários daqueles soldados mordiam seus calcanhares. Ao fundo ainda se distinguia a luz fraca da lanterna de Paxton. O barulho do disparo dentro de um espaço tão reduzido ecoou como um tiro de canhão e a ensurdeceu de imediato. Uma dor aguda atravessou a base de suas costas quando a primeira bala a atingiu na altura dos rins e se

enterrou dentro dela. Cambaleou e teve que se apoiar nas paredes do corredor para não cair.

A segunda bala perfurou seu pulmão. Senka sentiu uma pressão nas costas que a empurrou para a frente e um calor repentino e asfixiante, como se estivesse em chamas. De sua boca saiu um pouco de sangue, mas ela se negou a cair de joelhos. Ainda não.

Estava quase à altura do corpo de Paxton. Ao chegar a ele desabou, com os tímpanos arrebatados pelo som dos tiros. Sentiu um terceiro e um quarto disparo e algo quente se cravar em sua perna. Sua visão era cada vez mais borrada. Apelando a suas últimas forças, virou-se e olhou para a boca do túnel.

Uma fila de soldados avançava para ela, o primeiro deles com o rifle fumegante e o olhar turvo. Atrás deles só se via uma escuridão negra como uma noite sem estrelas em um planeta frio e hostil. Estavam perto.

A sombra ultrapassou os homens, devorando-os a seu passo. Um muro preto e insondável se jogou sobre Senka com um som ansioso e sussurrante que crescia metro a metro. Por um segundo, a sérvia pôde adivinhar, em meio às brumas oscilantes, o rosto de uma mulher loura, de aspecto enigmático, que a olhava com sarcasmo do fundo daquela nuvem de maldade. Um rosto que ela havia beijado até a exaustão. Um rosto que naquele momento sorria de maneira obscena e malvada. Algo frio e amargo se fechou em volta de seu coração.

Senka. Você é minha. Venha conosco. Agora.

A sérvia cuspiu um borbotão de sangue, e seu olhar hesitou. Segurou a perna da calça de Paxton com as duas mãos e dedicou um último sorriso feroz à sombra que se aproximava.

— Já não tenho medo. Estou em paz. Volte para o inferno, vadia.

Puxou a perna do cadáver, e a mola de pressão se liberou. Um segundo antes de se transformar em uma bola de fogo, Senka pôde ouvir o som que a sombra emitiu.

Um som de surpresa. E de dor.

Depois, a bola de fogo devorou tudo por completo e, por fim, Senka Simovic encontrou o caminho para a paz.

XLVIII

— **ACABOU**, judia.

Moore suspirou satisfeito aproximando-se de Kate com as pernas separadas para poder manter o equilíbrio. Engatilhou o Walther PPK e apontou para a testa da ruiva. Só precisava apertar o gatilho.

Então, ocorreram muitas coisas em muito pouco tempo. Em primeiro lugar, uma enorme bola de fogo e calor surgiu do túnel de serviço a uma velocidade rápida demais para que o olho humano pudesse observar. O lampejo de luz era tão intenso que perfurou as sombras, desmanchando-as, em meio a um rugido aterrador. Enquanto dizimava o corpo de Senka Simovic, a onda expansiva se multiplicou várias vezes dentro daquele espaço fechado e impactou com força sobre o enorme eixo de aço. A pressão exercida foi tão brutal que o eixo, da espessura de uma pessoa, se dobrou como se fosse uma espiga ao vento. A parte externa tocou de imediato a face interna do tubo lubrificado com um som rasgado e chiante de metal com metal. Uma feia cicatriz se abriu na parte interna do tubo isolado, envolvendo tudo em uma enorme nuvem de óleo lubrificante vaporizado. Por fim, o eixo deu duas ou três voltas agônicas antes de parar por completo.

Os motores a diesel do *Valkirie* continuavam funcionando a três quartos de potência enquanto os alarmes de advertência começavam a se iluminar no painel de comandos. Uma situação tão catastrófica como a perda do eixo deveria ter feito o chefe de

máquinas mandar parar os motores de imediato, sem necessidade de consultar o capitão. Mas naquela sala de máquinas não restava mais que um monte de sombras escuras, e ninguém apertou os botões de emergência. Assim, pois, os motores continuaram funcionando a plena potência durante vários segundos preciosos, tentando mover um enorme eixo engasgado. Toda aquela força se espalhou pelas engrenagens, e, em alguns instantes, o que podia ter sido um dano sério se transformou em uma avaria catastrófica. Os mastros de velas explodiram, e os motores sobrecarregados começaram a emitir um zumbido abafado à medida que dezenas de condutos estouravam e se deformavam dentro dele. Por fim, com uma tosse metálica, pararam, destruídos por dentro.

O *Valkirie* estava à deriva no meio de uma tempestade intensa que só piorava.

A onda crescente da explosão acertou as divisórias debilitadas que separavam o depósito de carvão da sala de máquinas. Diante dos olhos alucinados de Kate sobrepuseram-se, em rápida sucessão, as imagens de dois momentos diferentes. Por trás de Moore viu aparecer, como em um passe de mágica, os estabilizadores laterais arruinados por Paxton, e um segundo depois, no mesmo lugar, os corpos empilhados da família judia. O impulso da explosão pegou Moore de surpresa e o fez voar. Três ou quatro alarmes começaram a tocar simultaneamente e do teto os aspersores de água anti-incêndios se abriram de imediato e sufocaram o início de fogo da sala de máquinas. A chuva química provocada pelos aspersores era tão intensa que não se podia ver além de três metros.

Aquele era o momento esperado por Kate. Mancando, escapou por um lateral da sala, em direção oposta à porta, onde sabia que ainda estava o chefe de segurança. Dirigiu-se para o outro lado, onde havia outra comporta fechada. Kate não sabia aonde dava aquela saída. Talvez fosse uma ratoeira ou só levasse para outra sala gêmea, mas era sua única opção. Com o bebê apertado contra o peito, abriu caminho entre os jatos d'água e espuma até chegar à escotilha. Com uma mão só, tentou fazer girar a roda que mantinha a comporta travada, mas não conseguiu movê-la nem um milímetro.

Atrás dela, podia ouvir Moore bufando, avançando feito um touro entre os jatos verticais em busca de Kate, cada vez mais perto.

“Robert, mexa-se e me tire daqui. Agora!”

Kate fechou os olhos e deu um forte puxão na roda metálica. Naquele instante, o mecanismo foi desbloqueado e começou a girar sobre si mesmo, impulsionado por algo ou alguém do outro lado. A porta se abriu com um rangido e deixou exposto um longo corredor cercado de encanamentos com uma escada vertical em um dos lados.

“Obrigada, meu amor”, pensou Kate, aliviada, enquanto atravessava a porta sem olhar para trás. Moore já devia estar muito perto.

Ao passar para o outro lado, a porta se fechou de repente com um ruído metálico tronante. A roda do mecanismo de fechamento tornou a girar, dessa vez em sentido contrário, e as travas se colocaram em seu lugar com um estalo seco. Pela vigia, Kate viu Moore chegar à porta e tentar abri-la. O inglês ficou vermelho enquanto seus músculos se retesavam até o limite. Uma veia grossa como um dedo se inchou no pescoço enquanto o homem arfava em um esforço final, mas a porta não se moveu nem um milímetro.

Furioso, Moore deu um soco na vigia, com um olhar de ódio concentrado para a jovem, que o observava com um sorriso debochado do outro lado. Com calma, Kate esticou o braço para a porta. Moore a observava, entre a incredulidade e o fascínio. Então, Kate levantou o braço, muito devagar, enquanto fechava o punho e esticava com elegância o dedo do meio na cara estupefata do inglês.

— Apodreça no inferno, louco filho da puta — vocalizou lentamente em alemão para que o outro lesse seus lábios e conseguisse entender.

O rosto de Moore ficou de várias cores, passando pelo branco, o vermelho e o lilás. Começou a gritar do outro lado da porta enquanto lhe dava pontapés e socos, e a única coisa que conseguiu foi que o rosto de Kate se distendesse em um sorriso, o primeiro de horas.

Então, o homem lembrou que ainda tinha uma pistola na mão. Apontou para o vidro da vigia e atirou três vezes. Umas finas rachaduras, delicadas como uma teia de aranha, apareceram no vidro, mas não se partiu. Era uma comporta de segurança, projetada para isolar toda uma seção do navio caso se abrisse uma entrada de água, e estava preparada para aguentar golpes e uma pressão brutal. Kate fez um gesto debochado de despedida e tomou o corredor em direção à escada, deixando-o furioso e frustrado para trás. Em busca de uma saída que lhe permitisse fugir daquele inferno claustrofóbico.

Tentando abandonar o *Valkirie* por qualquer meio.

Sete andares acima, em um hall envolvido em sombras, as plantas enterradas nos vasos estremeciam cada vez que o *Valkirie* recebia um golpe do mar. A ausência dos estabilizadores se percebia muito mais no alto do transatlântico. Todas as luzes estavam apagadas, como se tivessem sido consumidas por um ladrão sedento. Só os relâmpagos ocasionais que rugiam lá fora banhavam de vez em quando a sala com uma luz azul espectral. Pelo chão do hall, que estava deserto, rolava um jarro que havia caído em uma das pancadas. Com cada golpe do mar o jarro de bronze girava sobre si mesmo emitindo um som apagado e batia em um dos rodapés de noqueira com um "clonc" surdo, mas perfeitamente audível.

Então, outro golpe de mar sacudiu o *Valkirie* em direção contrária, e o jarro voltou a rolar em sentido oposto, em um movimento interminável.

Era o único barulho que se ouvia naquele andar, deserto e escuro. Naquele espaço fantasmagórico.

Mas, então, aconteceu algo.

O ruído de passos distantes que se aproximavam foi ficando cada vez mais audível. Era uma pessoa e se aproximava caminhando tranquila, mas com energia. Apesar de tanto o hall quanto os corredores circundantes estarem totalmente escuros, aquela pessoa se movia com perfeita desenvoltura nas sombras sem necessidade de usar nenhum tipo de lanterna ou luminária. Caminhava com

leveza, como se conhecesse perfeitamente cada canto do *Valkirie*. Se alguém tivesse se aproximado o suficiente, poderia até jurar que estava assobiando uma melodia leve.

Um relâmpago entrou no hall pelos vitrais salpicados de chuva. Por um instante, tudo se encheu de luz, e a figura ficou exposta. Era um homem jovem, de uns trinta anos, de cabelo preto bagunçado e um elegante terno italiano creme. Caminhava com desenvoltura, e as sombras se afastavam diante de seu passo como se estivesse cercado de uma aura especial.

O homem foi até um canto do hall, onde havia uma mesa baixa com um grupo de sofás a seu redor. Sobre um deles havia algo que parecia um fardo de panos largado ali de qualquer jeito. O homem observou o monte de roupa com expressão concentrada e em seguida se sentou em um dos lugares livres, tomando cuidado para não amassar seu paletó. Então, voltou-se para o monte de roupa e abriu a boca.

— Olá, Isaac — disse.

O monte de pano se sacudiu e de baixo de uma manta de lã apareceu uma mão velha coberta de sardas. De trás da mão surgiu o rosto perplexo de um velho com um olho coberto de catarata. Sua cabeça estava totalmente calva e coberta de chagas, exceto por uma sombra de cabelo na base da nuca que parecia prestes a cair aos poucos. De sua boca pingava um fio de baba. O velho se orientou pela voz e olhou para o homem com olhos cegos.

— Isaac, meu nome é Robert Kilroy — disse o homem com voz serena. — Sou marido de Kate, bom, pelo menos era. E, na verdade, eu não deveria estar aqui. Além do mais, você tem algo a fazer. A mulher que amo está em perigo, e sua alma também.

O homem olhou nos olhos vidrados de Feldman. O velho parecia estar em sua própria galáxia, preso em um castelo escuro sem janelas nem portas.

— Já é tarde demais para o resto dos tripulantes deste navio maldito, mas não para vocês.

Robert falava quase para si mesmo, em um murmúrio ininteligível, mas, então, inclinou-se para Feldman:

— Preciso que volte do lugar escuro onde está. E tem que ser agora.

Como única resposta, o velho emitiu um gemido e levou a mão ao rosto, como se a leve luz que o jovem parecia emitir o incomodasse.

Com paciência, Robert segurou Feldman pelas lapelas e puxou-o até endireitá-lo um pouco. O velho cheirava à urina, mas Robert não se alterou. Com a mão direita desabotoou a gola da camisa de Feldman e soltou sua gravata. Então, colocou-se diante dele e lhe deu um leve tapa no rosto para fazê-lo prestar atenção.

— Isaac, olhe para mim. Olhe para mim.

Tornou a dar um leve tapa e o segurou pelas axilas para pô-lo em pé. O velho suspirou, irritado.

— Não temos tempo, de modo que vai ter que ser deste jeito.

Robert aproximou seus lábios da pele purulenta da testa de Feldman. Com uma expressão descontraída, fechou os olhos e apertou a boca contra a cabeça do velho enquanto o segurava em um abraço estreito, como dois dançarinos que não perceberam que a música já acabou faz tempo.

Se alguém entrasse ali naquele momento, atravessando a nuvem de sombras densas que fechava todos os caminhos, ficaria muito surpreso. No meio daquela sala, começava a brilhar um tênue resplendor, que crescia a cada segundo que passava. A origem daquele resplendor era o corpo consumido de um velho que parecia levitar a quinze centímetros do chão, preso por alguma força invisível. Seus braços estavam colados a seu corpo, e sua cabeça, jogada para trás, como se algo a empurrasse. A luz surgia de todos os seus poros, atravessava sua roupa e irradiava de suas extremidades. No chão, debaixo dele, uma manta com a sigla KDF havia deslizado de seus ombros até o chão e parecia um monte de pano amassado.

A luz brilhava cada vez mais. As sombras se moveram, assustadas, com gemidos de dor e desconcerto. As cintilações que emanavam do velho as dissolviavam como se estivessem sob o efeito de alguma espécie de ácido, e pelo caminho só restavam alguns

pedaços que caíam no chão como uma espécie de pó sujo com cheiro putrefato. As luzes do corredor tremeram levemente e tornou a surgir um brilho fraco dos filamentos das lâmpadas, como o fio de uma fogueira açoitada pelo vento. As sombras retrocediam por todos os corredores, vencidas pelo poderoso resplendor.

E então, Isaac Feldman abriu os olhos.

Naquele mesmo instante, sete andares abaixo, uma presença escura, velha e malvada levantou a cabeça, percebendo aquele brilho inesperado. Aquela entidade contemplou seu brinquedo, um homem musculoso de uniforme que socava uma porta possuído pela fúria, enquanto sua presa lhe fazia gestos obscenos do outro lado do vidro. Por um instante interminável, a criatura atemporal hesitou. Pela primeira vez em um ciclo de milhões de vezes, encontrava uma mudança. Pela primeira vez, sentia-se desconcertada. E não gostava da sensação.

Dedicou um último olhar à sua presa e com um rugido de raiva se afastou dela em direção ao piso superior. Em direção à luz que a desafiava.

Isaac Feldman pestanejou várias vezes, com uma expressão confusa. Em seu olho direito estava acontecendo algo que faria os participantes de um congresso de oftalmologistas desmaiarem, incrédulos. Sua catarata estava desaparecendo, consumida por sua própria córnea. Só cobria uma pequena parte da íris, e depois de alguns minutos não seria mais que uma recordação.

— O que... quem... o que está acontecendo aqui? Quem é você?

A voz de Feldman ainda era quebradiça, mas por baixo dos restos estilhaçados já voltava a se perceber o aço do magnata implacável.

Como única resposta, Robert Kilroy olhou fixamente nos olhos de Isaac Feldman. E, sem dizer absolutamente nada, o velho compreendeu tudo. Até o último resquício de verdade lhe foi revelada.

E sem sombra de dúvida, soube que ia morrer em apenas uma hora.

XLIX

SUBIR PELO VÃO da escada com um bebê berrando colado ao peito foi muito mais difícil para Kate do que havia pensado. Tinha que usar uma das mãos para segurar o menino, o que deixava só um braço livre para se segurar nas barras enquanto se impulsionava com as pernas. Sua cabeça ainda doía por causa do golpe com a coronha, e seu tornozelo estava inchado; desconfiava que estava quebrado. Ainda não incomodava muito, mas cada vez que o apoiava no chão um relâmpago de dor subia por sua perna.

A escada vertical pela qual subia era uma passagem de serviço que parecia não ter fim. Estava iluminada a cada poucos metros por umas lâmpadas hesitantes que piscavam quando passava como vaga-lumes bêbados. Aquele tubo de aço estava cercado por enormes encanamentos cheios de vapor fervendo que atendiam a várias partes do navio. O calor ali dentro era asfixiante. As gotas de suor escorriam pela testa até entrar em seus olhos. Kate não podia fazer nada para afastá-las, então fechava as pálpebras com força, mas era pior.

Cada vez que fechava os olhos, o que via ao abri-los mudava. Parecia que alguém estava apertando um controle remoto em sua cabeça que pulava de um canal para outro loucamente. Em um momento, via um túnel perfeitamente iluminado, com os encanamentos pintados de cores brilhantes e os travessões da escada de aço inoxidável lançando cintilações prateadas. No

segundo seguinte, o túnel estava escuro, as lâmpadas, cobertas por uma camada de teias de aranha de um dedo de espessura, e os encanamentos, arrebatados e devorados pela ferrugem. Cada vez que isso acontecia, a escada de aço era substituída por uma de madeira podre e inchada que ameaçava se desfazer entre seus dedos como um punhado de areia.

Aquilo devia tê-la enlouquecido, mas Kate estava mais tranquila e em paz que nunca. O terror tinha desaparecido e estava escondido em algum lugar afastado de seu interior, debilitado demais para sair. Por algum motivo profundo, toda a sua mente estava cheia de uma serenidade que não sentia desde muito antes de o corpo de Robert entrar em um forno crematório.

Via as coisas com clareza e estava segura de si. Pela primeira vez desde que embarcara naquele navio, entendia que não estava no *Valkirie* por acaso, mas que tinha um papel específico. Pela primeira vez Kate não se via arrastada pelos acontecimentos. Pela primeira vez sabia que, graças à ajuda de Robert e apesar de tudo estar escrito, podia tomar as rédeas da situação.

Era ela quem tomava a iniciativa. E a sombra estava desconcertada.

O suave movimento do bebê contra seu peito a devolveu à realidade. O menino estava ainda enrolado no *talit* azul e branco, e de seu pescoço pendia uma pequena corrente de ouro que se perdia entre suas dobrinhas. Kate não precisava olhar para saber que no final da corrente estava uma pequena estrela de Davi. Uma estrela de Davi igual à que Feldman lhe tinha mostrado dias antes. A mesma, aliás.

Parou um segundo para tomar fôlego e contemplou a carinha enrugada do bebê. Passou os dedos por sua testa e seu queixo.

— Um dia, você será um homem muito importante, Isaac — murmurou com voz doce.

O menino levou a boca faminta até o dedo em busca de alimento.

— Contanto que essa sombra não nos pegue. Acho que seu avô liberou algo muito perigoso.

As últimas palavras do velho continuavam ecoando em seus ouvidos com força. "*Pulsa Denura*", gritava ele enquanto levantava os braços e jogava um punhado de pó. E Kate sabia o que isso significava.

Tinha acontecido dois anos antes, quando colaborava com Robert em uma reportagem do jornal sobre os assentamentos ultraortodoxos em Israel. No meio de sua pesquisa havia descoberto que, em certas partes de Jerusalém, ainda existiam grupos muito singulares, que viviam de acordo com as normas de conduta que imperavam na Europa Central do século XIX. Grupos que eram muito herméticos e viviam de costas para o moderno Estado de Israel. Que, para manter sua identidade, abrigavam em seu seio cabalistas que praticavam o equivalente judaico da magia negra. E, dentre todas as possíveis armas que tinham, a *Pulsa Denura* era, de longe, a pior delas.

A *Pulsa Denura*. A Invocação das Sombras.

O único problema era que uma invocação tão poderosa exigia um feiticeiro igualmente forte para poder controlá-la. Alguém que pudesse ver o futuro e evitar que as sombras tomassem o controle. Havia muito poucas pessoas no mundo que podiam realizar algo assim, pessoas com muitas décadas de conhecimentos e estudos. Muito velhas e prudentes, cientes de que aquele monstro só devia ser despertado em caso de extrema necessidade.

Mas quem havia realizado aquela *Pulsa Denura* jazia morto no chão de uma sala de caldeiras, vários andares abaixo, aniquilado por sua própria obra. E sua criatura caminhava sem amo, libertada depois de eras, faminta e cheia de ódio e dor.

Kate nunca acreditou naquelas coisas. Eram apenas folclore e lendas de gente que continuava vivendo em um mundo de fantasia e superstição. Algo pitoresco, mas que não era real. Até aquele dia. O dia em que tudo aquilo havia se transformado em algo muito real.

Um ruído tronante retumbou em um costado do *Valkirie*. O navio se inclinou com força mais de dez graus, e as luzes se apagaram por um instante, deixando Kate mergulhada na escuridão. No meio de um concerto de metal rangendo, o *Valkirie* recuperou a verticalidade

pouco a pouco, enquanto Kate se segurava na escada para não cair. O navio acabou voltando à sua posição original, mas ao movimento oscilante se somou um inquietante solavanco. Privado do empuxo de seus motores, o *Valkirie* não era mais que um pedaço de ferro e madeira que flutuava na imensidão do oceano, sacudido sem piedade pelas ondas.

Kate olhou para baixo e logo se arrependeu. Sob seus pés havia uma queda vertical de mais de trinta metros cercada de encanamentos fervendo. Um passo em falso e acabaria feito um monte de carne cozida e ossos quebrados no fundo daquele fosso. Segurou o bebê com força e subiu um novo lance de degraus, até ser forçada a parar de novo para recuperar o fôlego.

Seu olhar parou em uma porta que se abria a apenas dois metros acima de sua cabeça. Piscou, confusa, mas com um sopro de esperança. Aquela podia ser a saída. Só era possível ver a porta nos momentos em que "estava" em 1939, de modo que Kate esperou o movimento pendular do navio se sincronizar com o momento temporal correto. Então, soltou-se da escada e pulou.

Bateu de costelas na porta com um golpe seco. Sentiu escapar todo o ar de seus pulmões, e a porta ceder sob seu peso. Enrolou-se como um novelo para proteger o bebê e de repente estava rolando por um corredor acarpetado batendo nas paredes sem parar.

Demorou um bom tempo para poder se levantar, aturdida. Quando conseguiu, percebeu que estava em um dos níveis internos da primeira classe. Tinha passado ali por perto algumas vezes.

Caminhou com o bebê apertado contra o peito enquanto olhava em volta. A maioria das luzes elétricas ainda funcionava, mas havia corredores que eram apenas charcos de escuridão densa. Kate os evitava, e foi preciso dar uma grande volta para continuar avançando para a parte externa do *Valkirie*. Sua meta era chegar à passarela de passeio que cercava a área da primeira classe e entrar em um dos botes. Era preferível arriscar a vida no meio do oceano dentro de uma daquelas lanchas que permanecer um minuto a mais a bordo daquele navio amaldiçoado. Por outro lado, o *Valkirie* não ia a lugar nenhum. A tempestade havia se transformado em um

monstro enorme que lançava poderosas rajadas de chuva e vento contra a superestrutura do casco. Os raios brilhavam sem parar, e cada vez que soava um trovão, o navio todo parecia prestes a desabar. Ali não havia janelas, e Kate não podia ver o mar, mas suspeitava que as ondas estavam enormes, pela maneira como o casco se sacudia.

Além de tudo, o navio se comportava como se não houvesse ninguém ao timão. Aquilo era difícil de entender. Os golpes de mar sacudiam o cruzeiro de lado, em vez de estar aproado para o vento. Não fosse pelo enorme tamanho do *Valkirie*, as ondas teriam feito o navio virar fazia tempo.

Tudo parecia deserto. O chão do corredor estava coberto de restos de confete e garrafas vazias que rolavam de um lado a outro. Parecia que apenas alguns minutos antes tinham celebrado uma grande festa ali. Fileiras de bandeirinhas de papel da KDF com suásticas cruzavam o teto do corredor, como em uma feira. Mas não havia ninguém à vista.

Uma série de trovões seguidos retumbou sobre sua cabeça. O teto da sala que atravessava tremeu e os lustres tilintaram. Kate levantou a cabeça, confusa.

Não eram trovões.

Parecia um *staccato* continuado de detonações secas. Parou. Eram tiros, de uma arma de grande calibre. Tornou a sentir que a iniciativa escorria por entre seus dedos, uma vez mais. O que estava acontecendo ali? Quem estava atirando? E contra quem?

Algo se movia atrás dela. Virou-se enquanto um calafrio percorria sua nuca. Faixas de sombra escura estavam se remoinhando nos cantos, estendendo seus fios para se unir umas às outras em pedaços cada vez maiores. Ouvia-se um sussurro nervoso que crescia de segundo a segundo. Já ocupavam todo o fundo do corredor e avançavam cada vez mais, mas lentamente. Pareciam estar esperando alguma coisa.

Ouviu passos que se aproximavam. Olhou em volta, mas não havia nada que pudesse usar como arma, e não podia retroceder para as sombras. De repente, uma portinhola situada acima de sua

cabeça se abriu e uma escada dobrável de metal caiu com estrépito no meio do corredor. Pelo vão aberto entravam rajadas de vento gelado misturadas com jorros de chuva que logo encharcaram o carpete. Duas botas militares apareceram pela escotilha, seguidas de umas pernas envolvidas em calças de sarja cáqui.

Um homem ensopado desceu a escada com cuidado de não escorregar. Tinha na cabeça um capacete plano com uma grande viseira, e na manga de sua jaqueta havia uma insígnia do Home Guard britânico.

O homem, um sujeito maduro e gordo, de uns quarenta anos, voltou-se ao chegar ao corredor e notou Kate. Seu rosto se desfigurou em uma expressão de surpresa.

— Mas que diabos está fazendo aqui, senhora? — gritou. — Os alemães estão em cima de nós! Toda a zona sul do porto está em chamas, e não param de chegar mais ondas de aviões! Este navio é uma instalação militar!

Kate olhou para cima e viu o vão da portinhola. Entre a chuva e os relâmpagos podia distinguir meia dúzia de homens agrupados em volta de um canhão antiaéreo que não parava de soltar rajadas de munição pesada para o céu. Acima do uivo do vento, Kate distinguiu, na distância, o zumbido monótono de aviões. De vez em quando, explosões distantes chegavam até o navio, e os homens do canhão se agachavam atrás de sua peça de artilharia, com as mãos sobre os capacetes, em busca de um refúgio inexistente.

— Aqui não está segura, estou falando sério. — O tom do homem era paternal e conciliador. — Volte para a terra e procure outro refúgio. Se uma bomba alemã cair sobre nós, estamos todos mortos, inclusive você e seu filho.

Kate sacudiu a cabeça com a sensação de estar a bordo de um trem descarrilado. Os acontecimentos se passavam de novo sem controle.

— Vocês precisam sair deste navio, todos vocês. — Kate segurou o homem pela jaqueta e falou muito devagar. — Há algo a bordo que é muito pior que qualquer bomba alemã. Saiam daqui, ou vão acabar com vocês.

— Ralph, traga essa maldita munição de uma vez!

A voz, impregnada de medo e angústia, desceu da escotilha até eles. O homem gordo, que atendia pelo nome de Ralph, olhou para cima e depois para Kate com uma expressão de dúvida e alarme estampada no rosto.

— Vá embora daqui — disse por fim, afastando Kate de seu caminho com gentileza, mas firme. — Agora mesmo. Do contrário, direi ao sargento para vir prendê-la. E agora, se me permite, preciso de uma caixa de munição de quarenta milímetros para nossa artilharia.

O homem saiu andando para as sombras. Tirou uma lanterna do bolso e a ligou com um gesto desajeitado enquanto mergulhava nas faixas de bruma negra que fazia um redemoinho no fundo do corredor traçando lentos círculos. Muito ocupado com sua lanterna, Ralph não notou que as faixas de escuridão impenetrável se fechavam atrás dele, emitindo suspiros inquietos abafados pelas explosões. Poucos passos depois, desapareceu. Ouviu-se um ruído aquoso, aspirado, seguido de um borbotão e o ruído de algo caindo no chão. O navio tornou a sofrer uma sacudida, e, entre as sombras, uma lanterna com a lâmpada queimada rolou mansamente até chegar aos pés de Kate, que ficou olhando para ela hipnotizada.

As sombras pareceram crescer e avançar mais dois metros pelo corredor. Kate fechou os olhos, expulsou com força o ar de seus pulmões e apertou os lábios. Virou-se e saiu correndo, afastando-se da presença, que nesse meio-tempo já havia rastejado pela escada e se movia para o exterior, enroscando-se nos pés dos desprevenidos homens da coberta.

Enquanto Kate se afastava, pôde ouvir os gritos. E o rumor da escuridão, que crescia sem parar.

Cada vez mais perto.

L

MOORE ESTAVA FURIOSO. A vadia judia havia escapado por um triz. Não havia jeito de abrir aquela porta. De alguma maneira, a maldita bruxa tinha conseguido bloquear o mecanismo de fechamento e nem sequer conseguia atravessar o vidro de alta densidade da vigia com sua pistola.

Rugiu de fúria e bateu na porta com os punhos nus. As ondas de ira o assaltavam de maneira antinatural e só era capaz de emitir sons ininteligíveis enquanto esfolava os punhos contra os rebites de aço. Pouco a pouco, a porta foi ficando coberta de sangue, quando a pele dos nós de seus dedos estourou, mas continuou batendo, sem parar.

Otto.

A voz. Sua voz. Era como um bálsamo relaxante que acalmava seu estado febril. Ela fazia tudo ter sentido. Moore parou de socar a porta e deixou cair os punhos nas laterais do corpo. Enquanto pingava sangue dos dedos, inclinou a cabeça, escutando. Bebendo cada palavra.

A outra vadia já se foi, Otto, mas esta é diferente. Mais perigosa. Você vai ter que se esforçar mais.

Moore franziu o cenho. Havia censura na voz, mas também algo mais. Urgência, talvez? Fazia-o recordar o tom de sua mãe quando ia trabalhar nas fábricas e se despedia dele apressada, olhando o relógio.

Ela tem alguma coisa, Otto. Algo que a faz especial e perigosa. Tem de encontrá-la e se livrar dela.

Moore sacudiu a cabeça, confuso. Tinha começado a sangrar pelo ouvido, mas nem percebeu. Sentiu um leve empurrão dentro de sua mente, e então a imagem da porta do camarote de Kate apareceu diante de seus olhos brilhando como um néon de Las Vegas.

— Não! — rugiu Moore batendo de novo na porta. — Quero pegá-la agora! Abra esta porta! Sei que você consegue!

O empurrão dentro de sua cabeça ficou um pouco mais intenso e lhe arrancou um uivo de dor. Uma parte de seu cérebro morreu naquele instante, e Moore perdeu a sensibilidade da parte externa de seu braço direito, mas também não notou. Uma onda de sensações orgásticas o percorriam de cima a baixo, sacudindo-o como uma descarga elétrica. Era a sensação mais gloriosa que já tinha experimentado na vida.

Você terá isso, Otto. Terá sempre que quiser, quando quiser, basta desejar. Mas, agora, precisa me obedecer.

— Sim. — Da boca de Moore escorria um fiozinho de baba. — Sim, farei isso.

Reviste a cabine de cima a baixo, Otto. Aquilo que a protege está ali. Se tirar isso dela, ficará indefesa.

Com a resolução de um tubarão, Moore virou e foi para o elevador. Naquele instante, percebeu que as sombras que o cercavam perdiam parte de sua intensidade. Farejou o ar, como um cão inquieto, tentando descobrir o que estava acontecendo. Era ela. Movia-se. Afastava-se. Moore podia notar seu nervosismo e suas dúvidas. A conexão estabelecida entre a sombra e as raízes de seu cérebro era tão intensa que podia perceber os pensamentos e as sensações de sua nova ama com total clareza. Não eram pensamentos no sentido literal da palavra, pelo menos Moore não os percebia assim, mas eram impulsos muito claros e complexos, que transbordavam a mente do inglês e destruíam com ferocidade seu raciocínio.

“Alguma coisa a preocupa”, pensou Moore com um calafrio, “algo está acontecendo no navio que não se encaixa no plano.”

Não teve tempo de se perguntar por que havia pensado em um plano mestre com essas palavras, porque um puxão invisível em seu cérebro o obrigou a caminhar para o elevador. Ao mesmo tempo que suas botas chutavam os restos dispersos da explosão, envolvido em um ruído de campainhas e sirenes de alarme, a voz em sua cabeça não parava de incitá-lo:

Na cabine dela. Tem que estar ali. Procure. Acabe com ele.

Moore entrou no elevador de carga, cujas paredes de madeira estavam rachadas por conta da explosão, e apertou o botão de subida. Enquanto a caixa subia sacolejando, Moore secava o sangue de seu rosto com a mão. A mistura de gordura e restos de sangue cobria sua pele como uma máscara macabra. Sua jaqueta estava totalmente arruinada. Com um gesto automático, jogou-a no chão da cabine e ficou nu da cintura para cima. Verificou o carregador de seu Walther PPK pela enésima vez e esperou com paciência chegar a seu destino.

O elevador se abriu no andar nobre do *Valkirie*. Os poços de escuridão eram cada vez mais numerosos. Dava a sensação de que um fungo tinha atacado o navio e o estava colonizando lentamente até o canto mais escondido de cada parte. Em algumas delas, a escuridão era densa como um poço de petróleo, enquanto outras ainda estavam cheias de luz e de vida. Não parecia que as sombras se espalhavam seguindo um plano específico. Recordava mais algo orgânico, que ia avançando de acordo com o momento e as possibilidades.

A única certeza era que, quando chegavam a um lugar, as sombras não mais desapareciam e pareciam criar raízes.

Esperando que alguma coisa acontecesse. Aguardando.

Moore caminhou pelos corredores cambaleando. As ondas eram cada vez mais fortes, e o corredor subia e descia como um cavalo empinando. De vez em quando ouvia algo cair ao longe com um estrondo, mas das partes cobertas pela escuridão não saía nem o menor ruído. Como um buraco negro maldito que devorava até o

som. Moore sabia, de alguma maneira, que naquelas partes a calma era absoluta.

Nada se movia nas sombras. Nunca.

Ao passar ao lado das cozinhas, ouviu o som abafado das vozes dos cozinheiros brigando com fogões estrepitantes. Por um canto viu algumas volutas de escuridão adentrarem o local, deslizando como uma fumaça densa pelos respiradouros da parte superior. A luz do interior foi se apagando até desaparecer. A última coisa que ouviu antes de dobrar a esquina foram os gritos de surpresa e dor do pessoal da cozinha, o último som que saía daquelas quatro infelizes paredes antes que as sombras estabelecessem seu reino definitivo. E, depois, mais nada.

Depois de cinco intermináveis minutos, chegou ao corredor onde ficava a cabine de Kate. Moore nem se deu ao trabalho de pegar o molho de chaves mestras que tilintava em sua cintura. Simplesmente colocou a mão na maçaneta e a girou, sabendo que estaria aberta para ele.

Entrou na cabine com as sombras reunidas no corredor, nervosas, mas sem se atrever a atravessar aquele limiar específico. O inglês deu uma olhada em volta antes de caminhar até o armário. Em cima da cama desfeita algumas amarras estavam soltas, e o ar ainda cheirava a sexo. Abriu o armário e o esvaziou de maneira sistemática, jogando a roupa de Kate por cima de seu ombro depois de examiná-la criteriosamente. Quando acabou com a roupa, prosseguiu de maneira metódica com as gavetas e, ao terminar com elas, arrancou os painéis de madeira da porta.

Depois, voltou para a cama e a desfez por completo. Com uma navalha rasgou o colchão de cima a baixo e tirou todo o recheio. Fez o mesmo com o sofá e com a mala de Kate até desfazê-la em pedaços. Ao terminar, ergueu-se no meio do quarto destruído, respirando com dificuldade. Estava enjoado. Seus olhos doíam, e as imagens flutuavam a seu redor. Teve a sensação de que algo se movia do outro lado da porta do banheiro, mas, quando a abriu, não havia ninguém.

Abandonou-se sobre os restos do colchão, derrotado, e seu olhar pousou em uma urna preta de cerâmica que não tinha visto antes. As ondas deviam tê-la feito rolar até um canto coberto por uma das cortinas, e por isso só a encontrou depois.

O pulso de Moore se acelerou quando atravessou o camarote em dois passos e se agachou para pegar a urna.

Chacoalhou-a perto do ouvido. Tinha alguma coisa dentro. Com apreensão, desenroscou a tampa e foi até a vigia para ver seu conteúdo à luz dos relâmpagos. Era areia. Não, corrigiu a si mesmo, enquanto afundava os dedos naquela substância e deixava que escorresse de novo. Eram cinzas.

Isso mesmo. É isso. Você encontrou!

A voz dela soou triunfal, jubilosa e... aliviada? Uma nova pontada de apreensão o sacudiu por um breve instante, mas não teve tempo para refletir. A voz, intensa e sussurrante, deslizava de novo em sua cabeça.

Precisa se livrar dessas cinzas, Otto. É a única conexão física com ela. Sem elas, ele não tem como se manter desse lado. É a ponte dele. Elas precisam sair do navio agora mesmo.

Moore não entendeu metade das coisas que *ela* disse, mas não tinha importância. A mais importante havia compreendido perfeitamente. Tinha que se livrar daquela urna. E sabia como.

LI

KATE CHEGOU ao passeio lateral da cobertura e perdeu toda a esperança. O mar rugia com uma fúria desconhecida e vingativa. As ondas, de uma altura superior a um edifício de quatro andares, jogavam-se contra os costados do *Valkirie* com a força de um trem descarrilado. Cada vez que um daqueles colossos de água coroados de espuma suja batia no casco, o navio inteiro tremia como se uma caldeira tivesse explodido dentro dele. O chão de teca vibrava e estalava cada vez que a água sacudia o navio. Em alguns pontos, a madeira tinha se arreventado, estilhaçada, e já faltava pelo menos meia dúzia de botes do costado de bombordo, levados pelas ondas. Espantada, Kate compreendeu que as ondas tinham tanta intensidade que o *Valkirie* estava se deformando pouco a pouco, como se fosse uma barra de aço submetida a muita tensão.

Kate escutou um som parecido ao de muitas garrafas de champanhe sendo abertas ao mesmo tempo. Aproximou com cuidado a cabeça pela borda, segurando o bebê com força contra o peito, e olhou para baixo. A menos de dez metros dela, uma fileira de parafusos de seis polegadas saiu voando como se fossem foguetes. O castigo das ondas estava começando a cobrar a conta daquele veterano dos mares. Apesar de todas as restaurações, os rebites, que tinham mais de setenta anos, estavam estourando, um a um, à medida que os golpes debilitavam a estrutura. Kate viu uma placa do costado, do tamanho de uma janela enorme, ser arrastada

pelas ondas e afundar no mar. Aquela tempestade ia matar o *Valkirie*, dessa vez definitivamente.

A menos de dez metros dela, pendia um dos últimos botes intactos daquele costado. Kate olhou para o mar, hesitante. Permanecer a bordo do *Valkirie* significava uma morte quase certa com aquela coisa rondando por aí, mas ficar à deriva em uma lancha de pouco mais de oito metros no meio daquela tempestade parecia suicídio.

No entanto, não tinha alternativa.

Caminhou para o bote e começou a pensar em como soltá-lo das amarras quando a porta lateral mais próxima se abriu de repente, e Kate sentiu o sabor amargo da derrota na boca.

Moore apareceu trazendo um vulto contra o peito em uma mão e o Walther PPK na outra. O inglês estava um trapo. O sangue escorria livremente dos ouvidos, do nariz e da boca. Até um de seus olhos derramava assustadoras lágrimas de sangue. A parte direita de seu corpo parecia paralisada, como se tivesse sofrido um derrame, mas em seu olhar brilhava uma determinação férrea que o impulsionava a seguir em frente. E sob essa determinação, por um breve momento Kate vislumbrou uma fogueira de ódio e de loucura extrema que se alimentava das últimas forças daquele homem enorme.

— Você! — Moore rugiu enquanto levantava a pistola. — Agora é minha!

Kate deu um passo para trás, e a balaustrada se cravou em suas costas. As ondas a salpicavam sem parar, mas não importava. Não tinha escapatória.

— Sabe de uma coisa? — Moore olhou para ela com algo parecido a respeito. — Jamais pensei que uma judia suja como você fosse me dar tanto trabalho. Você tem coragem e certa habilidade. Mas também tenho essas virtudes. E, além do mais, tenho isto.

Moore levantou seu Walther PPK com um sorriso, para que Kate pudesse ver os reflexos opacos de seu cano de aço polido.

— Não gosto de armas — murmurou a jovem apertando ao bebê contra seu peito. — Nem de quem as usa para matar pessoas

inocentes.

— Não gosta? — Moore se aproximou mais dois passos, sem deixar de apontar para ela. — As armas têm só duas partes, uma boa e outra ruim. A boa é a culatra, que é onde estou. A ruim é o lado do cano, que é onde você está. E todo o resto sobra.

Kate percebeu que o inglês arrastava as palavras ao falar, como se algo tivesse apagado as luzes em uma parte de seu cérebro; mas seu pulso se mantinha firme. Só então reparou no vulto que segurava contra o peito. Era a urna funerária com as cinzas de Robert. Seu coração disparou de maneira selvagem.

Moore seguiu a direção do olhar de Kate até seu peito e sorriu, astuto.

— Ora. — Levantou a urna no ar, à altura da cabeça. De sua boca escapou um riso em cascata. — Vocês se conhecem. Pois dê adeus a este filho da puta chamuscado porque ele vai desembarcar.

Esticou o braço para jogar a urna por cima da borda. Kate engoliu em seco, paralisada como uma estátua de gelo. Tudo ficou em câmera lenta, em uma sequência inevitável que acabaria com as cinzas de Robert no mar.

Uma figura emergiu da massa de sombras que se remoinhava atrás de Moore. Segurava no alto uma cadeira de madeira com pés de marfim entalhado, uma obra de arte vinda de um dos salões e não hesitou em arrebentar com violência nas costas do antigo chefe de segurança.

A cadeira se quebrou em meia dúzia de pedaços, e Moore desabou como um fardo na coberta. Isaac Feldman, arfando como uma locomotiva, soltou o pedaço de respaldo que ainda segurava na mão e cuspiu no homem. Apoiou-se em seus joelhos enquanto tentava recuperar o fôlego, tremendo visivelmente. Levantar a cadeira havia lhe custado um esforço sobre-humano.

— Está... despedido... imbecil — murmurou.

Quando conseguiu controlar a respiração, deu dois passos para Kate com um sorriso luminoso.

A jornalista ruiva não podia acreditar no que estava diante de seus olhos. Feldman já não parecia ter um pé na cova e estava

visivelmente melhor. Ainda não era o velho saudável e robusto que havia embarcado em Hamburgo, mas claramente já não era o velho senil e babão que tinha visto apenas umas horas antes e que havia deixado envolto em uma manta na penumbra. Não, o Isaac Feldman que estava a sua frente parecia exalar vitalidade por todos os poros e até brilhar com luz própria, como se alguém lhe tivesse posto pilhas novas.

— Isaac... — murmurou sentindo uma onda de alívio a inundar como uma torrente. — Acho que nunca fiquei tão feliz de ver um rosto conhecido.

— Ouça, Kate. — Feldman deu dois passos para ela e recolheu a urna funerária do chão. — Não temos tempo. Robert me mandou aqui. Você precisa sair daqui o quanto antes. O ciclo vai se completar.

— Ciclo? Que ciclo?

— É difícil explicar. — A voz de Feldman estava tingida de tristeza. — Mas você tem que acreditar em mim. Se Moore tivesse jogado estas cinzas pela borda, teríamos ficado sem defesas contra *ela*. Está assustada e furiosa. Pela primeira vez, tudo está diferente.

— Quem é *ela*? O que está diferente? — Kate disparava perguntas a toda velocidade. — Por que essa urna é tão importante? Não estou entendendo nada, Isaac.

— Acho que tem algo a ver com a *Pulsa Denura* e as cinzas de um morto, mas não tenho certeza. É tudo muito complicado. A presença de Robert mudou uma espiral de acontecimentos que vem se repetindo de maneira contínua a bordo deste navio desde 1939. Pela primeira vez, pode ser detida. Mas você precisa...

Uma bala entrou pela base das costas de Isaac Feldman e saiu por seu esterno deixando um buraco de onde logo começou a jorrar sangue. O judeu contemplou a mancha vermelha que se espalhava em seu peito com uma expressão estupefata, antes de cair de joelhos meio afogado em seus próprios fluidos. Com um estertor, caiu e ficou imóvel depois de se sacudir um pouco como um peixe fora d'água.

Moore se levantou do chão com o cabelo coberto pelo sangue que não parava de sair de uma ferida em sua nuca. Parecia tonto, mas o cano fumegante da pistola não tremia nem um milímetro enquanto ele tateava o chão com a mão livre em busca da urna com as cinzas de Robert Kilroy. Seus olhos não se afastavam de Kate, horrorizada demais para se mexer. O tiro do inglês tinha sido incrivelmente certo.

— Acabou — murmurou.

Sua voz era como um gramofone que, pouco a pouco, vai ficando sem corda.

— Ao diabo com estas cinzas e ao diabo com você, puta judia.

Lutou com a tampa da urna funerária para abri-la. Para isso, teve que afastar a mira de Kate durante um segundo. A jovem aproveitou o brevíssimo instante em que Moore tirou os olhos dela para dar um passo para a esquerda e se apoiar na balaustrada, perto de um dos montantes que prendiam o bote salva-vidas que se sacudia com o vento a dois metros acima de sua cabeça. Teve uma ideia maluca, mas era o único plano minimamente decente que tinha. Moore levantou os olhos com uma expressão selvagem e triunfal no rosto. A tampa da urna rolou pela coberta e acabou se precipitando no mar. Kate a seguiu com o olhar enquanto afundava entre as ondas. Então, o inglês levantou a urna e lentamente a inclinou sobre a borda, sem parar de apontar sua arma para Kate.

As cinzas começaram a se derramar em uma cortina de pó, revoando entre as correntes caprichosas de ar, até se misturar com a espuma das ondas. O olhar de Moore se desviou um segundo quando inclinava a urna por completo, e então Kate soube que era sua única oportunidade.

Os montantes dispunham de uma das poucas concessões modernas a bordo do *Valkirie*, por determinação das normas de segurança. Os botes salva-vidas estavam preparados para descer por polias elétricas e, para soltar os cabos quando chegassem à superfície do mar, havia botões que liberavam as pontas. Esses botões estavam dentro de caixas de acrílico que só deviam ser rompidas em caso de emergência. Kate bateu com o cotovelo na

caixa mais próxima, rezando para que o material fosse frágil o suficiente e se quebrasse em sua única tentativa. Seu cotovelo atravessou a fina camada de acrílico, rasgando sua pele, e acertou o botão. Moore voltou a olhar para ela ao ouvir o estalo. Por isso não conseguiu ver a ponta do bote sobre sua cabeça se soltar e cair nele como uma gigantesca foice.

O casco do bote, ainda preso pelo outro montante, acertou Moore como um taco de beisebol acerta uma bola. O golpe foi tão brutal que todas as costelas do lado direito do soldado ficaram reduzidas a fragmentos, e seu braço se estilhaçou antes que pudesse se dar conta do que estava acontecendo. O golpe o jogou com força por cima da balaustrada, sem que tivesse tempo de se segurar com o braço bom.

Com um último urro de raiva, Moore caiu. Tentou recuperar o equilíbrio, mas o impulso já o havia projetado por cima da borda. Só teve tempo de lançar um olhar carregado de ira e frustração antes de mergulhar nas negras e frias ondas do Atlântico. Depois de um instante desapareceu por completo, como se jamais tivesse existido. Kate se deixou cair de joelhos na madeira de teca da coberta. O bebê tinha acordado e berrava sem parar, duro de frio. A chuva, impulsionada pelo vento, ensopara-a por completo, e seu cotovelo não parava de sangrar. Deu uma olhada na ferida e empalideceu. O corte era muito mais profundo do que havia imaginado. Precisava fazer um torniquete ou perderia muito sangue.

Aproximou-se do corpo de Feldman e começou a desamarrar seu cinto de couro de crocodilo. Contemplou o corpo do velho com um olhar de gratidão e tristeza infinitas. Não fosse por sua aparição providencial, estaria morta. Estendeu a mão para fechar seus olhos.

E então, Isaac Feldman pestanejou.

Kate achou que não tinha visto direito, mas à primeira piscada se seguiu outra e, em seguida, um espasmo de tosse cheia de sangue. O velho estava vivo, por um fio, mas estava.

— Isaac! — gritou Kate afrouxando sua camisa. — Isaac, olhe para mim! Sou eu, Kate, Isaac!

O peito do homem estava um desastre. O buraco de saída da bala de nove milímetros era do tamanho do punho de uma criança pequena. Moore devia ter usado algum tipo de munição especial. Já não sangrava tanto quanto no início, mas não havia nada a fazer; e, por outro lado, Kate não sabia nem por onde começar. A verdade era que nem mesmo uma equipe médica com todo o material disponível a seu alcance poderia ter feito alguma coisa. Isaac Feldman estava morrendo. Era inevitável.

— Kate.

A voz do velho judeu era apenas um sussurro inaudível. Sua mão, coberta de sangue, fechou-se em volta do braço bom da jornalista, que tremia de maneira incontrolável. As lágrimas de Kate se misturavam com o sangue de Feldman, mas nenhum dos dois se dava conta. A vida do velho se esvaía em jorros.

— Kate — repetiu, interrompido por violentos ataques de tosse. — As... cinzas... Robert... Ele é o único que detém as sombras. O espírito de um homem justo. A... *Pulsa... Denura...* Se você não tivesse... trazido... essas cinzas... já estaríamos todos... Onde... estão... as cinzas, Kate?

Kate olhou para o chão. A urna funerária jazia ao lado, completamente vazia. Moore havia jogado até o último grama das cinzas de Robert Kilroy no meio do Atlântico Norte. Só restava um recipiente de cerâmica cheio de nada. Aquele filho da puta tinha vencido, apesar de todos os seus esforços.

— Estão bem aí — mentiu marejada de lágrimas. — Não se preocupe, Isaac. Com elas em meu poder não poderão nos fazer nada.

Podia ver a linha de sombras avançar tanto por um lado do passeio como pelo outro. A escuridão era cautelosa. Movia-se lentamente, como uma manada de lobos cercando um viajante solitário cuja fogueira desfalece e pouco a pouco vai ficando sem luz. A lanterna de Kate piscou e ganhou um tom moribundo. Estavam se aproximando.

— Deixe-me... vê-lo. — Feldman quase não podia respirar.

Kate pensou que se referia às cinzas, mas, então, viu para onde se dirigiam os olhos do velho. Com um sorriso cansado ergueu o bebê, que tinha parado de chorar. Afastou as dobras do *talit* e deixou à mostra um rosto rosado e gorducho que olhava com curiosidade a seu redor.

— Isaac Feldman, eu lhe apresento Isaac Feldman — disse Kate com um estremecimento.

O que estava fazendo era algo que, em tese, não podia acontecer, mas estava ocorrendo diante de seus olhos. Um maldito paradoxo impossível de resolver.

— Ora... — o olhar de Feldman se iluminou, e, por um segundo, o velho voltou a ser o colosso que Kate havia conhecido. — Sou um bebê... muito... bonito, não é?

— E uma vida muito longa o espera — murmurou Kate agasalhando o bebê.

Quase não podia enxergar nada entre a penumbra e seus olhos marejados.

— Você precisa deixá-lo onde... — O ataque de tosse dessa vez foi mais forte que os anteriores e quase acabou com o velho. — Onde possam encontrá-lo quando chegar... quando chegar o *Pass of Ballaster*. É a única maneira de... fechar o ciclo. Se a sombra o pegar, será o início de um inferno infinito para... para todos. Inclusive para você. Não deixe que *ela* o capture, Kate. Salve-o... Salve-me... Sal... ve... nos...

A cabeça de Feldman caiu para um lado, e o corpo do velho relaxou pela última vez. Kate fechou os olhos dele, sem parar de chorar, e depois apertou o cinto de Feldman em volta de seu próprio braço. Depois, abraçando o bebê trêmulo, com um cadáver a seu lado e uma urna vazia a seus pés, contemplou o muro de sombras se abalar sobre ela como um bando de vampiros sedentos de vida.

E escutou o grito de vitória dela enquanto os últimos restos de luz se apagavam e as sombras a envolviam por completo.

LII

SOMBRAS OPACAS. A escuridão mais densa e completa.

No início nada aconteceu. Depois, lentamente, uma pequena fagulha de luz, quase um brilho imperceptível, perfurou timidamente a escuridão mais absoluta e impenetrável que um ser humano poderia imaginar. De fato, era uma escuridão antiga, malvada e sábia, muito, muito mais densa e profunda que qualquer coisa que tivesse relação com o homem. Aquele brilho tímido, aquela centelha, crescia em volta da silhueta de uma mulher ajoelhada no chão que protegia um pequeno vulto contra o peito. Aos poucos, o brilho trêmulo foi crescendo, até começar a refulgir como um bando de vaga-lumes depois de uma tempestade.

Kate expirou o ar de seus pulmões e percebeu que tinha prendido a respiração até aquele momento. Temerosa, levantou o olhar. A seu redor havia caído uma noite sem estrelas. Não havia nem o menor raio de luz, exceto a claridade que parecia emanar do ar que a cercava, e graças à qual podia ver uns vinte metros a seu redor. Mais além, algo invisível e denso fazia uma espiral, furioso, incapaz de atravessar o halo invisível que a protegia como uma bolha.

Deu uma olhada pela borda. A tempestade que sacudia o navio até apenas um minuto antes havia desaparecido como em um passe de mágica. A superfície do Atlântico estava lisa como um espelho. Era uma enorme poça de escuridão que se perdia além de sua vista.

Olhou em volta. O *Valkirie* estava como sempre. Quase, como sempre, corrigiu-se em seguida.

O navio parecia o mesmo, mas havia dezenas de mudanças sutis a seu redor. As placas do costado destruídas pela tempestade estavam de novo no lugar, e o bote que havia lançado Moore ao mar estava de novo preso, como se nunca tivesse se movido. O chão de madeira de teca estava exatamente igual, mas com um tom de verniz diferente, apenas um grau ou dois mais claro, diferente do que tinha sob seus pés apenas um minuto antes.

Kate se levantou, desorientada e confusa, e só então percebeu que o corpo de Feldman havia desaparecido. Não estava ali.

Era impossível. Sem dúvida, devia ter caminhado alguns metros sem perceber quando as sombras a alcançaram. Andou um pouco para os dois lados, mas não encontrou nem o menor rastro de Feldman, nem uma única mancha de sangue. O passeio estava imaculado, como se recém-saído do estaleiro.

Tentou relaxar. A atmosfera era densa, quente e pesada. Não havia nada parecido a uma brisa no ambiente, onde o único ar que se movia era o que Kate gerava ao andar. Todos os sons estavam amortecidos, em um entorno imóvel e inerte. Ela tinha certeza de que as sombras eram as responsáveis por aquela situação.

De repente, parou, ao definir mentalmente aquela situação. "É como estar dentro de uma fotografia", pensou. "Preso em um momento no tempo."

A impressão foi brutal como um soco. Kate arfou, espantada. Estava presa. A pergunta não era só *onde*, mas também *quando*.

Deu um passo para trás, e suas costas bateram em um vulto que surgia da parede. Virou-se como uma cobra e viu que se tratava de uma das boias salva-vidas do navio. Suspirou aliviada, mas, de repente, seu sorriso ficou congelado no ar como se tivesse engolido um litro de fel.

Porque bem abaixo do nome do navio e do emblema da KDF campeava uma orgulhosa águia de asas estendidas que segurava entre suas garras uma suástica vermelha como o sangue.

Kate não podia respirar. Estava sufocada. Seu pé direito tropeçou na urna que havia guardado as cinzas de Robert, e ela rolou com um som oco. O recipiente, com minúsculos rastros de cinza aderidos dentro, emitia um brilho fraco no meio das sombras, cada vez mais fraco. Kate levantou a mão e a contemplou. Sua pele parecia brilhar com luz própria, como se cada célula de seu corpo tivesse se transformado em uma pequena central elétrica que insistia em fornecer luz para uma cidade sitiada.

Ela.

Ela emitia luz, não Robert. Não fazia nenhum sentido.

Algo se mexeu nas sombras, que se afastaram para abrir passagem. Era uma mancha escura que se destacava contra o fundo preto e sem estrelas. Uma mancha que avançava para ela destilando raiva e incompreensão.

Você não pode resistir a mim! Ele não está mais aqui. Você não tem poder para enfrentar minha vontade.

Uma voluta de escuridão voou para cima de Kate, mas, antes de alcançá-la, encontrou o halo de luz que a envolvia e se desmanchou em uma mistura de cinza e fumaça em meio a um uivo de dor.

Não pode!

A voz dela soava com a força de um furacão, acima dos gemidos inquietos do exército de sombras que a seguia.

Não pode, vadia maldita! Não é possível! Ele não está mais aqui!
— Está sim, sua puta — mentiu Kate contraindo os músculos de tensão. — Só que você ainda não sabe onde.

E sem se dar tempo para pensar, saiu correndo em meio à escuridão.

Ao atravessar o manto de sombras, notou uma intensa sensação de frio, tão penetrante que seus pulmões começaram a arder, e todos os pelos de sua pele se eriçaram imediatamente. No entanto, não parou. Tinha consciência de que seu tempo estava acabando.

Ela se moveu atrás de Kate com tanta violência que o salva-vidas saiu voando da parede, como se fosse arrastado por uma mão invisível, e o bote pendurado sobre o passeio se soltou pela segunda vez em dez minutos (ou melhor, pela primeira vez). Ao cair, bateu na

borda, quebrando-se e cobrindo de pedaços de madeira as águas negras que cercavam o *Valkirie*.

Kate correu pelo passeio sabendo que só o halo de luz que a cercava a mantinha a salvo. A ela e ao pequeno bebê que cochilava enrolado no *talit*.

— Temos que encontrar um bote, bebê — murmurou Kate ninando o menino. — Precisamos sair deste túmulo flutuante o mais rápido possível.

Kate.

A jovem parou. Não era possível.

— Não.

— Apertou os lábios e continuou caminhando.

Kate, escute. Sou eu.

— É um truque. — Balançou a cabeça com os olhos chorosos. — Robert, você não está mais aqui. Eu vi suas cinzas caírem na água.

Kate, sou eu, juro.

A voz de Robert soava alta e clara em sua cabeça, mas cheia de urgência.

Agora você não pode me ver, mas precisa me escutar. É muito importante.

— Caralho, vadia! Não vai me enganar!

Kate se virou, furiosa, agitando um punho contra o muro de escuridão que a cercava. O som de seus passos ficou abafado assim que alcançou a borda do raio de luz, e sua voz não chegou muito mais longe. Era como tentar deter um furacão a socos.

Você gosta de cerejas, especialmente geladas. Não gosta que eu aperte a base de suas costas quando faço massagem. Temos fotos escondidas dentro de um livro de Alice no País das Maravilhas, na oitava prateleira da sala. Você sempre disse que, se sua mãe visse essas fotos, teria um infarto. Uma vez, você jogou um pote de sorvete em mim porque disse que seu cabelo vermelho parecia um incêndio. Da última vez que nos vimos em casa você me disse que me amava e me beijou na base do pescoço. E sei que sente minha falta a cada minuto do dia. Como eu sinto a sua.

O silêncio reinou. Kate chorava abertamente, com os lábios trêmulos. Os soluços subiam por sua garganta e morriam em sua boca, incapazes de sair.

Sou eu, Kate. Continuo aqui. Não fui embora. Por isso ela não pode lhe fazer mal.

— Mas... como é possível, Robert? Vi suas cinzas sendo jogadas pela borda. Você...

Você sabe como, Katie. Sabe perfeitamente.

Ao ouvir essas palavras, a garota fechou os olhos e começou a chorar abertamente, mas, pela primeira vez em muito tempo, de felicidade.

— Robert... — murmurou.

Estamos quase sem tempo. A hora limite está se aproximando, e o ciclo está quase se fechando. Você precisa deixar esse bebê na pista de dança. Agora.

— Deixá-lo? — A voz de Kate soou quase ultrajada, apertando um pouco mais o bebê contra o peito por instinto. — Não posso fazer isso!

Ouçá, Kate. É a única maneira. Pela primeira vez, o ciclo mudou. Isaac Feldman por fim morreu a bordo do Valkirie. Ele era o último tripulante da viagem original que faltava para que o círculo se fechasse. Agora, as sombras terão que partir. Sua missão está completa. A única coisa que as mantém é esse bebê. Ela o quer para poder continuar aqui. Se o pegar, o ciclo continuará. Se ele for com você, as sombras a seguirão aonde quer que vá. Você deixará um pesadelo à solta no mundo.

— Então... qual é a alternativa?

A voz de Kate tremia de pura raiva e emoção. Achava uma monstruosidade abandonar um bebê indefeso a bordo daquela casa encantada flutuante.

Ele precisa sair por seus próprios meios. Continuar sua vida. Ser o que tiver que ser em seu plano de realidade.

— Mas é um bebê de meses! Como vai sair por seus próprios meios daqui?

Como estava escrito. Como seu destino ditou. Veja.

Kate ouviu um ruído atrás de si e se virou. Um fecho de luz hesitante atravessou as sombras como uma faca quente cortando manteiga. As nuvens escuras se dispersaram por um instante, e ela conseguiu ver três homens usando roupas dos anos 1930 subindo com dificuldade pela borda. O mais jovem deles era um moleque com acne no rosto e expressão de medo. Kate pôde adivinhar que muitos anos depois aquele garoto se tornaria um velho cheio de fotos e recordações nas paredes de casa.

O mais alto moveu o fecho da lanterna sobre o passeio lateral. Comentaram alguma coisa entre si, mas, apesar de estar a menos de vinte metros, Kate não pôde escutar nem uma palavra do que diziam. Era como se estivessem dentro de uma enorme cúpula de vidro que os separava do resto do mundo.

O oficial levou a mão ao rosto e gritou algo na direção oposta a Kate. A jovem não pôde se conter mais e gritou também.

— Estamos aqui! Estamos aqui!

O efeito de seu grito foi surpreendente. Os três homens se viraram ao mesmo tempo com expressão de terror e tropeçaram uns nos outros. O jeito como caíram no chão foi tão cômico que Kate teria morrido de rir em uma situação menos dramática.

Não podem ouvi-la, Kate, pelo menos não como você gostaria. Para eles, você é como um fantasma. E será para sempre se não sair daqui em menos de dez minutos. O ciclo está quase se fechando, e, se estiver a bordo quando isso acontecer, ficará presa entre dois mundos para sempre. Será um espectro para toda a eternidade. Ele também.

— Vão encontrá-lo?

Kate olhou para o bebê, que dormia profundamente, esgotado depois de tantas emoções.

Sem dúvida, contanto que esteja no lugar certo no momento certo. Agora, corra!

Kate não precisou ouvir duas vezes. Apertando o passo, caminhou a toda velocidade até a porta que dava acesso ao grande hall das águias. Puxou a escotilha, que girou com um clique sonoro,

e a deixou escancarada. Esperava que os marinheiros seguissem seus passos.

Caminhou sobre o pesado tapete cor de sangue até chegar às imponentes escadas. O grande lustre de cristal estava apagado, como todo o vestíbulo, e dava a sensação de que até o último átomo de luz e de vida tinha sido absorvido.

Passou perto das orgulhosas águias, que lançavam seu silencioso grito de desafio para a eternidade com a suástica entre suas garras. Sem temer as sombras que se afastavam a seu passo, atravessou o salão de jantar e chegou à pista de dança. As bandejas cheias de comida quente ainda fumegavam. Não devia fazer nem vinte minutos que as sombras tinham se apoderado daquele espaço cheio de gente e já não havia rastro de ninguém.

Ao passar por um quarto de serviço, Kate abriu um armário e pegou uma manta com o logo da KDF bordado. Não ia deixar um bebê de poucas semanas jogado no frio chão de mármore sem agasalhá-lo um pouco. Enrolou o menino, e nesse instante *sentiu* algo. Na atmosfera imóvel e escura do salão algo se movia atrás dela. Algo maligno e confuso.

Entregue o bebê. Entregue, entregue, entregue, entregue. É meu, vadia. É meu, como todo este lugar. Não fique no meu caminho.

Kate colocou o bebê adormecido no chão com cuidado e se virou com o punho direito fechado. Não tinha certeza do que estava fazendo, mas nunca em sua vida tinha se sentido tão serena e tranquila.

— Só restamos você e eu... não é? — murmurou para as sombras. — Muito bem. Se o quiser, terá que vir pegá-lo. E terá que passar por cima de mim.

Vou lhe reservar um canto especial de sofrimento.

A voz destilava ira, mas também medo. Acostumada fazia eras a que nada mudasse, aquele momento novo e único a desconcertava.

Desejará mil vezes ter morrido.

— Sabe? Estou farta de toda essa merda de morte e escuridão. — Kate fez um gesto de desprezo, com o punho ainda fechado. —

Então, se vai fazer alguma coisa, faça de uma vez por todas ou volte pro inferno.

O ar todo pareceu se congelar por um momento, estupefato. Então, ouviu-se uma espécie de berro atroz e uma enorme onda escura se lançou sobre Kate devorando tudo pelo caminho, como um maremoto de maldade.

Kate esperou um segundo e então abriu o punho e atirou o pingente com a estrela de Davi de Feldman na parede negra que se fechava sobre ela. Assim que o pingente saiu de sua mão e encontrou o muro de escuridão, teve a sensação de que o tempo parou por completo. A estrela de seis pontas cercada de simbologia cabalística pareceu se dissolver em um grumo aquoso e um segundo depois explodiu em um lampejo de luz cegante que iluminou o salão de baile até o último recanto, como se um fotógrafo gigante tivesse disparado o maior flash do planeta.

Os raios de luz atravessaram as sombras e as desfizeram por completo. Kate pôde escutar uma torrente de gemidos que se apagava pouco a pouco. Por uma fração de segundo, com os olhos semicerrados, pôde intuir uma sombra enorme recortada contra um fundo de luz brilhante. Aquela sombra, que parecia uma pessoa, mas não era humana, se retorcia de dor sob as cintilações da explosão. A intensidade da luz aumentou e, em meio a um grito selvagem, foi se tornando cada vez mais ofuscante, até Kate precisar fechar os olhos. Então, os últimos átomos de escuridão se evaporaram por completo.

Setenta anos depois, por fim, a *Pulsa Denura* atingiu seu final, e *ela* deixou de existir.

LIII

ASSIM QUE O LAMPEJO de luz começou a diminuir, e Kate conseguiu abrir os olhos, muitas coisas começaram a acontecer ao mesmo tempo. A primeira foi que, pelas janelas do grande salão de baile, entrou a luz espectral dos relâmpagos que se sucediam sem parar do lado de fora. A tempestade tinha voltado com força redobrada, e todo o casco do *Valkirie* estalava e se rasgava, sacudido por ondas de quase dez metros de altura.

O chão se movia sem parar sob os pés de Kate, tão inclinado que deslocava os móveis de um lado ao outro como se fossem dados. Uma cadeira de madeira e couro que valia uma fortuna se estraçalhou ao bater em uma coluna. Depois de um momento, do grande hall das águias chegou o estrondo de um milhão de peças de cristal se quebrando. O grande lustre, incapaz de suportar o vaivém das ondas, devia ter desabado. O *Valkirie* se desintegrava no meio da tempestade.

Olhou em volta. Não havia nem o menor sinal do bebê. Era como se jamais tivesse existido.

Kate sorriu. Naquele instante, em outro momento, em outro lugar, um oficial britânico aterrorizado devia estar pegando o bebê na pista de dança. A única diferença era que não teria mais nenhum pingente no pescoço. A partir daí, o futuro seria diferente. Aquele bebê viveria, mas não seria o mesmo. O ciclo havia mudado. O círculo havia se fechado.

Uma montanha de água cinza e espuma bateu com força nos vitrais do salão de baile e as esfaçalhou em mil pedaços. Kate teve tempo de sair correndo do salão antes que centenas de litros de água misturados com vidros quebrados alagassem o chão de mármore e madeira laqueada. As luzes piscaram e, com uma faísca, apagaram-se pela última vez.

Kate atravessou o patamar das águas desviando dos restos destruídos do lustre. No teto, os cabos quebrados soltavam faíscas assustadoras cada vez que o movimento do navio as fazia se chocarem.

Para chegar ao lado de fora Kate, teve que se arrastar com os cotovelos e os joelhos pelos últimos metros. Com um dos braços inutilizados por causa do profundo corte, foi um esforço incrível se segurar na escotilha para chegar ao passeio lateral. Uma vez ali, engoliu em seco e arregalou os olhos.

O *Valkirie* avançava pela tempestade sem ninguém ao timão e com os motores parados havia mais de uma hora. As ondas o tinham deixado à deriva fora de seu rumo e o açoitavam com violência por todos os lados. No meio daquele mar embravecido, era questão de tempo até que um golpe de mar o acertasse de viés e o mandasse para o fundo do oceano. E o vento era cada vez mais parecido ao de um furacão. Era questão de horas, ou de minutos, mas o *Valkirie* iria a pique. E a levaria junto se não se apressasse.

A cortina de chuva arrastada pelo vento feroz acertava seus olhos e quase não lhe deixava ver nada. Avançou passo a passo segurando-se na balaustrada; cada metro conquistado era um verdadeiro desafio. A água salgada das ondas batia em seus joelhos cada vez com mais frequência, e Kate reparou que o nível da borda havia baixado muito em relação à água. Só podia significar uma coisa: havia uma entrada de água em algum lugar, e o navio estava afundando.

Aquilo tinha seu lado bom. As milhares de toneladas de água que entravam nos porões do *Valkirie* faziam o navio pesar mais, o que impedia que as ondas o sacudissem demais. Era imprescindível que

o navio não se mexesse muito para que o bote salva-vidas não acabasse destruído contra o costado ao ser baixado até a água.

Um último jorro d'água a encharcou antes de chegar ao bote mais próximo. Ao lado daquele bote, um milhão de anos antes, havia encontrado um chapéu de palha, o primeiro sinal do pesadelo que veio depois. Kate estremeceu ao recordar.

Levantou as proteções do sistema de polias e ativou a descida da lancha. Os motores elétricos roncaram, e o bote salva-vidas começou sua viagem rumo às ondas. Quando ia entrar na embarcação, seu pé tropeçou com algo. Era a urna funerária de Robert, que as ondas tinham arrastado até ali. Sem pensar duas vezes, Kate a pegou e levou a bordo da lancha.

Então, respirou fundo duas vezes e, enchendo-se de coragem, apertou o botão que liberava os dois parafusos ao mesmo tempo.

Com um estalo, o bote se soltou dos cabos que o mantinham ligado ao *Valkirie* e afundou entre as ondas. Kate se agarrou a um dos bancos para não voar para fora. A pequena lancha salva-vidas se sacudia como uma noz no meio daquelas grandes ondas como colinas que pareciam estar saindo de todos os lados.

Uma onda traiçoeira acertou o bote de lado e o inundou. Kate lutou para manter a cabeça acima das ondas. Engoliu água do mar e a cuspiu, sufocada. Então, ouviu um estalo impressionante atrás de si e levantou o olhar. Através da névoa e da tempestade viu a majestosa popa do *Valkirie* se levantar, com a hélice de bronze pingando água, e o navio começar a afundar. Emitia um concerto de ruídos, com todos os seus metais rangendo e gemendo em um último estertor de morte. Por um instante ficou na vertical, sacudido pelas ondas, e bem nesse momento todas as suas luzes se apagaram ao mesmo tempo. Kate se encolheu, esperando o golpe que a poderia esmagar... mas o *Valkirie* deslizou mansamente sob as ondas, como se uma mão invisível o puxasse por baixo.

A superfície do mar borbulhou durante alguns instantes; duas boias apareceram entre a espuma suja de diesel que coroava as ondas, e, de repente, tudo estava acabado.

O *Valkirie* não existia mais.

Oito horas depois

UM FRIO AMANHECER removeu gradualmente a escuridão. O mar havia sacudido o bote durante horas, cobrindo o corpo de Kate de hematomas e impedindo-a de dormir. Estava esgotada, gelada e morrendo de sede. A névoa tinha desaparecido, e o sol iluminava uma enorme extensão de oceano deserto, que ainda se agitava um pouco com os últimos açoites da tempestade que se afastava no horizonte.

Assim que o bote parou de balançar, Kate se atreveu a soltar o banco que tinha ficado segurando por horas e deu dois passos hesitantes pelo bote. Puxou uma capa de plástico e encontrou uma moderna baliza de emergência. Com olhos cansados, seguiu as instruções escritas e apertou o botão que a ativava. A baliza se acendeu com um bipe trêmulo, e uma luz piloto vermelha começou a piscar de um dos lados. Depois, muito exausta, apoiou-se nela e fechou os olhos um pouco.

Embora o *Valkirie* tivesse se desviado bastante durante a tempestade, Kate sabia mais ou menos *onde* estava, perto das rotas comerciais que cruzavam aquela parte do Atlântico. O que não sabia ao certo era *quando* estava. Perguntou-se que diabos ia fazer se por fim tivesse ficado presa em 1939.

Levantou o olhar, avaliando suas possibilidades. Afinal de contas, também não seria tão ruim viver em 1939. Teria suas complicações, claro, mas...

Fumaça. Via-se fumaça no horizonte.

Kate deu um pulo e se levantou; procurou binóculos na gaveta de emergência do bote. Ao longe vislumbrou um ponto preto que se movia contra o sol nascente. Baixou os binóculos e procurou na pilha de salva-vidas até encontrar a pistola sinalizadora. Enfiou um sinalizador dentro do carregador, apontou para cima e apertou o gatilho.

Assobiando, o sinalizador subiu ao ar e explodiu a várias dezenas de metros acima de sua cabeça em um belo guarda-chuva vermelho. Kate disparou mais dois sinalizadores antes de abrir as duas latas de fumaça que estavam no fundo da caixa. A lancha salva-vidas ficou imediatamente envolvida em uma coluna de fumaça vermelha que tinha que ser visível a quilômetros de distância. Então, pegou de novo os binóculos e os apontou para o navio. Suspirou aliviada. Aquele ponto no horizonte estava se aproximando.

Alguém a tinha visto.

A espera pareceu eterna. Era um navio de carga que navegava sozinho, enorme e imponente. Fazia se sentir minúscula. Só quando o navio se aproximou o suficiente, e seus oficiais mudaram o rumo para se alinhar e resgatá-la, a silhueta negra desapareceu e pôde ver as cores do casco. Era vermelho e branco, e, em sua coberta, empilhados, amontoavam-se centenas de modernos contêineres da Maersk e de outra dúzia de empresas de transporte do século xxi.

Kate contemplou o porta-contêineres como se não pudesse acreditar. As lágrimas caíam por seu rosto em um rio inesgotável, mas era um pranto de felicidade.

Olhou no fundo do bote salva-vidas. Em um canto, meio cheia de água, ainda estava a urna funerária de Robert. Kate a segurou com ternura e a levou aos lábios para lhe dar um último e delicado beijo. Depois, colocou-a sobre as ondas e a soltou. Em êxtase, viu a urna afundar lentamente nas águas, procurando seu repouso final no fundo do oceano.

"Adeus, Robert."

Robert, que a havia ajudado a sair viva daquela incrível experiência.

Robert, que a havia protegido com sua luz.

Robert, cujo espírito havia se mantido, de alguma maneira incompreensível, naquelas cinzas.

E, o mais importante, que havia sido capaz de permanecer com ela mesmo depois de Moore lançar suas cinzas na tempestade. Que havia debochado dos desígnios das sombras.

Kate sorriu, compartilhando um segredo consigo mesma. Viu descer do navio um bote que avançava para ela. Enquanto esperava, apoiou com delicadeza sua mão saudável sobre seu ventre.

Porque ali, dentro dela, crescia o fruto de uma última noite de paixão. Porque sabia que dentro dela aninhava-se o filho de um homem morto, do homem que havia voltado das sombras para salvá-la.

Um filho do amor. Um filho da luz. O último passageiro do *Valkirie*.

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro
para a Editora Planeta do Brasil
em março de 2014.

“— Investi mais da metade de minha vida em encontrar as peças que compõem meu passado. Não sei quem sou, nem de onde venho. Minha história começa na pista de dança situada dois andares abaixo, há setenta e quatro anos. Um bebê judeu abandonado no meio de um navio vazio. Este navio.”

Kate Kilroy é uma jornalista que acaba de perder o marido. Deprimida e sem forças para voltar a sua rotina no jornal, ela aceita a única proposta que parece motivá-la: terminar a reportagem que ele havia iniciado antes de morrer.

Kate começa a investigar as movimentações de um multimilionário judeu que tem problemas com a fiscalização e é o responsável pela restauração de um enigmático transatlântico chamado *Valkirie*. Ele é Isaac Feldman e está disposto a enfrentar qualquer coisa para obter respostas sobre seu passado, mesmo que isso coloque sua vida em risco ou o leve a ruína.

Isaac pretende refazer a última viagem feita pelo navio e reúne uma equipe de cientistas e pesquisadores para desvendar seus mistérios. Kate também embarca, mas será que todos conseguirão desembarcar?



© Ricardo Martín

Manel Loureiro (Pontevedra, 1975) é um escritor e advogado espanhol que já trabalhou como apresentador de televisão e também como roteirista para diversos projetos. Hoje em dia escreve para os jornais *Diario de Pontevedra* e *ABC*, e também colabora regularmente com a rádio *Cadena SER*.

Seu primeiro livro, *Apocalipse Z – O princípio do fim*, é um thriller de terror que teve início em um blog na internet em que o autor escrevia durante seu tempo livre. Devido ao grande êxito (teve mais de um milhão de leitores online e se tornou um fenômeno viral) foi publicado em 2007 e automaticamente se transformou em um best-seller. O livro foi lançado no Brasil pela Editora Planeta em 2010. A Planeta também publicou os outros dois livros da série: *Apocalipse Z – Os dias escuros* (2011) e *Apocalipse Z – A ira dos justos* (2011). Manel Loureiro é um dos poucos autores espanhóis contemporâneos que conseguiu entrar na lista de mais vendidos dos Estados Unidos. Seus livros foram

traduzidos para mais de dez idiomas e publicados em mais de vinte países.